

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



Tecnologias nas Bibliotecas Escolares

Carmen Jorge Martins Valadas

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Educação e Tecnologias Digitais

2015

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



Tecnologias nas Bibliotecas Escolares

Carmen Jorge Martins Valadas

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Educação e Tecnologias Digitais

TRABALHO DE PROJETO

Orientado pelo Prof. Doutor Fernando Albuquerque Costa

2015

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Fernando Albuquerque Costa pelo acompanhamento, orientação e incentivo durante todo este processo. Sem a sua ajuda não teria conseguido “chegar a bom porto”.

Aos professores bibliotecários do concelho de Santarém que partilharam comigo a sua experiência, sabedoria e os aspetos positivos e negativos desta difícil tarefa de dinamizar um biblioteca escolar.

Aos colegas de Mestrado pelo apoio, companheirismo e entreaajuda, em especial a Anabela Monteiro e a Gabriela Ribeiro, grandes companheiras nesta jornada.

A todos os amigos pelo apoio e encorajamento nos momentos de desânimo.

À Ana Isabelinha pela sua disponibilidade e ajuda na revisão do trabalho.

À Cláudia Gonçalves pelas dicas preciosas dos meandros da Universidade e dos segredos do *Word*.

À minha família pelo apoio incondicional, em especial o meu pai pelo interesse e incentivo e ao meu sobrinho Duarte pela ajuda preciosa na tradução. Ao Luís pelo incentivo e por me “aturar”.

À minha mãe, a quem dedico este trabalho.

RESUMO

O acesso à informação é hoje muito facilitado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação e pelas ferramentas Web 2.0.

Atualmente, o papel da escola é, de forma igualitária, facilitar o acesso às tecnologias e à informação e de, através dela, possibilitar a construção de conhecimento pelos alunos. A biblioteca escolar apresenta-se como o local, por excelência, onde os alunos podem obter informação e adquirir competências fundamentais para a conseguirem manipular e aprender com ela. Para que isso aconteça terá de existir a intervenção do Professor Bibliotecário, como promotor desse processo.

O estudo aqui apresentado pretende dar a conhecer contextos e tipos de utilização das TIC e das ferramentas Web 2.0 na dinamização das bibliotecas escolares, pelos professores bibliotecários que nelas trabalham.

Na fundamentação teórica traçamos um enquadramento sobre a Sociedade da Informação e a alteração do paradigma da Educação. Abordamos a integração das tecnologias na Escola, o papel das bibliotecas escolares e dos professores bibliotecários na exploração das TIC e das ferramentas Web 2.0 e como o seu uso potencia situações de aprendizagem significativa.

Esta investigação de cariz qualitativo, que se enquadra num estudo de caso, envolveu sete participantes que pertencem a um grupo concelhio de professores bibliotecários integrados no Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, com experiência na utilização das TIC na sua prática diária. Para a obtenção de dados recorreu-se à análise documental e a um guião de entrevista, recolhendo assim informação na perspetiva e experiência dos envolvidos.

Este estudo permitiu-nos concluir que as TIC e as ferramentas Web 2.0 são, fundamentalmente, utilizadas para tarefas de gestão e de divulgação das atividades realizadas na biblioteca escolar e que essa utilização está muito centrada no professor bibliotecário, dependendo da sua iniciativa e motivação. Concluímos ainda que estamos distantes de uma biblioteca escolar com verdadeiros serviços interativos.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação, Biblioteca Escolar, Professor Bibliotecário, Web 2.0, Ferramentas Web 2.0.

ABSTRACT

Access to information, through ICT and Web 2.0 tools, is very easy today.

Nowadays, the role of schools is to facilitate access to technologies and information equally, and through it, enable students to build its own knowledge. The school library is the venue where students can obtain information and fundamental skills to work and learn with it. For this to happen, a librarian teacher as promoter of success is necessary.

The research presented here aims at divulging contexts and ways of using ICT and Web 2.0 tools in invigorating school libraries, with intervention from the librarian teachers that work there.

In the theoretical framework, we outline the education paradigm change in view of the knowledge-based society. We discuss technology integration in school, and the role of school libraries and its librarian teachers in exploring ICT and Web 2.0 tools, and how its use enhances significant learning situations.

This research is a qualitative study which falls in a case study involving seven participants, part of a librarian teachers' municipality group, integrated into the School Libraries Network Program, with experience in the use of ICT. To collect data, we made a document analysis, along with an interview guide, to obtain information based in the participant point of view and experience.

This study allowed us to conclude that ICT and Web 2.0 tools are mainly used for management tasks and to promote school library activities and that this use is focused in the librarian teacher, depending on their action and motivation. We also concluded that we are far away from a school library with true interactive services.

Keywords: Information and Communication Technologies – ICT, school libraries, librarian teacher, Web 2.0, Web 2.0 tools.

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| 1 - INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Justificativa do Tema..... | 2 |
| 1.2. Questões e objetivos de Investigação: | 3 |
| 1.3. Metodologia..... | 4 |
| 1.4. Estrutura | 5 |
| 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 7 |
| 2.1. Introdução..... | 7 |
| 2.2. A Educação na Sociedade de Informação | 7 |
| 2.3. A Biblioteca Escolar e o desafio da Sociedade da Informação | 12 |
| 2.4. A Web 2.0 e suas ferramentas na Biblioteca Escolar | 16 |
| 2.5. O papel do Professor Bibliotecário..... | 23 |
| 2.5.1. O Professor Bibliotecário promotor da leitura. | 25 |
| 2.5.2. O Professor Bibliotecário promotor das literacias. | 27 |
| 2.5.3. O Professor Bibliotecário promotor da articulação com o currículo..... | 29 |
| 2.6. O uso das ferramentas da Web 2.0 pelo Professor Bibliotecário | 34 |
| 3 - METODOLOGIA | 37 |
| 3.1. Problema de investigação | 37 |
| 3.2. Objeto de pesquisa..... | 38 |
| 3.3. Opções metodológicas..... | 39 |
| 3.4. Instrumentos de recolha de dados..... | 44 |
| 3.5. Análise e tratamento de dados | 46 |
| 4 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS..... | 51 |
| 4.1. Caracterização do contexto da investigação | 51 |
| 4.1.1 Caracterização do Concelho | 51 |
| 4.1.2 Caracterização dos Agrupamentos de Escolas do Concelho | 52 |
| 4.2. Caracterização dos participantes | 53 |

| | |
|---|---------------------------|
| 4.3. Orientações institucionais para a utilização das TIC | 57 |
| 4.4. Enquadramento pessoal e profissional dos Professores Bibliotecários | 59 |
| 4.5. Importância dada às Bibliotecas Escolares por parte da Escola e dos Professores na perceção dos Professores Bibliotecários..... | 61 |
| 4.6. Integração das TIC na BE..... | 67 |
| 4.7. Dificuldades na integração das TIC e formas de as ultrapassar | 73 |
| 5 – CONCLUSÃO..... | 77 |
| 5.1. Limitações do estudo | 80 |
| 5.2. Propostas de intervenção | 81 |
| REFERÊNCIAS | 83 |
| APÊNDICES | 89 |
| Apêndice 3.1. Guião da Entrevista | 90 |
| Apêndice 3.2. Análise de Conteúdo das Entrevistas | 92 |
| Apêndice 3.3. Análise da utilização das Ferramentas Web 2.0..... | 114 |
| Apêndice 3.4. Análise de Conteúdo dos Documentos Orientadores | 117 |
| ANEXOS..... | em formato digital |
| 3.1. Transcrição das Entrevistas | |

SIGLAS E ACRÓNIMOS

BE - Biblioteca Escolar

BM – Biblioteca Municipal

L2 – Library 2

IASL - International Association of School Librarianship

IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions

MEC - Ministério da Educação e da Ciência

PB - Professor Bibliotecário

PNL – Plano Nacional de Leitura

RBE - Rede de Bibliotecas Escolares

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Exercício de funções

Gráfico 2 – Formação Inicial

Gráfico 3 – Formação em Bibliotecas Escolares

Gráfico 4 – Anos em exercício

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos da investigação, recolha e análise de dados

Quadro 2 – Diferenças entre o Ensino Tradicional e o Ensino no século XXI

Quadro 3 - Plano de Análise de Conteúdo: Dimensões, Categorias, Indicadores e Códigos

Quadro 4 - Quadro Global de distribuição das Frequências

Quadro 5 - Documentos orientadores - Referência ao uso das TIC

Quadro 6 - Escolha Profissional

Quadro 7 – Papel do Professor Bibliotecário na Escola

Quadro 8 – As TIC e as TIC na Biblioteca Escolar

Quadro 9 – Utilização de ferramentas Web 2.0 pelo Professor Bibliotecário

Quadro 10 – Práticas Pedagógicas

ÍNDICE DE FIGURA

Figura 1 – Literacias da Era da Informação e do Conhecimento.

1 - INTRODUÇÃO

O projeto de investigação proposto enquadra-se no mestrado em Educação, na área de especialização de “Educação e Tecnologias Digitais” subordinado ao tema “Tecnologias nas Bibliotecas Escolares”, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, abordando a utilização das tecnologias da informação e da comunicação em espaços não estruturados de aprendizagem, mais especificamente as Bibliotecas Escolares e a articulação com a prática pedagógica e os docentes.

Com o advento e a generalizada difusão das Tecnologias da Informação e Comunicação, doravante designadas TIC, em contexto institucional, profissional e recreativo, a Escola, enquanto instituição, verificou a inevitabilidade de perspetivar a apropriação destas tecnologias, das ferramentas disponibilizadas pelas mesmas e da *Internet*, com intuito da sua aplicação com cariz educativo.

A Biblioteca Escolar, doravante designada de BE, revela um papel de particular importância na construção de leitores e utilizadores capazes de enfrentar as diferentes áreas do saber e de conseguir construir o seu próprio conhecimento. Contudo, enfrenta um novo paradigma face à sociedade de informação e comunicação. A realidade da Biblioteca como repositório de documentos, com um atendimento pouco abrangente alterou-se, a realidade social modificou-se e os utilizadores têm necessidades diferentes (quer alunos, quer professores). Pode-se afirmar que, atualmente, este espaço assume o papel de referência na instituição Escola, como centro facilitador e mediador da diversidade de saberes, potenciando a capacidade de enfrentar os desafios da era da comunicação.

A BE assumiu, desde a criação da Rede de Bibliotecas Escolares em 1997, um papel fundamental na exploração das TIC direcionando o foco para os seus interlocutores – os alunos e os professores - numa perspetiva de formação, apresentando-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento de diversas competências e agregador de diferentes aprendizagens. A sua missão é bastante abrangente no conjunto de competências a desenvolver, na disponibilização da informação e acesso à mesma, bem como na diversidade de recursos. O documento Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (2006) define como missão das Bibliotecas Escolares o seguinte:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (p.3).

O documento Manifesto da Biblioteca Escolar da Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas – IFLA (2000) sublinha que “Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.” (p.1).

1.1. Justificativa do Tema

A opção pela temática “Tecnologias nas Bibliotecas Escolares” fundamentou-se no interesse por esta área e na utilização das TIC nesse mesmo contexto. Este interesse, consubstanciado pelo exercício de funções de Professora Bibliotecária, evidenciou-se na constatação das potencialidades dos recursos digitais como impulsionadores das aprendizagens em articulação com outros docentes, na necessidade de compreensão do papel exercido por este espaço informal de aprendizagem e no entendimento da intervenção do Professor Bibliotecário, como promotor destas articulações.

Em 1997 a Rede de Bibliotecas Escolares preconizava um espaço (físico e organizacional) que pudesse disponibilizar todas as ferramentas necessárias para que os alunos pudessem aceder e construir conhecimento, centrando no próprio a base para a aprendizagem.

Pela relevância das bibliotecas, em particular das BE, por possibilitarem o contacto com livros, outros suportes de informação e com as TIC, importa investigar as práticas levadas a cabo nas mesmas, mais especificamente no concelho de Santarém, área geográfica onde nos integramos. Propomos uma reflexão sobre a realidade das BE e das práticas levadas a cabo pelos Professores Bibliotecários numa demanda de desenvolvimento das literacias e da integração das TIC, durante o percurso escolar dos alunos.

As funções do Professor Bibliotecário, doravante designado PB, foram definidas pela Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho (2009), estabelecendo as orientações para a sua seleção e preconizando o seguinte:

Trata-se de garantir que a biblioteca escolar se assume, no novo modelo organizacional das escolas, como estrutura inovadora, funcionando dentro e para fora da escola, capaz de acompanhar e impulsionar as mudanças nas práticas educativas, necessárias para proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento e o seu uso, exigidos pelas sociedades actuais.

Uma das medidas fundamentais para esta institucionalização é a definição de um procedimento específico de selecção e afectação de recursos humanos, através da criação da função de professor bibliotecário. (p.4488).

A função de PB assume uma posição de charneira para se conseguir obter uma ligação entre o currículo formal das diversas disciplinas e todas as outras aprendizagens necessárias para formar alunos cidadãos conscientes, críticos, intervenientes na sociedade e conhecedores dos seus direitos e deveres.

Neste contexto torna-se necessário conhecer, compreender e partilhar as práticas de exploração e aplicabilidade das TIC no espaço da BE. Quais as vantagens da sua utilização neste espaço de aprendizagem não estruturado? Quais as linhas orientadoras e visão estratégica adotadas pelos PB que usam as TIC? Que características e que formação apresentam os PB promotores da utilização das TIC? Que metodologias e que práticas pedagógicas utilizam? Como estruturam o seu trabalho? De que forma conseguem articular com os outros docentes? Estas questões definem as linhas orientadoras para esta investigação que se traduzem no seguinte problema:

De que forma os Professores Bibliotecários integram as Tecnologias de Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar?

1.2. Questões e objetivos de Investigação:

Partindo do reconhecimento da importância, da utilidade e urgência da integração das TIC no contexto da BE, visando a articulação com o currículo formal e introduzindo um carácter de inovação, pretende-se traçar um retrato da realidade do concelho, sob esta perspetiva.

Empreendemos este estudo na tentativa de compreender as linhas orientadoras, as opções, as metodologias e as práticas deste conjunto de PB. Para isso tomamos como ponto de partida as seguintes questões de investigação:

- Questão de Investigação 1:

Quais são as orientações institucionais para o uso das TIC no contexto da Biblioteca Escolar?

- Questão de Investigação 2:

Como é encarada a BE e os seus recursos pela Escola (Direção, Departamentos Curriculares, Grupos Disciplinares e professores)?

- Questão de Investigação 3:

Como é que os Professores Bibliotecários integram as TIC nas atividades da Biblioteca Escolar?

- Questão de Investigação 4:

Que dificuldades encontram os Professores Bibliotecários no processo de integração das TIC e como as conseguem contornar?

1.3. Metodologia

De acordo com as questões de investigação estabelecemos os objetivos da mesma de modo a alcançar as respostas necessárias no campo de análise. Os objetivos serão alcançados mediante o cumprimento dos procedimentos descritos no Quadro 1 (na página seguinte).

Para conseguir alcançar os objetivos propostos, optámos por uma metodologia maioritariamente de cariz qualitativo e que se afigurou exequível no contexto de trabalho em que nos inserimos, o exercício das funções de Professora Bibliotecária na Rede Concelhia de Lisboa e Vale do Tejo, mais precisamente o concelho de Santarém.

Os recursos metodológicos para a recolha de dados consistiram na análise documental e em entrevistas semiestruturadas.

Com esta recolha visámos aprofundar o conhecimento sobre os modos de utilização dessas ferramentas e serviços no âmbito do trabalho dos PB nas bibliotecas escolares onde exercem funções.

Quadro 1 – Objetivos da investigação, recolha e análise de dados.

| Objetivos da Investigação | Recolha de dados | Análise de dados |
|--|---|--|
| Caracterizar as orientações institucionais (internacionais e nacionais) para o uso das TIC em contexto da BE. | Análise dos objetivos e das orientações da Rede de Bibliotecas Escolares e da UNESCO/IFLA (Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias) para a utilização das TIC. | Grelha de Análise dos documentos orientadores da RBE e da IFLA/UNESCO. |
| Conhecer a opinião dos Professores Bibliotecários acerca da perceção que os outros professores e outras estruturas da Escola têm da importância da BE. | Entrevistas aos Professores Bibliotecários. | Grelha de Análise das Entrevistas. |
| Conhecer as metodologias e as práticas que estão a ser desenvolvidas na Biblioteca Escolar de articulação das TIC com o currículo. | Entrevistas aos Professores Bibliotecários. Análise das evidências que atestem e divulguem a utilização das TIC pelos PB (blogues, sites, plataformas de partilha/divulgação de documentos e/ou produtos). | Grelha de Análise das Entrevistas. Grelha de Verificação da utilização das TIC. |
| Caracterizar as dificuldades sentidas pelos PB e as estratégias utilizadas para as contornar ou ultrapassar. | | |

1.4. Estrutura

O estudo em questão está apresentado em cinco capítulos, de acordo com a seguinte estrutura organizativa: o enquadramento teórico; a metodologia da pesquisa; a apresentação e interpretação de resultados e a conclusão, além do presente capítulo (1 – Introdução) onde expomos um breve enquadramento da investigação, a justificativa do tema, as questões e objetivos da investigação, a metodologia e a estrutura global do trabalho redigida neste subcapítulo (1.4. Estrutura).

No segundo capítulo – Enquadramento Teórico – visamos contextualizar o papel da BE perante os desafios paradigmáticos da Educação na Sociedade da Informação; o papel do PB perante as alterações do mundo que o rodeia e a utilização das TIC na BE, verificando como estas transformações têm modelado a Educação e a Escola, de que forma e em que contextos, o uso das TIC, proporcionam situações de aprendizagem.

Para isso recorreremos a alguns autores, tais como Costa, Ramos, Calixto, Todd, Pinheiro, entre outros.

No terceiro capítulo – Metodologia - apresentamos o retrato dos participantes envolvidos – os professores bibliotecários do concelho de Santarém; a fundamentação teórica das metodologias empregues, na procura da interpretação dos intervenientes já citados sobre a utilização das TIC e das ferramentas *Web 2.0* na BE; a justificação das opções metodológicas de um estudo com características interpretativas e dos procedimentos metodológicos adotados para a recolha e análise dos dados.

No quarto capítulo - Apresentação e interpretação de resultados – introduzimos o contexto onde a investigação foi levada a cabo (concelho e agrupamento de escolas); procedemos à apresentação dos dados descritivos e das hipóteses formuladas, à análise e discussão dos resultados obtidos através das entrevistas e da análise documental, que incidiram sobre a introdução de tecnologias na Escola, em particular na BE e da sua utilização em contexto educativo pelo PB nesse mesmo espaço de aprendizagem não formal.

O quinto e último capítulo – Conclusão – apresenta as ilações decorrentes do estudo a que os dados foram submetidos e as conclusões daí resultantes.

A finalizar esta estrutura organizativa são apresentadas as referências bibliográficas, os apêndices e anexo que complementam todo o corpo do trabalho.

2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Introdução

Carneiro (2004) afirma o seguinte “Hoje, pela primeira vez na história do pensamento pedagógico da última centúria, se admite que uma nova tecnologia – a da informação e da comunicação (TIC) – poderá vir transformar radicalmente o paradigma monopolista da escola e da educação que vem imperando ao longo de décadas.” (p.12). Esta declaração reflete bem a situação que vivenciamos atualmente no sistema educativo e traduz-se numa perfeita introdução para o enquadramento teórico deste projeto de investigação.

2.2. A Educação na Sociedade de Informação

As alterações que aconteceram nestes dois últimos séculos (século XX e XXI), do ponto de vista científico e tecnológico, provocaram modificações na forma como agimos, como pensamos enquanto indivíduos e enquanto elementos da sociedade. Estas alterações são profundas, constantes e céleres, advindo daí uma inerente construção de novos conhecimentos e uma consequente difusão dos mesmos a nível planetário, por intermédio das tecnologias da informação e comunicação e da *Internet*.

As tecnologias e as ferramentas a elas associadas adquiriram um grau de sofisticação significativo, abrangendo diversas áreas da nossa vida pessoal, social e profissional. Em consequência a relação do homem com as tecnologias tornou-se tão próxima que atualmente não se concebe uma existência sem a “interferência” das mesmas. Criadas como instrumentos simplificadores da ação humana, como promotoras da comunicação e facilitadoras de difusão do conhecimento, a sociedade adotou-as no seu dia-a-dia, conduzindo à conceção da “ideia da chamada sociedade da informação, do conhecimento ou, como prefere Manuel Castells (1996), informacionalismo, no qual um dos elementos marcantes é a velocidade com que as próprias tecnologias, particularmente as de informação e comunicação, se implantam.” segundo Pretto (2011, p.97). Esta ideia também é defendida por Damásio (2001) “As TI têm estado em constante evolução durante as últimas décadas. O seu lugar e papel actuais derivam da importância crescente que a informação tem vindo a adquirir na nossa sociedade.” (p.50). De acordo com Costa (2011)

O incremento exponencial de informação disponível, mas principalmente a facilidade de acesso a essa informação que as tecnologias digitais em rede vieram permitir, transportam-nos para um mundo radicalmente diferente daquele que conhecíamos até há bem pouco tempo. Embora a quantidade de informação seja considerada como uma das principais marcas características da sociedade de informação (é precisamente daí que lhe advém a designação), ela não contribuí, por si só, para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. (p.123).

Perante estas diferentes referências a um mesmo fenómeno importa definir o que se entende por “Sociedade da Informação” terminologia que iremos adotar, em consonância com o conceito apresentado no Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal (1997)

A expressão «Sociedade da Informação» refere-se a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na atividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais. A sociedade da informação deve corresponder, por conseguinte, a uma sociedade cujo funcionamento recorre crescentemente a redes digitais de informação. (p.7).

A aquisição de conhecimento processa-se hoje de forma distinta, fruto da facilidade em adquirir informação. De facto deixou de haver necessidade da existência de espaço físico e temporal síncrono para que a aprendizagem e a construção de novos saberes se concretize.

A informação encontra-se disponibilizada em diversos tipos de repositórios assim que é produzida, circulando de forma imediata e podendo ser apropriada e transformada em novos saberes por qualquer indivíduo, num processo de formação individual, independente de qualquer estrutura formal, física ou institucional. A construção de conhecimento adquire um carácter autónomo e interativo, no entender de Calixto (1996) “Esta tendência não tem parado de se acentuar, motivada principalmente pelas

aceleradas transformações tecnológicas, que permitem lidar com grandes massas de informação e ao mesmo tempo alteram radicalmente as condições de armazenamento e de acesso.” (p.116). Este processo favorece a partilha, num retorno desse constructo à rede, criando mais conhecimento.

Estes processos transversais na sociedade levantam desafios aos políticos, às organizações, às instituições e ao indivíduo, dos quais destacamos a necessidade de democratização no acesso à informação, sem perversidades e respeitando as diferenças de cada um (sociais, religiosas, género e necessidades especiais). Esta democratização terá como espaço privilegiado a instituição Escola de acordo com as recomendações do Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal (1997)

Um meio privilegiado de actuação para combater a desigualdade de condições de acesso é o sistema de ensino. As escolas do ensino básico e secundário terão de desempenhar um papel fundamental na eliminação de assimetrias com origem em diferentes condições de acesso no lar, que são uma função do estrato económico da família. (p.12).

A Educação e a Escola de hoje operam sobre uma realidade distinta da época em que foram concebidas e criadas. O paradigma educacional criado pela sociedade pós-industrial de uma educação instrutiva, em que a aprendizagem refletia a mera replicação de conhecimentos, numa Escola em que os alunos eram preparados para exercer determinados papéis e/ou profissões, está desfasado quanto às modificações tecnológicas e sociais que se têm verificado nas últimas décadas. Gijón (2006) afirma

Tradicionalmente, el aprendizaje se hacía de forma intensiva durante unos pocos años y era suficiente para la integración en el mundo laboral. El crecimiento de las TIC en los últimos años ha provocado una ruptura con ese paradigma educativo, haciendo prácticamente imprescindible una formación continua en cada vez más profesiones. (p.69).

O Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal (1997) reforça esta ideia indicando

A aquisição de conhecimento está hoje a transformar-se, partindo de um estágio em que se privilegiava a memorização de informação com carácter

estático, para uma nova postura de pesquisa dinâmica de informação em suportes digitais, servindo de apoio à construção de componentes de conhecimento em permanente evolução. Os jovens são, naturalmente, elementos activos desta transformação, além de serem os principais beneficiários. (p.10).

Desta forma, a evolução que a comunicação audiovisual e as tecnologias da informação sofreram nas últimas décadas “contribuíram decisivamente para a obsolescência de uma pedagogia centrada no professor” (Calixto, 1996, p. 86) em que o uso do manual e do registo escrito são a fonte única de conhecimento. As características dos espaços e tempos de aprendizagem alteraram-se, a sala de aula deixou de ser o único local onde o conhecimento é passível de ser adquirido, o acesso remoto e os dispositivos móveis facilitam a possibilidade de aceder a informação dispersa, em variadas fontes e locais. A aprendizagem realiza-se através de experiências, sem espaço ou tempo estabelecido e através de “situações estimulantes e enriquecedoras” (idem, 1996, p.86), com um acompanhamento maior ou menor por parte dos professores. Isto permite que “Os jovens, apropriando-se das tecnologias, passam a usá-las de forma intensa, construindo novas formas de expressão e de linguagens.” (Pretto, 2011, p. 105) assumindo um papel de intervenientes ativos na construção do seu próprio conhecimento. Na opinião de Meirinhos (2000) “Uma educação que prepare as pessoas para a sociedade da informação tem de ser constituída em torno da aprendizagem, e não do acto de ensinar. A educação deve ser centrada no agente que aprende.” (p.7) consequentemente esta visão pressupõe um processo de evolução nos modelos de ensino.

Este processo evolutivo é traduzido pelo seguinte quadro, adaptado de Gijón *et al.* (2006), que sintetiza as principais diferenças entre o modelo de ensino tradicional e o modelo de ensino para o século XXI.

Quadro 2 – Diferenças entre o Ensino Tradicional e o Ensino no século XXI

| Ensino Tradicional | Ensino Século XXI |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Centrado no professor | Centrado no trabalho do estudante |
| Unidirecional (professor-estudante) | Multidirecional |
| Centrado no ensino | Centrado na aprendizagem |
| O professor ensina | O aluno constrói o conhecimento |
| Aprendizagem individual | Aprendizagem coletiva |
| Ensino presencial | Ensino presencial ou não presencial |
| Incorpora pouca tecnologia | Apoiado nas TIC |
| Aquisição de conteúdos | Construção de significados |
| O conhecimento está localizado | O conhecimento está disperso |
| Aprendizagem com tempo definido | Aprendizagem ao longo da vida |
| Da teoria para a prática | Da prática para a teoria |
| Aprendizagem na aula | Aprendizagem em rede |

No nosso entender, apesar de todas estas profundas alterações a Escola deverá continuar a ser o espaço privilegiado para que a educação aconteça, porque congrega o espaço físico, os recursos humanos e recursos tecnológicos que o permitem, porque é numa escola integradora que se pode fazer a destrição entre adquirir conhecimento ou realizar uma aprendizagem efetiva.

A BE contribuí para que isso se verifique, porque proporciona num contexto não formal o acesso às tecnologias, à *Internet*, a recursos variados e é o local onde são fornecidas as ferramentas que capacitam os jovens para lidar com a informação que recebem diariamente. É neste espaço que se pode trabalhar de acordo com o Ensino do século XXI preconizado por Gijón, a BE assume o papel de plataforma de ligação entre a educação mais formal da escola e as outras aprendizagens que ocorrem informalmente, em interação com os seus pares ou em contexto diferenciado com professores ou outros intervenientes, nas palavras de Coutinho (2011) “não faz sentido que se vejam estes dois mundos – a educação formal e informal – como rivais mas antes como parceiros na formação dos nossos jovens que nasceram na era digital.” (p.18).

2.3. A Biblioteca Escolar e o desafio da Sociedade da Informação

A Sociedade da Informação desencadeou mudanças que provocaram alterações no tecido da sociedade, que naturalmente começaram a ser sentidas e introduzidas na Escola. Como consequência o papel dos estabelecimentos de ensino tem sofrido alterações profundas, em especial nos anos mais recentes. Deste modo quando, a partir do ano de 2007, começou a ser implementado o Plano Tecnológico da Educação o processo de equipar as escolas tornou-se “qualitativamente diferente e sistemático.” (Proença, 2012, p. 2131), concretizado através de programas de acesso a equipamentos para professores e alunos (e-escola e e-escolinha) bem como na dotação de projetores, de quadros interativos e de acesso à *Internet* de banda larga, nas salas e outros espaços.

Com este alargamento de pontos de acesso, da produção de informação e de novos serviços, a BE foi confrontada com a necessidade de enquadrar esta realidade com aquilo que eram as suas práticas, tornando-se então necessário proceder às devidas adaptações, colocando-as ao serviço dos seus utilizadores. Com efeito, o recurso às tecnologias permite uma acessibilidade à informação nunca antes imaginada e a sua utilização terá de ser uma prática consentânea com a “inserção de todos os cidadãos na Sociedade da Informação, contribuindo para resolver os problemas decorrentes da infoexclusão.” (Terra & Sá, 2007, p. 83).

De acordo com o documento criado pela RBE - Quadro estratégico: 2014-2020 (2013) “As bibliotecas promovem a igualdade de oportunidades no acesso ao conhecimento e ao exercício da cidadania.” (p.12). Podemos afirmar que é na BE que todos os alunos, em igualdade de circunstâncias, podem aceder a todo o tipo de conteúdos e informações em diferentes suportes. Deste modo podemos inferir que a inexistência de uma biblioteca escolar pode-se considerar como fator de discriminação social (Calixto, 1996) potenciando as diferenças sociais e, sem dúvida, penalizando os mais desfavorecidos, evidencia o mesmo autor.

Os novos paradigmas de educação preconizam que a aprendizagem é mais significativa quando o ambiente onde se realiza é rico em recursos. Segundo Das (2008)

Os novos princípios de aprendizagem incluem a aprendizagem construtivista, conhecimento baseado na aprendizagem, aprendizagem baseada nos recursos, aprendizagem autêntica e outros modelos. Muitos destes novos princípios

incluem a aprendizagem individual e autónoma fora da sala de aula. Isto tem um enorme impacto na forma como a escola e todos os seus serviços são usados diariamente. (p.2).

Por conseguinte, a BE deve poder proporcionar esse ambiente, através da diversificação de fontes de informação e de serviços. Esse objetivo deverá ser assegurado através de uma colaboração próxima com toda a escola, assumindo-se como ponto central entre a sala de aula, professores, alunos e outros intervenientes no processo educativo. Com a integração das TIC no espaço da BE potenciam-se aprendizagens, permitindo as transformações necessárias à escola de hoje e permitindo que as BE se afirmem “como espaços privilegiados de informação e educação dentro dos estabelecimentos de ensino.” defende Conde (2005, p.2). Estes fundamentos estão definidos no documento Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares¹ (2006) da seguinte forma:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (p.3).

Na sua génese o programa da RBE visou a criação de “centros de recursos abertos, atrativos, funcionais, e congregando todo o tipo de documentos.” (Conde, 2005, p.2), proporcionando meios para a aquisição de fundo documental em suportes diversos, a criação de zonas funcionais diferenciadas e na produção de documentos em suporte digital. Partindo deste pressupostos definidos pela rede, a conceção das Bibliotecas Escolares modificou-se e tem vindo a adaptar-se, procurando tornar-se numa Biblioteca 2.0 (*Library 2.0*), termo utilizado por Michael Casey em 2005. Com a informação acessível em qualquer lugar e através de diferentes ferramentas tecnológicas, a função da BE é a de se tornar como uma “bússola” que orienta os utilizadores na acessibilidade à informação e dos recursos existentes. Além disso deve proporcionar e promover interação, colaboração e partilha entre utilizadores, recorrendo às tecnologias, sempre que possível.

De acordo com o documento Quadro estratégico 2014-2020 (RBE, 2013)

¹ Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

Para responder aos desafios atuais, decorrentes da revolução digital e da alteração da forma como se lida com a informação e se adquire e produz conhecimento, o sistema educativo necessita, mais do que nunca, de bibliotecas sólidas, capazes de ensinar e apoiar os alunos na obtenção de bons resultados escolares e no domínio das literacias indispensáveis para o futuro. (p.7)

Então o principal foco da BE é potenciar as habilidades de aprendizagem ou literacias, como se definem atualmente. O desenvolvimento dessas habilidades ou competências é uma das maiores preocupações dos PB. Estes, através da implementação de formação através da BE, visam capacitar os alunos para agir perante a sociedade da informação, como refere Calixto (1997)

A sociedade da informação exige das mulheres e dos homens um conjunto de habilidades que ainda não há muito tempo ninguém classificaria de essenciais. É hoje indiscutível, por exemplo, que as habilidades informáticas correspondem nos nossos dias à possibilidade ou não de ler e escrever no tempo dos nossos pais. Mas as habilidades de informação – isto é, aquelas que permitem ao indivíduo procurar a informação de que precisa, apoderar-se dela, manipulá-la e utilizá-la, produzir afinal nova informação – são a verdadeira pedra-de-toque para a literacia dos nossos dias. (p.117)

Neste sentido, a promoção da Literacia da Informação torna-se necessária e premente, nas escolas e nas bibliotecas, numa perspetiva integradora segundo as Ciências da Informação e da Educação. Este termo terá surgido em 1974 nos Estados Unidos da América, estabelecendo uma estreita ligação entre um indivíduo competente na literacia da informação e uma aprendizagem efetiva, uma vez que “uma pessoa competente em termos de informação é aquela que aprendeu a aprender, sabe encontrar a informação, sabe utilizá-la e sabe como organizá-la.” (Terra & Sá, 2007, p. 83). Para Das (2008) “Na era pré-digital, em geral, as bibliotecas centravam o seu papel no desenvolvimento de competências da leitura; décadas mais tarde assumem um papel importante nas competências de gestão da informação.” (p.1). Na visão da Internacional Association of School Librarianship ou IASL (1993), na BE

é proporcionado ao aluno um conhecimento profundo de toda a gama de tecnologias de informação e comunicação, Para além disto, o estudante é

provido de conhecimento em toda a gama de tecnologias de informação e comunicação e sua utilização no sentido de localizar e avaliar informação para responder aos interesses e necessidades educativas e recreativas, bem como de capacidades para produzir registos e mensagens visuais, audiovisuais e electrónicas adequadas aos objectivos da comunicação. Estas competências promovem uma aprendizagem ao longo da vida. (p.3).

Consideramos que a promoção da capacidade de aprendizagem deve ser desenvolvida ao longo da vida escolar, num esforço conjunto para formar alunos aptos para acompanhar as mudanças sociais, económicas e tecnológicas. Uma vez que a informação é cada vez mais efémera, o seu valor e importância residem em saber aceder e utilizá-la para aprender.

A introdução das “novas” tecnologias no contexto da BE veio reforçar a preocupação da inovação em espaço escolar, em função das características dos alunos que se alteraram profundamente, revelando capacidades e conhecimentos adquiridos fora dos currículos formais. Os denominados “nativos digitais” (Prensky, 2001) contactaram com as TIC desde sempre, em dispositivos e situações variadas e apresentam exigências que impõem atualização e pesquisa constante nas bibliotecas escolares e de quem nelas trabalha, na opinião de Das (2008) “Os desenvolvimentos revolucionários em educação e tecnologia, a mudança de atitude dos alunos em relação à aprendizagem e ao “pensamento económico” contemporâneo têm um impacto enorme nas bibliotecas escolares.” (p.7) deste modo, as BE devem assegurar um “ambiente de aprendizagem completamente novo” (idem, 2008, p.2) e diversificado na oferta de tecnologia em termos de serviços, conteúdos, dispositivos e aplicativos.

As TIC, pela sua natureza, são empregadas transversalmente na BE, uma vez que são utilizadas como suporte de informação, como meio de comunicação e como ferramenta de trabalho, abrangendo um vasto leque de atividades tais como a catalogação, a pesquisa na *Internet*, a gestão dos serviços, comunicação e a divulgação de iniciativas e trabalhos dos alunos. Num estudo elaborado por Conde (2005) a autora constatou que as BE serviam como um instrumento formal na estratégia de integração das TIC com o currículo. Contudo também verificou uma reduzida criação vocacionada para a *Web*, quer na produção de conteúdos quer na disponibilização de serviços à comunidade educativa, baseados em recursos existentes na *Internet*.

A mesma autora (2005) salienta que as bibliotecas escolares parecem cumprir “um importante papel como estrutura de apoio quotidiano e de resposta às necessidades do dia-a-dia e como mediadora da informação face aos seus utilizadores.” (p.11).

Apesar deste caminho já percorrido, a introdução e exploração das TIC nas Bibliotecas Escolares não é uniforme ou semelhante no país ou até num mesmo agrupamento de escolas, dependendo de condicionalismos variados, tais como: o projeto educativo, as condições físicas, tecnológicas, humanas e a visão estratégica para a implementação de um processo desta natureza, podendo-se afirmar que não existe um modelo padrão para a utilização das TIC mas sim vários modelos e diferentes formas de implementar essa mesma integração.

2.4. A Web 2.0 e suas ferramentas na Biblioteca Escolar

O termo *Web 2.0* emerge em 2004 através de Tim O'Reilly, inserido em contexto económico, descrevendo tendências e modelos que sobreviveram ao “*crash*” dos anos 90 e relacionado com empresas que se constituíram como interativas, dinâmicas e colaborativas, cujos produtos criados eram passíveis de serem manipulados e recriados pelos criadores ou pelos utilizadores. Este termo rapidamente foi adotado para tudo o que é criado e consumido na *Web*.

A *Web 2.0* potenciou o aparecimento de uma enorme variedade de aplicações e de *software*, maioritariamente de acesso gratuito, com características bastante intuitivas e acessíveis, que favorecem o desenvolvimento das competências necessárias para saber fazer e aprender a aprender, quer formal quer informalmente. Segundo Pinheiro (2009)

Uma das principais novidades da *Web 2.0* é a sua semelhança com uma plataforma que disponibiliza um conjunto de ferramentas de produção e partilha de conteúdos, tendencialmente gratuitas e fáceis de utilizar, em que publicar on-line deixa de exigir a criação de páginas Web e saber alojá-las num servidor. (p.2)

Pressupõe-se que os utilizadores da *Web 2.0* têm competências não só, na sua área de especialização, mas também revelam um espírito aberto, flexível e capacidade para se adaptarem e evoluírem. Atualmente, ser letrado não implica apenas saber ler e escrever, é necessário saber aceder à informação, ter facilidade de publicar e de partilhar

online, estas competências desenvolvem-se através de um processo contínuo de criação e partilha, como afirma Furtado (2009) “o processo de aprendizagem ocorre a partir de fontes distintas e formas diversificadas.” (p.3).

A transformação da biblioteca tradicional, de repositório de informação apenas disponível para consulta, em que o professor bibliotecário é o único detentor do saber livresco está em vias de extinção. Essa transposição para uma Biblioteca 2.0 pretende-se colaborativa, interativa e dinâmica, assente numa *Web* de comunicação que apela aos vários sentidos e que se encontra, na sua essência, centrada no utilizador, segundo Pombo e Alves (2012) “a Web 2.0 é feita para e pelos utilizadores.” (p.25). Por seu lado, Pinheiro (2009) reforça esta ideia referindo

Mais do que uma tecnologia, a Web 2.0 pode então ser definida como uma nova atitude, uma nova forma de as pessoas se relacionarem com e na Internet: a rede deixa de ligar apenas máquinas, passa a unir pessoas, um processo com implicações sociais profundas. (p.3).

Na perspetiva de Maness (2007) a Biblioteca 2.0 apresenta as seguintes características: é centrada no utilizador (o consumo e a criação de conteúdo é dinâmico); oferece uma experiência multimédia (conteúdos e serviços com componentes áudio e vídeo); é rica do ponto de vista social (interativa de forma síncrona ou assíncrona) e é comunitariamente inovadora (constrói-se ao serviço da comunidade numa adaptação às necessidades dos utilizadores).

Emerge assim um novo paradigma da Biblioteca 2.0 assente num equilíbrio de papéis entre o PB, a sua equipa, os seus utilizadores e a adequação às necessidades dos mesmos, posição defendida por Cunha e Figueiredo (2012) “São várias as potencialidades da web 2.0 que podem ser aproveitadas pelas BEs. Estas devem assumir simultaneamente um papel inovador, acompanhando as tendências tecnológicas da atualidade, mas também devem funcionar como elo de aproximação aos seus utilizadores.” (p.3).

De acordo com a IFLA/UNESCO (2002) “A biblioteca escolar desempenha uma função importante enquanto portal para a nossa sociedade actual, cada vez mais baseada na informação. Por esse motivo, deve disponibilizar acesso a todos os equipamentos necessários: electrónicos, informáticos e audiovisuais.” (p.8). A IASL (1993) preconiza

A biblioteca escolar proporciona um vasto leque de recursos, tanto impressos como não impressos – incluindo meios electrónicos - e acesso a dados que promovem em cada criança a consciência da sua própria herança cultural e uma base para a compreensão da diversidade de culturas. (p.1).

Por conseguinte, uma biblioteca inserida na *Web 2.0* deverá proporcionar o conhecimento do mundo que nos rodeia, construindo indivíduos sensíveis à diferença que caracteriza o ser humano e as suas interações e deverá posicionar-se como uma plataforma facilitadora do processo de aprendizagem. Para que isso se verifique terá de rever os seus produtos e serviços, de modo a não se tornarem obsoletos face às TIC, tentar quebrar as condicionantes do espaço e do tempo e a ampliar o acesso à informação. Estas mudanças só serão possíveis com o envolvimento da comunidade educativa, numa mudança da sua relação com os utilizadores, em particular os professores, principais intervenientes do processo de ensino.

De acordo com Pombo e Alves (2012) “A exigente missão da BE e do PB na comunidade escolar reveste-se de desafios e contornos particulares que passam, inevitavelmente, pelo trabalho colaborativo, pela otimização de todas as possibilidades oferecidas pelas TIC e pela implementação de atividades de aprendizagem baseada em recursos.” (p.26). Os princípios orientadores de uma BE integradora foram definidos da seguinte forma pela IFLA/UNESCO (2002)

Os serviços prestados devem incluir o acesso a recursos informativos electrónicos que reflectam os currícula e, ao mesmo tempo, os interesses e a cultura dos utilizadores. Os recursos electrónicos devem incluir o acesso à Internet, bases de dados em texto integral e de referências especializadas, e ainda produtos de software educativo. (pp.9-10).

Para a IASL (1993) deverá ser “proporcionado ao aluno um conhecimento profundo de toda a gama de tecnologias de informação e comunicação” (p.3) e de acordo com o relatório da IFLA (1995)

Nenhuma biblioteca se limita já às fontes que a escola conseguiu adquirir através do seu programa de aquisições. As bibliotecas escolares do futuro serão instituições de informação dentro da escola e, como tal necessitarão, num grau

cada vez maior, de mudar e de ajustarem o seu papel como catalisadoras na sociedade de informação. (p.11).

Neste contexto de sociedade da informação e da comunicação as bibliotecas escolares e os professores bibliotecários deparam-se com condicionantes na sua transformação num centro dinâmico, participativo e promotor da inclusão digital. Verifica-se que a integração da *Web 2.0* na BE não tem sido consensual, uniforme ou de fácil adoção, segundo Maness (2007) “Muitos autores de Biblioteca 2.0 irão concordar que muito daquilo que foi adotado nas bibliotecas, na primeira revolução Web, é estático.” (p.44). Costa (2012) refere

Proença (2012), na sua procura pela Biblioteca 2.0, concluiu que, apesar de as bibliotecas escolares integradas no programa da Rede de Bibliotecas Escolares já possuírem alguma presença na Web, apenas três das visadas pelo seu estudo demonstram um percurso de se mostrarem inovadoras quanto ao conteúdo e aos serviços prestados usando a Web 2.0, ainda que não possam ser consideradas Bibliotecas 2.0. (p.20).

Esta situação acontece devido a um conjunto de constrangimentos:

- a) alguma desconfiança na sua utilização, resultante de práticas de utilização passiva, fruto da forma como era encarada a biblioteca anteriormente;
- b) por falhas na formação inicial de professores na alfabetização informacional (Maness, 2007);
- c) a disponibilização tecnológica não ser equitativa no país, porque nem todas as escolas e/ou BE estão devidamente apetrechadas com os equipamentos ou acesso à *Internet*;
- d) a rapidez na evolução da tecnologia que torna difícil a articulação e implementação das suas potencialidades de acordo com o currículo de cada disciplina, implicando tempo para fazer trabalho colaborativo;
- e) a “Geração Net”, identificada por Tapscot (1998), em que os alunos apresentam grande facilidade e à vontade na utilização das tecnologias, com acesso a muita informação, consumida passivamente e utilização da *Internet* para pesquisa sem critérios ou tratamento da informação posterior;
- f) as sucessivas reformas no sistema educativo que introduziram alterações profundas nos métodos de ensino, modificando modelos mas falhando na

articulação com os professores, como diz Nóvoa (2006) “Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas a distância outras menos, mas nada substitui um bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substitui o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover.” (p.18).

Furtado (2009) referindo-se a Marlo Veja (2007), afirma que se podem identificar três tipos de atitudes na relação da biblioteca com as tecnologias: a Biblioteca Passiva, que esperamos que se encontre no passado; a Biblioteca Ativa, aquela em que nos encontramos – L2 e *Web 2.0* – com as condicionantes anteriormente referidas e a Biblioteca Interativa, que utilizará a *Web 3.0* com funcionalidades que permitirão interatividade entre a biblioteca e os seus utilizadores/produtores.

Perante este quadro pode-se afirmar que os desafios que se colocam à BE, confrontada com a realidade da *Web 2.0*, são vários e complexos, principalmente no que diz respeito à modernização do conceito típico de biblioteca. Nas palavras de Pinheiro (2009)

o verdadeiro desafio será o de deixar de ver as bibliotecas como centros de disponibilização de recursos e torná-las verdadeiros centros de conhecimento, ao serviço da aprendizagem e do currículo. E este não é um desafio tecnológico, mas sim um desafio pedagógico e organizacional. (p.6)

De acordo com Todd (2011) as BE devem definir “Uma filosofia educativa partilhada, centrada na aprendizagem através da pesquisa, fornece um clima adequado e comum para envolver os professores bibliotecários e docentes da escola em oportunidades de aprendizagem colaborativas e integradas.” (p.12). É neste sentido que se deve trabalhar numa mudança para uma “prática centrada na aprendizagem, baseada em evidências, que tem como centro os conceitos fulcrais: a construção do conhecimento e a compreensão humana.” (idem, 2011, p.3).

O caminho conducente à Biblioteca 2.0 na BE pode passar pela criação de uma Biblioteca Digital, abarcando a disponibilização do catálogo bibliográfico em linha, recursos educativos digitais (criados na BE e/ou na escola e os existentes na *Internet*) e o acesso a repositórios digitais, entre outras possibilidades. A Biblioteca Digital associa inovação com a aproximação aos seus utilizadores e caracteriza-se pela possibilidade de

acesso ao acervo sem necessidade de deslocação ao espaço físico, com as inerentes vantagens de comodidade e de horário alargado. Uma vez que a *Internet* é o meio privilegiado de pesquisa pelos alunos, o investimento nesta esfera digital será um atrativo para captar a atenção dos jovens e de alcançar novos utilizadores. Uma utilização autónoma das potencialidades digitais, sob a alçada da BE, permite aos mesmos enfrentar a informação massificada com ferramentas que facilitam a aquisição de conteúdo útil.

Outro desafio que se coloca diz respeito à mudança de atitude dos professores e dos PB sobre o modelo e a forma de aquisição de conhecimento numa BE, conforme salienta Todd (2001)

No centro de uma biblioteca escolar que fortalece a aprendizagem estão professores bibliotecários e educadores, cuja filosofia e ações capacitam os alunos para acederem, interagirem e utilizarem a informação para desenvolver o seu próprio entendimento, para construir o seu próprio significado. (p.20).

Deste modo, podemos depreender que a figura central que integra diferentes áreas, tais como a biblioteconomia, currículo e a *Web 2.0* é o PB, esta mutação na “Biblioteca 2.0 revoluciona a profissão.” (Maness, 2007, p.49). O PB deixa de guardar e disponibilizar informação e serviços, o seu papel altera-se. Segundo o mesmo autor (2007)

No lugar de criar sistemas e serviços para os usuários, os bibliotecários irão habilitar os usuários a criá-los (sistemas e serviços) para eles mesmos. Uma profissão parada por décadas em uma cultura de controle e determinismo necessitará continuar a se mover para abraçar a facilitação e a ambigüidade. (p.49).

Importa então compreender que mudanças podem ser implementadas neste processo de incorporação das tecnologias e que ferramentas são adotadas para o trabalho nas BE e comumente utilizadas pelos PB.

Nas palavras de Ramos (2015) “O professor bibliotecário, empenhado em promover a leitura recreativa junto dos leitores jovens do século XXI, deve conhecer e utilizar as novas tecnologias, principalmente as ferramentas e serviços da *Web 2.0*” (p.13), embora esta afirmação se refira à promoção da leitura, no nosso entender poderá aplicar-se a

todas as outras vertentes que se prendem com a BE, como o apoio ao currículo, a promoção das literacias e a gestão da mesma.

A prática diária de um PB envolve o recurso aos computadores e à *Internet* nas mais variadas tarefas, desde o apoio ao utilizador, à pesquisa para alunos, professores, para o seu próprio trabalho, para contacto com outros professores ou de forma mais institucional, além da divulgação do trabalho que vai realizando na BE, entre outras. Para isso socorre-se de um conjunto alargado de ferramentas interativas acessíveis na *Internet*, tais como: blogue e o *microblogging* (ex. *Twitter*), as *wikis*, as redes sociais (ex. *Facebook*), os marcadores sociais (ex. *Diigo*), os fóruns de discussão e plataformas LMS (*Moodle*), os *RSS feeds*, os serviços de criação de sítios *Web* e de partilha de documentos e ferramentas para criar livros digitais, construir e partilhar filmes e produzir e partilhar *podcasts*. Estas ferramentas colaborativas são algumas das mais utilizadas pelos PB, como identificam Pombo e Alves (2012)

O dinamismo interativo da Web 2.0 permite o aproveitamento da vertente colaborativa da BE. São inúmeros os recursos que a Web 2.0 oferece à BE. A título meramente ilustrativo, destacamos alguns: redes sociais, social bookmarking, blogues, wikis, Google Docs, Skype. (p.29).

Por seu lado Furtado (2009) defende que o seu uso deve “Potenciar os novos recursos interativos de informação e comunicação que caracterizam a WEB 2.0, para produzir, difundir e partilhar informação e conhecimentos, implicando professores e alunos num trabalho conjunto com a BE: construção de portefólios, apresentações multimídias, webquests” (p.144). Os aspetos relacionados com a partilha, a colaboração e a interatividade são de extrema relevância, num espaço de educação não formal como a BE, porque são facilitadores da aprendizagem e da construção de conhecimento, “Mesmo quando o conteúdo não é gerado pelos utilizadores, este pode ser enriquecido por meio de comentários, avaliação, ou até mesmo personalização.” (Costa *et al.*, 2009, p. 5615). No entendimento de Pinheiro (2009)

A Web 2.0, ao potenciar o envolvimento da comunidade, ao colocar ao alcance de qualquer utilizador ferramentas de trabalho colaborativo - instrumentos eficazes para estratégias de aprendizagem baseadas na construção do conhecimento - de forma gratuita e tecnologicamente pouco exigentes, ao

assumir-se como uma rede de pessoas e não de máquinas, proporciona às bibliotecas um poderoso meio de promoção da literacia da informação e de alargamento da sua base de competências e funções. (p.6).

No estudo de Pombo e Alves (2012), efetuado para averiguar práticas de utilização da Web 2.0 na BE, verificou-se

alguma preocupação, por parte dos Professores Bibliotecários, na utilização das ferramentas da Web 2.0 na BE, no entanto, consideramos ainda haver um longo caminho a percorrer e parece-nos que manter “um espírito aberto e adaptável” (Doll, 2005) será um ingrediente necessário à mudança. (p.38).

Para Cunha e Figueiredo (2012)

No que diz respeito a outras potencialidades da Web. 2.0 o estado da arte revela que apesar da existência de algumas ferramentas, estas nem sempre tem sido devidamente potencializadas. Os blogues são sem dúvida o instrumento mais utilizado pelas BEs portuguesas e a sua presença em plataformas como o facebook já começa a ser notada. (p.4).

Perante este panorama de incorporação da *Web 2.0* nas Bibliotecas Escolares, de maior ou menor conhecimento e/ou utilização nas mesmas, torna-se necessário compreender melhor que papel assume o PB perante os diferentes desafios colocados numa BE, numa Escola e numa sociedade imersa em informação e em tecnologia.

2.5. O papel do Professor Bibliotecário

Os professores bibliotecários do século XXI, além da sua formação inicial nas mais variadas áreas e níveis de ensino, são profissionais capacitados para exercer uma função bastante abrangente e exigente. Para que o possam fazer “Os bibliotecários escolares devem ser formados e qualificados profissionalmente, com formação adicional em teoria educativa e metodologias de aprendizagem.” conforme as Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares² (2006, p.11). Essa qualificação requerida alicerça-se em formação específica que abarca um vasto leque de competências, destacando as definidas pelo Relatório Profissional da IFLA, N°41 (1995)

² Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

é possível identificar três factores de conhecimento geral que são essenciais para que os bibliotecários escolares sejam capazes de desenvolver e pôr a funcionar programas efectivos de bibliotecas escolares, por ex., informação e estudos de biblioteca, gestão e ensino. Informação e estudos de bibliotecas são uma componente essencial para a selecção, organização e utilização de informação social registada, e de ideias; A gestão inclui a responsabilidade pela administração e pelas operações diárias da biblioteca escolar e do seu pessoal; O ensino significa o interface com os professores nos seus papéis de educadores a fim de desenvolverem utilizadores efectivos de informação. (p.9).

Procurando fazer o enquadramento desta função e dar resposta às solicitações de uma Escola em mudança foi criada legislação para normalizar e estabelecer o que se pretende de um PB, regulamentação em harmonia com os princípios subjacentes ao lançamento do Programa da RBE em 1997. De acordo com a Portaria n.º 756 (2009) “é importante garantir a institucionalização do trabalho realizado pelas escolas e pelos seus professores responsáveis pela gestão funcional e pedagógica das bibliotecas, em articulação com o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares.” (p.4488). O estabelecimento de regras definidas para o exercício de funções de um PB convergiu para o reforço da estrutura da RBE, com profissionais que conduzem o seu trabalho assente nas mesmas linhas orientadoras e nos mesmos pressupostos.

Perante este contexto, a estratégia de trabalho do PB deve basear-se no desenvolvimento do trabalho em colaboração com os outros professores, numa boa dose de perspicácia sobre as suas necessidades, flexibilidade na aproximação e na comunicação do que pretende desenvolver, verificar as necessidades dos outros, sentido critico que permita harmonia, bom senso para alcançar consensos, além da criatividade fundamental para introduzir inovação. Este trabalho terá de ser equacionado de forma distendida, perseverante e ajustado perante novas situações ou circunstâncias, no entender de Ramos e Ramos (2012)

Ao *modus operandi* da BE e do professor bibliotecário está subjacente uma planificação (...) e um plano tático (...) que norteia e propicia que a sua ação se torne num processo contínuo coerente. (s/p)³

³ Comunicação do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas sem número de página.

Para Todd (2010), “A existência de bibliotecas escolares com serviços de qualidade e a sua própria vitalidade futura dependem de três princípios fundamentais que configuram também o conjunto de competências profissionais dos professores bibliotecários.” (p.25). Estes princípios podem ser explanados da seguinte forma:

1. o acesso à informação e a todos os serviços associados que a disponibilizam e o impacto provocado nos alunos;
2. o papel de “intervenção pedagógica” (Todd) da BE e as consequências na aprendizagem dos mesmos;
3. por último as mutações que acontecem pela conjugação de todos estes fatores e intervenientes.

No nosso entender a BE e o PB são indissociáveis, uma vez que a existência do espaço físico de uma biblioteca não conduz à criação de condições para a existência de “espaço” para a aprendizagem, por conseguinte, o PB será o interlocutor por excelência, que intenta conseguir conjugar todos os aspetos acima referidos e, para atingir esses propósitos terá de abranger várias vertentes, que iremos abordar nos pontos seguintes.

2.5.1. O Professor Bibliotecário promotor da leitura.

A formação de leitores é uma das metas mais importantes no trabalho desenvolvido por qualquer PB, isto é, criar e alimentar o gosto pelo contacto com os livros e o seu conteúdo, no entender de Silva (2000) “a leitura poderá responder a necessidades de fruição e ocupação de tempos livres (...), necessidades de informação e desenvolvimento dos saberes” (p.34), por seu lado, para Magalhães (2000)

É conhecido o papel que a leitura desempenha no desenvolver e enriquecer da personalidade do indivíduo, promovendo autonomia, aquisição de conhecimentos, desenvolvimento do espírito crítico e abertura às muitas perspectivas por que se pode representar e analisar o real. Sabe-se também como todos estes aspetos são fulcrais na educação do jovem para uma sociedade em mudança. (p.70).

Contudo esta “formação de leitores não pode restringir-se a uma acção localizada na disciplina de Português.” (Sequeira, 2000, p.16) não pode ser encarada apenas como uma competência exclusiva desta disciplina ou do PB e da BE, deve envolver vários intervenientes, nomeadamente pais e encarregados de educação, entre outros

(Voluntários da Leitura, Biblioteca Municipal, etc.), no entender de Sanches (2007) “não podemos exigir à escola que cumpra este papel autonomamente (...) só é possível, no caso da leitura, com o papel activo das famílias e das bibliotecas” (p.76). Contudo, para Sequeira (2000)

É a escola que tem de criar ambientes favoráveis à leitura, que deve proporcionar situações onde as experiências de leitura não sejam “dolorosas”, isto é, que não associem o livro exclusivamente ao estudo e, em consequência, possam ser avaliadas como dignas de serem repetidas. (p.16).

Com a apropriação das tecnologias nas bibliotecas introduziu-se mudança na forma de se ler mas não no conteúdo daquilo que se lê, o formato e o suporte podem ter adquirido diferentes aparências, mas alcançar o encantamento do contacto com a escrita e o seu conteúdo deve ser o desígnio, quando se capta novos leitores.

Segundo Ramos (2012) existem um vasto conjunto de ferramentas e serviços disponibilizados na *Web 2.0* que podem ter cabimento na BE, inclusive para a leitura recreativa ou autónoma. A autora apresenta como exemplos “blogues, wikis, serviços de criação de sítios, microblogues, ferramentas para criar livros digitais, serviços para criar e partilhar filmes, ferramentas para produzir podcasts, serviços de apresentação em linha, marcadores sociais, fóruns de discussão, plataformas LMS ou mesmo as redes sociais.” (p.8)

A utilização destas ferramentas e serviços devem ser encarados como “um meio e não como um fim em si” (idem, 2012, p.8), servem como uma plataforma para conseguir atrair e chegar com mais facilidade e de forma mais apelativa aos utilizadores. Pretende-se alargar as possibilidades de leitura, de acordo com a realidade dos jovens, com recurso a dispositivos (*smartphones*, *tablets*, banda larga, redes sociais, etc.) e às suas aplicações, cativando para diferentes tipos de leitura em diferentes suportes. Perante este quadro o papel do PB assume o carácter de intermediário, isto é, “um líder com conhecimentos acrescidos na área das novas tecnologias, capaz de negociar com outros intervenientes da comunidade educativa novas formas de promover a leitura recreativa.” (ibidem, 2012, p.8).

Com a iniciativa governamental, em 2006, de lançamento do Plano Nacional de Leitura (PNL) pretendia-se dar resposta aos baixos níveis de literacia da leitura entre os jovens,

através de um vasto conjunto de ações para desenvolver competências que envolvessem a leitura e a escrita. Para esse efeito contava-se com “o apoio a bibliotecas escolares” Carrão e Calixto (2012, s/p)⁴ e com a crescente adequação das TIC nesse sentido. Apesar da escassez de literatura sobre a utilização das tecnologias da informação ao serviço da promoção da leitura, em Portugal, os mesmos autores (2012) frisam citando Ramos (2011) “as bibliotecas escolares portuguesas, através da ação do professor bibliotecário, estão a conseguir adaptar-se a estas mudanças, utilizando as ferramentas e serviços da Web 2.0 na promoção da leitura recreativa.” (s/p)⁵.

2.5.2. O Professor Bibliotecário promotor das literacias.

O conceito de Literacia é definido por Damásio (2001) da seguinte forma “Tradicionalmente associado às capacidade de leitura e escrita da palavra textual, tornou-se comum nos nossos dias a utilização do termo “literacia” para referir competências genéricas de escrita e leitura associadas às mais variadas formas de representação.” (p.125). Para Calixto (2003) “A literacia tem sido muitas vezes associada às competências de leitura e escrita, mas o âmbito deste conceito tem-se alargado juntamente com o próprio conceito de leitura.” (p.2), cada vez mais associada a diferentes suportes e progressivamente utilizada no plural – Literacias, englobando assim esses diversos conceitos de leitura, refere também o mesmo autor.

O documento “Aprender com a Biblioteca Escolar” criado como um referencial para as aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares estabelece orientações para as aprendizagens e atitudes relacionadas com as literacias (Leitura, Média e da Informação). Nesse documento a literacia digital é estabelecida de forma transversal às restantes literacias, “refletindo a presença das tecnologias, ferramentas e ambientes digitais em todos os contextos e domínios, formais e informais, de aprendizagem.” (RBE, 2012, pp. 10-11).

A literacia da informação e a literacia digital são competências interligadas e essenciais na sociedade da informação e da comunicação, numa época em que a partilha e a colaboração fazem parte do dia-a-dia, características que a *Internet* e a *Web 2.0* vieram potenciar, vivemos todos numa sociedade em rede defendem Loureiro e Rocha (2012)

⁴ Comunicação do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas sem número de página.

⁵ Idem.

referindo-se a Castells (2005). A literacia da informação também revela um caráter transversal às aprendizagens e às competências desenvolvidas numa biblioteca porque “information literacy is embedded in virtually all subject area content standards and requires limited additional effort/planning time on the part of the classroom teacher.” (Zmuda, 2006, p.5). Ainda segundo Todd (2010) “A literacia da informação, enquanto conceito-chave da intervenção educativa e curricular do professor bibliotecário, concentra em si múltiplas possibilidades de intervenção pedagógica.” (p.26).

A partir do momento em que os recursos na BE, tradicionalmente em suporte físico, se alteraram para outro tipo de recursos envolvendo tecnologias (sem suporte físico), a atuação do PB adquiriu novos contornos visando a integração de todos esses meios em conformidade com o currículo, para alcançar as metas educacionais. Para Todd (2011)

A associação entre a aprendizagem, as bibliotecas e as literacias está a criar desafios dinâmicos, e até de confronto, para professores bibliotecários, professores e diretores, especialmente quando comparado com o cenário de aprendizagem e de ambientes de informação que são complexos e fluidos, conectivos e interativos e sem constrangimentos temporais e espaciais. (p.1).

Figura 1

Literacias da Era da Informação e do Conhecimento



Adaptado de: enGauge®21st Century Skills: Literacy in the Digital Age
Fonte: Loureiro e Rocha, 2012

A figura 1 exemplifica a complexidade que envolve a informação disponível atualmente na “Sociedade em Rede” (Loureiro e Rocha, 2012), a Literacia pode ser abordada sob variados pontos de vista, todavia, para as mesmas autoras (2012) a credibilidade da informação deve ser uma preocupação constante do PB por ser

algo com que os estudantes, dos vários níveis de ensino se confrontam, perante o volume de informação disponível, sobretudo na web, assim como a diversidade de ferramentas – bases de dados, bibliotecas digitais, plataformas virtuais - desenvolvidas para o seu acesso. (p.2727).

Compete ao PB tomar a dianteira e disponibilizar toda a envolvimento necessária para capacitar os utilizadores da biblioteca com as competências digitais necessárias à sua formação, alargando o “conceito tradicional de formação de utilizadores” (Calixto, 2003, p.2).

2.5.3. O Professor Bibliotecário promotor da articulação com o currículo.

Atualmente as crianças e jovens apresentam grande desembaraço perante as tecnologias, que conhecem desde sempre. Esta constatação acarreta mudanças no sistema educativo e na forma como as crianças são ensinadas. A escola necessita de equacionar e direccionar o uso das TIC e dos média numa perspectiva utilitária e não meramente ilustrativa ou recreativa, fomentando o paradigma do conhecimento em detrimento do paradigma da informação, apresentando-se como o desafio dos últimos anos (Sanches, 2007). Os estudos e as evidências analisadas demonstram que houve melhorias no sistema educativo no que respeita às medidas institucionais, nas últimas décadas, sobre o ajustamento da escola a este novo paradigma social de aprendizagem ao longo da vida.

O recurso às tecnologias na BE reflete essas mudanças: a gestão informatizada, os recursos educativos informatizados e em linha e a disseminação da utilização da *Internet*, tudo isto tornou o papel do PB muito mais exigente em termos de conhecimentos, de competências e da gestão do seu tempo, que terá de ser repartido na formação da literacia digital ou tecnológica, na exploração das novas tecnologias, em solucionar problemas e exploração para conhecer os recursos digitais que melhor podem servir alunos e professores.

A missão dos PB continua a ser a de providenciar acesso a materiais em todos os formatos que, no entanto, aumentaram exponencialmente em quantidade e em variedade. A par disso, têm de ser proficientes na promoção das competências na literacia da informação. Este aspeto da construção da aprendizagem é definido da seguinte forma por Todd (2011) “Dar informação não é o mesmo que dar o conhecimento e transformar informação em conhecimento é, potencialmente, a tarefa mais complexa, desafiadora e gratificante de todos os educadores.” (p.2).

As recentes tendências educacionais privilegiam a aprendizagem baseada em recursos que se apresenta como “adaptable to individuals, groups or cooperative learning situations. Resource-based learning integrates both cognitive and physical tools of information literacy within the curriculum. Teacher-librarians are at the forefront of helping teachers use resource-based learning in their classrooms.” (Sheirer, 2000, p.4).

Para Sanches (2007) “O papel do profissional que gere a biblioteca escolar passa assim por ser o do facilitador” (p.70), deste modo o PB deverá auxiliar na estruturação e planificação de estratégias educacionais que se adequem a diferentes alunos e a diferentes formas de aprender. Todd (2010), citando a declaração da Associação Americana de Bibliotecas Escolares, defende a importância do papel do PB para atingir resultados positivos na aprendizagem, porque este “participa activamente no planeamento e implementação do ensino orientado para os resultados” (p.28).

Esta atuação dos PB, com o intuito de melhoria da aprendizagem e da construção do conhecimento, terá de ser alvo de disseminação perante a comunidade educativa (direção, professores, pais e encarregados de educação) divulgando os propósitos de uma BE integradora e facilitadora do processo de ensino. Como refere Todd (2011) “As evidências do vosso contributo direto e tangível para melhorar a aprendizagem na escola devem constituir a essência da vossa mensagem” (p.10), enquanto para Ramos e Ramos (2012) “A comunicação permite, portanto dar-se a conhecer, ser-se compreendido e valorizado.” (s/p).⁶ Esta abertura e apresentação à comunidade educativa pode servir como veículo para a alteração da perceção do seu papel na escola, perante os seus pares e outros, funcionando como um catalisador na mudança dessas perceções que ainda podem subsistir.

⁶ Comunicação do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas sem número de página.

Os resultados e percepções podem mudar mediante a colaboração estreita entre o PB e os professores, através da conceção de objetivos concretos, no delinear de estratégias e na definição dos resultados esperados pelos envolvidos, no entender de Zmuda (2006)

This partnership involves teacher and specialist working together in the design, delivery, and evaluation of student learning. While this is the most time consuming of all three forms of collaboration, it does maximize the effectiveness of the instruction and can have the most significant impact on student achievement. (p.6).

Ainda no entender da mesma autora (2006) para que de facto exista impacto na aprendizagem dos alunos têm de coexistir duas condições

1. Library media specialists view every point of contact with a teacher and his/her respective students as a true collaboration of content areas.
2. Library media specialists view the collection, analysis, and reflection on student achievement data as a primary part of their work. (pp.2-3).

Pretende-se que as bibliotecas sejam “lugares de saber e inovação, induzindo novas modalidades de uso e de trabalho escolar, individual e autónomo, em pequenos grupos e com as turmas em contexto letivo e não formal, em presença e a distância.” (Quadro estratégico: 2014-2020, 2013, p.11), através da promoção do “trabalho colaborativo com os docentes (...) contribuindo para a melhoria dos resultados dos alunos e para a resolução de problemas de aprendizagem. (idem, p.15). Na opinião de Todd (2011) conseguir aliar as TIC à resolução dos problemas de aprendizagem

proporciona uma boa oportunidade para o professor bibliotecário intervir e, através de abordagens colaborativas e centradas em pesquisa, demonstrar que a sua prática faz uma diferença real na aprendizagem do aluno. Isto não implica que apenas as tecnologias da informação ofereçam essa oportunidade; as oportunidades existem em todas as vertentes dos planos de ação das bibliotecas (...). O importante é que as necessidades de aprendizagem sejam identificadas, que as estratégias de ensino sejam desenvolvidas e que se pense em como tudo isso será avaliado. É isto a prática baseada em evidências. (p.15).

As premissas aludidas pelos autores acima referidos estão igualmente enunciadas no documento Quadro estratégico: 2014-2020 (RBE, 2013) “A eficiência e eficácia desta política de gestão passam pela existência de uma cultura de avaliação, baseada em evidências e numa estratégia de melhoria continua.” (p.23) e devem nortear o exercício de funções de um PB.

2.5.4. O Professor Bibliotecário e os outros intervenientes na Biblioteca Escolar.

Para o funcionamento proficiente de uma BE existem um conjunto de condições indispensáveis para que isso se verifique, de acordo com as Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares⁷ (2006) “A riqueza e a qualidade dos recursos da biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis dentro da biblioteca escolar e para lá dela. Por este motivo, é de grande importância dispor de pessoal com boa formação e alta motivação” (p.11).

O PB integra uma equipa que gere o dia-a-dia de uma biblioteca como principal interveniente, contudo, uma vez que esta função envolve variadas perspetivas a existência de um grupo que coadjuva este trabalho tem toda a pertinência. A existência da equipa da BE está determinada nos seguintes pontos do Artigo 4.º da Portaria n.º 756 (2009)

1. Em cada agrupamento ou escola não agrupada é criada uma equipa que coadjuva os professores bibliotecários, nos termos definidos no regulamento interno.
2. Os docentes que integram a equipa da biblioteca escolar são designados (...) de entre os que disponham de competências nos domínios pedagógico, de gestão de projectos, de gestão da informação, das ciências documentais e das tecnologias de informação e comunicação.
3. Na constituição da equipa da biblioteca escolar, deve ser ponderada a titularidade de formação de base que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a permitir uma efectiva complementaridade de saberes. (p.4489).

Está consignado no documento Quadro estratégico: 2014-2020 (RBE, 2013) que “Os professores bibliotecários, apoiados por pessoal docente e não docente, desempenham

⁷ Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

um papel ativo nos processos de gestão, liderança e inovação nas escolas.” (p.18), podemos então inferir da importância fulcral deste grupo de elementos que “Tem uma intervenção pedagógica determinante no percurso curricular dos alunos e na formação para as literacias da leitura, digital e da informação, com impacto nas aprendizagens e no sucesso educativo.” (idem, 2013, p.18). A integração das TIC nestes processos apresenta, cada vez mais, um papel preponderante. Por conseguinte, Conde (2005) verificou, num estudo que focava a gestão e dinamização de atividades na BE, que estas competências eram da incumbência do coordenador da equipa ou de um professor da mesma em colaboração com os restantes membros que a constituem, evidenciando-se uma preferência por elementos com formação na área das TIC na sua composição.

O apoio prestado pela equipa “liberta” o PB das tarefas mais rotineiras para se centrar nas questões de conceção e adequação ao currículo, ao projeto educativo e ao plano de atividades da escola. No entender de Zmuda (2006) “There is a growing body of research that a powerful library program positively impacts student achievement scores (...). To realize such gains, however, the focus of the specialist must be broader than merely daily operations.” (p.3).

Um outro elemento fundamental que também integra a equipa da BE é o Assistente Operacional, “O auxiliar de biblioteca presta contas ao bibliotecário e apoia-o nas suas funções.” de acordo com as Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares⁸ (2006, p.12). Segundo o mesmo documento a escolha deste elemento deve ter em consideração o seguinte

Esta posição requer conhecimentos e competências tecnológicas e de manutenção e apoio geral. O auxiliar deve ter formação prévia sobre bibliotecas. Caso tal não ocorra, a biblioteca deve fornecer-lhe essa formação. Alguns dos deveres do cargo incluem funções de rotina, arrumação nas estantes, empréstimo e circulação, devolução e tratamento documental. (p.12)

Também está prevista a colaboração de outros intervenientes, que compõem a comunidade educativa, ainda segundo o mesmo documento da IFLA/UNESCO (2006) “Como complemento, pode existir pessoal de apoio (...) técnicos, pais e outro tipo de

⁸ Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

voluntários.” (p.11), que aliados contribuem para a melhoria do processo de aprendizagem.

O aspeto colaborativo promovido pela RBE não se esgota a uma determinada BE, PB e equipa que a constituem. Como o próprio nome estabelece, a RBE é formada por um vasto conjunto de bibliotecas escolares, que podem e devem estabelecer parcerias e trabalho colaborativo entre si e com outras bibliotecas, nomeadamente o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), que promove e estabelece esses laços. Segundo o documento Quadro estratégico: 2014-2020 (RBE, 2013) “O relacionamento das bibliotecas escolares entre si e destas com as bibliotecas municipais, acompanhado e suportado institucionalmente a nível concelhio, revela-se essencial para o crescimento equilibrado e duradouro das bibliotecas.” (p.2).

2.6. O uso das ferramentas da Web 2.0 pelo Professor Bibliotecário

Pretendemos, nesta parte do capítulo, não a abordagem exaustiva das potencialidades das ferramentas *Web 2.0* em ambiente da BE pelo PB, mas sim elucidar sobre o que a investigação e a literatura subsequente têm revelado sobre esta temática.

Os estudos realizados em anos recentes por Pereira e Oliveira (2012), Pombo e Alves (2012) e Proença (2012), sobre a utilização destas ferramentas pela generalidade dos professores, indicam que embora a maioria conheça algumas ferramentas não as utiliza ou implementa em situações de aprendizagem, recorrendo maioritariamente a *software* proprietário de uso comum (*Microsoft Office* ou *Photoshop*, por exemplo). Apurou-se ainda que os professores que conhecem e utilizam as ferramentas da *Web 2.0* são os que melhor conseguem estabelecer uma correspondência entre as ferramentas e a sua funcionalidade; todavia, constatou-se que o número de ferramentas referenciadas é bastante reduzido se comparado com o vasto leque à disposição na *Internet* o que nos leva a deduzir que “o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação ainda é limitado e requer investimento ao nível da formação dos professores para a sua utilização efectiva.” (Costa *et al.*, 2009, p. 5624). Este panorama, que se mantém na classe docente, é descrito por Pereira e Oliveira (2012) como “o receio que os professores têm, até hoje, em assumir uma postura pedagógica atrelada às TIC.” (p.233).

A utilização das TIC e das ferramentas *Web 2.0* na BE começam a ser alvo de interesse e de estudo, segundo Calixto e Carrão (2012) “Verificou-se que os estudos de âmbito nacional e alguns estudos de caso já atribuem algum relevo às TIC nas bibliotecas escolares” (s/p). Para Pinheiro (2009) a *Web 2.0* e as TIC proporcionam “às bibliotecas um poderoso meio de promoção da literacia da informação e de alargamento da sua base de competências e funções.” (s/p)⁹.

O que parece acontecer, na maioria das bibliotecas escolares, é um desfasamento entre as potencialidades proporcionadas pela *Web 2.0* e o que é colocado em prática. Na opinião de Furtado (2009) “verifica-se que há uma lacuna e que essa plataforma não está a ser potenciada devidamente” (p.136). Isso pode ser constatado pela proliferação de blogues de bibliotecas ou dos seus PB que maioritariamente “funcionam como meio de divulgar actividades, outros como se de páginas web institucionais se tratassem.” (idem, 2009, p.145) ou ainda, segundo Pombo e Alves (2012), na divulgação das “aquisições recentes e actividades de promoção da leitura.” (p.36). No entanto, “A utilização de algumas ferramentas da *Web 2.0*, como o youtube, o teachertube, o flickr, o podcast e o blogue, no âmbito das bibliotecas escolares e a aposta nos clubes de leitura virtuais e nos sítios Web com o intuito de motivar os alunos para a leitura tem vindo a aumentar.” (Calixto e Carrão, 2012, s/p).

Pombo e Alves (2012) verificaram na sua investigação que “os professores bibliotecários entrevistados referem conhecer e utilizar as ferramentas Prezzi, Blogue, E-bookings, Google docs, Flickr, Youtube, Diigo, Facebook e SlideShare.” (p.36). Enquanto Proença (2012), nos seus estudos sobre a integração da *Web 2.0* em bibliotecas escolares, analisou a presença digital de bibliotecas escolares que “tivessem ainda conta em outras ferramentas *Web 2.0*, como sejam o *Facebook*, *Twitter*, *Slideshare*, *Scribd* ou outras ainda...” (p. 2140) e não apenas o blogue ou a página *Web*. Para este autor, este investimento numa abordagem mais ampla indicava uma visão estratégica do PB relativamente à “vantagem para a Biblioteca Escolar de trabalhar em rede fazendo uso de diversas ferramentas *Web 2.0*, tendo em vista a disponibilização de conteúdos digitais adequados aos públicos que serve e a participação dos utilizadores.” (idem, 2012, p.2140).

⁹ Artigo da Newsletter 5 da RBE, sem número de página.

Neste contexto de introdução das tecnologias na BE, os PB podem ser os elementos que introduzem e catalisam a mudança na escola, revelando preocupação em utilizar as ferramentas da *Web 2.0* na BE (Pombo e Alves, 2012), mas, por outro lado, também se confrontam com constrangimentos, dificuldades ou incapacidade para conhecer e explorar o vasto leque de ferramentas disponíveis. A presença da BE na *Web* fica-se a dever, quase em exclusivo, ao “trabalho e motivação dos PB.” (Proença, 2012, p.2147). Os PB envolvidos no estudo de Proença (2012) identificaram os seguintes aspetos como os mais significativos: a “motivação pessoal para investir nessa área (93%), a convicção pessoal de que a presença Web da BE é necessária para a escola de hoje (93%) e a formação que o PB realizou na área (73%).” (p.2144) para que “a presença das suas bibliotecas na Web atingisse o patamar atual” (idem, 2012, p.2144).

Em suma, constatamos o reconhecimento da importância da utilização das tecnologias e das ferramentas *Web 2.0* na BE pelos professores e pelos PB mas ainda estamos longe das Bibliotecas 2.0, segundo Maness (2007), com inovação de conteúdos e com dinâmicas interativas nos seus serviços. Para Pombo e Alves (2012) “as ferramentas Web 2.0 estão a ser subaproveitadas pelos professores e pelos alunos, uma vez que são pouco utilizadas em contexto de sala de aula e na própria BE.” (p.38).

3 - METODOLOGIA

Após a definição da questão orientadora do nosso estudo e selecionado o campo de análise, tornou-se necessário equacionar qual a abordagem mais adequada ao mesmo e que metodologia adotar para a recolha dos dados essenciais para a consecução da investigação.

3.1. Problema de investigação

O problema de investigação em análise (De que forma os Professores Bibliotecários integram as Tecnologias de Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar?) emergiu da curiosidade e inclinação pessoal da investigadora pelas tecnologias e pela constatação, na prática diária, do interesse crescente suscitado pelas mesmas. Este interesse generaliza-se no seio da comunidade educativa, tanto a alunos como a professores. Em paralelo, nas últimas décadas, as orientações institucionais a nível nacional e internacional (MEC, RBE, UNESCO, IFLA e IASL) têm vindo a colocar ênfase na exploração das TIC em contexto educativo e, em especial, o seu uso ao serviço das bibliotecas escolares.

Perante estas constatações resultantes da experiência enquanto PB e verificando uma carência de conhecimento concreto e aprofundado sobre a aplicabilidade das TIC no contexto da BE, faz todo o sentido procurar conhecer práticas com recurso às tecnologias pelos PB no âmbito das suas atividades pois, segundo Proença (2012) “Por ser uma temática relativamente recente, não abundam em Portugal os estudos universitários sobre a Web 2.0 e as Bibliotecas Escolares.” (p. 109).

As bibliotecas escolares na atualidade são espaços abertos a um público diversificado e, em muitos casos, com acesso a recursos tecnológicos individuais bastante evoluídos (*smartphones*, *tablets*, computadores portáteis e *Internet* ilimitada) facilitando o acesso a informação disseminada no espaço digital que, no entanto, colocam desafios aos seus dinamizadores – os PB. Segundo Pombo & Alves (2012) “A BE é, hoje, um centro dinâmico onde a organização, participação e construção do conhecimento nos seus variados suportes, permite o acesso em rede de conhecimento com outros atores.” (p.25).

Podemos então considerar a BE como um espaço de contacto com o conhecimento, de difusão e de promoção de saberes, através da interação com diferentes suportes e diversas tecnologias (com maior ou menor grau de interatividade). Face a isto e, apesar de variados constrangimentos (recursos humanos, recursos tecnológicos ou a capacidade da *Internet*), esta tem conseguido adaptar-se às alterações educacionais e tecnológicas, procurando assim dar respostas adequadas aos problemas que a sociedade da informação coloca à instituição Escola e aos seus intervenientes. Com este estudo pretende-se compreender como é o trabalho com tecnologias em diferentes BE, num determinado concelho e como atuam os respetivos PB inseridos nos seus contextos particulares. Pode-se afirmar que esta investigação enquadra-se num estudo de caso visando ampliar o conhecimento sobre as formas de utilização das TIC pelos PB em ambiente de aprendizagem não formal.

Deste modo, procuramos dar resposta aos seguintes objetivos:

- Caracterizar as orientações institucionais (internacionais e nacionais) para o uso das TIC em contexto da BE;
- Conhecer a opinião dos Professores Bibliotecários acerca da perceção que os outros professores e outras estruturas da Escola têm da importância da BE;
- Conhecer as metodologias e as práticas que estão a ser desenvolvidas na Biblioteca Escolar de articulação das TIC com o currículo;
- Caracterizar as dificuldades sentidas pelos PB e as estratégias utilizadas para as contornar ou ultrapassar.

3.2. Objeto de pesquisa

A temática da investigação revela pertinência para o aprofundamento do estudo de uma estrutura de trabalho em rede com abrangência nacional – a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), modelo tomado como referência para bibliotecas escolares a nível internacional. Esta estrutura, com 18 anos de existência, apresenta singularidades que merecem análise para construir conhecimento sobre a aplicação no terreno das suas diretivas, pressupostos e metodologias, bem como as rotinas e as práticas levadas a cabo pelos seus dinamizadores - os PB e as suas equipas.

Na impossibilidade de se proceder a um estudo alargado a todo o país e a todos os PB procurou-se circunscrever o nosso universo, focando um concelho específico e uma

população em concreto. O facto de o investigador fazer parte da comunidade de PB do concelho de Santarém e tendo acesso privilegiado aos participantes delimitou naturalmente o foco da pesquisa, bem como o processo de investigação, favorecendo a exequibilidade da mesma, um dos critérios que permite uma avaliação dos problemas em investigação, de acordo com Coutinho (2011) aludindo a MacMillan e Schumaker (1997). Esta opção coincide com opções idênticas sobre o estado da arte, tais como as de Pombo & Alves (2012)

A amostra deste estudo é uma amostra não probabilística selecionada por conveniência. A seleção da amostra guiou-se por um conjunto de aspetos que estão diretamente relacionados com o espaço geográfico onde o investigador (...) exerce a sua atividade como PB, e também com os objetivos que nortearam a realização deste trabalho. (p.30).

Deste modo, a seleção dos PB participantes incidiu sobre aqueles que exercem funções em escolas de 2º e 3º ciclo e em escolas secundárias do concelho anteriormente referido, embora em alguns casos também assegurem a gestão e dinamização de escolas do 1º ciclo, uma vez que o conjunto de PB funciona em equipa no seio do seu Agrupamento de Escolas.

3.3. Opções metodológicas

Na investigação em Ciências Sociais e Humanas (CSH) podemos encontrar alguma discrepância na quantidade de paradigmas e na sua denominação, por um lado Creswell (2010) apresenta quatro conceções ou paradigmas definidas segundo as palavras de Guba (1990) como um conjunto de certezas que conduzem a atuação, a saber: o Pós-positivista, o Construtivista, o Reivindicativo/Participatório e o Pragmatista. Por outro lado, Coutinho (2011) apresenta apenas três paradigmas, o Positivista, o Qualitativo ou Interpretativo e o Socio-crítico.

Podemos considerar estes paradigmas ou conceções como princípios filosóficos que regem as metodologias a aplicar na investigação em CSH. Esses princípios fornecem a fundamentação e determinam a orientação necessária para a aplicação das metodologias, métodos e técnicas no desenvolvimento dessa mesma investigação, com o objetivo de obter as respostas necessárias sobre a problemática, sempre com a preocupação de rigor e qualidade na investigação.

A investigação qualitativa em educação desenvolveu-se ao longo de todo o século XX, com origens na Antropologia e na Sociologia da Educação, nas palavras de Bogdan e Biklen (1994) “Ainda que a investigação qualitativa no campo da educação só recentemente tenha sido reconhecida, possui uma longa e rica tradição.” (p.19). Morgado (2012) refere “Sobretudo a partir de meados dos anos oitenta, do século passado, surgiram novas formas de investigação educativa, procurando contrapor-se a outras formas de investigação empírica de enfoque positivista.” (p.27). Por seu lado, o cariz social interdependente da investigação em educação é sublinhado por Coutinho (2011) “A abordagem interpretativa/qualitativa das questões sociais e educativas procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos” (p.16).

Considerando que o paradigma Qualitativo ou Interpretativo apresenta a conjuntura que melhor se adequa a esta investigação, optámos por conduzir este estudo numa lógica de natureza interpretativa, ao invés de uma lógica positivista mais vocacionada para as Ciências Naturais. Sob esta perspetiva, podemos afirmar que a finalidade da investigação, de acordo com a lógica já referida, visa compreender, interpretar, descobrir significados e hipóteses de trabalho, uma “viagem” na procura de sentido nas ações e interações dos intervenientes no processo, deste modo a investigação assume uma natureza prática em que a teoria emerge mediante os dados obtidos.

Em conformidade com este paradigma cria-se entre o investigador (construtor do conhecimento) e o (s) sujeito (s) da investigação uma interação, numa dualidade em que a interpretação de um é moldada de acordo com a interpretação do outro, numa busca conjunta de significados. Podemos dizer que a teoria é construída de forma indutiva, numa metodologia interpretativa (*bottom-up*) em que, através desta interação o investigador procura similaridades com o propósito de criar a teoria, assumindo um papel central, tornando-se instrumento de investigação.

Sendo este projeto baseado num Estudo de Caso, cuja finalidade é proporcionar conhecimento sobre o contexto estudado, indica Coutinho (2011) referindo-se a Guba & Lincoln (1994), procuramos estudar o caso de uma comunidade em particular, a rede concelhia de PB de Santarém. Podemos definir como estudo de caso como “um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o “caso”.” identifica a mesma autora (2011, p. 293), que pode apresentar inúmeras variantes (uma pessoa, um acontecimento, uma comunidade, etc.) e cujo

objetivo é a aquisição de compreensão holística, isto é, sobre o seu todo. Porém, esse estudo deve ser limitado a um determinado período de tempo, no ambiente onde ocorre e com recurso a diversas fontes de dados e variados métodos de recolha de dados.

Ao adotar esta abordagem metodológica estamos cientes das suas vantagens “estratégia investigativa que permite uma análise mais focalizada e mais compreensiva de determinadas situações, processos e/ou práticas profissionais, podendo, por isso, contribuir para dar resposta aos imperativos de avaliação, de mudança e de melhoria que hoje pendem sobre as escolas.” (Morgado, 2012, p. 7); e das suas limitações “não é fácil de levar a cabo, abundando (infelizmente) demasiados estudos mal concebidos e implementados sob a designação genérica de que se trata de estudo de caso” (Coutinho, 2011, p. 293), além de também poder ser usado para justificar e descrever resultados obtidos ou considerado como estratégia de investigação com rigor duvidoso. Pesadas as vantagens e as desvantagens acima referidas afigurou-se como sendo a escolha mais consentânea com o nosso objetivo inicial de compreender a dualidade PB/TIC e a sua interação, permitindo assim “proporcionar informação específica” (Morgado, 2012, p.57), de modo a permitir “ao investigador apropriar-se das intrincadas e complexas inter-relações que ocorrem num determinado contexto.” (idem, 2012, p. 59).

A seleção dos participantes alicerçou-se na escolha de sujeitos com experiência na função de PB, com prática na utilização de TIC nesse contexto e cuja área geográfica de atuação fosse o concelho já referido. Foram excluídos da investigação quatro sujeitos, num universo de nove professores bibliotecários do concelho em questão, três dos mesmos por falta de experiência na função (menos de um ano em funções, em duas situações e pouca experiência na utilização de TIC, na outra situação) e o outro sujeito por se tratar do próprio investigador. Esta especificidade na seleção dos sujeitos de investigação fundamenta-se na seguinte afirmação de Coutinho (2011) “Num estudo qualitativo a amostra é sempre intencional, porque não há qualquer razão para que seja representativa da população.” (p.289), esta intencionalidade assenta no recurso a “informantes privilegiados [key informants], ou seja, pessoas que possuem estatuto ou conhecimento especial” segundo Januário (1996, p.62).

A opção da realização de entrevistas como técnica de recolha de dados, prática comum em investigação de cariz qualitativo, teve como intuito conhecer, através da perspectiva

dos participantes, a realidade de determinada comunidade. Esta técnica é definida da seguinte forma por Gil (2008)

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (p.109).

Afigurou-se mais adequado o recurso à técnica de entrevista do tipo semiestruturada para a obtenção de dados comparáveis entre PB. Este tipo de entrevista permite uma grande liberdade de expressão pelo entrevistado, embora circunscrita ao tema em questão. Além disso também possibilita que o entrevistador, em caso de desvio da temática, consiga retomar o foco pretendido, bastando para isso reformular a pergunta ou solicitar algum esclarecimento. A entrevista acontece como uma conversa informal, segundo o tema proposto inicialmente, enquadrada por um guião com linhas orientadoras e onde o investigador promove, encoraja e conduz a participação do entrevistado.

Visamos então “explicar o ponto de vista dos participantes, como pensam, interpretam ou explicam com o seu comportamento no contexto natural em estudo.” define Coutinho (2011, p.291). Existe um conjunto de vantagens associadas à sua utilização, entre as quais salientam-se as seguintes, referidas por Gil (2008) “a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano” e “oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista” (p.110). Ainda no entender de Bogdan & Bilken (1994)

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao

investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo. (p.134).

No decorrer desta investigação procurámos corresponder aos critérios de relevância científica e social, com um objetivo de estudo bem definido e com base numa análise bem alicerçada e com consistência; por conseguinte, após a recolha, análise e comparação de dados, tentámos apurar semelhanças através de uma triangulação metodológica (Denzin, 1984). Esta implica o recurso a diferentes técnicas de recolha de dados com vista a validar a informação em problemas de investigação.

A corroboração dos dados recolhidos aos entrevistados prende-se com a validade, a relevância, a especificidade, a profundidade e a extensão das respostas dadas e registadas. A validação consegue-se por comparação com dados recolhidos noutras fontes, além da pertinência em relação à informação recolhida nas entrevistas de acordo com os propósitos da investigação. A especificidade dos dados fornecidos relaciona-se com a clareza e objetividade dos mesmos. Por seu lado a profundidade depende das características físicas e intelectuais dos participantes e, no que diz respeito à extensão, esta resulta da dimensão e das características das respostas.

Este tipo de investigação depende de interpretações com teor, mais ou menos subjetivo, acarretando parâmetros que concedam rigor. Para que a validação e a fiabilidade do estudo sejam efetiva pode-se recorrer à triangulação, por exemplo: na descoberta de coincidências com outras fontes de informação, confronto com diferentes investigadores ou através pela utilização de diferentes métodos de pesquisa. Consideramos que apenas através da validação dos dados pode haver um contributo claro para a investigação prevista.

A análise documental incidiu na recolha de dados empíricos sobre documentos fundamentais que constituem a base do trabalho realizado pelos professores bibliotecários nas bibliotecas escolares, denominados como documentos orientadores; assim, os mesmos foram objeto do estudo, de acordo com Gil (2008) “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (p.51).

Como forma complementar de informação e de validação desses dados documentais procedemos à pesquisa e análise bibliográfica, de diferentes autores sobre o estado da

arte. Para Morgado (2012) “ a consulta e análise de documentos é outra fonte de informação importante no contexto da investigação, em particular na investigação em educação.” (p.86), assim podemos concluir que a análise documental procura enriquecer e fundamentar as informações obtidas por intermédio de outras técnicas de recolha, neste caso as entrevistas.

Para verificar se as informações recolhidas estão de acordo com o propósito inicial interessa a análise de todos os dados recolhidos e, para isso e “para facilitar a análise dos documentos é costume construírem-se grelhas de análise específicas que permitem orientar o estudo e sistematizar a informação recolhida.” (idem, 2012, p.87).

Com a criação destas grelhas ou tabelas de frequências introduziu-se uma análise estatística de escala nominal, isto é, uma técnica estatística para a análise da escala. Segundo Coutinho (2011) a escala nominal é um modelo de estatística não paramétrico e tem como propósito em educação verificar sexo, raça, uso/não uso, gosto/não gosto, etc.; apresenta características de classificação e contagem e possibilita estatísticas de frequências e de percentagens. As variáveis comparáveis que foram encontradas na análise dos dados (documentos e entrevistas) foram agrupadas em categorias que permitiram a distribuição das frequências (fr.), significando o número de vezes que determinado dado é referido neste contexto e associando o cálculo das percentagens (%). Deste modo, “A única operação matemática permitida para a análise de resposta em escalas nominais é a contagem do número de ocorrências em cada categoria e por isso a moda é a única tendência central que pode ser calculada.” refere a mesma autora (2011, p. 73).

3.4. Instrumentos de recolha de dados

De acordo com Morgado (2012) “As técnicas e os instrumentos de recolha de dados utilizados são elementos essenciais uma vez que deles dependem, em grande parte, a qualidade e o êxito da investigação.” (p.71), como técnicas de investigação foram utilizadas: a inquirição e a análise documental. Os instrumentos de recolha de dados foram: o inquérito por entrevista e o estudo de documentos, além de plataformas que também disponibilizam documentação em suporte digital, usadas pelos PB nas bibliotecas escolares.

A análise documental deteve um papel preponderante nesta investigação, os documentos orientadores, não só para a fundamentação teórica que permitiu a construção da base do estudo bem como para recolha de dados relativos ao universo das bibliotecas escolares e dos professores bibliotecários. Por conseguinte, para melhor compreender o contexto da função de PB procedeu-se, numa fase inicial da investigação, a uma análise aprofundada que incidiu documentação que estabelece as orientações que regem as bibliotecas escolares e o trabalho desenvolvido nas mesmas, emanado do Ministério da Educação, da RBE, da IFLA/UNESCO e da IASL. Após a leitura atenta procurou-se fazer a recolha, compilação e análise de dados relevantes para a investigação em curso, especificamente as referências ao uso das TIC no âmbito da BE e pelo PB. Para uma interpretação mais simples optámos por elaborar duas grelhas de análise desses documentos orientadores, uma que incidia sobre a BE, subdividida em duas partes, uma para a Visão/Pressupostos e outra para as Orientações em concreto; a outra para o PB, igualmente subdividida em duas partes (Visão/Pressupostos e Orientações). Nessa grelha foram agrupadas as referências mediante os indicadores que foram emergindo na análise e de acordo com a literatura.

Para a consecução da investigação recorreu-se à aplicação de entrevistas individuais, por meio de guião de entrevista semiestruturada, efetuadas na sua maioria no local de trabalho – escola, com conhecimento e consentimento das respetivas Direções e de acordo com a disponibilidade dos participantes. Para que se pudessem realizar procedeu-se à realização de contactos telefónicos para solicitar a entrevista, esclarecer sobre os propósitos da mesma e combinar a data, hora e local da sua realização. Também foi solicitada autorização aos diretores das escolas, por intermédio dos PB. Apenas duas entrevistas foram realizadas na residência dos sujeitos em virtude dos mesmos não estarem em exercício de funções.

A recolha dos testemunhos nas entrevistas foi obtida mediante o recurso à gravação áudio das mesmas, com a aquiescência dos participantes. Apenas uma das entrevistas foi complementada por notas porque houve uma falha no equipamento de registo áudio. Posteriormente, cada entrevista foi transcrita, na íntegra (Anexo 3.1, em formato digital) com *software* de processamento de texto e o documento foi enviado ao entrevistado para leitura, revisão e validação da mesma. A realização das mesmas decorreu durante as duas primeiras semanas do mês de janeiro de 2015.

Com o intuito de obter a triangulação dos dados, realizamos uma pesquisa na *Internet* das diversas ferramentas *Web* e/ou plataformas de divulgação de documentos e/ou produtos criados com recurso às TIC nas BE, pelos PB e respetivas equipas. Para coligir essa recolha elaborámos uma grelha de registo, com todas as plataformas utilizadas pelos PB e das respetivas ferramentas utilizadas e dos documentos nelas disponibilizadas. Para além dessa verificação das ferramentas e plataformas procedemos a uma divisão por Indicadores, em consonância com os restantes dados recolhidos, de modo a possibilitar a comparação dos mesmos e a verificação de semelhanças ou de disparidades. Esta construção possibilitou não só uma visão geral bem como uma particular daquilo que é utilizado, além de permitir uma contabilização da utilização dessas ferramentas e plataformas.

Julgamos que este conjunto de instrumentos possibilitou a construção de um quadro que revela “qualidade informativa dos dados recolhidos” (Coutinho, 2011, p.109).

3.5. Análise e tratamento de dados

Enquadradas num plano de investigação qualitativa as diferentes fases de desenvolvimento da investigação produziram um conjunto de dados que carecem de análise e interpretação. Bogdan e Bilken (1994) entendem como dados “as páginas de materiais descritivos recolhidos no processo de trabalho de campo” (p.232).

Para Coutinho (2011) não existe uma separação clara entre a fase de recolha e a fase de análise de dados em investigação qualitativa, esta situação ocorre porque “ambas as fases se afectam mutuamente e se completam.” menciona a mesma autora (2011, p.192), que prefere denominar de “modos de análise” referindo-se a Myers (1997) ao invés de análise de dados. No entender de Morgado (2012) “tais tarefas assumem uma relevância significativa no campo da investigação qualitativa, onde os dados são de natureza multifacetada e a sua recolha é, muitas vezes, concomitante com a sua interpretação.” (p.102).

Para a obter uma interpretação dos dados recolhidos torna-se necessário proceder a “uma operação designada codificação” refere Coutinho (2011, p.192) aludindo a Wiersma (1995) e a Bravo (1998), esta codificação irá deslindar o conteúdo dos dados uma vez que “À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e

acontecimentos” (Bogdan & Biklen, 1994, p.221), mediante esta análise textual dá-se início à análise de conteúdo, ou seja, à extração de sentido

O conteúdo das entrevistas passou por diversas etapas de análise. Iniciámos um contacto inicial com os documentos textuais que se designa como “leitura flutuante” (Coutinho, 2011 referindo-se a Bardin, 1997 e a Esteves, 2006), em que começou a ser desenhado o tom que a investigação iria adotar e as hipóteses a considerar, de acordo com o corpo teórico.

De modo a validar a fidelidade da codificação, a análise decorreu em dois momentos diferentes, pelo mesmo codificador (o investigador), com o intuito de tentar manter a uniformidade dessa mesma análise. As categorias foram criadas *a posteriori* permitindo a criação de uma codificação dos segmentos de texto, porque somente através da separação em unidades textuais, a categorização e a codificação pode reduzir os dados permitindo assim a análise de conteúdo pretendida.

A categorização foi constituída, numa primeira parte, partindo de critérios definidos e procedeu-se à sua separação, classificação e redução de acordo com a sua importância e, numa segunda parte foram reunidos em função das semelhanças entre si, de modo a que servissem os objetivos do estudo.

No entendimento de Morgado (2012) após esta etapa no processo de organização pelas categorias recorreremos ainda aos seguintes procedimentos: os procedimentos fechados que englobam as categorias delineadas inicialmente e baseadas no objeto da investigação e na literatura de suporte e que serviram para a classificação dos dados; e “os procedimentos abertos – também designados por categorização emergente” (idem, 2012, p. 112) onde se enquadram as categorias que surgem dos dados. Esta categorização emergente esclarece situações que não estavam previstas *a priori* e/ou para as quais o investigador não estava desperto.

O Quadro 3 - Plano de Análise de Conteúdo: Dimensão, Categorias, Indicadores e Códigos, apresentado na página seguinte, condensa os procedimentos de codificação que foram utilizados para agrupar as unidades de texto que emergiram dos dados recolhidos.

Quadro 3- Plano de Análise de Conteúdo: Dimensões, Categorias, Indicadores e Códigos

| DIMENSÃO | CATEGORIA | INDICADORES | CÓDIGOS |
|---------------------------|---|--|------------|
| O papel dos PB na Escola | Considerações sobre o papel do PB | Agregador | PCAGRE |
| | | Central | PCCENTRAL |
| | | Mediador | PCMEDIA |
| | | Elo de ligação | PCELO |
| | | Divulgador | PCDIVUL |
| | Relevância para a escola e alunos | Criativo | PCCRIAT |
| | | Relevância | PRELEV |
| | | Perda de relevância | PRPRELEV |
| | Influência na estrutura educacional da sua escola | Integração | PINTEGR |
| | | Valorização | PIVALOR |
| | | Sensibilidade | PISENSI |
| | | Falta de sensibilidade | PIFSENSI |
| | | Proximidade | PIPROX |
| | | Perda de influência | PIPERDI |
| | | Promotor da leitura | PIPPROML |
| | Principais funções do PB | Apoio ao currículo | PPAPC |
| | | Apoio ao utilizador | PPAPU |
| | | Gestão | PPGESTAO |
| | | Articulação | PPARTICU |
| | | Acompanhamento individual | PPACI |
| | | Equipa | PPEQUIPA |
| | | Assistentes Operacionais | PPAO |
| | Descrição de uma semana de trabalho | Promoção da leitura | PSPROML |
| | | Apoio o currículo | PDSAPC |
| | | Apoiar o utilizador | PDSAPU |
| | | Gestão da BE | PDSGESTAO |
| | | Articular | PDSARTICU |
| | | Dinamizar atividades | PDSINAMA |
| | | Perda de interesse | EPTICPINT |
| Escola, Professores e TIC | Uso das TIC na Escola | Pouco equipamento | EPTICPEQUI |
| | | Rapidez na evolução | EPTICRPEV |
| | | Facilitadoras | EPTICFAC |
| | | Importantes | EPTICIMP |
| | | O que são TIC | EPOQTIC |
| | | Ética | EPTICETI |
| | Pertinência da sua utilização em diferentes contextos (formais e não formais) | Pertinência | EPTICP |
| | | Facilidade em articular | EPTICFA |
| | | Dificuldade em articular | EPTICDA |
| | Possibilidades de articulação | Articulação institucional | EPTICAI |
| | | Direção facilitadora | EPTICDFC |
| | | Relacionamento | EPTICR |
| | Como é feita a articulação | Departamento | EPTICDEP |
| | | Direção | EPTICDIR |
| | | Contágio | EPTICCO |
| | | Pressão dos alunos | EPTICPRA |
| | Atividades e projetos desenvolvidos | Concursos institucionais | EPTICCI |
| | | Projetos Europeus | EPTICPE |
| | | Projetos da BE | EPTICPBE |
| | | Articulação curricular | EPTICAC |
| | | Jornal Escolar | EPTICJE |
| | | Explorar a BE | EPTICEXBE |
| | | Visibilidade | EPTICVI |
| | Como se organizam | Informalidade | EPTICINF |
| | | Formalidade | EPTICFOR |
| | | PB acessível | EPTICPBA |
| | | Professores colaboradores | EPTICPCL |
| | | Rotinas | EPTICRT |
| | Dificuldades sentidas | Tempo | EPTICTMP |
| | | Resistência em articular | EPTICRA |
| | | Resultados | EPTICRS |
| | | Desmotivação | EPTICDES |
| | | Orientações institucionais | EPTICOI |
| | | Monetárias | EPTICM |
| | | Falta de iniciativa | EPTICFI |
| | | Professores pouco conhecedores das TIC | EPTICPPC |
| | | Falta de equipa | EPTICFE |
| | | Falta de recursos/equipamento | EPTICFRE |
| | Formas de ultrapassar as dificuldades | Não ultrapassadas | EPTICNU |
| | | Políticas educativas | EPTICPED |
| | | Seduzir os professores | EPTICSP |
| | | Equipa | EPTICEQ |
| | | Facilitar o currículo | EPTICFC |
| | | Articulação com a Biblioteca Municipal | EPTICABM |
| Uso das TIC pelo PB na BE | Visão do papel do PB e da BE | Literacia da Informação | UPBVLI |
| | | Literacia Tecnológica | UPBVLT |
| | | Acesso/Disponibilização da informação | UPBVADI |
| | | Gestão informatizada | UPBVGI |
| | | Apoio ao currículo | UPBVAC |
| | | Trabalho colaborativo | UPBVTC |
| | | Disponibilizar equipamentos | UPBVDE |
| | | Disponibilizar recursos educativos | UPBVDRE |
| | Orientações do papel do PB e da BE | Literacia da Informação | UPBOLI |
| | | Literacia Tecnológica | UPBOLT |
| | | Articulação | UPBOA |
| | | Apoio ao currículo | UPBOAC |
| | | Apoio ao utilizador | UPBOAU |
| | | Trabalho colaborativo | UPBOTC |
| | | Gestão informatizada | UPBOGI |
| | | Disponibilizar equipamentos | UPBODE |
| | Conhecimento e utilização das TIC pelo PB | Bons conhecimentos | UPBCBC |
| | | Conhecimentos razoáveis | UPBCCR |
| | | Utilização interdependente | UPBCUI |
| | | Formação específica | UPBCFE |
| | | Formação da Rede | UPBCFR |
| | | Formação Autodidata | UPBCFA |
| | | Uso irregular | UPBCTUR |
| | Contextos da utilização das TIC na BE | Acessibilidade | UPBCTA |
| | | Literacia da Informação | UPBCTLI |
| | | Literacia Tecnológica | UPBCTLT |
| | | Apoio ao currículo | UPBCTAC |
| | | Apoio ao utilizador | UPBCTAU |
| | | Gestão da BE | UPBCTG |
| | | Divulgação | UPBCTD |
| | | Entretreinamento | UPBCTE |
| | | Formação | UPBCTF |
| | | Duplicação | UPBCTD |
| | | Construir conhecimento | UPBCTCC |

Embora tenhamos cogitado e experimentado dois *software* de análise de conteúdo, a saber: o *NVivo 10* e o *Weft QDA*, afigurou-se mais fácil, embora uma tarefa mais árdua e demorada, a construção de uma grelha de análise em suporte *Word* e seu preenchimento com base nas transcrições em suporte digital das entrevistas realizadas.

Iniciámos a organização dos dados numa grelha de formato simplificado, apenas com colunas para a categoria, a subcategoria e a unidade de registo, numa fase posterior, ao prosseguir a leitura e análise do conteúdo de cada entrevistado e de acordo com a revisão da literatura, surgiu a necessidade de fazer uma maior compartimentação dos dados apresentados pelos participantes.

A matriz de análise, baseada em quatro blocos de perguntas agregava, por Categorias, o conteúdo textual obtido de cada participante e na qual foram agrupados os temas orientadores tratados na entrevista. Para a análise de conteúdo das entrevistas criamos uma matriz com quatro itens:

- Na coluna – Subcategorias - agrupamos as questões tratadas dentro de cada tema orientador com características comuns.
- Na coluna – Indicadores - inserimos os termos que agrupavam as ideias centrais encontradas ao longo das entrevistas, de acordo com a revisão da literatura,
- Na coluna - Unidade de Registo - organizamos os segmentos de conteúdo a considerar como unidade de base, de modo a categorizar e a contar as frequências ocorridas, optámos por recortes baseados nos temas abordados nas entrevistas.
- Na coluna - Enumeração – foram contabilizados os registos das referências sobre as temáticas tratadas, pelos entrevistados.

Para permitir uma quantificação das referências que surgiram no decurso da investigação também houve necessidade de reformular a matriz de análise. A mesma manteve as colunas – Subcategorias e Indicadores – mas substituímos as colunas da Unidade de Registo e Enumeração por (fr.) para as Frequências e (%) para as Percentagens, além disso introduzimos os totais parciais e os totais gerais para cada Subcategoria.

O uso do método qualitativo - análise de conteúdo apresentou validade na compreensão da importância do tratamento dos dados, apesar da opção pelas operações estatísticas simples como o cálculo de frequência, estabelecendo um panorama de resultados que conduz a uma relação de conhecimentos relativos a esta realidade específica.

4 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, além da caracterização do contexto onde decorreu a investigação e dos seus participantes, estão expostos os quatro eixos definidos inicialmente e que funcionaram como orientação da mesma, a saber: a existência de orientações institucionais para o uso das TIC em contexto da BE; a importância dada à BE pelos professores e outras estruturas, segundo a perceção dos PB; conhecer metodologias e práticas de articulação das TIC com o currículo e verificar as dificuldades nessa articulação e formas de as ultrapassar adotadas pelos PB.

Ao longo da apresentação e interpretação dos resultados iremos procurar respostas às questões colocadas.

4.1. Caracterização do contexto da investigação

Uma vez traçado o panorama teórico e conceptual que suporta este estudo iremos, nesta segunda parte deste projeto, enquadrar geográfica e socioeconomicamente o concelho abrangido e contextualizar a população analisada.

4.1.1 Caracterização do Concelho¹⁰

Para compreender melhor o universo da investigação importa conhecer melhor as suas características. O concelho de Santarém apresenta uma área de cerca de 56.000 hectares, podendo afirmar-se como sendo de média dimensão à escala nacional, situando-se na margem direita do Tejo, limitado pelo mesmo e pelas serras de Aire e Candeeiros. Este é o concelho mais povoado da Lezíria do Tejo, apresentando das mais elevadas densidades populacionais desta NUT III. A sua implantação numa planície aluvial fértil potencia a prática da agricultura e da pecuária. Além destas atividades económicas também possui indústrias de cerâmica, de madeira, alimentares, químicas, metalúrgicas, de celulose, de material de transporte e de construção civil.

A cidade de Santarém engloba as freguesias de Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, S. Salvador e S. Nicolau, que constituem a União de Freguesias de Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, S. Salvador e S. Nicolau. Aqui residem cerca de 30 mil habitantes, resultado do aumento considerável de população nas últimas décadas,

¹⁰ Dados recolhidos em: <http://www.cm-santarém.pt/concelho/caracterizacaodoconcelho/Paginas/Default.aspx>

consequência do movimento migratório das freguesias rurais para as freguesias urbanas, fenómeno generalizado a todo o país. A sede do concelho disponibiliza aos munícipes serviços descentralizados da administração pública e privada e implantação de um conjunto diversificado de atividades comuns a uma capital de distrito, tais como: serviços de saúde, ensino, segurança social e administração interna. Como oferta de serviços de ensino obrigatório público existem quatro agrupamentos de escolas, que se caracterizam de seguida para uma melhor compreensão do contexto em estudo.

4.1.2 Caracterização dos Agrupamentos de Escolas do Concelho¹¹

Como já foi referido anteriormente o concelho de Santarém tem à disposição dos seus munícipes quatro agrupamentos de escolas maioritariamente urbanos, todavia, com características eminentemente rurais apresenta apenas um agrupamento. Conhecido este enquadramento interessa compreender, mais em pormenor, as características de cada um deles.

O Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado situa-se no concelho e na cidade de Santarém, inserido numa freguesia urbana e é constituído por 6 estabelecimentos de ensino desde Jardins de Infância até escola secundária. Este agrupamento tem 3 bibliotecas escolares embora apenas duas estejam integradas na RBE e tem dois professores bibliotecários.

O Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira é o que tem uma maior área geográfica de abrangência e o maior número de alunos do concelho, com 21 estabelecimentos de ensino entre Jardins de Infância e escola secundária, apenas 4 escolas (escola secundária, escola do 2º e 3º ciclo e escolas do 1º ciclo) fazem parte da freguesia urbana sendo as restantes em 7 freguesias rurais nas imediações da cidade. Este agrupamento tem 3 bibliotecas escolares e três professores bibliotecários.

O Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano é constituído por 12 estabelecimentos de ensino, desde Jardins de Infância e escola 2º e 3º ciclo de escolaridade e encontra-se distribuído entre a freguesia urbana e 3 freguesias rurais sendo que, a maioria dos estabelecimentos fazem parte do limite urbano. Este agrupamento tem 2 bibliotecas escolares e dois professores bibliotecários.

¹¹ Dados recolhidos em: <http://www.cm-santarem.pt/apoioaomunicep/gai/Documents/Olhar%20o%20Concelho/OlharoConcelho.pdf>

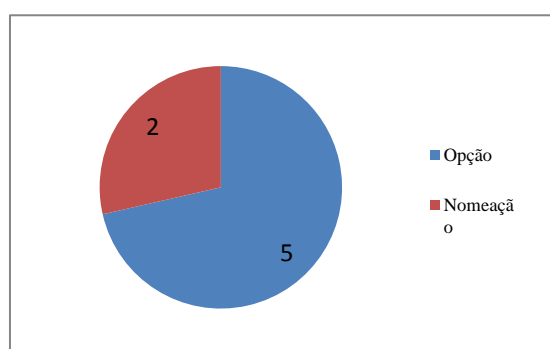
O Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques congrega duas freguesias rurais – Alcanede e Pernes - que distam entre si cerca de 20 Km e apresenta 29 estabelecimentos de ensino, desde Jardins de Infância a escolas do 2º e 3º ciclo de escolaridade. A sede do agrupamento situa-se na freguesia de Alcanede, 23 Km a norte de Santarém, próxima das serras de Aire e Candeeiros e inserida numa comunidade cujas principais atividades económicas são: a indústria extrativa e transformadora, a silvicultura, a pecuária e a agricultura. A freguesia de Pernes está situada a 20 Km de Santarém e as suas atividades económicas são: a indústria da madeira e engarrafamento de água, pecuária e agricultura. As escolas que constituem este agrupamento estão inseridas em comunidades em que existe heterogeneidade socioeconómica, diversidade na oferta de trabalho, um nível económico equilibrado, embora também existam famílias com fracos recursos económicos. Este agrupamento tem 3 bibliotecas escolares embora apenas duas estejam integradas na RBE e tem dois professores bibliotecários.

4.2. Caracterização dos participantes

Os participantes nesta investigação podem ser caracterizados como um grupo heterogéneo sob várias vertentes, quer no que diz respeito à forma como começaram a desempenhar funções, à sua formação inicial (bacharelato e licenciatura), à formação mais específica para exercer as funções de PB ou ao tempo em que exercem estas funções.

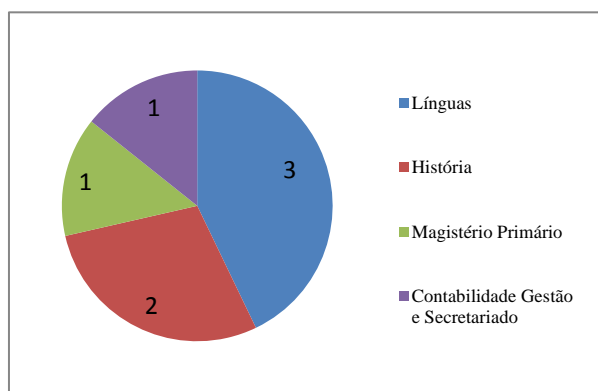
Abrangendo uma população de 7 indivíduos pudemos observar, no gráfico 1, que a maioria (5) exercem a função de PB por opção, isto é, manifestaram interesse e/ou concorreram a esta posição e que apenas 2 foram nomeados, entre os docentes destes agrupamentos de escolas.

Gráfico 1 - Exercício de funções



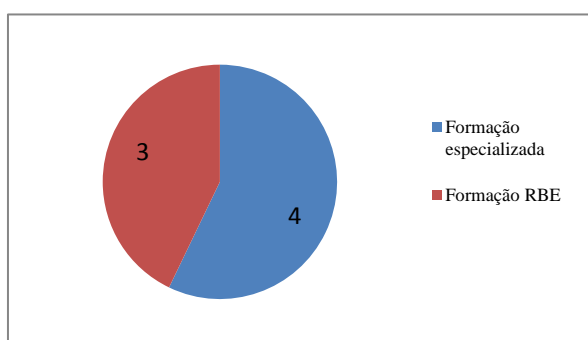
No que diz respeito à formação inicial, os dados também revelam que existe diversidade na formação de base, apresentando duas áreas distintas com maior predominância, as Línguas nas quais se inserem os cursos de Literatura (2 PB) e 1 de Português/Francês e o curso de História. Os restantes apresentam formação no Magistério Primário e em Contabilidade, Gestão e Secretariado.

Gráfico 2 – Formação Inicial



Em complemento desta formação os participantes indicam a frequência de formação específica direccionada para a área da Biblioteconomia, das Ciências Documentais e das Bibliotecas Escolares em particular. Assim, podemos observar no gráfico 3 que 4 participantes se inserem nessa secção e que apenas 3 participantes indicam possuir a formação disponibilizada pela RBE, no quadro da formação contínua exigida para estas funções.

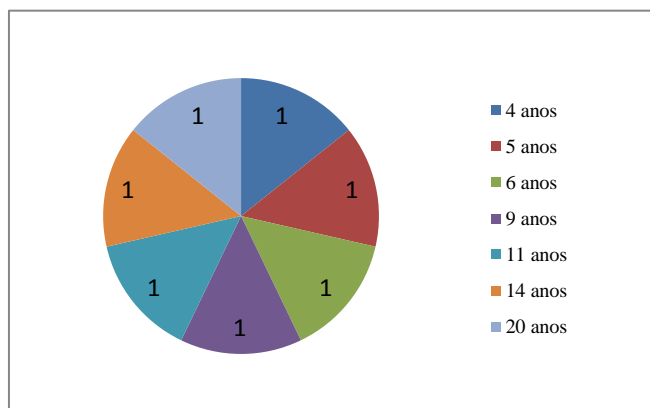
Gráfico 3 – Formação em Bibliotecas Escolares



No que diz respeito ao tempo em que se encontram a exercer as funções de PB, a disparidade também é significativa, como se pode verificar pelo gráfico 4; podemos

verificar que oscila entre elementos com muita experiência (20 anos) e outros com experiência mais reduzida (4 anos).

Gráfico 4 – Anos em exercício



Conhecida esta caracterização sumária dos participantes na investigação interessa dar início à interpretação do conjunto de dados recolhidos, por entrevista, por análise documental e na pesquisa efetuada para verificar a utilização das ferramentas *Web 2.0* na *Internet*.

Como foi referido anteriormente no ponto - 3.5. Análise e tratamento de dados – foram construídas grelhas para interpretar os dados de cada dimensão, categoria e indicador sobre o tema em questão.

Seguidamente, no Quadro 4 - Quadro Global de distribuição das Frequências, estão apresentados os totais parciais (dos Indicadores e das Categorias) e os totais globais das Dimensões, para um melhor entendimento da globalidade dos resultados.

Quadro 4 – Quadro Global de distribuição das Frequências

| DIMENSÃO | CATEGORIA | INDICADORES | fr | % |
|---------------------------|--|--|-----|------|
| O papel dos PB na Escola | Escolha Profissional | Opção Oportunidade | 12 | 75 |
| | | Nomeação | 4 | 25 |
| | | Total parcial | 16 | 4,8 |
| | | Línguas | 4 | 18,1 |
| | | História | 3 | 13,6 |
| | | Outra | 2 | 9 |
| | | Especializada | 6 | 27,3 |
| | | RBE | 7 | 31,8 |
| | | Total parcial | 22 | 6,6 |
| | | Satisfação | 9 | 56,2 |
| | | Decrescimento da satisfação | 7 | 43,7 |
| | | Total parcial | 16 | 4,8 |
| | | Menos de 10 | 4 | 57,1 |
| | | Mais de 10 | 3 | 42,8 |
| | | Total parcial | 7 | 2,1 |
| | Considerações sobre o papel do PB | Agregador | 2 | 5 |
| | | Central | 15 | 37,5 |
| | | Mediador | 2 | 5 |
| | | Elô de ligação | 6 | 15 |
| | | Divulgador | 6 | 15 |
| | | Criativo | 9 | 22,5 |
| | | Total parcial | 40 | 12,1 |
| | Relevância para a escola e alunos | Relevância | 13 | 76,4 |
| | | Perda de relevância | 4 | 23,5 |
| | | Total parcial | 17 | 5,1 |
| | Influência na estrutura educacional da sua escola | Integração | 8 | 14,5 |
| | | Valorização | 10 | 18,1 |
| | | Sensibilidade | 1 | 1,8 |
| | | Falta de sensibilidade | 18 | 32,7 |
| | | Proximidade | 8 | 14,5 |
| | | Perda de influência | 10 | 18,1 |
| | | Total parcial | 55 | 16,6 |
| | Principais funções do PB | Promotor da leitura | 20 | 22,9 |
| | | Apoio ao currículo | 8 | 9,1 |
| | | Apoio ao utilizador | 13 | 14,9 |
| | | Gestão | 6 | 6,8 |
| | | Articulação | 18 | 20,6 |
| | | Acompanhamento individual | 8 | 9,1 |
| | | Equipa | 12 | 13,7 |
| | | Assistentes Operacionais | 2 | 2,2 |
| | | Total parcial | 87 | 26,3 |
| | | Promoção da leitura | 2 | 2,8 |
| Escola, Professores e TIC | Uso das TIC na Escola | Promoção do currículo | 5 | 7,1 |
| | | Apoio ao utilizador | 12 | 17,1 |
| | | Gestão da BE | 29 | 41,4 |
| | | Articular | 13 | 18,7 |
| | | Dinamizar atividades | 9 | 12,8 |
| | | Total parcial | 70 | 21,2 |
| | | Total geral | 330 | 100 |
| | Peritência em diferentes contextos | Perda de interesse | 7 | 11,6 |
| | | Pouco equipamento | 8 | 13,3 |
| | | Rapidez na evolução | 5 | 8,3 |
| | | Facilitadores | 6 | 10 |
| | | Importantes | 23 | 38,3 |
| | | O que são TIC | 5 | 8,3 |
| | | Ética | 6 | 10 |
| | | Total parcial | 60 | 15,5 |
| | Possibilidades de articulação | Peritência | 18 | 100 |
| | | Total parcial | 18 | 4,6 |
| | | Facilidade em articular | 18 | 45 |
| | | Dificuldade em articular | 12 | 30 |
| | | Articulação institucional | 5 | 12,5 |
| | Como é feita a articulação | Direção facilitadora | 5 | 12,5 |
| | | Total parcial | 40 | 10,3 |
| | | Relacionamento | 20 | 54 |
| | | Departamento | 6 | 16,2 |
| | | Direção | 2 | 5,4 |
| | | Comitê | 4 | 10,8 |
| | Atividades e projetos desenvolvidos | Pressão dos alunos | 5 | 13,5 |
| | | Total parcial | 37 | 9,6 |
| | | Concursos institucionais | 7 | 17,5 |
| | | Projetos Europeus | 3 | 7,5 |
| | | Projetos da BE | 9 | 22,5 |
| | | Articulação curricular | 16 | 40 |
| | | Jornal Escolar | 1 | 2,5 |
| | | Exploração BE | 2 | 5 |
| | | Visibilidade | 2 | 5 |
| | | Total parcial | 40 | 10,3 |
| | Como se organizam | Informalidade | 11 | 29,7 |
| | | Formalidade | 3 | 8,1 |
| | | PB acessível | 8 | 21,6 |
| | | Professores colaboradores | 12 | 32,4 |
| | | Rotinas | 3 | 8,1 |
| | | Total parcial | 37 | 9,6 |
| | Dificuldades sentidas | Tempo | 32 | 28,5 |
| | | Resistência em articular | 19 | 16,9 |
| | | Resultados | 2 | 1,7 |
| | | Desmotivação | 15 | 13,3 |
| | | Orientações institucionais | 10 | 8,9 |
| | | Montanhas | 4 | 3,5 |
| | | Falta de iniciativa | 1 | 0,8 |
| | | Professores pouco conhecedores das TIC | 2 | 1,7 |
| | | Falta de equipa | 13 | 11,6 |
| | | Falta de recursos/equipamento | 14 | 12,5 |
| | | Total parcial | 112 | 29 |
| | Formas de ultrapassar as dificuldades | Não ultrapassadas | 12 | 29,2 |
| | | Políticas educativas | 2 | 4,8 |
| | | Seduzir os professores | 7 | 17 |
| | | Equipa | 8 | 19,5 |
| | | Facilitar o currículo | 9 | 21,9 |
| | | Articulação com a Biblioteca Municipal | 3 | 7,3 |
| | | Total parcial | 41 | 10,6 |
| | | Total geral | 385 | 100 |
| o das TIC pelo PB na BE | Visão ou Pressupostos PB | Literacia da Informação | 4 | 4,5 |
| | | Literacia Tecnológica | 1 | 4,5 |
| | | Articulação | 1 | 4,5 |
| | | Acesso/Disponibilização da informação | 2 | 9 |
| | | Gestão informacional | 1 | 4,5 |
| | Orientações PB | Trabalho colaborativo | 2 | 4,5 |
| | | Literacia da Informação | 5 | 22,7 |
| | | Literacia Tecnológica | 2 | 9 |
| | | Articulação | 3 | 13,6 |
| | | Apoio ao Currículo | 2 | 9 |
| | Visão ou Pressupostos BE | Apoio ao utilizador | 1 | 4,5 |
| | | Trabalho colaborativo | 1 | 4,5 |
| | | Total parcial | 1 | 4,5 |
| | | Literacia da Informação | 22 | 6,8 |
| | | Literacia Tecnológica | 2 | 4,8 |
| | | Acesso/Disponibilização da informação | 8 | 19,5 |
| | Orientações BE | Apoio ao Currículo | 1 | 2,4 |
| | | Gestão Informacional | 2 | 4,8 |
| | | Disponibilizar equipamentos | 7 | 17 |
| | | Disponibilizar recursos educativos | 5 | 12,1 |
| | | Literacia da Informação | 4 | 9,7 |
| | Conhecimento e utilização das TIC pelo PB | Gestão Informacional | 3 | 7,3 |
| | | Disponibilizar equipamentos | 3 | 7,3 |
| | | Total parcial | 41 | 6,9 |
| | | Bom conhecimento | 7 | 16,6 |
| | | Conhecimentos razoáveis | 9 | 21,4 |
| | | Utilização independente | 6 | 14,2 |
| | | Formação específica | 2 | 4,7 |
| | | Formação da Rede | 7 | 16,6 |
| | | Formação Autodidática | 11 | 26,1 |
| | | Total parcial | 42 | 6,9 |
| | Contextos da utilização das TIC na BE | Uso irregular | 13 | 11,7 |
| | | Acessibilidade | 8 | 7,2 |
| | | Literacia da Informação | 7 | 6,3 |
| | | Literacia Tecnológica | 19 | 17,1 |
| | | Apoio ao currículo | 9 | 8,1 |
| | | Apoio ao utilizador | 8 | 7,2 |
| | | Gestão da BE | 3 | 2,7 |
| | | Divulgação | 11 | 9,9 |
| | | Entretimento | 6 | 5,4 |
| | | Formação | 5 | 4,5 |
| | Utilização de ferramentas Web 2.0 pelo Professor Bibliotecário | Duplicação | 11 | 9,9 |
| | | Construir conhecimento | 11 | 9,9 |
| | | Total parcial | 111 | 2,6 |
| | | Literacia Informação | 93 | 2,3 |
| | | Literacia Tecnológica | 1 | 0,02 |
| | | Apoio ao utilizador | 3 | 0,07 |
| | | Apoio ao currículo | 2 | 0,04 |

| | | | | |
|--|--|---------------|------|------|
| | | Divulgação | 3917 | 97,4 |
| | | Cessão | 5 | 0,1 |
| | | Total parcial | 4021 | 98,9 |
| | | Total geral | 4237 | 100 |

4.3. Orientações institucionais para a utilização das TIC

Para conseguir responder à questão - Quais são as orientações institucionais para o uso das TIC no contexto da Biblioteca Escolar? - analisámos um total de seis documentos e procedemos à compilação numa Grelha Análise de Documentos Orientadores, baseada em documentação proveniente das instituições que orientam o funcionamento das bibliotecas escolares e públicas. Nesses documentos procedemos à procura de referências ao uso das TIC, no que diz respeito à figura do PB e relativamente às valências e ao trabalho inerente ao funcionamento de uma BE.

Quadro 5 - Documentos orientadores - Referência ao uso das TIC

| 1ª CATEGORIA: PAPEL DO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO | | | |
|---|--|----|------|
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
| Visão ou Pressupostos | Literacia da Informação | 1 | 12,5 |
| | Literacia Tecnológica | 1 | 12,5 |
| | Articulação | 1 | 12,5 |
| | Acesso/ Disponibilização da informação | 2 | 25 |
| | Gestão informatizada | 1 | 12,5 |
| | Trabalho colaborativo | 2 | 25 |
| Total parcial | | 8 | 36,3 |
| Orientações | Literacia da Informação | 5 | 35,7 |
| | Literacia Tecnológica | 2 | 14,2 |
| | Articulação | 3 | 21,4 |
| | Apoio ao Currículo | 2 | 14,2 |
| | Apoio ao utilizador | 1 | 7,1 |
| | Trabalho colaborativo | 1 | 7,1 |
| Total parcial | | 14 | 63,6 |
| Total geral | | 22 | 100 |

| 2ª CATEGORIA: PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR | | | |
|--|--|----|------|
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
| Visão ou Pressupostos | Literacia da Informação | 6 | 19,3 |
| | Literacia Tecnológica | 2 | 6,4 |
| | Acesso/ Disponibilização da informação | 8 | 25,8 |
| | Apoio ao Currículo | 1 | 3,2 |
| | Gestão informatizada | 2 | 6,4 |
| | Disponibilizar equipamentos | 7 | 22,5 |
| | Disponibilizar recursos educativos | 5 | 16,1 |
| Total parcial | | 31 | 75,6 |
| Orientações | Literacia da Informação | 4 | 40 |
| | Gestão informatizada | 3 | 30 |
| | Disponibilizar equipamentos | 3 | 30 |
| Total parcial | | 10 | 24,3 |
| Total geral | | 41 | 100 |

O quadro 5 apresenta uma divisão em duas categorias, o Papel do PB e o Papel da BE que condensa dois aspetos que estão interligados, uma vez que no nosso entender as

funções exercidas pelos professores bibliotecários potenciam o espaço físico e os recursos disponibilizados nas bibliotecas. Esta forma de apresentação revelou-se mais funcional para a mostrar os dados recolhidos. Optámos por subdividir nas seguintes subcategorias – Visão ou Pressupostos e Orientações, assumindo que estes documentos transmitem uma separação entre a visão geral do que se pretende numa biblioteca através do uso das tecnologias e a definição de orientações concretas que estruturam o que deve ser feito nas bibliotecas escolares inseridas na RBE.

No que diz respeito à visão ou pressupostos do papel do PB quanto ao uso das TIC o que se destaca é o acesso/ disponibilização da informação e o trabalho colaborativo, com 25% de referênciação.

De forma equivalente, com 12,5% de referênciação apresenta-se a literacia da informação, a literacia tecnológica, a articulação e a gestão informatizada. Estes indicadores apresentam um total parcial de 36,3% das referências sobre aquilo que se pressupõe quanto ao uso das tecnologias pelos PB.

Quanto às orientações, relativas ao papel do PB, a maior prevalência (35,7%) reside na literacia da informação, depois na articulação (21,4%), com a mesma percentagem de referênciação estão a literacia tecnológica e o apoio ao currículo (14,2%) e, por último, também com igual percentagem o apoio ao utilizador e o trabalho colaborativo (7,1%). Os dados indicam a relevância na ação do PB no que respeita a literacia da informação, num investimento com largos anos (o documento mais antigo tem 20 anos). Esta subcategoria agrega a maior percentagem de referências, num total de 63,6%.

Na categoria relativa à BE, no que diz respeito à visão ou pressupostos sobre a mesma, o que sobressai, com 25,8%, está relacionado com o acesso/disponibilização da informação, em segundo lugar surge a disponibilização de equipamentos (22,5%), a promoção da literacia da informação (19,3%), a disponibilização de recursos educativos (16,1%), depois a promoção da literacia tecnológica bem como a gestão informatizada, com 6,4% e, em último lugar, apenas com 3,2% o apoio ao currículo. Estes dados refletem aquilo que se pretendia de uma BE quando se criou a rede de bibliotecas, ou seja, privilegiar a disponibilização de recursos e informação e posteriormente o investimento na formação para a sua utilização. A maior percentagem de referências insere-se nesta subcategoria, com 75,6%.

Nas Orientações sobre o uso das TIC na BE apenas encontramos três indicadores, a saber: a Literacia da Informação (40%) e a Gestão Informatizada e disponibilização de equipamentos, com 30% de referências. O predomínio está na promoção da literacia, embora a importância deste indicador não coincida com os dados da Visão ou Pressupostos para uma BE, onde surge em terceiro lugar depois da disponibilização de diferentes tipos de recursos.

4.4. Enquadramento pessoal e profissional dos Professores Bibliotecários

No que diz respeito à análise de conteúdo das entrevistas a primeira parte ou primeira categoria – Escolha Profissional – serviu para adquirir conhecimento dos antecedentes de cada um dos participantes, qual a formação profissional inicial, a forma como esta função surgiu na sua vida profissional, há quanto tempo exercem esta função, qual a formação específica para a exercerem e averiguar o grau de satisfação relativamente ao exercício da mesma, em suma, pretendeu-se construir um enquadramento que permitisse compreender o que levou este conjunto específico de professores a serem PB.

Quadro 6 - Escolha Profissional

| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
|---------------------------------|--------------------------|----|------|
| Exercício de funções | Opção/ Oportunidade | 12 | 75 |
| | Nomeação | 4 | 25 |
| Total parcial | | 16 | 26,2 |
| Formação Inicial | Línguas | 4 | 18,1 |
| | História | 3 | 13,6 |
| | Outra | 2 | 9 |
| Formação Específica em BE | Especializada | 6 | 27,2 |
| | RBE | 7 | 31,8 |
| Total parcial | | 22 | 36 |
| Satisfação pela função exercida | Satisfação | 9 | 56,2 |
| | Decréscimo da satisfação | 7 | 43,7 |
| Total parcial | | 16 | 26,2 |
| Anos em exercício | Menos de 10 | 4 | 57,1 |
| | Mais de 10 | 3 | 42,8 |
| Total parcial | | 7 | 11,4 |
| Total geral | | 61 | 100 |

Os dados do quadro 6, de acordo com as referências coligidas, apontam para uma maioria dos entrevistados que exerce esta função por opção (75%) e para um número reduzido de nomeados (25%). Este exercício de funções decorre de uma escolha consciente, não de uma imposição, para alguns participantes, enquanto para outros foi encarado como uma oportunidade ou desafio. Em relação aos PB nomeados

constatámos que a seleção dos mesmos se ficou a dever ao facto de fazerem parte da equipa da BE ou de colaborarem com a mesma “não havia ninguém que conhecesse melhor a biblioteca (...); E avanço eu” (P5), podemos então inferir que terá sido essa a principal razão para terem sido escolhidos, esta orientação é preconizada no Relatório Profissional da IFLA, N°41 (1995) da seguinte forma “Deve ser assegurado que os futuros bibliotecários escolares tenham treino adequado no interior do serviço de uma ou mais bibliotecas escolares antes de assumirem a responsabilidade de administrarem eles próprios uma biblioteca.” (p.19).

Constatámos ainda que entre os sete participantes existe uma distribuição não equitativa quanto à sua formação inicial, com preponderância para a formação na área da Literatura e das Línguas (Indicador Línguas), em segundo lugar com formação em História e por fim, no Magistério Primário e em Contabilidade, Gestão e Secretariado. Pode-se entender que, nesta população, as áreas de formação não variam muito, embora não o possamos ampliar para o universo de todos os PB do país, por se tratar de uma pequena amostra.

Quanto à formação específica em Bibliotecas Escolares, em Ciências Documentais ou em Gestão de Bibliotecas Escolares obtida em Pós-Graduação e em Mestrado, é apontada por 27,2% das referências. Os restantes PB apenas possuem formação proporcionada de forma constante pela RBE, para a qual existe uma obrigatoriedade de frequência, definida pela Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho que indica o seguinte no ponto dois do Artigo 15.º: “Ao longo de cada período de quatro anos de exercício do cargo, o professor bibliotecário deverá fazer um mínimo de 50 horas de formação contínua em bibliotecas escolares.” (p.4491).

Esta amostra de participantes por conveniência revelou um grupo de PB com níveis de experiência díspares. Para uma análise mais simples agrupamos em dois indicadores - mais de 10 anos e menos de 10 anos. No primeiro existem 42,8% de referências e no segundo 57,1% das mesmas e apurámos que o PB com menor experiência exerce esta função há quatro anos e o com maior experiência há vinte anos.

Este grupo revela satisfação quanto ao exercício desta função, esse é sentimento manifestado pela maioria, num total de 9 referências (56,2%), embora alguns dos participantes apontem um decréscimo no grau de satisfação ao longo dos anos, tendo

mesmo um dos participantes suspendido o exercício desta função - “No ano letivo passado tive mesmo de parar e não exercer esta função, porque já não havia entusiasmo, já não sentia o desafio” (P1).

4.5. Importância dada às Bibliotecas Escolares por parte da Escola e dos Professores na percepção dos Professores Bibliotecários

Os resultados obtidos nesta dimensão, que aborda o papel do PB na Escola, pretendem alcançar compreensão sobre a sua integração e relevância na Escola, além de identificar as suas principais tarefas.

Quadro 7 – Papel do Professor Bibliotecário na Escola

| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
|---|---------------------------|-----|------|
| Considerações sobre o papel do PB | Agregador | 2 | 5 |
| | Central | 15 | 37,5 |
| | Mediador | 2 | 5 |
| | Elo de ligação | 6 | 15 |
| | Divulgador | 6 | 15 |
| | Criativo | 9 | 22,5 |
| Total parcial | | 40 | 18,6 |
| Relevância para a escola e alunos | Relevância | 13 | 76,4 |
| | Perda de relevância | 4 | 23,5 |
| Total parcial | | 17 | 7,9 |
| Influência na estrutura educacional da sua escola | Integração | 8 | 14,5 |
| | Valorização | 10 | 18,1 |
| | Sensibilidade | 1 | 1,8 |
| | Falta de sensibilidade | 18 | 32,7 |
| | Proximidade | 8 | 14,5 |
| | Perda de influência | 10 | 18,1 |
| Total parcial | | 55 | 25,7 |
| Principais funções do PB | Promotor da leitura | 20 | 22,9 |
| | Apoio ao currículo | 8 | 9,1 |
| | Apoio ao utilizador | 13 | 14,9 |
| | Gestão | 6 | 6,8 |
| | Articulação | 18 | 20,6 |
| | Acompanhamento individual | 8 | 9,1 |
| | Equipa | 12 | 13,7 |
| | Assistentes Operacionais | 2 | 2,2 |
| Total parcial | | 87 | 40,6 |
| Descrição de uma semana de trabalho | Promoção da leitura | 2 | 2,8 |
| | Apoiar o currículo | 5 | 7,1 |
| | Apoiar o utilizador | 12 | 17,1 |
| | Gestão da BE | 29 | 41,4 |
| | Articular | 13 | 18,5 |
| | Dinamizar atividades | 9 | 12,8 |
| Total parcial | | 70 | 32,7 |
| Total geral | | 214 | 100 |

Apurou-se que os PB consideram que o papel por eles desempenhado, bem como pelos seus congéneres, apresenta um carácter fundamental numa escola. Essa ideia é expressa sobre a forma de várias unidades de registo, agregadas em diferentes indicadores que refletem essa mesma conceção: Agregador, Central, Mediador e Elo de ligação. São definidos como agregadores de aprendizagens e de projetos (P1), como mediadores entre a sala de aula e a biblioteca (P3); porém a maioria considera o PB com um papel central numa escola, no processo de ensino/aprendizagem (P2), uma função com um carácter muito exigente (P6) mas discreto (P5) e com relevância para o uso das TIC na escola (P7). Outro aspeto mencionado com grande relevo é o facto de o PB ser considerado como um elo de ligação, fundamentalmente com os professores, além das estruturas intermédias, alunos e restante comunidade (P7).

A vertente enquanto divulgador também apresenta relevo de significado para o P5 (6 fr. – 15%) sobressaindo a ideia que a biblioteca tem de se destacar, mostrar o seu acervo e património além de mostrar como pode apoiar a comunidade educativa, em suma, apresentando-se como “o marketing” (P5) da instituição.

No processo de análise emergiu um outro papel – o de criativo – com 22,5%, sendo o PB encarado como aquele que promove a inovação, a originalidade e introduz estímulo para a diferenciação na prática letiva dos professores “para não se cair naquele “rame-rame” de fazer sempre a mesma coisa” (P4), quer para implantar novas abordagens ao currículo através da apresentação de “ideias aos diversos (ideias interessantes, ideias estimulantes) aos colegas” (P6), quer na forma de divulgação de atividades e projetos à comunidade escolar.

As questões da necessidade e relevância de um PB também são entendidas como sendo de grande pertinência: “O cargo é relevante numa escola, se for desempenhado rigorosamente e se for reconhecido pelas estruturas superiores, sim!” (P3). Estas questões são referidas por quase todos os intervenientes, assumindo maior expressão no que diz respeito ao relacionamento com os alunos “a quem eles recorrem” (P2), “recorrem a nós para se precisarem de alguma coisa” (P4) e “Onde lhes é permitido desenvolver atividades” (P6) ou com outros intervenientes da comunidade educativa “uma pessoa que esteve no Conselho Geral e esteve aqui, deu-me os parabéns” refere (P5). Frisando este entendimento estão as Directrizes da IFLA/UNESCO para

Bibliotecas Escolares¹² (2006) “O papel fundamental do bibliotecário é contribuir para a missão e para os objectivos da escola, incluindo os processos de avaliação, e para desenvolver e promover os da biblioteca escolar.” (pp.11-12).

No entanto, existe algum desencantamento por parte de alguns entrevistados (23,5% de referências) que indicam que o seu papel “tem vindo a perder essa preponderância e importância.” (P1), perceptível pela falta “de reconhecimento por parte de órgãos superiores desta função” (P3), apesar dessa circunstância o desencanto não se sobrepõe ao sentimento geral do relevo deste papel.

Quanto à opinião dos PB sobre a sua influência na estrutura educacional da escola pudemos esclarecer que existem vários prismas referenciados, tais como: a integração, a valorização, a sensibilidade e a falta desta, a proximidade e a perda de influência.

A integração é aludida 14,5%, num total de 8 referências, como sendo real: “a gestão integrou o professor bibliotecário, de acordo com a legislação, mesmo antes da legislação” (P2), “eu tive uma facilidade, que foi entrar logo para o pedagógico” (P5) e “influenciar a nível do desenvolvimento do currículo e também na colaboração dos projetos que se desenvolvem na escola.” (P7). Por seu lado a valorização no seu todo, pela direção e pela restante comunidade também é referida de forma significativa, com 18,1% (10 fr.), e consubstanciada pelas seguintes afirmações “a escola valoriza a biblioteca e utiliza muito a biblioteca!” (P1), “A Direção reconhece muito o trabalho que é feito, tem valorizado bastante todo este esforço que tem sido feito “ (P4); “consegui, nos últimos anos, trazer a comunidade educativa à biblioteca.” (P7).

A sensibilidade para a necessidade e importância do papel do PB e da BE numa escola, como elemento facilitador, é potenciada quando “Há Diretores que têm, de facto, uma sensibilidade e reconhecem a importância que a biblioteca pode ter” (P1). Em contraponto, existem escolas e direções “onde é mais complicado.” (P1) e onde “Muitas vezes não somos apoiados pelas direções precisamente porque eles não sabem qual é a nossa missão” (P6). Esta percepção manifestada pelos entrevistados indicia que “se não for dada importância à figura do professor bibliotecário por parte das estruturas superiores para os alunos também não se torna importante.” (P3), este é o sentimento

⁵Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

geral expressado por esta amostra sintetizado na seguinte afirmação “o papel da biblioteca é importantíssimo mas ainda ninguém percebeu.” (P6).

Os aspetos relacionados com a proximidade, facilitadora da integração nas estruturas educacionais, apresentam duas variantes, de acordo com o tipo de escola “nas escolas básicas, o professor bibliotecário consegue desenvolver um trabalho mais articulado com a generalidade dos professores” (P1); e com a forma de relacionamento entre o PB e a Direção “eu sei que esta minha proximidade com a Direção” (P5), “esta proximidade também me ajudou muito enquanto Professora Bibliotecária” (P5) e “nunca deixei de poder bater à porta e de lá poder intervir diretamente” (P6). Porém, “Atualmente tem vindo a perder essa preponderância e importância.” (P1), papel dos PB tem perdido reconhecimento “Neste momento, não é muito vincado esse papel, só pontualmente” (P3), “é-lhe dado algum valor, sim, mas não há a mesma implicação global estruturante.” (P3), podemos então dizer que “neste momento é muito diminuta a influência, na estrutura organizacional da escola.” (P6) e “Quando não se é coordenadora o desligamento é total!” (P6).

Ainda na esfera da compreensão sobre as funções do PB numa escola importa esclarecer a interligação das mesmas, desdobrando-se nas seguintes linhas de ação, a saber: promotor da leitura, apoio ao currículo, apoio ao utilizador, gestão e a articulação. Perante os dados do quadro 7 deparamos com três enfoques que surgiram aliados ao papel do PB que são, o acompanhamento individual, a equipa e os assistentes operacionais.

A visão estratégica, manifestada de forma transversal, com maior preponderância e maior percentagem de referências (22,9%) é a promoção da leitura, encarada como “função central” (P1), este encorajamento deverá ser estabelecido sem desprezar as inovações tecnológicas (na escola e na sociedade) e as mudanças de hábitos dos jovens e restantes utilizadores, assim “a promoção da leitura tem de passar, necessariamente, por estes novos suportes e por estas tecnologias” (P1).

Em segundo lugar, com 20,6% das referências, figura a articulação. O que os PB afirmam é a pretensão em tentar estabelecer acordos no interior da comunidade educativa (professores, departamentos, direção e outros) visando “ser um elemento facilitador da tarefa do professor” (P4), encarando a BE como “um polo dinamizador

dos projetos da escola e do desenvolvimento do currículo.” (P7), “da construção do conhecimento” (P6) e promoção “das TIC.” (P6).

Quanto ao apoio ao utilizador, com 14,9% de referências, o PB é definido como tendo “o papel de acompanhar os miúdos no espaço da biblioteca” (P2) e na “orientação dos alunos no estudo, também as TIC ao fim ao cabo.” (P6).

A vertente de apoio ao currículo, que surge com 9,1% de referências, deve ter como foco que “Em todas atividades desenvolvidas deve estar sempre presente a componente educativa.” (P7) e servir como “apoio aos docentes em termos de disponibilização de materiais vários” (P2).

As tarefas relacionadas com a gestão (6,8% de referências) consistem em “Estabelecer contactos, fazer o marketing da Biblioteca através de diversos canais, organizar eventos com escritores, concursos, participação em projetos, etc.” (P7), não obstante a existência de algum desagrado quanto ao cariz mais técnico desta função, manifestado pelo P4 que refere que a catalogação “é a parte mais difícil e é a parte mais desnecessária nas nossas funções” (P4), entendendo que esta deveria ser efetuada por técnicos da Biblioteca Municipal em todas as bibliotecas de modo a estabelecer uniformidade nas mesmas.

Como já referido anteriormente perante os dados recolhidos no decurso das entrevistas, emergiram três enfoques aliados ao papel desempenhado pelo PB. O aspeto dos recursos humanos em especial a Equipa, referenciada 13,7% pelos participantes, realçado pelo documento Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares¹³ (2006)

O bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente profissionalmente habilitado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar. É apoiado por uma equipa tão adequada quanto possível, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras. (p.11).

O aspeto relacionado com a possibilidade e disponibilidade para estabelecer um relacionamento mais intimista com os alunos, denominado acompanhamento individual, também assume destaque, aludido em 9,1% das referências, considerado como “talvez o

¹³Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) de Maria José Vitorino

único sítio onde o professor tem tempo para dar atenção ao aluno, individualmente” (P6) sendo o PB “Um pouco mais acessível que os restantes” (P2).

O último aspeto, manifestado apenas com 2,2% das referências, concerne os Assistentes Operacionais, na perspetiva destes PB o papel dos mesmos reveste-se de valor e é estabelecido com especial pertinência no documento acima referido “O auxiliar de biblioteca presta contas ao bibliotecário e apoia-o nas suas funções. Esta posição requer conhecimentos e competências tecnológicas e de manutenção e apoio geral. O auxiliar deve ter formação prévia sobre bibliotecas.” (2006, p.12).

Para completar a análise deste domínio averiguamos a atuação e as rotinas de trabalho que os PB mantêm numa semana de trabalho e, posteriormente, tentámos corroborar se verificavam coincidências com as linhas de ação referidas na subcategoria – Principais funções do PB. Pelo que nos foi dado a entender, as tarefas que envolvem a gestão da BE são as que mais ocupam os participantes (na sua totalidade, com 29 referências, isto é, 41,4%) e que estas envolvem um vasto conjunto de iniciativas, no pressuposto de “responder a todas as exigências da Rede de Bibliotecas Escolares.” (P7).

O trabalho que envolve a articulação também apresenta especial primazia nas rotinas dos PB - “tentando interligar as atividades do apoio educativo, a oferta complementar com as atividades da biblioteca” (P4) verificando “Se há requisições de sala para a semana? Quais são os professores que cá vêm? O que é que cá vêm fazer? O que é que está previsto?” (P5) e é referida por 18,5%, com 13 fr..

Com ordem decrescente em termos de referenciação estão os indicadores: apoiar o utilizador, dinamizar de atividades, apoiar o currículo e a promoção da leitura com 17,1%, 12,8%, 7,1% e 2,8%, respetivamente.

O que ocupa principalmente o PB, como sugerem os dados, é o que concerne a gestão, depois tudo o que diz respeito às tarefas de apoio ao utilizador, à articulação e apoio ao currículo, equilibrado em termos da utilização do tempo. Sem embargo, embora os participantes afirmem que o PB é, primordialmente, promotor da leitura (indicador com 22,9% na subcategoria – Principais funções do PB), na realidade tudo o que envolve diligências nesse sentido não ocupa a maior parte do seu tempo numa biblioteca, uma vez que a promoção da leitura apenas é referenciada 2,8% no indicador - Descrição de uma semana de trabalho.

4.6. Integração das TIC na BE

Neste domínio visamos alcançar compreensão sobre a forma como é que os Professores Bibliotecários entendem a pertinência das TIC em vários contextos educacionais e como as integram nas atividades da BE.

Quadro 8 – As TIC e as TIC na Biblioteca Escolar

| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
|---|----------------------------|-----|------|
| Uso das TIC na Escola | Perda de interesse | 7 | 11,6 |
| | Pouco equipamento | 8 | 13,3 |
| | Rapidez na evolução | 5 | 8,3 |
| | Facilitadoras | 6 | 10 |
| | Importantes | 23 | 38,3 |
| | O que são TIC | 5 | 8,3 |
| | Ética | 6 | 10 |
| Total parcial | | 60 | 25,9 |
| Pertinência da sua utilização em diferentes contextos (formais e não formais) | Pertinência | 18 | 100 |
| Total parcial | | 18 | 7,7 |
| Conhecimento e utilização das TIC pelo PB | Bons conhecimentos | 7 | 16,6 |
| | Conhecimentos razoáveis | 9 | 21,4 |
| | Formação específica | 6 | 14,2 |
| | Formação da Rede | 2 | 4,7 |
| | Formação autodidata | 7 | 16,6 |
| | Utilização interdependente | 11 | 26,1 |
| Total parcial | | 42 | 18,1 |
| Contextos da utilização das TIC na BE | Uso irregular | 13 | 11,7 |
| | Acessibilidade | 8 | 7,2 |
| | Literacia da informação | 7 | 6,3 |
| | Literacia tecnológica | 19 | 17,1 |
| | Apoio ao currículo | 9 | 8,1 |
| | Apoio ao utilizador | 8 | 7,2 |
| | Gestão da BE | 3 | 2,7 |
| | Divulgação | 11 | 9,9 |
| | Entretenimento | 6 | 5,4 |
| | Formação | 5 | 4,5 |
| | Duplicação | 11 | 9,9 |
| | Construir conhecimento | 11 | 9,9 |
| Total parcial | | 111 | 48 |
| Total geral | | 231 | 100 |

Neste estudo emergiram dois indicadores - a conceção de o que são TIC e a questão da Ética na sua utilização - que retratam algumas das questões problemáticas, com as quais os PB se deparam, perante o que é solicitado pela Sociedade da Informação e os cuidados e reservas que se impõem ao lidar com os jovens, pais e encarregados de educação.

O conjunto de PB afirma que o uso das TIC é importante na Escola, essa leitura é manifestada por 38,3% de referências nesse sentido - “Agora é essencial, nem há que passar sem elas, de maneira nenhuma.” (P5), além de serem facilitadoras (10%) sob vários aspetos - “eu sempre vi nas novas tecnologias uma ferramenta que não só nos pode facilitar o trabalho diário como permite que o nosso trabalho tenha outro alcance.” (P1) e “porque aproxima, porque também é, portanto uma tecnologia de comunicação e permite, realmente aproximar as pessoas e facilitar a comunicação entre elas.” (P3).

Contudo existem alguns constrangimentos, referidos pelos entrevistados, que dificultam ou impedem uma utilização ótima das TIC na escola e na BE em particular, tais como: o pouco equipamento (13,3%), a perda de interesse (11,6%) e a rapidez na evolução tecnológica (8,3%) também são apontados.

No que diz respeito aos aspetos relacionados com perceção de o que são TIC e as questões éticas na sua utilização constatamos que, apesar de ser aludido por poucos PB estas temáticas assumem alguma pertinência, com mais relevo para a Ética (6 fr.), como se depreende do entendimento do P6: “Depois há todas as questões éticas, o que é que se pode, o que é que não se pode, onde é que estão os limites, onde é que não estão.”.

A pertinência da utilização das TIC em contextos diversos, formais ou não formais, manifestada de forma inequívoca por todos os PB, com 100% de referências, como sublinha o P7 “Hoje, em dia, já não se pode ensinar sem a presença constante das TIC.”.

Ainda de acordo com o quadro 8 pode-se depreender que o conhecimento e a utilização das TIC assume patamares, com maior ou menor grau de proficiência; por seu lado, a formação relacionada com as TIC dos PB envolvidos no estudo também foi adquirida em diferentes moldes.

Verifica-se que apenas 16,6% das referências enquadram-se no indicador – bons conhecimentos - que podemos definir como ter conhecimento e facilidade no uso de diversas tecnologias e/ou *software*, evidenciado pelas seguintes afirmações “Eu tenho centenas de horas de formação ligadas às tecnologias” (P1); “Senti sempre um grande fascínio por isso e fui fazendo formações” (P6) e “No diz respeito aos conhecimentos tenho muita formação na área das Tecnologias da Informação.” (P7). Enquanto 21,4% das referências apontam para conhecimentos razoáveis na interação com as TIC “Eu tenho alguns conhecimentos no âmbito da utilização das TIC através de formações

contínuas que tenho vindo a frequentar” (P3), contudo é manifestada alguma insatisfação pela noção de desconhecimento das grandes potencialidades proporcionadas pelas tecnologias - “O uso de ferramentas, não tão diversas como eu gostaria” (P2).

No que diz respeito à formação (mais aperfeiçoada, a disponibilizada pela RBE ou autodidata), 14,2% dos PB dizem possuir formação específica em TIC: “tenho muita não certificada.” (P5) e “formações gratuitas, pagas, *online*, *offline*. Cursos que eu fui frequentando, de tudo um pouco, desde as aplicações do Windows a montagens de vídeo” (P6), os restantes PB indicam apenas possuir a formação contínua proporcionada pela RBE na área das tecnologias e das ferramentas associadas (4,7% das referências).

Estas formações com carácter mais formal são complementadas pela formação autodidata, o que ocorre pela necessidade constante de aperfeiçoamento sentida pelos mesmos, evidenciada com algum significado através de 16,6% de referências, sempre com o intuito de aprender para poder melhorar os seus conhecimentos de modo a poder ensinar e/ou partilhar - “portanto a minha formação foi sempre aprender a fazer aquilo que eu sentia que tinha necessidade de fazer, de aprender.” (P6) e “estou também eu a fazer uma autoformação para poder depois trabalhar quer com as colegas quer com os alunos.” (P2).

O outro aspeto manifestado tem a ver com a noção de, na função de professor e de PB, não existirem atividades em que as TIC não tenham cabimento, estando isto relacionado com o uso interdependente, quer para pesquisa, quer na organização de aulas ou planificação de atividades ou ainda na divulgação das mesmas, no seio ou fora da comunidade escolar. Para este grupo esta ligação é tão significativa, 26,1% referem-na (11 fr.), e de tal forma interligada que afirmam “De forma pessoal é o meu meio de trabalho, não concebo, neste momento, o trabalho de outra maneira!” (P2), “ Eu quase que só utilizo as TIC a nível profissional, pessoal acaba por estar dependente.” (P4) e “as TIC estão sempre presentes quer na parte de gestão da biblioteca quer na parte dos serviços prestados aos utentes.” (P7).

Importa agora conhecer em que contextos se empregam as TIC nas BE. Os mesmos assumem vertentes relacionadas com as orientações definidas como linhas de ação para a atuação do PB e daquilo que lhe é solicitado institucionalmente (RBE e o

Agrupamento de Escolas) e/ou pelos utilizadores. Nesta parte da análise, além de serem evidenciadas algumas dificuldades relacionadas com a utilização das tecnologias também assomou um ponto significativo no contexto socioeconómico atual, o da acessibilidade.

Perante os dados revelados no quadro 8 julgamos como significativo as TIC propiciarem a construção de conhecimento e a divulgação (ambos indicadores com 9,9% de referenciação) salientando assim a abrangência que o seu uso em contexto da BE permite.

O indicador acessibilidade assomou durante a análise dos dados, apresentando uma dimensão que não estava prevista quando iniciámos este estudo. Referido 7,2% (8 fr.) transmite a perceção de apenas na escola ser possível, a alguns alunos, o acesso a equipamentos (computadores) e à *Internet*, esta noção é transmitida, principalmente, pelos relatos dos PB que trabalham com as zonas mais limítrofes do concelho (ver 4.1.2. Caracterização dos Agrupamentos de Escolas do Concelho). Será então a escola a proporcionar meios que promovam “a democraticidade do Saber, a igualdade de oportunidades e as novas Tecnologias da Informação e do Conhecimento”, defendem Ramos e Ramos (2012, s/p).¹⁴

A perspetiva de uso das tecnologias na BE como meio para o entretenimento também é referida 5,4%, visto este espaço também assumir uma função recreativa.

Quanto à formação, embora com menor percentagem de referenciação – 4,5%, também revela a importância que é dada a este aspeto que a biblioteca proporciona.

A RBE, de acordo com outras instituições internacionais, define diretrizes sobre o trabalho do PB nas bibliotecas, como já foi referido no ponto 4.2. Daí que os indicadores que surgem no quadro 8 relativo aos Contextos da utilização das TIC na BE sejam equivalentes aos aspetos referenciados pelos documentos orientadores dessas instituições. A primazia vai para preocupação com a literacia tecnológica (17,1%), depois para o apoio ao currículo (8,1%), o apoio ao utilizador (7,2%), a literacia da informação (6,3%) e finalmente a gestão da BE com 2,7%. É interessante verificar que

¹⁴ Comunicação do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas sem número de página.

sendo a gestão uma das tarefas que mais ocupa e implica o uso das TIC, como pudemos deduzir dos dados acima referidos, seja referenciada apenas 3 vezes.

Contudo, apesar das possibilidades introduzidas pelas TIC na BE, referidas anteriormente, são manifestados confrangimentos ao seu uso, com maior preponderância para o uso irregular das TIC nas BE, 11,7% das referências (13 fr.), o que pode indiciar algum receio na sua utilização pedagógica, conforme Pereira e Oliveira (2012) afirmam “Muitos são os estudiosos em defesa da inclusão das TIC na educação nos incentivando ao seu uso e aplicação. Contudo, é importante conhecer como aplicá-las pedagogicamente.” (p.236). Com menor preponderância a questão da duplicação (9,9%), que diz respeito à repetição de informação “porque acho que se repete informação” (P3) e às “presenças nas plataformas sociais” (P6) refletindo a noção de ter “de filtrar um bocadinho e temos que nos direccionar para um sítio.” (P3).

Quadro 9 – Utilização de ferramentas Web 2.0 pelo Professor Bibliotecário

| INDICADORES | FERRAMENTAS | Utilizações | % |
|-------------------------|-------------------------|-------------|-------|
| Literacia da Informação | Slideboom | 1 | 1,05 |
| | Youtube | 1 | 1,05 |
| | Diigo | 93 | 97,8 |
| Total parcial | | 95 | 2,3 |
| Literacia Tecnológica | Slideshare | 1 | 100 |
| Total parcial | | 1 | 0,05 |
| Apoio ao Utilizador | Slideboom | 1 | 33,3 |
| | Wix | 1 | 33,3 |
| | Calaméo | 1 | 33,3 |
| Total parcial | | 3 | 0,08 |
| Apoio ao Currículo | Youtube | 1 | 50 |
| | Wiki | 1 | 50 |
| Total parcial | | 2 | 0,07 |
| Divulgação | Blogue no Blogspot | 463 | 11,8 |
| | Blogue no Wordpress | 167 | 4,2 |
| | Microblogging (Twitter) | 2738 | 69,9 |
| | Wix | 1 | 0,025 |
| | Slideboom | 20 | 0,5 |
| | Box.net | 3 | 0,07 |
| | Slideshare | 41 | 1,04 |
| | Issuu | 13 | 0,33 |
| | Kizoa | 5 | 0,12 |
| | Onedrive | 1 | 0,025 |
| | Youtube | 30 | 0,7 |
| | Facebook | 408 | 10,4 |
| | Calaméo | 3 | 0,07 |
| | Smilebox | 3 | 0,07 |
| | Google Drive | 5 | 0,12 |
| | Google Apresentações | 1 | 0,025 |
| | Picture Trail | 4 | 0,1 |
| | Brainspark | 13 | 0,33 |

| | | | |
|---------------|------------|------|------|
| Total parcial | | 3917 | 97,4 |
| Gestão | Issuu | 2 | 40 |
| | Slideshare | 3 | 60 |
| Total parcial | | 5 | 0,1 |
| Total geral | | 4023 | 100 |

O quadro 9 revela o conhecimento e utilização de ferramentas da *Web 2.0* em número com algum significado – 19 ferramentas no total, que no entanto se repetem consoante o tipo de resultados pretendidos ou tarefas para as quais foram utilizadas. O seu uso foi verificado e comprovado nas múltiplas plataformas que as disponibilizam, em acesso aberto.

A maioria das ferramentas está associada à divulgação das atividades das bibliotecas escolares, de eventos significativos e outras iniciativas, apresentando 97,4% das referências. Com menor significado surge a sua utilização para a promoção da literacia da informação (2,3%), depois para a gestão da BE (0,1%), o apoio ao utilizador (0,08%), o apoio ao currículo (0,07%) e finalmente com apenas 0,05% a literacia tecnológica.

Segundo os dados do mesmo quadro pudemos identificar um conjunto de ferramentas *Web 2.0* em consonância com a literatura analisada, tais como os blogues, *Twitter*, *Diigo*, *Facebook*, *Youtube*, *SlideShare*, *Slideboom*, entre outras averiguadas, de acordo com Pombo e Alves (2012) “Quanto ao conhecimento e utilização das ferramentas *Web 2.0*, os professores bibliotecários entrevistados referem conhecer e utilizar as ferramentas *Prezzi*, *Blogue*, *E-bookings*, *Google docs*, *Flickr*, *Youtube*, *Diigo*, *Facebook* e *SlideShare*.”. (p.36).

Os blogues inserem-se nas ferramentas com mais utilização e servem como plataforma de acesso ou disponibilização de outras a eles associadas, como refere Pinheiro (2009) “O blogue da biblioteca pode ainda servir para a disponibilização de conteúdos armazenados noutros locais (ex. *Slideshare*, *Scribd*, *Flickr*, *Podcast*).” (p.4).

O recurso às redes sociais também assume relevo entre as ferramentas usadas pelos PB, de acordo com Cunha e Figueiredo (2012), referindo-se a Arroyo Vásques (2008) “As BEs devem inserir-se nestas redes sociais para se integrarem com os jovens, mas também para ganhar visibilidade e usufruir dos laços que se criam para promover informações, atividades, notícias e eventos organizados pela BE” (p.3).

4.7. Dificuldades na integração das TIC e formas de as ultrapassar

Na categoria respeitante às práticas pedagógicas apontámos a nossa análise na obtenção de respostas à pergunta - Que dificuldades encontram os Professores Bibliotecários no processo de integração das TIC e como as conseguem contornar?

Quadro 10 – Práticas Pedagógicas

| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | fr | % |
|---------------------------------------|--|-----|------|
| Possibilidades de articulação | Facilidade em articular | 18 | 45 |
| | Dificuldade em articular | 12 | 30 |
| | Articulação institucional | 5 | 12,5 |
| | Direção facilitadora | 5 | 12,5 |
| Total parcial | | 40 | 13 |
| Como é feita a articulação | Relacionamento | 20 | 54 |
| | Departamento | 6 | 16,2 |
| | Direção | 2 | 5,4 |
| | Contágio | 4 | 10,8 |
| | Pressão dos alunos | 5 | 13,5 |
| Total parcial | | 37 | 12 |
| Como se organizam | Informalidade | 11 | 29,7 |
| | Formalidade | 3 | 8,1 |
| | PB acessível | 8 | 21,6 |
| | Professores colaboradores | 12 | 32,4 |
| | Rotinas | 3 | 8,1 |
| Total parcial | | 37 | 12 |
| Atividades e projetos desenvolvidos | Concursos institucionais | 7 | 17,5 |
| | Projetos Europeus | 3 | 7,5 |
| | Projetos da BE | 9 | 22,5 |
| | Articulação curricular | 16 | 40 |
| | Jornal Escolar | 1 | 2,5 |
| | Explorar a BE | 2 | 5 |
| | Visibilidade | 2 | 5 |
| Total parcial | | 40 | 13 |
| Dificuldades sentidas | Tempo | 32 | 28,5 |
| | Resistência em articular | 19 | 16,9 |
| | Resultados | 2 | 1,7 |
| | Desmotivação | 15 | 13,3 |
| | Orientações institucionais | 10 | 8,9 |
| | Monetárias | 4 | 3,5 |
| | Falta de iniciativa | 1 | 0,8 |
| | Professores pouco conhecedores das TIC | 2 | 1,7 |
| | Falta de equipa | 13 | 11,6 |
| | Falta de recursos/equipamento | 14 | 12,5 |
| Total parcial | | 112 | 36,4 |
| Formas de ultrapassar as dificuldades | Não ultrapassadas | 12 | 29,2 |
| | Políticas educativas | 2 | 4,8 |
| | Seduzir os professores | 7 | 17 |
| | Equipa | 8 | 19,5 |
| | Facilitar o currículo | 9 | 21,9 |
| | Articulação com a Biblioteca Municipal | 3 | 7,3 |
| Total parcial | | 41 | 13,3 |
| Total geral | | 307 | 100 |

O quadro acima aborda a questão da articulação sobre os seguintes prismas: possibilidade em articular, como esta é feita e como é que os PB se organizam para conseguirem que a articulação aconteça.

Os dados apontam para a facilidade em articular entre professores e o PB, como demonstram os significativos 45% (fr.18); todavia surgem 30% das referências que apontam para a existência de entraves a uma articulação sistemática. As referências à articulação institucional e à direção facilitadora estão equiparadas com 12,5% (fr.5) cada, indiciando que se houver uma política de incentivo à articulação ela é possível nas escolas.

No respeitante à forma como se conseguem coordenar, para que a articulação entre o PB e os outros professores exista, destaca-se o indicador relacionamento com 54% que esclarece que o mesmo se faz numa “base pessoal” (P1), depois através do departamento (16,2%) onde “No início do ano, há, por vezes, fazemos propostas.” (P2), também pode acontecer por pressão dos alunos (13,5%) ou por contágio entre os professores (10,8%). Em último, a articulação pode ser consequência da intervenção da direção (5,4%).

Para que essa articulação se verifique têm de existir professores colaborantes (32,4%), isto é, aqueles que “estavam mais recetivos àquelas, às atividades.” (P7), alguma informalidade no contacto (29,7%) e um PB que seja acessível nesse contacto (21,6%). Com a mesma percentagem de referências (8,1%) surgem as rotinas e a formalidade, a primeira que indica que algumas atividades se repetem ao longo do tempo e a segunda demonstra que estabelecer regulamentação pode não resultar na articulação desejada - “Podem pôr nos regulamentos o que quiserem, as reuniões que quiserem que, se não houver este trabalho feito por fora, não se consegue.” (P1).

Relativamente às atividades e projetos desenvolvidos na BE, em primeiro lugar aparece a articulação curricular com 40%, como salienta (P7) “A equipa da biblioteca escolar fez imensas atividades em parceria com os professores das diversas áreas disciplinares.”, de seguida os projetos promovidos pela BE (22,5%), os Concursos Institucionais (17,5%), difundidos pela RBE ou outras instituições/organizações, os Projetos Europeus (7,5%), as atividades de exploração dos recursos da BE e aquelas que

difundem aquilo que é feito na mesma ou na escola - indicador visibilidade - com igual referência (5%) e, por fim o Jornal Escolar apenas com 2,5%.

Os PB transmitem como dificuldades sentidas as seguintes: com maior predominância o tempo (28,5%), isto é, a difícil gestão do mesmo; a resistência em articular com 16,9% evidenciada pela afirmação “o professor bibliotecário precisa da disponibilidade e da vontade dos outros para que o seu trabalho vigore, digamos, sem os outros estamos praticamente isolados.” (P3); a desmotivação que existe na classe docente (13,3%); a falta de recursos/equipamento, com 12,5%; a falta de equipa (11,6%) como apoio do seu trabalho; as orientações institucionais que colocam obstáculos (8,9%); as questões monetárias (3,5%); os resultados escolares (1,7%) como evidência (P1) “porque mais uma vez está toda a gente centrada na questão dos ... resultados e como esta questão das tecnologias tem vindo a perder peso”; o indicador – professores pouco conhecedores das TIC, que emergiu durante a análise dos dados, também com 1,7% e com a menor predominância a falta de iniciativa dos professores (0,8%).

Nesta análise procuramos inteirar-nos das estratégias adotadas pelos PB para ultrapassar as dificuldades que enfrentam no trabalho na BE.

Os dados do quadro 10 revelam que as dificuldades “que têm surgindo nem estão a ser ultrapassadas!” (P3), com 29,2% das referências, por outro lado facilitar o currículo (21,9%) pode servir para as ultrapassar, com a ajuda da equipa (19,5%), “uma equipa interventiva, uma equipa criativa” (P4); ou através da sedução dos professores de acordo com 17% das referências.

A consecução da articulação com a Biblioteca Municipal (BM), por intermédio do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) é referida 7,3%; além disso os PB também afirmam que as dificuldades podem ser superadas através da implementação de políticas educativas, com 4,8% das referências.

5 – CONCLUSÃO

Na reta final desta “viagem” pretendemos elucidar sobre as principais ilações que retiramos desta investigação. Este projeto baseado num estudo de caso teve como objeto central da investigação adquirir conhecimento sobre a forma como as ferramentas e serviços da *Web 2.0* são utilizados nas bibliotecas escolares, através da ação do professor bibliotecário.

Com consciência das dificuldades que se apresentavam numa abordagem exaustiva deste tema e/ou alargada a nível nacional, por se tratar de um assunto ainda pouco estudado e por impedimentos relacionados com a janela temporal, decidimos escolher uma hipótese com mais viabilidade de consecução num âmbito mais circunscrito – os professores bibliotecários do concelho de Santarém. Salientamos ainda que, neste estudo de caso, a preocupação quanto ao rigor esteve sempre presente.

Com a revisão da literatura intentámos construir uma base que permitisse fundamentar todo o trabalho de investigação e que permitisse consolidar as opções que foram tomadas durante todo o processo. Por fazermos parte do contexto em estudo existiam algumas presunções e generalizações quanto aos resultados da investigação, algumas dessas hipóteses iniciais vieram a confirmar-se e outras foram aparecendo durante o decurso da mesma.

De acordo com fundamentação teórica pudemos verificar que a adição de tecnologia na instituição Escola tem vindo a introduzir alterações na forma de ensinar e na forma de adquirir conhecimento, o atual paradigma educacional contempla competências que anteriormente não eram exigidas aos intervenientes (alunos e professores). Perante este cenário de constante mudança e adaptação, a BE e o PB têm assumido um papel com relevo, apresentando e introduzindo domínio sobre as novas técnicas de trabalho (trabalho em parceria e/ou colaborativo), competências na pesquisa, seleção e tratamento da informação disponibilizada pelas tecnologias, bem como conhecimentos sobre a utilização das TIC, sob uma perspetiva com vocação educativa. O PB pela sua formação e vocação generalista convoca a união de diferentes intervenientes, da escola ou exteriores à escola e lança reptos que permitam agregar diferentes formas de construir conhecimento, de forma estimulante e agregadora.

A escola desempenha um papel integrador para os alunos, quer no que diz respeito à questão da acessibilidade às tecnologias quer no acesso à informação por elas veiculada, assim pudemos constatar (através da literatura e da interpretação fornecida pelos participantes) que apenas na escola e na BE, em particular, existem condições para impedir a infoexclusão e de assegurar igualdade de direitos no acesso e no tratamento da informação. Na nossa perspetiva este apresenta-se como um dos maiores desafios que se colocam aos professores bibliotecários, o de permitir e facilitar a todos o contacto com as tecnologias e com a informação.

Verificámos que existe uma consciência apurada da importância e da relevância do uso das TIC nas bibliotecas escolares e que os PB as consideram como sendo pertinentes e imprescindíveis na escola e no seu trabalho, em especial. Os PB em questão indicam ter conhecimentos razoáveis quanto às ferramentas da *Web 2.0*, resultado de diferentes tipos de formação (formação contínua prestada pelos Centros de Formação além da disponibilizada pela RBE, mais direccionada para objetivos específicos nas bibliotecas escolares), aliada a muita de carácter autodidata.

Ao encetarmos este estudo a nossa preocupação era compreender como eram utilizadas as ferramentas da *Web 2.0* pelos PB, contudo perante a recolha de dados efetuada pudemos verificar e identificar que plataformas e ferramentas *online* são usadas e constatámos que as mais utilizadas são os blogues (*Blogger* e *Wordpress*), o *Facebook*, o *Twitter*, o *Youtube*, o *Diigo*, o *SlideShare* ou o *Slideboom*, entre outras e cuja utilização apresenta menor significado. Perante estes dados verificámos que, embora exista reconhecimento quanto às potencialidades pedagógicas das referidas ferramentas, o seu uso está, em larga medida, vocacionado para a divulgação e difusão da BE, principalmente as suas atividades e os trabalhos realizados pelos alunos. Por seu lado, a dificuldade e resistência em utilizar estas ferramentas em contexto pedagógico pelos docentes e as dificuldades pela falta de recursos e/ou equipamentos podem explicar a razão pela qual as mesmas são usadas, fundamentalmente, para a divulgação e difusão.

A questão da duplicação também é focada, isto é, o facto de a BE estar presente e de tentar manter a sua presença *online* em várias plataformas e/ou redes sociais. Assegurar esta presença e esta duplicação apresenta aspetos positivos e aspetos negativos e se por um lado favorece o contacto com um público mais alargado (alunos, professores e pais e

encarregados de educação), por outro lado implica um gasto de tempo que poderia ser empregue noutras tarefas.

A exploração das ferramentas para o desenvolvimento das competências relacionadas com a Literacia da Informação é outro aspeto que surge mas sem expressão significativa, verificando-se assim que, embora este seja a linha orientadora com maior preponderância para a RBE, na prática estas habilidades não estão a ser devidamente exploradas, sendo um impedimento para conseguir atingir a construção de novos conhecimentos.

Quanto ao desenvolvimento das competências relacionadas com a Literacia Tecnológica os testemunhos revelaram que as tarefas dos PB envolvem a apresentação, exploração e acompanhamento dos alunos em procedimentos básicos de interação com as tecnologias. Os alunos que convivem diariamente com as tecnologias revelam muitas lacunas na utilização de *software* e de ferramentas em situação de aprendizagem, não conhecendo recursos úteis para o seu percurso escolar. Esta situação absorve o PB impedindo-o de atingir outro nível de trabalho com alunos.

Estas dificuldades resultam de um conjunto de constrangimentos manifestados, tais como a falta de tempo, resultante das inúmeras tarefas aliadas à função de PB, nomeadamente na gestão da BE que consome a maior parte do tempo; da inexistência de uma equipa que complemente esta ação; além de alguma perda de interesse resultante, em algumas situações, da existência de pouco equipamento; também pela rapidez na evolução das tecnologias e do vasto leque de oferta de ferramentas e de *software*. A questão do tempo parece ser fulcral porque coloca impedimentos na descoberta e exploração das potencialidades disponibilizadas pelas TIC e pela *Internet*.

Relativamente à questão da equipa, em alguns casos inexistente, com poucos elementos ou com um número de horas reduzido, é apresentada como influenciadora para o desempenho do PB, através de uma colaboração que complementa o seu papel e auxilia na gestão da BE. O outro interveniente nesta colaboração, que potencia o trabalho do PB, é a existência de Assistente Operacional com formação específica e que esteja em permanência na biblioteca. A articulação de todos estes componentes é um fator que imprime qualidade no trabalho realizado numa BE e facilitador do trabalho do PB, este

enquadramento apenas acontece quando existe sensibilidade para o papel das bibliotecas escolares por parte das direções dos agrupamentos.

Constatámos que a imagem do PB, positiva ou negativa, influência muito o trabalho que este pode e consegue realizar, as parcerias e articulações assentam numa base de confiança e de bom relacionamento entre professores e o mesmo, a informalidade e o contacto com professores dispostos a colaborar com a BE são os componentes que desencadeiam as melhores parcerias e os melhores resultados, que podem conduzir a um maior número de cooperações. Nas palavras de um entrevistado “o efeito de contágio”.

Consideramos que este projeto, enquanto estudo de caso, possibilitou a nível pessoal criar uma perspetiva sobre as potencialidades que as ferramentas *Web 2.0* e as TIC admitem, compreender os diferentes posicionamentos que os PB adotam perante as mesmas, contribuir para a reflexão sobre as práticas desenvolvidas nas bibliotecas escolares, além de permitir uma melhoria na nossa interação com alunos e com professores. Aliada a esta vertente mais pessoal também ambicionamos um contributo para um âmbito mais alargado, na investigação nacional, em virtude desta temática apresentar um carácter pertinente face às mudanças educacionais introduzidas pelas TIC com uma consequente necessidade de aprofundamento nesta área específica.

5.1. Limitações do estudo

Como limitações a este estudo podemos indicar a inexperiência do investigador, em virtude de se tratar da sua estreia em investigação. Essa inexperiência manifestou-se sob vários aspetos tais como: a manutenção do ritmo de trabalho ou as inseguranças quanto à validade e à qualidade da recolha de dados. Estas dificuldades foram constantes e verificaram-se no decorrer de todo este processo. Contudo, houve sempre uma preocupação de garantir a validade de cada um dos procedimentos da investigação.

Outra das limitações tem a ver com o facto de esta investigação não possibilitar uma generalização a todos os PB, visto a população em causa ser em número reduzido, se compararmos com o universo destes docentes em todo o país.

5.2. Propostas de intervenção

Considerando este trabalho como um processo que apresenta circunstâncias favoráveis a um maior aprofundamento, julgámos adequado introduzir algumas propostas para desenvolvimento de futuras investigações, a saber:

- Compilar um pequeno conjunto de atividades desenvolvidas com recurso às TIC, que tenham conseguido resultados positivos numa determinada BE e tentar a sua aplicação em todas as escolas do concelho, fazendo as devidas adaptações (recursos, público-alvo). Essa implementação teria registo do seu acompanhamento e avaliação do processo e dos resultados.
- Identificar as dificuldades e as necessidades de formação relacionadas com a aplicação das ferramentas *Web 2.0* para os PB de modo a conseguir uma utilização mais proficiente e interativa na dinamização da BE, nas suas diferentes vertentes.

A concretização deste Mestrado revestiu-se de grande importância para as nossas competências profissionais no que concerne o exercício de funções como professora bibliotecária. Esta investigação permitiu-nos compreender com maior clareza as lacunas que subsistem na utilização das tecnologias em contexto escolar, em particular no espaço da BE, esta constatação apresenta-se como um desafio para um eventual aprofundamento desta temática, em estudos posteriores, em consonância com as propostas acima referidas.

REFERÊNCIAS

- Balça, Â., & Fonseca, M. A. (2012). Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária. *Revista Lusófona de Educação*, (20), 65-80. [Em linha]. Retirado de <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2938>
- Barroso, I. M. M. F. (2010). *Professor bibliotecário : um facilitador de aprendizagem*. (Mestrado), Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto. [Em linha]. Retirado de <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/396>
- Bogdan, R., & Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Calixto, J. A. (2003). *Literacia da informação : um desafio para as bibliotecas*. Paper presented at the Homenagem ao Professor Doutor José Marques, Porto. [Em linha]. Retirado de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5551.PDF>
- Calixto, J. A., & Carrão, M. L. (2012). *As tecnologias de informação e comunicação na promoção da leitura em bibliotecas escolares: uma revisão da literatura preliminar*. Paper presented at the Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa. [Em linha]. Retirado de <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/348>
- Carneiro, R. (2005). Prefácio. In R. Silva, & A. Silva (Org.), *Educação, Aprendizagem e Tecnologia - Um Paradigma para Professores do Século XXI*. (pp. 11-13). Lisboa: Edições Sílabo.
- Conde, E. (2005). A Integração das Tecnologias da Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar. *Proform@r Online*, 1-13.
- Costa, F. A. (2011). Digital e Currículo no início do Século XXI. In P. Dias & A. Osório (Eds.), *Aprendizagem (In)formal na Web Social* (pp. pp. 119-142). Braga: Centro de Competências da Universidade do Minho.
- Costa, J., Ferreira, J. C., Domingues, L., Tavares, T., Diegues, V., & Coutinho, C. (2009). *Conhecer e Utilizar a Web 2.0: Um Estudo com Professores do 2º, 3º Ciclos e Secundário*. Paper presented at the Actas do X Congresso

- Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga. [Em linha]. Retirado de
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9592/1/ConhecerWEb2.0pdf.pdf>
- Costa, T. S. d. (2012). *As tecnologias de informação e comunicação e as bibliotecas escolares* (Mestrado), Universidade de Lisboa - Instituto de Educação, Lisboa. [Em linha]. Retirado de
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7609/1/ulfpie042913_tm.pdf
- Coutinho, C., & Lisbôa, E. (2011). Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: Desafio para Educação no século XXI. *Revista de Educação*, Vol. XVIII(nº 1), 5-22. [Em linha]. Retirado de
http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o_VolXVIII,n%C2%BA1_5-22.pdf
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cunha, T. M., & Figueiredo, M. B. (2012). *O impacto da Web 2.0 nas Bibliotecas Escolares das escolas secundárias do concelho de Lisboa*. Paper presented at the Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. [Em linha]. Retirado de
<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/349/pdf>
- Damásio, M. J. (2001). *Práticas Educativas e Novos Media - Contributos para o desenvolvimento de um novo modelo de literacia*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Damásio, M. J. (2007). *Tecnologia e Educação - As Tecnologias da Informação e da Comunicação e o processo educativo*. Lisboa: Nova Vega.
- Das, L. H. (2008). Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho. *Newsletter*, (3). [Em linha]. Retirado de http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0003.htm
- Furtado, C. C. (2009). Bibliotecas Escolares e web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal *Em Questão*, 15, 135-150.
- Gijón, J. L., López, A. P., Gálvez, C., & Caro, C. G. (2006). La biblioteca universitaria como apoyo al aprendizaje en el espacio europeo de enseñanza

- superior. *Encontros Bibli: revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação* (Especial 2), 63-81. [Em linha]. [Em linha]. Retirado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14720596005>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (pp. 200). [Em linha]. Retirado de <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
- IFLA/UNESCO. (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO*. [Em linha]. Retirado de <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>
- IFLA/UNESCO. (2002). *Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares. Versão em português (Portugal)*. Trad. Vitorino. M. J. (2006). [Em linha]. Retirado de <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt.pdf>
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina
- Lima, J. Á. d. (2013). Por uma Análise de Conteúdo mais fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 7-29.
- Loureiro, A., & Rocha, D. (2012). *Literacia Digital e Literacia da Informação - competências de uma era digital*. Paper presented at the II Congresso Internacional TIC e Educação, Lisboa. [Em linha]. [Em linha]. Retirado de <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/376.pdf>
- Lucas, J. F. (2004). Naturaleza da la investigación y evaluación en educación. In K. Santiago (Ed.), *Evaluación Educativa* (pp. 15-52). Madrid: Alianza Editorial.
- Magalhães, M. d. L. (2000). A Formação de leitores e o papel das Bibliotecas *Formar Leitores: o contributo da biblioteca escolar* (pp. 59-71). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Maness, J. M. (2007). Teoria da Biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. *Informação & Sociedade: Estudos*, V. 17(N. 1), pp.43-51. [Em linha]. Retirado de <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/831/1464>
- Meirinhos, M. (2000). *A Escola perante os desafios da Sociedade da Informação*. Paper presented at the Encontro As Novas Tecnologias e a Educação, Instituto Politécnico de Bragança. [Em linha]. Retirado de

https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&cad=rja&uact=8&ved=0CEIQFjAF&url=http%3A%2F%2Fwww.ipb.pt%2F~meirinhos%2FEscolaSI.doc&ei=ij1sVafIG4GUNpf5gfAK&usg=AFQjCNGNZoVZ2u_IcmyntlCtANN_MO9uBg&sig2=L_5SSe8q0S-3RPxzvl2ROA&bvm=bv.94455598,d.d24

Morgado, J. C. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.

Nóvoa, A. (2007). *Desafios do Trabalho do professor no Mundo Contemporâneo* *Palestra de António Nóvoa*. [Em linha]. Retirado de http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf

Pereira, E. G., & Oliveira, L. R. (2012). *TIC na Educação : desafios e conflitos versus potencialidades pedagógicas com a WEB 2.0*. Paper presented at the Conferência Ibérica em Inovação na Educação com TIC, Bragança. [Em linha]. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19923>

Pinheiro, C. (2009). Biblioteca 2.0. *NEWSLETTER 05 RBE*

Pombo, L., & Alves, A. (2012). Web 2.0 na Biblioteca Escolar: suas práticas de utilização. *Indagatio Didactica*, 4(4), 23-40. [Em linha]. Retirado de PROA-UA: plataforma de revistas em open access da Universidade de Aveiro website: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/1771>

PORTUGAL. Ministério da Ciência e da Tecnologia. Missão para a Sociedade da Informação (1997). *Livro verde para a sociedade da informação em Portugal*. Lisboa : M.S.I.

PORTUGAL. Ministério da Educação. Portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho. (2009). *Diário da República n.º 134/09 - 1.ª série*. Lisboa: Ministério da Educação.

PORTUGAL. Rede de Bibliotecas Escolares. (2012). *Aprender com a biblioteca escolar* / coord. Elsa Conde [et al.]. Lisboa: RBE

PORTUGAL. Rede de Bibliotecas Escolares. (2013). *Programa Rede de Bibliotecas Escolares. Quadro estratégico: 2014-2020*. Lisboa: RBE

Pretto, N. d. L. (2011). O Desafio de Educar na Era Digital: Educações. *Revista Portuguesa de Educação*, 24, pp. 95-118.

- Proença, J. P. d. S. (2012a). *Biblioteca Escolar e web 2.0 – questões em torno de algumas práticas em implementação e percepção do impacto no trabalho da biblioteca*. [Em linha]. Paper presented at the II Congresso Internacional TIC e Educação, Lisboa. <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/178.pdf>
- Proença, J. P. d. S. (2012b). *Biblioteca Escolar e Web 2.0 – Questões em torno de algumas práticas em implementação e percepção do impacto no trabalho da Biblioteca* (Mestrado), Universidade Aberta, Lisboa. [Em linha]. Retirado de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2149/1/Tese%20%20joao%20paulo%20proen%C3%A7a.pdf>
- Ramos, M. C., & Ramos, D. (2012). *Bibliotecas escolares: estratégia, liderança e bom senso*. Paper presented at the Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa. [Em linha]. <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/360/pdf>
- Ramos, R. (2015). *Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar* Biblioteca RBE, Vol. 8. R. d. B. Escolares (Ed.) (pp. 32). [Em linha]. Retirado de <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1490/bibliotecarbe8.pdf>
- Sanches, T. (2007). Biblioteca escolar e leitura em tempos de mudança. In F. Leal (Ed.), *Leitura(s)* (pp. 69-77). Porto: Sete Pés.
- Scheirer, B. (2000). *The Changing Role of the Teacher-Librarian in the Twenty-first Century*. (Graduate Student), University of Saskatchewan, Saskatchewan. [Em linha]. Retirado de <http://etad.usask.ca/802papers/scheirer/scheirer.htm>
- Sequeira, M. d. F. (2000). As bibliotecas escolares dos distritos de Braga e Viana do Castelo: uma caracterização *Formar Leitores: o contributo da biblioteca escolar* (pp. 15-26). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, L. M. d. (2000). *Bibliotecas Escolares - Um contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização*. Braga: Livraria Minho.
- Terra, A. L., & Sá, S. (2007). Uma análise do comportamento informacional: a utilização dos recursos da biblioteca escolar. *Cadernos BAD* 2, (2), 82-92. [Em linha]. <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/774/772>
- Todd, R. (2010). Aprendizagem na Escola da Era da Informação: Oportunidades, resultados e caminhos possíveis. *Noesis*, 24-29.

- Todd, R. (2011). *O que queremos para o futuro das bibliotecas escolares* R. d. B. Escolares (Ed.) *Biblioteca RBE*. [Em linha]. Retirado de <http://rbe.mec.pt/np4/396.html>
- Veiga, I., Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T., & Gaspar, T. (1997). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares - Relatório Síntese*. In M. d. Educação (Series Ed.) *Colecção Educação para o Futuro*. [Em linha]. Retirado de http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/94/lancar_rbe.pdf
- Zmuda, A. (2006). Where Does Your Authority Come From? Empowering the Library Media Specialist as a True Partner in Student Achievement. *School Library Media Activities Monthly*, XXII(1). [Em linha]. Retirado de School Library Monthly website: <http://www.schoollibrarymonthly.com/articles/Zmuda2006v23n1p19.html>

APÊNDICES

Apêndice 3.1. Guião da Entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

| | Objetivos específicos | Questões orientadoras para a condução da entrevista |
|---|--|--|
| Bloco 0 Fundamentação da entrevista | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar o entrevistador; - Contextualizar a pesquisa: seu objetivo e pertinência; - Ressaltar a colaboração e importância do entrevistado; - Garantir que os dados aferidos serão utilizados somente em âmbito académico; - Garantir o anonimato do entrevistado; - Informar sobre a duração provável da entrevista e propor a gravação da mesma. | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentações; - Objetivo e contexto da pesquisa; - Solicitar a colaboração do entrevistado ressaltando a importância da sua colaboração; - Confidencialidade dos dados e anonimato do entrevistado; - Duração provável da entrevista. Propor a gravação da entrevista; |
| Bloco 1 Compreensão do contexto da escolha profissional | Recolher dados que permitam caracterizar a formação, os interesses e visão dos Professores Bibliotecários. | <ul style="list-style-type: none"> - O que o/a levou a averredar pela função de Professor Bibliotecário. - Esta situação deriva de uma opção ou de uma imposição. - Qual a sua formação inicial. - Que tipo de formação especializada tem na área das Bibliotecas Escolares. - Há quantos está a exercer. - Exercer esta função dá-lhe satisfação. |
| Bloco 2 Conceção do papel do PB numa escola | Recolher dados que permitam caracterizar a conceção do papel do PB (perspetiva pessoal/perspetiva institucional), intenções, métodos de trabalho e práticas. | <ul style="list-style-type: none"> - O que acha do papel do PB numa Escola. - Considera que o cargo de PB é relevante para a Escola e para os alunos. - Que tipo/Qual a influência de um PB na estrutura educacional da sua escola. - Quais são as principais funções do PB. - Como é uma semana de trabalho nas suas funções. |
| Bloco 3 Conceção sobre as TIC e as TIC na Biblioteca Escolar | Recolher dados que permitam caracterizar as atitudes dos PB face às TIC e a sua utilização com intuito educativo na Biblioteca Escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - Como é entendido o uso das TIC em contexto escolar. - Se existe pertinência na sua utilização em espaços formais e/ou espaços não formais de aprendizagem. - Que conhecimento tem e que utilização faz das TIC (pessoal e profissional). - Em que contextos são utilizadas as TIC na Biblioteca Escolar. |
| Bloco 4 Práticas pedagógicas | Recolher dados que permitam caracterizar as práticas pedagógicas dos Professores Bibliotecários com tecnologias, de modo a compreender como articulam com os outros professores e diferentes disciplinas. | <ul style="list-style-type: none"> - Consegue articular com as outras estruturas (direção/coordenação, departamentos curriculares, grupos disciplinares e clubes). - De que forma é feito? Exemplos. - Que tipo de atividades e projetos promovem. - Como é que se organizam. - Com que dificuldades se deparam. - Como tentam ultrapassar essas dificuldades. |
| Bloco de conclusões | Agradecimentos; Combinação da partilha dos resultados; Encerramento da entrevista. | <ul style="list-style-type: none"> - Agradecimentos; - Combinação da partilha dos resultados; - Encerramento da entrevista. |

Apêndice 3.2. Análise de Conteúdo das Entrevistas

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO - ENTREVISTAS

| 1ª CATEGORIA: ESCOLHA PROFISSIONAL | | | |
|---|------------------------|--|---|
| Compreensão do contexto que conduziu a esta situação profissional. | | | |
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | ENUMERAÇÃO |
| Exercício de funções | Opção/ Oportunidade | <ul style="list-style-type: none"> • “Esta função é, claramente, fruto de uma opção” (P1) • “porque foi uma decisão pessoal (P2); “na biblioteca fui pedindo à gestão para que me fosse dando essas horas. E depois fui começando a desenvolver projetos e depois, naturalmente, as coisas foram acontecendo até chegar aqui!” (P2); “Foi uma opção pessoal!” (P2) • “Várias razões que me levaram a enveredar por essa função, para já considerei-a também como uma oportunidade e ao mesmo tempo um desafio face à minha situação profissional” (P3); “tendo eu alguma experiência na biblioteca escolar e alguma formação, considerei-a como uma oportunidade” (P3); “Não foi nenhuma imposição, foi uma escolha!” (P3) • “Estou como professora bibliotecária, foi assim quase, sei lá, como uma oportunidade que surgiu” (P4); “Ela desafiou-me a apresentar,... revelar, mostrar o meu interesse em ir para professora bibliotecária da biblioteca de primeiro ciclo” (P4) • “Bem, primeiro porque gosto! Acho muito interessante!” (P6); “Quando passei para esta escola acabei por ficar com a biblioteca também, foram-me atribuídas umas horas de biblioteca” (P6); “Foi uma opção!” (P6) | 1 (P1) 3 (P2) 3 (P3) 2 (P4) 3 (P6) T- 12 |
| | Nomeação | <ul style="list-style-type: none"> • “e para a Rede temos de nomear alguém, a ***** é forçada!” (P5); “não havia ninguém que conhecesse melhor a biblioteca (...); E avanço eu” (P5) • “Fui para professora Bibliotecária, porque fiquei ligada à Biblioteca através da criação de um projeto” (P7) ; “a presidente do Conselho Executivo, nomeou-me Coordenadora da Biblioteca e do Núcleo de Projetos” (P7) | 2 (P5) 2 (P7) T- 4 |
| Formação Inicial | Línguas | <ul style="list-style-type: none"> • “A minha formação inicial foi em Literatura” (P1) • “sendo de Português/Francês” (P3); “Do terceiro ciclo e secundário”(P3) • “em Literatura” (P5) | 1 (P1) 2 (P3) 1 (P5) T- 4 |
| | História | <ul style="list-style-type: none"> • “A minha formação inicial é de História” (P2); “minha primeira formação, a minha formação inicial é História, portanto sou licenciada em História” (P2) • “História” (P6) | 2 (P2) 1 (P6) T- 3 |
| | Outras | <ul style="list-style-type: none"> • “A minha formação inicial foi o Magistério Primário” (P4) • “tirei a licenciatura em ensino de Contabilidade Gestão e Secretariado” (P7) | 1 (P4) 1 (P7) T- 2 |
| Formação Específica em Bibliotecas Escolares | Formação Especializada | <ul style="list-style-type: none"> • “fiz um Curso de Especialização na Universidade de Évora em Ciências Documentais e posteriormente um Mestrado na mesma área” (P1); “tenho cerca de 600 horas de formação contínua na área das bibliotecas” (P1) • “fiz uma Pós-Graduação (...) Documentação Científica e Técnica” (P2); • “Em Ciências Documentais, uma Pós-Graduação”(P3); “Estou a fazer outra em Gestão das Bibliotecas Escolares” (P3) • “alguém que me convenceu a fazer a Pós-Graduação” (P6) | 2 (P1) 1 (P2) 2 (P3) 1 (P6) T- 6 |
| | Formação da RBE | <ul style="list-style-type: none"> • “Agora venho fazendo as formações que nós vamos fazendo, ao nível da formação contínua” (P2) • “Sim, não houve, nem mestrados nem, pronto assim, nem pós-graduação, nada!” (P4) • “para as formações na Rede, que é toda a formação que eu tenho.” (P5); “Só a da Rede, é só mesmo a da Rede, estas formações da Rede” (P5) • “tendo realizado formação, neste âmbito, nos Centro de Formação e na Escola Superior de Educação de Santarém.” (P7); “Foi sempre formação contínua.” (P7); “Não tenho nenhuma especialização fiz sempre formação contínua.” (P7) | 1 (P2) 1 (P4) 2 (P5) 3 (P7) T- 7 |

| | | | |
|---|--------------------------|--|--|
| Anos em exercício | Menos de 10 | <ul style="list-style-type: none"> • “Desde... seguido, desde dois mil e seis” (P2) • “portanto a partir de dois mil e nove, dois mil e dez que eu desempenho este cargo” (P3) • “talvez este seja o quinto ano” (P4) • “Professora Bibliotecária há quatro” (P5) | 1 (P2) 1 (P3) 1 (P4) 1 (P5) T- 4 |
| | Mais de 10 | <ul style="list-style-type: none"> • “Há cerca de vinte anos” (P1) • “Há 11 anos” (P6) • “Fui professora bibliotecária durante 14 anos” (P7) | 1 (P1) 1 (P6) 1 (P7) T- 3 |
| Satisfação pela função exercida | Satisfação | <ul style="list-style-type: none"> • “Esta função dá alguma satisfação, satisfação no trabalho direto com os alunos e no trabalho de organização” (P2); “por enquanto, o gozo do trabalho com os alunos ainda é superior à frustração” (P2) • “há atividades que me deixam bastante satisfeita, e sinto-me realizada” (P3); “quando corre bem, quando se vêm resultados, é muito gratificante!” (P3) • “Dá. Gostava era de conseguir fazer mais do que aquilo que me é possível” (P4) • “eu tenho até uma paixão por isto, até tenho uma paixão por isto, eu gosto muito disto.” (P5) • “Muita, muita mesmo! Recomendo!” (P6) • “Eu gostei muito!” (P7); “Gostei imenso de ser Professora Bibliotecária” (P7) | 2 (P2) 2 (P3) 1 (P4) 1 (P5) 1 (P6) 2 (P7) T- 9 |
| | Decréscimo da satisfação | <ul style="list-style-type: none"> • “Ao longo destes anos o grau de satisfação tem vindo a decrescer “ (P1); “No ano letivo passado tive mesmo de parar e não exercer esta função, porque já não havia entusiasmo, já não sentia o desafio” (P1) • “Dá muita frustração enquanto coordenadora” (P2); “a frustração vai-se começando a acumular” (P2); “É um misto, se quiseres, de frustração” (P2) • “não posso dizer que seja plenamente” (P3) • “Já não tanto. Não, já não tanto.” (P5) | 2 (P1) 3 (P2) 1 (P3) 1 (P5) T- 7 |
| 2ª CATEGORIA: PAPEL DO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO NA ESCOLA Compreensão do papel do PB numa Escola e as suas funções. | | | |
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | ENUMERAÇÃO |
| Considerações sobre o papel do PB | Agregador | <ul style="list-style-type: none"> • “porque funcionava como elemento agregador de projetos e das aprendizagens daí resultantes.” (P1) • “um técnico não consegue realizar todo o trabalho de aproximação à Comunidade Educativa” (P7) | 1 (P1) 1 (P7) T- 2 |
| | Central | <ul style="list-style-type: none"> • “penso que deveria ser um elemento chave e central, no processo de ensino/aprendizagem da escola.” (P2); “o papel do professor bibliotecário é central, é fundamental.” (P2) • “O professor bibliotecário deve liderar uma equipa” (P3) • “eu acho que não somos muito importantes, eu acho que somos fundamentais enquanto na escola” (P5); “as pessoas vão-se apercebendo disso” (P5); “a biblioteca e o papel do Professor Bibliotecário, o papel da biblioteca na escola tem que ser esta centralização muito discreta.” (P5); “esta aqui tem de ser uma base” (P5); “Centralizar aqui, fazer aqui um pequeno, o núcleo mais efervescente das atividades. “ (P5); “esta centralização de atividades... esse é talvez o trabalho mais interessante que há aqui.” (P5); • “o papel é, é importantíssimo, é muito gratificante, muito exigente” (P6); “Acho que é fundamental, acho que é fundamental” (P6); “É muito! É muito importante! Eu acho que sim.” (P6) • “O papel do professor é um orientador.” (P7); “desenvolver uma interação entre a comunidade educativa e a escola.” (P7); “O professor bibliotecário tem um papel muito importante na utilização das TIC na escola” (P7) | 2 (P2) 1 (P3) 6 (P5) 3 (P6) 3 (P7) T- 15 |
| | Mediador | <ul style="list-style-type: none"> • “é um mediador entre a sala de aula e a sua biblioteca” (P3); “Essa é a função, essa é a de mediador” (P3) | 2 (P3) T- 2 |
| | Elo de ligação | <ul style="list-style-type: none"> • “porque a biblioteca tem de trabalhar conjuntamente com os outros professores” (P1); “nas escolas básicas, o professor bibliotecário consegue desenvolver um trabalho mais articulado com a generalidade dos professores” (P1); “há-de haver escolas em que o professor bibliotecário consegue, enfim, desenvolver um trabalho mais sistemático e articulado” (P1) • “o elo de ligação entre ... ser um elemento essencial para articulação entre os vários professores” (P4) • “tem de proporcionar uma ligação com todas as estruturas | 3 (P1) 1 (P4) 2 (P7) T- 6 |

| | | | |
|---|---------------------|---|---|
| | | intermédias, professores, alunos e restante comunidade” (P7); “tem de ser um elo de ligação a todos os professores da escola” (P7) | |
| | Divulgador | <ul style="list-style-type: none"> • “foi fazer notar a biblioteca, há uma biblioteca”(P5); “devemos divulgar porque as pessoas devem conhecer o património que têm.” (P5); “E divulgar a escola, é divulgar todo o acervo, todo o património e mostrar há uma biblioteca.” (P5); “um trabalho de divulgação e um trabalho de mostrar o que é que nós podemos fazer, o que é que nós podemos ajudar, como é que nós podemos apoiar.” (P5); ” Por outro lado, nós somos o <i>marketing</i> cá da, neste aqui, eu sou <i>marketing</i> do património!” (P5); “aqui o <i>marketing</i> do património” (P5) | 6 (P5) T- 6 |
| | Criativo | <ul style="list-style-type: none"> • “pode ser aquele professor que dá um bocadinho, sei lá, de motivação para não se cair, às vezes, nas rotinas, um bocadinho de criatividade” (P4); “pode ser aquele elemento que pode dar um pouco mais de alegria ao dia-a-dia do professor” (P4); “para não se cair naquele “rame-rame”, de fazer sempre a mesma coisa.” (P4) • “Desde a escrita, desde a imaginação” (P5); “é preciso imaginar qualquer coisa, vamos à *****. Eu acho que tenho uma imaginação desvairada, às vezes!” (P5) • “por disponibilidade mental, porque isto é muito importante!” (P6); “portanto tudo isto exige uma grande dose de criatividade” (P6); “uma das coisas que a biblioteca tem, porque sempre tem alguma “disponibilidade mental” “ (P6); “é apresentar ideias aos diversos (ideias interessantes, ideias estimulantes) aos colegas” (P6) | 3 (P4) 2 (P5) 4 (P6) T- 9 |
| Relevância para a Escola e alunos | Relevância | <ul style="list-style-type: none"> • “uma figura...hem, relevante” (P2); “vêm como a professora da biblioteca, a quem eles recorrem quando precisam de fazer tudo quanto são trabalhos” (P2) • “O cargo é relevante numa escola, se for desempenhado rigorosamente e se for reconhecido pelas estruturas superiores, sim!” (P3) • “Muito, eu acho que é! Eu acho que é! Heem..., os meninos começam já a ver, vêm em nós ... “ (P4); “Eles já olham para nós como aqueles elementos que, recorrem a nós para se precisarem de alguma coisa, até na biblioteca para ajudar, às vezes, nos trabalhos.” (P4) • “uma pessoa que esteve no Conselho Geral e esteve aqui, deu-me os parabéns” (P5) • “o território neutro onde tudo se pode jogar em articulação.” (P6); “a biblioteca é um sítio tranquilo, é um sítio agradável, é onde está quentinho, onde há livros, onde eles são ajudados, onde eles são orientados...” (P6); “Primeiro é um sítio onde os alunos recorrem “ (P6); “Onde lhes é permitido desenvolver atividades” (P6) • “O Professor Bibliotecário, tem um papel muito importante, na escola” (P7); “Muito importante.” (P7); “O Professor Bibliotecário é muito importante para a escola” (P7) | 2 (P2) 1 (P3) 2 (P4) 1 (P5) 4 (P6) 3 (P7) T- 13 |
| | Perda de relevância | <ul style="list-style-type: none"> • “a ideia que tenho atualmente é que o professor bibliotecário é cada vez menos relevante para a Escola” (P1); “Atualmente tem vindo a perder essa preponderância e importância.” (P1) • “a falta, talvez, de reconhecimento por parte de órgãos superiores desta função” (P3); “não sei até que ponto é que é relevante!” (P3) | 2 (P1) 2 (P3) T- 4 |
| Influência na estrutura educacional da sua Escola | Integração | <ul style="list-style-type: none"> • “a gestão integrou o professor bibliotecário, de acordo com a legislação, mesmo antes da legislação” (P2); “sempre entreviei ou intreveio em todas as estruturas” (P2); “Mas é perfeitamente integrado” (P2) • “E nessa estrutura acho que o professor bibliotecário está a ter a função de pôr os professores ... a sentarem-se e a partilharem experiências, de metodologias para tratarem determinadas temáticas.” (P4) • “eu tive uma facilidade, que foi entrar logo para o pedagógico” (P5) • “deve ter uma influência fundamental na estrutura educacional da escola.” (P7); “Ele deve estar presente nos órgãos intermédios da escola” (P7); “tem de influenciar a nível do desenvolvimento do currículo e também na colaboração dos projetos que se desenvolvem na escola.” (P7) | 3 (P2) 1 (P4) 1 (P5) 3 (P7) T- 8 |
| | Valorização | <ul style="list-style-type: none"> • “Agora dos professores em geral e da escola em geral, em relação à biblioteca, a escola valoriza a biblioteca e utiliza muito a biblioteca!” (P1) • “A Direção reconhece muito o trabalho que é feito, tem | 1 (P1) 2 (P4) 4 (P5) 3 (P7) |

| | | | |
|--|------------------------|--|---|
| | | <p>valorizado bastante todo este esforço que tem sido feito “ (P4); “Todas essas tarefas que têm sido feitas têm sido valorizadas pela direção e reconhecidas.” (P4)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “a Direção apercebeu-se que através da biblioteca poderia dar visibilidade à escola.” (P5); “As bibliotecas dão visibilidade à escola.” (P5); “Qualquer biblioteca.” (P5); “Privilegio de haver uma ótima comunicação com a direção” (P5) • “Com esforço consegue-se!” (P7); “Ao princípio é difícil. Mas depois, com esforço, consegue-se” (P7); “Eu acho que consegui, nos últimos anos, trazer a comunidade educativa à biblioteca.” (P7) | T- 10 |
| | Sensibilidade | <ul style="list-style-type: none"> • “Há Diretores que têm, de facto, uma sensibilidade e reconhecem a importância que a biblioteca pode ter” (P1) | 1 (P1) T- 1 |
| | Falta de sensibilidade | <ul style="list-style-type: none"> • “há escolas onde é mais complicado.” (P1); “há outros, que de facto... portanto é assegurar os serviços mínimos e, portanto, a biblioteca é boa desde que não chateie” (P1); “Se não chatear a biblioteca é boa” (P1); “desde que esteja aberto e não dê chatices e que a coisa vá funcionando” (P1) • “se não for dada importância à figura do professor bibliotecário por parte das estruturas superiores para os alunos também não se torna importante.” (P3) • “De vez em quando temos uns percalços.” (P5); “Já é a segunda vez que no Dia da Escola não se entregam os diplomas da biblioteca.” (P5); “Um intervalo de dois anos, mas já não há terceiro.” (P5); “esta importância (isto parece muito pequenino!) é preciso ter muita paciência e eu já não tenho assim tanta” (P5); “este trabalho quase subterrâneo, de toupeira, que dá, mostra a biblioteca e simultaneamente dá visibilidade à escola, abre os olhos das direções para a importância que a biblioteca tem na escola, mesmo na própria comunidade” (P5) • “as direções das escolas não fazem a mínima ideia do que nos é pedido.” (P6); “Muitas vezes não somos apoiados pelas direções precisamente porque eles não sabem qual é a nossa missão” (P6), “ninguém o sabe avaliar porque não se sabe o que é que se espera dele.” (P6); “Precisamente porque a estrutura da escola ainda não se apercebeu do que é que o professor bibliotecário está ali a fazer.” (P6); “Pela experiência que eu tenho, é alguém que mantém a biblioteca aberta, para onde se mandam os meninos de castigo, contrariamente aquilo que deveria ser, mas é!” (P6); “ainda há muita gente que pensa que o professor bibliotecário passa o dia sentado a ler, é muito engraçado!” (P6); “eu acho que o papel da biblioteca é importantíssimo mas ainda ninguém percebeu.” (P6); “Ainda ninguém deu por ele.” (P6) | 4 (P1) 1 (P3) 5 (P5) 8 (P6) T- 18 |
| | Proximidade | <ul style="list-style-type: none"> • “nas escolas básicas, o professor bibliotecário consegue desenvolver um trabalho mais articulado com a generalidade dos professores” (P1) • “se não estivéssemos perto da Direção, neste momento a Direção, não haveria biblioteca, não estaria em Projeto Educativo, mesmo que fosse, mesmo que fosse normal aí na generalidade das escolas.” (P5); “porque eu estou nesta escola há trezentos anos.” (P5); “Os Professores Bibliotecários não são pessoas alheias à escola nem desligadas da escola, vulgarmente são militantes da escola e as direções aproveitam-se disso.” (P5); “tem sido o caso” (P5); “eu sei que esta minha proximidade com a Direção” (P5); “esta proximidade também me ajudou muito enquanto Professora Bibliotecária” (P5) • “nunca deixei de poder bater à porta e de lá poder intervir diretamente” (P6) | 1 (P1) 6 (P5) 1 (P6) T- 8 |
| | Perda de influência | <ul style="list-style-type: none"> • “Atualmente tem vindo a perder essa preponderância e importância.” (P1); na escola secundária já é mais difícil, “penso, mais uma vez, pela pressão dos resultados e dos exames. Torna-se mais complicado fazer essa articulação.” (P1) • “Neste momento eu vejo-me, um bocadinho confinada à função de funcionária, e duvido que os alunos reconheçam importância.” (P3); “Só recorrem à biblioteca para imprimir um trabalho e, quem o faz é o professor bibliotecário ...” (P3); “Neste momento, não é muito vincado esse papel, só pontualmente” (P3); “falta qualquer coisa e, sobretudo posso dizê-lo porque, já trabalho nesta escola à seis anos, e já conheci duas realidades completamente diferentes” (P3); “outra realidade em que o professor bibliotecário existe, é-lhe dado algum valor, sim, mas não há a mesma implicação global estruturante.” (P3) | 2 (P1) 5 (P3) 3 (P6) T- 10 |

| | | | |
|--------------------------|---------------------|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que neste momento é muito diminuta a influência, na estrutura organizacional da escola.” (P6); “Quando não se é coordenadora o desligamento é total!” (P6); “Eu quando estive na escola como não tinha assento no Conselho Pedagógico nunca sabia a quantas andava” (P6) | |
| Principais funções do PB | Promotor da leitura | <ul style="list-style-type: none"> • “a principal função do professor bibliotecário continua a ser promover o gosto pela leitura” (P1); “Eu acho que essa continua a ser a função central” (P1); “a função principal é, de facto, promover a leitura” (P1); “o papel continua a ser o mesmo” (P1); “a promoção da leitura tem de passar, necessariamente, por estes novos suportes e por estas tecnologias” (P1); “que o papel central é, de facto, a promoção da leitura” (P1) • “trabalhar com os livros naquele espaço. Lê-se...” (P2); “eu penso que é a partir do gosto, do bichinho...” (P2); “Do cativar primeiro, exatamente! Vamos ao Príncipezinho.” (P2) • “eu tenho tentado nas várias atividades que tenho feito é angariar mais leitores.” (P4); “Isso para mim seria uma grande, uma grande meta que eu gostaria de atingir” (P4); “, tentamos logo no início do ano puxar os do quinto ano todos à biblioteca” (P4); “Essa seria a principal função, seria essa, angariar leitores, acho que era a principal.” (P4); “E, nós seríamos para incentivar a leitura! Formarmos leitores!” (P4); “Eu acho que a nossa principal função teria que ser essa, era formar leitores, porque depois é a base da nossa sociedade.” (P4) • “depois a leitura, a leitura” (P5); “Se nós conseguirmos pôr a circular” (P5); “conseguiremos mesmo dizer, divulgamos leitura e fomentamos leitura.” (P5); “é aumentar esta frequência, aumentar a frequência” (P5) • “o papel da promoção da leitura” (P6); “a promoção da leitura” (P6); “é a promoção dos hábitos de leitura, que eu acho que, pela minha experiência, foi um sucesso ou está a ser um sucesso!” (P6); “Porque, de facto, nós vemos de ano para ano, de período para período, a quantidade de livros” (P6); “A avidez com que as crianças leem, naquela biblioteca, hoje em dia, que não era há uns anos, é uma recompensa, é uma coroa de glória, é uma coisa que todos nós nos orgulhamos, não é?” (P6) | 6 (P1) 3 (P2) 6 (P4) 5 (P6) T- 20 |
| | Apoio ao Currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “apoio aos docentes em termos de disponibilização de materiais vários” (P2); “também temos aulas na biblioteca ... pedem apoio, até preparar a documentação” (P2) • “onde se pode acrescentar o saber e onde há apoio para esse trabalho, para esse acrescentamento do saber e para esse acrescentamento da prática, quer aos professores quer aos alunos.” (P5); “muito atentos ao mundo! Muito, muito!” (P5); “aqui agora é o apoio ao currículo.” (P5) • “o desenvolvimento de atividades que levem à aquisição e construção do conhecimento” (P6) • “Em todas atividades desenvolvidas deve estar sempre presente a componente educativa.” (P7); “A biblioteca escolar deve ter por função principal a formação dos alunos.” (P7) | 2 (P2) 3 (P5) 1 (P6) 2 (P7) T- 8 |
| | Apoio ao utilizador | <ul style="list-style-type: none"> • “É muito o papel de acompanhar os miúdos no espaço da biblioteca” (P2); “depois chegar à informação” (P2) • “Nos concursos, eu vejo no SuperTMatik, eles vêm aqui muitas vezes perguntar quando é o concurso” (P4); “Eles já olham para nós como aqueles elementos que, recorrem a nós para se precisarem de alguma coisa, até na biblioteca para ajudar, às vezes, nos trabalhos.” (P4); “Colaborar com os alunos quando é dos trabalhos” (P4); “apoiar os utilizadores da biblioteca” (P4) • “A biblioteca é um lugar onde se pode trabalhar” (P5); “começam os alunos a virem e já perguntam” (P5); “Os meninos vêm aqui procurar-me muito para isso.” (P5) • “da pesquisa da informação” (P6); “a orientação dos alunos no estudo, também as TIC ao fim ao cabo.” (P6); “a construção da autonomia dos miúdos era, talvez, aquilo que ocupava a maior parte do tempo do bibliotecário” (P6); “porque os miúdos precisam de adquirir autonomia e não a têm, e isso é o papel da biblioteca.” (P6) | 2 (P2) 4 (P4) 3 (P5) 4 (P6) T- 13 |
| | Gestão | <ul style="list-style-type: none"> • “o meu tempo para a organização da documentação, para a catalogação, para a planificação é sempre um tempo mais curto.” (P2); “organização da biblioteca, planificação, catalogação, seleção das compras” (P2) • “A gestão?! É a mais difícil, a gestão, principalmente do documento, dos documentos, isso acaba por ser o mais complicado” (P4); “essa é a parte mais difícil e é a parte mais | 2 (P2) 2 (P4) 1 (P6) 1 (P7) T- 6 |

| | | | |
|--|---------------------------|--|--|
| | | <p>desnecessária nas nossas funções” (P4)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “A organização do espólio, a organização da biblioteca em si, da documentação” (P6) • “Estabelecer contactos, fazer o marketing da Biblioteca através de diversos canais, organizar eventos com escritores, concursos, participação em projetos, etc.” (P7) | |
| | Articulação | <ul style="list-style-type: none"> • “temos o projeto ... porque implica reuniões constantes, ... implica tempo de reunião, tempo de planificação, tempo de trabalho direto com alunos, múltiplas funções.” (P2) • “Eu acho que resumia a uma, é o mediador das aprendizagens” (P3); “mediador entre a sala de aula e o espaço que ele organiza, onde ele desempenha a sua atividade, que é a biblioteca mas também na sala de aula.” (P3); “É sobretudo um mediador.” (P3) • “e assim vão vendo que, às vezes, a biblioteca não está aqui para lhes dar mais trabalho mas sim para lhes facilitar as várias tarefas.” (P4); “acho que tem sido o professor bibliotecário que tem feito essa dinamização e esse elo de ligação” (P4); “A outra será articular com os docentes naquilo que eles ..., ser um elemento facilitador da tarefa do professor” (P4); “eu acho que o professor bibliotecário terá que ser isso também” (P4); “articular com os professores” (P4) • “Eu tenho que saber de imprensa como os outros não sabem e eu tenho que saber do que está cá fora como outros não sabem, eu tenho de saber daquela exposição ali como os outros não sabem.” (P5); “eu leio a imprensa, se eu estou atenta às notícias e digo “Mas passa-se isto! Mas passa-se isto!”.” (P5); “porque Professor Bibliotecário é a tempo inteiro!” (P5) • “da construção do conhecimento, das TIC.” (P6); “era onde os colegas se dirigiam ... e a biblioteca pode ... arranjar os tais pacotes documentais e materiais que põem à disposição da escola” (P6) • “Os professores ao trazerem os alunos à biblioteca ou a dinamizarem determinadas atividades em parceria com a biblioteca desenvolvem novas práticas pedagógicas o que possibilita melhores resultados escolares.” (P7); “um polo dinamizador dos projetos da escola e do desenvolvimento do currículo.” (P7); “Fazer a ligação da biblioteca a toda a comunidade educativa” (P7); “tem de se desenvolver um conjunto de atividades ao longo do ano.” (P7) | <p>1 (P2) 3 (P3) 5 (P4) 3 (P5) 2 (P6) 4 (P7) T- 18</p> |
| | Acompanhamento individual | <ul style="list-style-type: none"> • “Um pouco mais acessível que os restantes, porque também tem mais tempo, passo mais tempo diretamente com eles, como não tenho, não estou tão assoberbada de aulas...” (P2); “num contexto de maior intimidade se quisermos, de maior à vontade” (P2); “não estou ali tanto para lhes impingir alguma coisa mas, para com eles descobrir” (P2) • “eles sentam-se ali, eu estou aqui e são capazes de dizer “Oh professora venha aqui, faz favor.”” (P5); “começamos a falar disto e daquilo e quase que sou um gabinete de psicologia” (P5); “esta função de apoio e esclarecimento ... o apoio psicológico e tudo.” (P5); “esta função inerente ao apoio curricular” (P5) • “talvez o único sítio onde o professor tem tempo para dar atenção ao aluno, individualmente” (P6) | <p>3 (P2) 4 (P5) 1 (P6) T- 8</p> |
| | Equipa | <ul style="list-style-type: none"> • “o apoio e as horas da equipa da biblioteca são cada vez menos” (P3); • “termos uma equipa é essencial, pelo menos agora que o professor bibliotecário tem várias tarefas, sem ser só a biblioteca” (P4); “porque tendo um elemento de vários grupos, na equipa, também acaba por levar um pouco da biblioteca para os seus grupos disciplinares” (P4); “vão levando aquilo que se pode fazer, porque estão dentro da dinâmica da biblioteca e acabam por...” (P4); “Vão despertando.” (P4); “é nesse âmbito que também tenho tentado que a equipa que trabalha comigo” (P4); “o valor que os elementos da equipa têm, porque cada um tem o seu valor, e se nós formos dar-lhes tarefas daquilo que eles gostam de fazer é mais fácil!” (P4); “a nossa colega **** que pertence ao Centro de Competência TIC, ... ter horas na biblioteca” (P4) • “depende da equipa de trabalho que existir, se a equipa de trabalho for ... adequada” (P6); “um grupo de pessoas que possam garantir uma cobertura em termos temporais na biblioteca” (P6); “de pessoas que estejam em continuidade, que são as pessoas que abraçam o projeto da biblioteca” (P6) • “a ajuda da equipa da Biblioteca Escolar.” (P7) | <p>1 (P3) 7 (P4) 3 (P6) 1 (P7) T- 12</p> |

| | | | |
|-------------------------------------|--------------------------|--|--|
| | Assistentes operacionais | <ul style="list-style-type: none"> • “porque a funcionária assegura, a funcionária faz limpeza, portanto assegura muitas vezes o PBX, ela assegura sobretudo os intervalos e nós asseguramos o resto do tempo” (P2) • “temos duas funcionárias a tempo inteiro, e elas também já estão aqui há muitos anos e conseguem dar esse apoio.” (P4) | 1 (P2) 1 (P4) T- 2 |
| Descrição de uma semana de trabalho | Promoção da leitura | <ul style="list-style-type: none"> • “depois de fazermos uns jogos de leitura, eles levarem um livro para casa tinham de se fazer sócios da biblioteca” (P4); “Está a desenvolver as suas funções de angariar novos leitores e alunos que fiquem a gostar da leitura.” (P4) | 2 (P4) T- 2 |
| | Apoio ao Currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “nós temos uma programação mínima, os professores quando vão com turmas” (P1); “faço um trabalho de preparação” (P1); “muitas vezes faço uma listagem de recursos, para depois lhes fornecer e os ajudar.” (P1) • “há constantemente projetos e ideias e nós acabamos por ser, um bocadinho, a bengala não só dos alunos como também dos colegas” (P6) • “Realizar o apoio ao currículo, nomeadamente no âmbito dos trabalhos dos alunos, apoiar os professores” (P7) | 3 (P1) 1 (P6) 1 (P7) T- 5 |
| | Apoio ao utilizador | <ul style="list-style-type: none"> • “estar na biblioteca e dar apoio aos alunos e aos professores” (P1); “este apoio, obviamente, tem a ver com a utilização dos recursos físicos que estão na biblioteca e os recursos virtuais” (P1); “não há um horário definido para isso” (P1); “eu estou disponível, quando uma turma vai para lá, quando um aluno vai para lá” (P1); “quando uma turma vai para lá, quando um aluno vai para lá, eu estou disponível para os ajudar” (P1) • “é muito trabalho de apoio aos alunos no espaço da biblioteca.” (P2) • “Sim, há o apoio presencial aos alunos, na elaboração de trabalhos. Sim!” (P3); “Os professores não recorrem muito à biblioteca, neste momento, não utilizam muito.” (P3) • “É o apoio aos alunos, todos os dias, estar aqui mesmo quando os colegas estão em aula.” (P5); “É o apoio aos meninos, é o estar com os meninos” (P5); “Depois vem aqui “Professora o que é isto?”, “Olhe, tenho dúvidas nisto.”” (P5) • “não sabem fazer um trabalho de pesquisa, também não têm orientação nas aulas.” (P6) | 5 (P1) 1 (P2) 2 (P3) 3 (P5) 1 (P6) T- 12 |
| | Gestão | <ul style="list-style-type: none"> • “para um professor bibliotecário que está disponível para desempenhar as suas funções tem que ter um trabalho de retraguarda” (P1); “de organização dos recursos, feita de forma funcional” (P1); “tem de ter esse trabalho feito para poder estar disponível para fazer outras coisas” (P1); “outra função essencial é de facto a organização dos serviços” (P1); “uma que tem a ver com a organização da biblioteca” (P1); “implica a catalogação de documentos, implica o controle da qualidade do tratamento documental que é feito, de modo a assegurar que essa organização esteja feita e não haja desvios” (P1); “ocupa um terço do tempo” (P1); “a outra parte, é a burocrática: é responder a mails, é fazer contactos, é preparar listas de aquisições” (P1); “fazer a manutenção dos equipamentos” (P1) • “tenho meu trabalho planificado e, normalmente, organizo a primeira parte do dia, uso para fazer o trabalho de organização” (P2); “da catalogação” (P2); “vou gerindo o dia conforme as necessidades” (P2) • “Digamos que é um trabalho de bastidores.” (P3) • “A gestão?! É a mais difícil, a gestão, principalmente do documento” (P4); “essa é a parte mais difícil e é a parte mais desnecessária nas nossas funções” (P4) • “à segunda-feira começa com a reposição das imprensas” (P5); “é a catalogação, a catalogação, quero dizer, a classificação, neste momento temos ali, ainda tenho aqueles caixotes todos por classificar, aquelas classificações, todos os dias,” (P5); “não há dia em que eu não faça uma arrumação, ... que andemos de roda das estantes.” (P5); “a última coisa que fiz, antes de me ir embora, foi fazer a limpeza do computador daquele gabinete.” (P5); “estive a tirar aquela “bodega” toda, aquela “bodega” toda dali, estive a limpar aquele computador, a limpar estes.” (P5); “trabalho muito doméstico mas dá para encher” (P5); “Por exemplo, mas isto é um trabalho que parece nada, mas às vezes chegamos a casa ou chegamos ao fim do dia e “Mas o que é que eu fiz?” “ (P5); “É que não se vê, uma ordem alfabética não se vê, a classificação de um documento não se vê, uma catalogação não se vê, estas coisas não se vêem, estas coisas não são vistas ao público.” (P5); “Uma arrumação lá dentro, virem aqueles livros, dividir aqueles livros” (P5); “Aquilo é ir buscar meia dúzia de | 9 (P1) 3 (P2) 1 (P3) 2 (P4) 11 (P5) 1 (P6) 2 (P7) T- 29 |

| | | | |
|--|---------------------------|---|---|
| | | <p>livros e pôr ali.” (P5); “É isto também, olha estas imagens, também que trabalho é que dá, por uma cola e zás! Espetar ali.” (P5)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “uma biblioteca bem estruturada” (P6) • “participar em reuniões, proceder ao levantamento das necessidades da biblioteca, realizar contactos para aquisição de obras, executar a catalogação e arrumação do fundo documental, fazer o marketing da biblioteca com a produção de documentação e atualização do blogue da Biblioteca.” (P7); “responder a todas as exigências da Rede de Bibliotecas Escolares.” (P7) | |
| | Articulação | <ul style="list-style-type: none"> • “nós impomo-nos também estar, semanalmente, nas outras bibliotecas.” (P1) • “por vezes vou ao Centro Escolar ver como é que as coisas estão decorrer, falar com o colega que lá está...” (P2) • “Por isso estou a trabalhar com alguns docentes, mais do que com outros” (P4); “com aqueles docentes do quinto ano com quem estou a trabalhar” (P4); “É tentar aproveitar ou tentar interligar as minhas atividades do apoio educativo ou da oferta complementar com as atividades da biblioteca” (P4); “parte desse trabalho é o desenvolvimento de um projeto da biblioteca que é o “Ler mais, aqui, ali e acolá”” (P4); “Estou a tentar desenvolver aquele projeto da biblioteca nas turmas do primeiro ciclo” (P4); “por exemplo a oferta complementar estou a direcionar já, cada turma em que eu vou estamos a estudar um autor” (P4); “vou começar ... a levar os meninos, eles vão estudar alguns autores de, alguns poetas” (P4); “tentando interligar as atividades do apoio educativo, a oferta complementar com as atividades da biblioteca” (P4); “estamos a fazer uma atividade diferente do habitual na aula, e por outro lado a biblioteca está também a tentar desenvolver a sua” (P4) • “Se há requisições de sala para a semana? Quais são os professores que cá vêm? O que é que cá vêm fazer? O que é que está previsto?” (P5); “se temos o Holocausto, esta semana, para a semana já temos o Pordata aqui, portanto esta semana foi andar atrás dos colegas. Ainda hoje tenho de ir atrás deles ver para eles conjugarem as turmas” (P5) | <p>1 (P1) 1 (P2) 9 (P4) 2 (P5) T- 13</p> |
| | Dinamização de atividades | <ul style="list-style-type: none"> • “é promover concursos, é realizar concursos, é promover atividades” (P1) • “se houver atividades, no fundo, faço as atividades que tiver planeado” (P2) • “é muito difícil de definir, porque numa semana haverá uma atividade e na outra semana haverá outra” (P3); “temos “uma na manga” e estamos a prepará-la” (P3) • “já fizemos formação de utilizadores fez-se atividades para eles” (P4); “é à descoberta da biblioteca, criou-se guiões de pesquisa para eles não irem, não é a questão de eles não irem pesquisar à internet, eles têm é de pesquisar em livros na biblioteca, por isso é que é à descoberta da biblioteca” (P4) • ““O que é que vamos fazer isto.”, “O que é que está programado para a semana?” (P5); “Ver o calendário, temos aquele calendário, esta semana o que é que temos, temos isto ou não temos.” (P5) • “Dinamizar atividades e fazer a respetiva avaliação.” (P7) | <p>1 (P1) 1 (P2) 2 (P3) 2 (P4) 2 (P5) 1 (P7) T- 9</p> |
| 3ª CATEGORIA: AS TIC E AS TIC NA BIBLIOTECA ESCOLAR | | | |
| Compreensão da utilização das TIC na Escola e integração na BE. | | | |
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | ENUMERAÇÃO |
| Uso das TIC na Escola | Perda de interesse | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu já fui um grande adepto das tecnologias, sou menos” (P1); “Acho que é um bocadinho por cansaço.” (P1), “digamos que passei a dedicar menos tempo às tecnologias.” (P1) • “estou a fazer o <i>mail</i> uma ou duas vezes por semana, não estou a fazer mais, mas é uma questão de defesa face às tecnologias e uma questão de fatura (ando muito, muito farta!)” (P5); “tenho estado absolutamente relaxadíssima com a biblioteca, mas tem sido eu confesso é uma, uma fase.” (P5); “A Professora Bibliotecária está abafada pela ***** farta, porque (Está mesmo!)” (P5); “Não também não tenho atualizado com frequência.” (P5) | <p>3 (P1) 4 (P5) T- 7</p> |
| | Pouco equipamento | <ul style="list-style-type: none"> • “No contexto em que estamos atualmente, aqui na escola, penso que é mais do ponto de vista de ... verem “ (P2); “não é tanto o fazerem, o fazerem está, neste momento, um bocadinho limitado” (P2); “temos só uma sala TIC e temos poucos recursos em termos de portáteis” (P2); “pelas próprias limitações dos equipamentos” (P2); “tem muito a ver com a disponibilização | <p>6 (P2) 1 (P6) 1 (P7) T- 8</p> |

| | | | |
|--|-----------------------|---|---|
| | | <p>dos próprios equipamentos.” (P2); “o trabalho que os miúdos fazem é um trabalho, penso eu, muito insipiente, neste momento. Na biblioteca.” (P2)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Porque os meios da biblioteca são limitados, nem sempre funcionam” (P6) • “As escolas têm de estar apetrechadas com equipamento que posso servir de base a todo um trabalho” (P7) | |
| | Rapidez na evolução | <ul style="list-style-type: none"> • “a utilização das tecnologias, nos últimos anos evoluiu a um ritmo ...” (P1); “alucinante, e eu, acho que também já, pela idade, já tenho dificuldades em ...” (P1); “acompanhar...” (P1) • “eles acabam por aprender coisas que consideram irrelevantes e que muitas vezes estão obsoletas” (P6); “Porque isto avança muito rapidamente e a estrutura da escola não consegue acompanhar, e a biblioteca também não.” (P6) | 3 (P1) 2 (P6) T- 5 |
| | Facilitadoras | <ul style="list-style-type: none"> • “e eu sempre vi nas novas tecnologias uma ferramenta que não só nos pode facilitar o trabalho diário como permite que o nosso trabalho tenha outro alcance.” (P1); “Por um lado, as tecnologias na vertente da organização da biblioteca, de facto, são uma mais valia clara, obviamente.” (P1) • “portanto as TIC são entendidas, ... por muitos dos colegas, como um apoio ao trabalho de sala de aula” (P2) • “Existe benefício educativo porque facilita o trabalho” (P3); “porque aproxima, porque também é, portanto uma tecnologia de comunicação e permite, realmente aproximar as pessoas e facilitar a comunicação entre elas.” (P3) • “Em suporte digital tem uma interação muito maior com o aluno.” (P7) | 2 (P1) 1 (P2) 2 (P3) 1 (P7) T- 6 |
| | Importantes | <ul style="list-style-type: none"> • “Ao longo destes últimos vinte anos tenho promovido o uso das tecnologias de informação e comunicação a partir da biblioteca escolar de forma sistemática “ (P1) • “já há muita gente a usar a <i>Escola Virtual</i> e outras plataformas, mais nesse sentido.” (P2); “Uma das vertentes, em que a biblioteca é muito usada é exatamente para esse trabalho mais direto com as TIC” (P2); “o trabalho com as TIC é feito em três situações diferentes, quer na biblioteca com o apoio, ou não, do professor bibliotecário, quer na sala TIC em contexto de aula (muitas vezes nas aulas de TIC)” (P2); “porque eles fazem muitos trabalhos na biblioteca.” (P2) • “O uso das TIC eu penso que, tem cada vez mais, ganho importância” (P3); “vai conquistado terreno em situação escolar” (P3); “Acho que as TIC vão ganhando terreno em contexto escolar!” (P3); “reforçar a ideia de que as tecnologias ganham terreno e conquistam os utilizadores” (P3); “Também, também! Vão ganhando, sim, sim!” (P3) • “os professores recorrem mesmo à biblioteca para isso, às vezes até recorrem mais à biblioteca para a utilização das TIC do que dos livros!” (P4); “Aqui, os alunos utilizam autonomamente” (P4); “a biblioteca é muito utilizada pelos docentes” (P4) • “Agora é essencial, nem há que passar sem elas, de maneira nenhuma. Até na sala de aula.” (P5); “Entre ter e não ter, ter material é securizante.” (P5); “Mas é, é de facto, é de facto muito muito usado.” (P5) • “eu penso que as TIC deveriam, deveriam ser tão importantes como aprender a ler ou a escrever, isso era logo a seguir.” (P6); “Se os meninos têm de aprender a ler, a escrever e a contar também têm de aprender a utilizar uma máquina destas” (P6) • “É extremamente importante.” (P7); “O que se deve proporcionar aos alunos são orientações para que possam utilizar toda a informação que a internet lhes proporcionar de uma forma correta sem correrem riscos.” (P7); “Sim, sim, é imprescindível!” (P7); “Mesmo em sala de aula é imprescindível!” (P7); “O manual escolar tradicional está em vias de ser extinto.” (P7) | 1 (P1) 4 (P2) 5 (P3) 3 (P4) 3 (P5) 2 (P6) 5 (P7) T- 23 |
| | Confusão sobre as TIC | <ul style="list-style-type: none"> • “está nas TIC tradicionais” (P5); “estas nossas TIC tridimensionais que nós temos” (P5) • “e depois há todo o tipo de visões sobre utilização das TIC na biblioteca” (P6); “porque TIC é confundido com computador. Computador é TIC, TIC é computador.” (P6); “Portanto, TIC também é <i>Facebook</i>, também é os jogos do <i>SimCity</i>, é, é o <i>Twitter</i>, é o <i>Chat</i>, é uma loucura, não é?!” (P6) | 2 (P5) 3 (P6) T- 5 |
| | Ética no uso das TIC | <ul style="list-style-type: none"> • “as ferramentas informáticas são usadas, usadas pelos meninos e são usadas criteriosamente.” (P5); “é um fator de qualidade e, é um fator que tem vindo a ser cada vez mais | 4 (P5) 2 (P6) T- 6 |

| | | | |
|---|----------------------------|--|---|
| | | <p>sólido.” (P5); “nós não temos uma determinada capacidade censória que também não é tão desejável.” (P5); “Não me interessa andar a ver o que é que as pessoas estão a fazer, não é essa a minha função, nem função de ninguém aqui, acho eu.” (P5)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Depois há todas as questões éticas, o que é que se pode, o que é que não se pode, onde é que estão os limites, onde é que não estão.” (P6); “As crianças não têm idade para criar um perfil no Facebook mas os pais criam, depois a escola ..., quer dizer!” (P6) | |
| Pertinência da sua utilização em diferentes contextos (formais e não formais) | Pertinência | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu estou a lembrar disto a propósito de, mais concretamente do Facebook e das potencialidades, até educativas, que se reconheceu ao Facebook, inclusivamente no caso de bibliotecas, em que se encorajam as bibliotecas a fazer uso dessa ferramenta” (P1) • “eu penso que os professores, mesmo aqueles que usam menos, consideram que é um meio importante para a aprendizagem, para o processo de ensino/aprendizagem.” (P2) • “Claro que sim! Claro que sim!” (P3) • “Os professores utilizam bastante também a biblioteca nesse sentido, para a utilização dos computadores.” (P4) • “usa-se muito, usa-se muito a vários níveis.” (P5); “Usa-se muito, primeiro como instrumento de trabalho e a seguir também como instrumento de diversão” (P5); “Aqui na biblioteca, este material todo que nós aqui temos é muito, muito usado, aliás eu acho que é abusado” (P5); “na escola, na biblioteca e na biblioteca responsável por abrir horizontes nesse aspeto.” (P5) • “Os meios digitais, os meios informáticos, aliás as crianças têm muita apetência e vão trabalhando sem rede” (P6); “Em termos de trabalho e de contexto, são imprescindíveis!” (P6); “não passa pela cabeça de ninguém que os alunos, hoje em dia, façam o seu percurso escolar sem conhecimento, sem tratarem isto por tu” (P6); “Existe! Existe pertinência, sim!” (P6); “Existe pertinência!” (P6); “dar a devida importância às TIC e à utilização destas ferramentas, sem descurar as outras.” (P6); “Acho que é muito importante” (P6) • “Hoje, em dia, já não se pode ensinar sem a presença constante das TIC.” (P7); “considero que essenciais tanto na sala de aula como fora dela.” (P7); “Hoje existem muitas plataformas que podem ser utilizadas na Biblioteca.” (P7) | <p>1 (P1) 1 (P2) 1 (P3) 1 (P4) 4 (P5) 7 (P6) 3 (P7) T- 18</p> |
| Conhecimento e utilização das TIC pelo PB | Bons conhecimentos | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu tenho centenas de horas de formação ligadas às tecnologias” (P1); “na formação de alunos, professores e funcionários a nível das ferramentas do Microsoft Office, da criação de blogues, da pesquisa de informação, da utilização da plataforma Moodle, da edição de vídeo, da utilização segura da Internet...” (P1) • “tive conhecimento deles quando eles se tornaram vulgares em Portugal, em mil novecentos e oitenta e qualquer coisa.” (P6); “Na altura do Projeto Minerva ... foi como comecei.” (P6); “Senti sempre um grande fascínio por isso e fui fazendo formações” (P6); “Posso até dizer que, até há cerca de dois ou três anos, sentia-me assim muito <i>up to date</i>, agora já não, claro!” (P6) • “No diz respeito aos conhecimentos tenho muita formação na área das Tecnologias da Informação.” (P7) | <p>2 (P1) 4 (P6) 1 (P7) T- 7</p> |
| | Conhecimentos razoáveis | <ul style="list-style-type: none"> • “O uso de ferramentas, não tão diversas como eu gostaria, mas o uso de algumas ferramentas” (P2) • “Eu tenho alguns conhecimentos no âmbito da utilização das TIC através de formações contínuas que tenho vindo a frequentar” (P3) • “Sim, o <i>Slideshare</i>, o <i>Issuu</i>, o <i>Kizoa</i>...” (P4) • “E mais eu sou leiga olha se eu fosse perita!” (P5); “Pessoalmente gosto muito de trabalhar com os meninos com os, com os, com aquele tipo, aquele tipo do <i>Slideshare</i>” (P5); “Uso muito projeções, uso sobretudo <i>PowerPoint</i>” (P5); “Dá-me muito gozo fazer” (P5); “eu não sei manipular as ferramentas como deve ser, mas chego, chego lá” (P5); “Faço as montagens todas das fotografias, de tudo e uso, uso para as minhas aulas. Uso para aqui.” (P5) | <p>1 (P2) 1 (P3) 1 (P4) 6 (P5) T- 9</p> |
| | Utilização interdependente | <ul style="list-style-type: none"> • “De forma pessoal é o meu meio de trabalho, não concebo, neste momento, o trabalho de outra maneira!” (P2) • “mas considero que já não conseguia passar sem as TIC na escola.” (P3); “Aliás, quando, quando a internet vai a baixo, por | <p>1 (P2) 4 (P3) 2 (P4) 1 (P5)</p> |

| | | | |
|---------------------------------------|---------------------|--|---|
| | | <p>um bocadinho, parece que é o fim do mundo” (P3); “já ninguém consegue fazer nada!” (P3); “Aconteceu esta semana, e eu fiquei perdida e foram só duas horas!” (P3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Eu quase que só utilizo as TIC a nível profissional, pessoal acaba por estar dependente.” (P4); “Interligado, a nível profissional, por isso utilizo, tudo o que nós fazemos por escrito, toda a documentação tem de ser feita toda em suporte digital, não é?!” (P4) • “às vezes vou dar comigo no Slideshare enquanto ***** e enquanto biblioteca” (P5) • “Profissionalmente lectionei disciplinas na área de informática principalmente na ótica do utilizador.” (P7); “as TIC estão sempre presentes quer na parte de gestão da biblioteca quer na parte dos serviços prestados aos utentes.” (P7); “Pessoalmente, utilizo a Internet para pesquisar informação e disponibilizar informação para o trabalho que estou, presentemente a realizar.” (P7) | <p>3 (P7) T- 11</p> |
| | Formação específica | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu, a partir de noventa e cinco, até antes disso, andei a aprender a programação em DOS, aquelas coisas.” (P1) • “através das pós-graduações que tenho vindo a realizar também.” (P3) • “tenho muita não certificada.” (P5) • “Sim, descobrir, formações gratuitas, pagas, <i>online</i>, <i>offline</i>. Cursos que eu fui frequentando, de tudo um pouco, desde as aplicações do Windows a montagens de vídeo, de tudo um pouco.” (P6) • “Tendo eu, formação na área das TIC” (P7); “Tenho uma pós-graduação e muita formação contínua.” (P7) | <p>1 (P1) 1 (P3) 1 (P5) 1 (P6) 2 (P7) T- 6</p> |
| | Formação RBE | <ul style="list-style-type: none"> • “em termos de rede nos encaminharam para dois e até nos formaram em dois (nas formações que fizemos até temos esses dois)” (P5) • “A nível das Bibliotecas Escolares fiz muita formação na área das TIC o que me valorizou muito.” (P7) | <p>1 (P5) 1 (P7) T- 2</p> |
| | Formação autodidata | <ul style="list-style-type: none"> • “aprender em termos pessoais, algumas outras coisas para depois poder implementar” (P2); “estou também eu a fazer uma autoformação para poder depois trabalhar quer com as colegas quer com os alunos.” (P2) • “daquela muito autónoma, muito autodidatismo” (P5); “depois é muita consulta” (P5); “tive de fazer apontamentos para mim para ver o que é que via” (P5); “eu tenho acesso a ela autonomamente para me sedimentar a minha prática” (P5) • “portanto a minha formação foi sempre aprender a fazer aquilo que eu sentia que tinha necessidade de fazer, de aprender.” (P6) | <p>2 (P2) 4 (P5) 1 (P6) T- 7</p> |
| Contextos de utilização das TIC na BE | Uso irregular | <ul style="list-style-type: none"> • “Não, digamos que sim, mas é pontualmente mesmo!” (P1); “ou seja para a realização de exposições ou para a criação de conteúdos digitais que depois são divulgados online, mas é pontualmente.” (P1) • “isso também depende de cada professor” (P2); “Ainda não é aquele recurso diário, ainda é algo que está a começar” (P2); “as pessoas vão começando a “usar”” (P2); “mas não é como nós gostaríamos em termos do quotidiano, isso não é, de todo!” (P2) • “Alguma panóplia, sim, que não se usa de forma continuada mas, à qual se recorre sempre que necessário e sempre que se justifique.” (P3); “Não posso é dizer que todos os dias, ou todas as semanas se esteja a utilizar” (P3); • “No primeiro ciclo torna-se muito difícil, quando lá vou quase que não se utiliza nada” (P4); “não tenho desenvolvido a exploração de ferramentas em atividades com os alunos.” (P4); “indiretamente aí, os alunos estejam a utilizar.” (P4); “Agora, eu fazer atividades em que haja utilização de ferramentas com alunos, não!” (P4) • “mais depressa eu vou buscar, sei lá, uma ave, um réptil, do que vou, e, e até um volume, do que trabalhamos em termos de TIC, interactivamente em termos de TIC, aqui.” (P5) | <p>2 (P1) 4 (P2) 2 (P3) 4 (P4) 1 (P5) T- 13</p> |
| | Acessibilidade | <ul style="list-style-type: none"> • “as impressões porque eles fazem os trabalhos na biblioteca, a maior parte deles porque nós somos um meio rural, todo o trabalho de impressão é feito na biblioteca” (P2) • “Mas é um uso das TIC que se faz, e que eles, porventura, não terão acesso noutra local que não na escola.” (P3) • “Nós temos também muitos jovens que não têm computador em casa” (P4); “temos assim muitos elementos, às vezes em casa, não podem fazer eles não...” (P4); “Recorrem a nós para isso.” (P4) | <p>1 (P2) 1 (P3) 3 (P4) 3 (P6) T- 8</p> |

| | | | |
|--|-------------------------|--|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “mas é o sítio onde os alunos têm contacto com as novas tecnologias” (P6); “e eles em casa muitas vezes não as têm.” (P6); “Cada vez menos. As desigualdades são enormes, portanto a escola deve nivelar.” (P6) | |
| | Literacia da informação | <ul style="list-style-type: none"> • “A pesquisa de informação é uma coisa que eles fazem com dificuldade, tratar informação, então!” (P1) • “o que é que nós também fazemos aqui, direcionamo-los em cada computador à pasta com <i>sites</i> úteis e nós direcionamos pesquisa.” (P5); “Tentamos direcionar porque “Googlar” é um mundo, “Googlar” é uma galáxia, qual mundo é uma galáxia” (P5) • “saber utilizar estas ferramentas é fundamental para a pesquisa da informação.” (P6); “Depois porque a biblioteca é o sítio privilegiado para os alunos irem aprendendo qual a informação que é relevante e a que não é relevante, e que é fidedigna e que não é fidedigna, portanto isso também é uma aprendizagem que tem de ser feita.” (P6); “Portanto isso é uma função importante” (P6); “. Os miúdos têm de aprender que pesquisar no Google não pode ser como ir ali à praça e gritar “Quem é que descobriu a América?” e que qualquer um responde aquilo que quer, não é?!” (P6) | 1 (P1) 2 (P5) 4 (P6) T- 7 |
| | Literacia tecnológica | <ul style="list-style-type: none"> • Depois eu vejo, em utilizações quase básicas, muito pouco conhecimento. (P1); “ao imprimirem um documento, eles não sabem que podem escolher o número de páginas que querem imprimir.” (P1); “embora eles sejam, de facto, nativos digitais, mas depois têm estas lacunas de base.” (P1); “Guardar um documento num outro formato, em <i>PDF</i>, é uma coisa que eu tenho visto, por exemplo noventa por cento deles não fazem a mínima ideia, tratar uma imagem é uma coisa que eles não sabem.” (P1) • “portanto eu disponibilizei aos alunos um guião para a construção do <i>Prezi</i>” (P2); “vou apoiando quando eles estão na biblioteca, quando eles têm aula na biblioteca juntamente com a colega” (P2); “É um grupo restrito de alunos ... e que têm, alguns deles já têm o <i>know-how</i>” (P2) • “uma das coisas que tenho em mente e que pretendo fazer, fazer um suporte informativo, informático, precisamente para o uso das tecnologias.” (P3); “Mostrar o que existe e como se consegue fazer.” (P3) • “Gosto muito de lhes ensinar como é que se faz um <i>PowerPoint</i>, “ (P5); “como é que se pode fazer um <i>Prezi</i>, como é que se pode fazer um <i>PowerPoint</i>, como é que se pode fazer isso, como é que se pode fazer aquilo” (P5); “Então e depois, como é que eu posso usar tudo isso a meu favor.” (P5); “pô-los a fazer e sobretudo dar-lhes as técnicas de fazer os <i>links</i>, de fazer, de introduzir os documentos de” (P5) • “e às vezes aprendem a trabalhar com elas, porque eles estão convencidos que sabem mas às vezes não sabem.” (P6); “é aprenderem a utilizar as TIC para produção dos trabalhos que fazem, para se manterem em contacto com outras escolas, com outros alunos para troca de informações, para extravasar do espaço da escola, do espaço da biblioteca, do espaço da vida, para alargar horizontes, por exemplo.” (P6) • “as escolas têm de formar os alunos para a utilização de novos suportes de informação.” (P7); “Aprende-se com os alunos, tanta coisa que eu aprendi com os alunos” (P7); “Há tanta coisa que eles sabem.” (P7) | 4 (P1) 3 (P2) 3 (P3) 4 (P5) 2 (P6) 3 (P7) T- 19 |
| | Apoio ao currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “a biblioteca é muito usada é exatamente para esse trabalho mais direto com as TIC, por exemplo agora posso referir que há uma colega que está a trabalhar com os alunos em Formação Complementar, que está a preparar uma formação na área da reciclagem “ (P2); “quer na sala TIC em contexto de aula (muitas vezes nas aulas de TIC)” (P2); “Precisam de um <i>powerpoint</i> para dinamizar qualquer atividade, que nós nos dispomos a preparar esses materiais.” (P2) • “sempre que um professor precisa fazemos guiões de pesquisa, de consulta daquilo que eles precisarem” (P4); “temos ali num dossiê” (P4) • “redes sociais só em contexto pedagógico, com o senhor professor para a disciplina.” (P5); “Vamos todos para a biblioteca, vamos todos, toda a gente tem de ter um computador” (P5); “Toda a gente para o Conjuga-me ponto Net.” E então estivemos no Conjuga-me ponto Net” (P5); “em sala de aula vêm muito, vêm muito para as aulas, sim” (P5); “Exatamente como eu vim ontem com os meus miúdos” (P5); | 3 (P2) 2 (P4) 6 (P5) 1 (P7) T- 9 |

| | | | |
|--|---------------------|---|--|
| | | <p>“Os colegas vêm para os, vem com os meninos.” (P5); “vêm os meninos mas para as aulas, portanto em termos curriculares, sobretudo em termos curriculares.” (P5); “é o apoio curricular” (P5)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “para o apoio ao currículo dos alunos” (P7) | |
| | Apoio ao utilizador | <ul style="list-style-type: none"> • “o trabalho com as TIC é feito em três situações diferentes, quer na biblioteca com o apoio, ou não, do professor bibliotecário” (P2); “os próprios professores individualmente” (P2); “é um trabalho com um grupo de alunos que nós chamamos de Monitores da Biblioteca.” (P2); “Quando há alunos que estão a trabalhar, eles próprios dão apoio nessas áreas das novas tecnologias” (P2) • “Por outro lado também já vêm perguntar, em termos de ferramentas o que é que podem” (P5); “alunos, já interagem ... neste aspeto” (P5); “os colegas vêm aqui e dizem assim “Olha lá, conheces isto ou aquilo?”” (P5); “aqui na biblioteca usar ferramentas informáticas e ter material à altura é essencial” (P5) | <p>4 (P2) 4 (P5) T- 8</p> |
| | Gestão | <ul style="list-style-type: none"> • “o e-mail! Incontornavelmente, o e-mail.” (P3) • “Depois a nível de tratamento, vá-la, de tratamento da, da documentação, isso assim, tem de ser tudo no Office, na plataforma 365” (P4) • “para a informatização do fundo documental e para a Gestão da Biblioteca.” (P7) | <p>1 (P3) 1 (P4) 1 (P7) T- 3</p> |
| | Divulgação | <ul style="list-style-type: none"> • “Em uso concreto, dinamizo o blogue da biblioteca, agora não tanto a plataforma Moodle ou a página web” (P3); “Neste momento tenho outras tarefas em mãos que não me permitem, embora gostasse de construir uma Newsletter” (P3); “portanto todos os trabalho foram divulgados na plataforma e-Twinning” (P3) • “O blogue tem sido uma maneira de divulgar bastante leituras, livros, notícias, tem sido também uma maneira de cativar as pessoas, acho que tem criado um elo de ligação com a comunidade.” (P4); “Temos encarregados de educação que, quando pomos lá os resultados do SuperT, põem sempre lá um comentáriozinho, seja no Facebook” (P4); “como partilho no Facebook, acabam por depois colocar um comentário no Facebook, em vez de ser no blogue.” (P4); “o blogue ligado ao Facebook tem servido para divulgar as atividades da biblioteca” (P4) • “nós fizemos um blogue (agora temos, agora temos outro), nós fizemos um blogue que atingiu as trinta e cinco mil visitas, assim muito paulatinamente, mas foi lá.” (P5); “E logo no princípio esse trabalho de blogue, mesmo o trabalho de redes sociais” (P5); “tive de mudar o blogue porque já está, atingi a capacidade máxima do outro” (P5) • “Utilizei as TIC no marketing da biblioteca, para a divulgação dos serviços prestados” (P7) | <p>3 (P3) 4 (P4) 3 (P5) 1 (P7) T- 11</p> |
| | Entretenimento | <ul style="list-style-type: none"> • “os alunos vêm muito à biblioteca para jogar... jogos didáticos, preferencialmente, claro!” (P3) • “então quando vêm cá, à hora de almoço” (P4) • “vêm muito o relaxe, para a diversão” (P5); “vêm-se os jogos no Youtube” (P5); “mas também aquela parte social” (P5); “assume também um papel muito social aqui, então nas horas de almoço, são, são mesmo um espanto. É onde se nota mais.” (P5) | <p>1 (P3) 1 (P4) 4 (P5) T- 6</p> |
| | Formação | <ul style="list-style-type: none"> • “eles vão ser os formadores, eles estão a preparar a formação e estão a fazê-lo exatamente no espaço da biblioteca” (P2); “ensinam outros a trabalhar com o word, a inserir imagens, a formatar texto, ensinam-os a pesquisar, como é que pesquisam, onde é que vão, onde é que não vão, quais é que são as fontes de informação que são pertinentes, que são fiáveis” (P2); “serve também para ajudar os colegas, e para permitir que os colegas possam fazer trabalhos com alguma qualidade, portanto há esta preocupação!” (P2) • “a única coisa tem sido com os colegas, no ano passado dei a formação do blogue, foram quatro turmas, foram quatro turmas de professores” (P4) • “quando foi a formação dos décimos anos, formação de utilizadores, verem à biblioteca” (P5) | <p>3 (P2) 1 (P4) 1 (P5) T- 5</p> |
| | Duplicação | <ul style="list-style-type: none"> • “porque acho que se repete informação” (P3); “não sei até que ponto é que é pertinente estarmos a repetir a mesma informação em diversos endereços” (P3); “portanto temos de filtrar um bocadinho e temos que nos direcionar para um sítio.” (P3) • “Em termos de biblioteca, redes sociais da biblioteca, estamos em todas” (P5); “uma página de Facebook, temos também o | <p>3 (P3) 5 (P5) 3 (P6) T- 11</p> |

| | | | |
|--|--------------------------|---|---|
| | | <p><i>Scoop.it</i>, temos também o <i>Twitter</i>, também já fiz um <i>Diigo</i>” (P5); “Agora estamos inscritos em todas! Tudo quanto é rede social e eu nem sei dizer o que é” (P5); “Mas estou em todas, eu nem sei dizer, eu nem sei dizer todas, acho que nem sei dizer todas.” (P5); “Mas se me disserem eu sou capaz de dizer “Olha! A biblioteca também tem! Olha, a biblioteca também tem.”.” (P5)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “depois também têm todo o tipo presenças nas plataformas sociais” (P6); “que eu até acho um exagero porque não é possível “tocar tanta carroça”, na minha opinião! É uma loucura!” (P6); “nós vamos aprendendo a por de lado o que de facto não é relevante...O que é acessório.” (P6) | |
| | Construir conhecimento | <ul style="list-style-type: none"> • “Transformar informação em conhecimento é extremamente complicado e isso exigia trabalho com eles, não é?” (P1) • “há um trabalho que estes monitores fazem, que lhes serve para eles em termos pessoais” (P2); “porque leva quer os monitores a aperfeiçoar o seu trabalho nas, com as novas tecnologias e leva a que os mais pequenos também aprendam a usar, de uma forma mais correta.” (P2) • “projeto <i>Comenius</i>, foi em plena articulação com o currículo e a biblioteca escolar.” (P3); “os alunos comunicavam por <i>e-mail</i>, por <i>Facebook</i> com os colegas parceiros correspondentes, foram feitos vídeos também...” (P3); “O SuperTMatik por exemplo, que é um concurso, um campeonato nacional, online” (P3) • “Com os conhecimentos que têm, jogar.” (P4); “Põe lá desafios, joguinhos e assim, que eles têm de ler as obras...” (P4); “porque têm de ler para Português, mas depois ao terem aqueles jogos também acaba por ser uma maneira de consolidar algumas ...” (P4) • “Até porque a utilização das ferramentas é intuitiva.” (P7); “São intuitivas. Depois têm os tutoriais que nos ajudam muito.” (P7) | 1 (P1) 2 (P2) 3 (P3) 3 (P4) 2 (P7) T- 11 |
| 4ª CATEGORIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS | | | |
| Compreensão da forma de integrar e articular as TIC com a BE, as dificuldades com que se deparam e como as ultrapassam. | | | |
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | ENUMERAÇÃO |
| Possibilidades de articulação | Facilidade em articular | <ul style="list-style-type: none"> • “Eu, ao longo destes vinte anos, tive experiências muito boas.” (P1); “Tive, de facto, experiências muito boas.” (P1); “, havia uma grande articulação com a direção, com os departamentos, com os professores, com o primeiro ciclo, com o pré-escolar e as coisas funcionavam de uma forma muito integrada.” (P1); “aquilo funcionava, era o centro da escola” (P1) • “Não é... tanto como nós gostaríamos, mas há uma tentativa de trabalho articulado.” (P2); “Em termos dos departamentos, os professores são ... são abertos de alguma maneira a experiências diferentes, desde que se lhes proponha determinadas coisas, eles aderem!” (P2) • “Porque os docentes criaram blogues de turma” (P4); “a nível do segundo e do terceiro ciclo foi mais o blogue da disciplina, ... pelo menos aqueles que criaram estavam lá a alojar documentos” (P4); “que foram utilizados o ano passado mas que este ano também vão utilizar com as turmas que têm este ano.” (P4); “eles divulgavam o endereço do seu blogue e aos alunos iam lá, porque tinham de pôr comentários sobre as leituras dos livros e isso assim” (P4); “Sei que há professores que utilizaram ... Bastante o blogue.” (P4) • “estamos numa fase em que as pessoas já procuram, portanto a articulação já é muito espontânea.” (P5) • “É possível, é possível! É possível sim. É possível e até é desejável” (P6); “quando as pessoas se aperceberem do que podem tirar da biblioteca muitas portas se vão abrir.” (P6); “Claro que isso dá muito trabalho! Mas é possível.” (P6); “Dá frutos, mas é possível” (P6); o meu problema não é falta de articulação, porque eu nunca senti, da parte dos colegas, falta de vontade em articular e em fazer as coisas.” (P6) • “Todos os professores que contactei se disponibilizaram sempre em participar nas atividades realizadas na BE.” (P7) | 4 (P1) 2 (P2) 5 (P4) 1 (P5) 5 (P6) 1 (P7) T- 18 |
| | Dificuldade em articular | <ul style="list-style-type: none"> • “Com os departamentos ... é complicado, é complicado!” (P1); “para fazer esta função de coordenador, devia ser uma função que só ao fim de, vamos dizer 5 anos de estar numa escola é que se deveria poder ser coordenador das bibliotecas” (P1); “Mais complicado. É muito mais complicado!” (P1) • “As demasiadas solicitações que os professores já têm e que nem sempre se mostram disponíveis para articular, ou para | 3 (P1) 1 (P3) 7 (P5) 1 (P6) T- 12 |

| | | | |
|----------------------------|---------------------------|--|--|
| | | <p>realmente recorrer à biblioteca.” (P3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “as pessoas privilegiam o programa.” (P5); “As pessoas têm de cumprir o programa” (P5); “se tenham acomodado em ser mais fácil fazer a sequência manual de exposição até terminar” (P5); “uma atividade na biblioteca pode parecer uma perda de tempo.” (P5); “Uma competência científica, mas extraordinária, que são as mais resistentes a trabalhar em conjunto com a biblioteca.” (P5); “a escola está grande fisicamente e a escola é grande” (P5); “nas organizações grandes as coisas diluem-se assim mais” (P5) • “Os programas são extensíssimos, as pessoas que não dão o programa têm que justificar.” (P6) | |
| | Articulação institucional | <ul style="list-style-type: none"> • “não há esse relacionamento e portanto é mais na base intitucional e portanto é...” (P1); “falta tempo para esse relacionamento pessoal e esse conhecimento que depois nos leva a fazer outros projetos e coisas mais diferentes e mais interessantes. É preciso deixar passar algum tempo!” (P1) • “Com a Direção conseguimos articular muito bem, com a Direção articula-se muito bem e é a partir da Direção é que se articula com, com a maioria do corpo docente” (P5); “, faz-se através das estruturas, tem que ser por cima” (P5); “Com as estruturas funciona mais fácil a nível das cúpulas do que a nível do terreno de cada um” (P5) | <p>2 (P1) 3 (P5) T- 5</p> |
| | Direção facilitadora | <ul style="list-style-type: none"> • “a direção tem para a biblioteca uma atitude muito positiva” (P1); “não são elementos que dificultem, que criem obstáculos. Dentro das disponibilidades da escola, sempre encontrei receptividade às minhas propostas.” (P1) • “A Direção é aberta nesse campo, nesse aspeto, não põe entraves, antes pelo contrário, quanto mais se faça em termos de visibilidade, em projetos, tanto melhor!” (P2) • “porque a Direção tentou, de algum modo, fazer a mancha horária de modo a estar sempre algum professor na biblioteca.” (P4); “Houve essa preocupação!” (P4) | <p>2 (P1) 1 (P2) 2 (P4) T- 5</p> |
| Como é feita a articulação | Relacionamento | <ul style="list-style-type: none"> • “a principal articulação com os diversos departamentos é sobretudo no apoio às atividades letivas e portanto é feito na base pessoal” (P1); “tem de ser uma relação que transmite confiança que depois leva as pessoas a aderir ou não aquilo que nós estamos a propor.” (P1) • “No âmbito da comemoração das datas significativas, costumamos articular com os colegas, normalmente, de ciências” (P2); “com o primeiro ciclo, somos nós que tentamos integrar o próprio currículo.” (P2) • “Por mail essencialmente.” (P4); “Envio tudo por mail, em conversas informais ainda é que se consegue falar mais facilmente com os colegas e cativá-los.” (P4) • “numa teia relacional, mesmo que o Professor Bibliotecário” (P5); “facto é que através de uma teia relacional” (P5); “de uma teia de conhecimentos... enquanto Professor Bibliotecário” (P5); “depois é a conversa um a um” (P5); “que no grupo, no outro dia estava a dizer, estávamos a programar uma atividade” (P5); “faz-se bem chamar as pessoas cá quando quero alguma coisa” (P5); “Deixo recado na portaria” (P5); “não sei se é a imagem hierárquica se o que é, mas as coisas funcionam melhor.” (P5); “Foi assim qualquer coisa que nos cai.” (P5); “Eu costumo dizer “São coisas que nos caem no colo” Caem-nos no colo ou fazemos por nos cair.” (P5) • “eu fazia era propostas de recursos que entregava diretamente aos delegados dos diversos grupos” (P6); “e está sempre em contacto com os grupos e é uma porta aberta, é uma plataforma.” (P6); “Vamos imaginar a biblioteca como uma plataforma, um espaço comum de saberes” (P6); “facilitar-lhes, de alguma forma aquelas atividades que eles até desejariam fazer, que têm vontade de fazer” (P6) | <p>2 (P1) 2 (P2) 2 (P4) 10 (P5) 4 (P6) T- 20</p> |
| | Departamento | <ul style="list-style-type: none"> • “A planificação anual é feita em termos muito gerais, por norma é assim com o departamento de línguas” (P1); “mas contam-se também com os outros departamentos” (P1); “é uma gestão trimestral..., das atividades que vão ser realizadas e que podem envolver outros departamentos.” (P1) • “No início do ano, há, por vezes, fazemos propostas.” (P2) • “Como sou professora do primeiro ciclo, nas reuniões de departamento do primeiro ciclo digo sempre que há alguma divulgação a fazer, faço-a no departamento.” (P4); “No pedagógico também faço a divulgação porque tenho lá os coordenadores todos de departamento, aproveito para divulgar | <p>3 (P1) 1 (P2) 2 (P4) T- 6</p> |

| | | | |
|----------------------------------|--------------------------|--|--|
| | | ou atividades realizadas ou outras que se vão realizar.” (P4) | |
| | Direção | <ul style="list-style-type: none"> • “relacionamento que o professor bibliotecário consegue estabelecer, é com a direção, é com o diretor, com o subdiretor e com os adjuntos” (P1) • “Com a Direção também é só chegar ali e comunicar, pronto, não há... não há dificuldades, não há obstáculos em chegar junto da Direção.” (P4) | 1 (P1) 1 (P4) T- 2 |
| | Contágio | <ul style="list-style-type: none"> • “Fazem-se coisas com alguma regularidade, não há um trabalho sistemático, o que há depois é mais um efeito de contágio” (P1); “quando se faz uma atividade e depois se divulga e os outros professores depois vêm e depois ... esses professores acabam por também se aproximar da biblioteca.” (P1); “um efeito de contágio” (P1) • “Alarga-se com outros professores.” (P7) | 3 (P1) 1 (P7) T- 4 |
| | Pressão alunos | <ul style="list-style-type: none"> • “provavelmente até por pressão dos próprios alunos” (P1); “por pressão dos alunos, porque os alunos gostam que os seus trabalhos não fiquem fechados na gaveta do professor” (P1); “Por isso que há quase uma pressão para que haja essa ligação para fora da sala de aula através da biblioteca.” (P1) • “Sobretudo para os alunos, aqui nesta escola entra-se pelos alunos.” (P5); “Entra-se pelos alunos e quando, e depois a partir do testemunho deles, entra-se pelos professores.” (P5) | 3 (P1) 2 (P5) T- 5 |
| Atividades e projetos promovidos | Concursos Institucionais | <ul style="list-style-type: none"> • “Porque há muitas atividades que logo, naturalmente, envolvem os professores neste caso até mais os de Português, até por causa dos diversos concursos, o Plano Nacional de Leitura” (P1) • “O projeto “Todos juntos podemos Ler”, mas que ainda está a começar!” (P2) • “Porque depois há sempre aquele concurso na altura da Semana da Leitura” (P4) • “para a Semana da Leitura (como é Palavras do Mundo, o lema é Palavras do Mundo), eles vão trabalhar o Inglês, vêm aí” (P5) • “por exemplo, concursos” (P7); “concursos também com Informática, ... até ganhámos um concurso, foi um filme, um filme que os alunos fizeram” (P7); “Concursos, concursos também com a informática” (P7) | 1 (P1) 1 (P2) 1 (P4) 1 (P5) 3 (P7) T- 7 |
| | Projetos Europeus | <ul style="list-style-type: none"> • “coordenei um projeto <i>Comenius</i> com recurso à plataforma <i>e-Twinning</i>, e assentava muito também no uso das TIC” (P3) • “o Encontro Internacional, a UNESCO ...e depois funciona em termos de redes sociais, comunicação social e a biblioteca faz questão de ser um ponto de apoio” (P5) • “Intercâmbios internacionais também, porque são muito importantes e interessantes.” (P6) | 1 (P3) 1 (P5) 1 (P6) T- 3 |
| | Projetos BE | <ul style="list-style-type: none"> • “Depois tenho este projeto, que já referi, dos monitores, que acho que, em termos das TIC também é um projeto importante” (P2); “Também é utilizado o <i>Audacity</i>, para os alunos com Dislexia, sendo feitas as gravações áudio dos testes para evitar que o teste tenha que ser lido pelo professor durante a sua realização.” (P2) • “havia uma atividade que eu fazia ... a “Hora do Conto” ... e nessa atividade eu recorria também às TIC porque levava uma canção gravada ou porque projetava um <i>powerpoint</i> de um livro, do qual contava a história, ou porque acedia um livro online” (P3); “portanto, é sempre a utilização das TIC, sempre!” (P3) • “o concurso “À descoberta de Autores e de Livros”... É um concurso que está relacionado com os autores e é, que eles também podem só fazer os desafios, jogar só!” (P4); “Pois ela criou um site... ela está a criar um conjunto de jogos e informações sobre autores de livros que são contemplados nas metas curriculares do segundo ciclo.” (P4) • “Na Semana das Línguas vem, vem o Inglês, vêm fazer umas <i>Quizz</i> por aí, vêm fazer com, vem utilizar quer a literatura inglesa, quer <i>online</i>, eles têm umas atividades” (P5); “com o Português fazíamos a Semana das Línguas” (P5) • “eu fui ver os conteúdos de cada disciplina e ver onde é que se encaixava determinado assunto e dei material de apoio aos colegas para darem uma aula diferente, à volta daquele tema.” (P6) | 2 (P2) 2 (P3) 2 (P4) 2 (P5) 1 (P6) T- 9 |
| | Articulação Curricular | <ul style="list-style-type: none"> • “Os diversos professores que, por norma, procuram junto da biblioteca, do professor bibliotecário e de quem lá trabalha, apoio na realização de trabalhos de pesquisa.” (P1) • “No âmbito da comemoração das datas significativas, costumamos articular com os colegas, normalmente, de | 1 (P1) 1 (P2) 1 (P4) 4 (P6) 9 (P7) |

| | | | |
|-------------------|----------------------|--|---|
| | | <p>ciências” (P2)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “estamos a preparar é a atividade da altura da Internet Segura e estou a articular com uma colega de TIC, em que ela vai colocar a, aquela turma que ela tem a essa hora a vir dinamizar sessões de utilização da internet, nos jogos, no site da SeguraNet.” (P4) • “Acho que na biblioteca é o sítio ideal para isso.” (P6); “mas a relevância da biblioteca como espaço de articulação.” (P6); “atividades de escrita colaborativa, que são muito interessantes, porque os miúdos gostam de interagir através das redes sociais” (P6); “construção de apresentações para, para aulas que eles queiram fazer, para apresentação de trabalhos, os <i>Powerpoint</i> “ (P6) • “A equipa da Biblioteca escolar fez imensas atividades em parceria com os professores das diversas áreas disciplinares. Por exemplo participação em projetos da escola, exposições, comemorações de dias, visitas guiadas, concursos, colaboração em atividades de sala de aula, etc.” (P7); “eu fiz-lhe um Puzzle, um Puzzle com as TIC, com as TIC.” (P7); “vieram à biblioteca e fizeram um Puzzle. Portanto, fizeram um Puzzle com a parte das Ciências. Com a Filosofia (e isso englobou muito as TIC!)” (P7); “eles tinham de resolver aquele Puzzle, numa plataforma qualquer, que eu fiz, um programa que eu tinha.” (P7); “Acho que trabalhei a Informática, portanto, na Internet Segura.” (P7); “aquele programa de registo dos alunos, foi um trabalho colaborativo entre os alunos da Prova de Aptidão Profissional e a biblioteca. Os alunos que faziam a Prova de Aptidão Profissional, e eles é que me fizeram aquilo, foi um trabalho colaborativo, que depois ajudei-os muito a fazer aquilo.” (P7); “Com a Moral, também atividades que nós fizemos.” (P7); “não me vem o nome de tantas atividades que eu fiz, mas foi sempre em trabalho colaborativo.” (P7); “Foi, foi sempre!” (P7) | T- 16 |
| | Jornal Escolar | <ul style="list-style-type: none"> • “o jornal em suporte de papel... já foi, em tempos, feito por grupos de alunos no espaço da biblioteca, em que eles usavam, eles usavam, aprenderam a usar o <i>publisher</i>” (P2) | 1 (P2) T- 1 |
| | Explorar a BE | <ul style="list-style-type: none"> • “aquilo que nós chamámos de Bibliopaper ... tem a ver com... os miúdos do quinto e sexto ano, ganharem mais algumas práticas de utilização do fundo documental da biblioteca.” (P2) • “De qualquer maneira no blogue da biblioteca temos alojados lá vários guiões que os professores poderão aproveitar” (P4) | 1 (P2) 1 (P4) T- 2 |
| | Visibilidade | <ul style="list-style-type: none"> • “Os professores quando têm projetos e querem ganhar visibilidade para esses projetos então recorrem à biblioteca” (P1) • “Se nós não tivéssemos uma atividade visível, por exemplo, a nível de blogue” (P5) | 1 (P1) 1 (P5) T- 2 |
| Como se organizam | Informalidade | <ul style="list-style-type: none"> • “em termos práticos é mais uma ação individual, do professor bibliotecário junto dos docentes.” (P1); “Tem de ir muitas vezes à sala de professores e ao bar, porque é aí que faz o trabalho dele, porque não é nas reuniões formais que, por norma, se consegue.” (P1) • “Normalmente, é trabalho direto e pessoal, nós não somos muitos, é no contacto direto.” (P2) • “toda a organização do campeonato para escolher os campeões para irem à sessão <i>online</i> é feita na biblioteca, depois para isso tem de haver uma grande articulação com eles.” (P4); “os colegas só me dão o nome dos alunos das suas turmas.” (P4) • “As coisas surgem muito da conversa” (P5); “a partir daqui a História já me disse” (P5); “surge assim de uma conversa informal.” (P5) • “é preciso é ir de encontro aos professores” (P7); “Eram reuniões informais” (P7); “eu ao encontro deles e combinávamos as atividades.” (P7) | 2 (P1) 1 (P2) 2 (P4) 3 (P5) 3 (P7) T- 11 |
| | Formalidade | <ul style="list-style-type: none"> • “Não são os documentos formais que resolvem isso.” (P1); “Podem pôr nos regulamentos o que quiserem, as reuniões que quiserem que, se não houver este trabalho feito por fora, não se consegue.” (P1) • “Não era uma reunião no grupo disciplinar. Isso acho que não resulta.” (P7) | 2 (P1) 1 (P7) T- 3 |
| | Acessibilidade ao PB | <ul style="list-style-type: none"> • “No início do ano, aquilo que eu faço é ... mostro-me disponível para ir a outras reuniões de departamentos” (P1); “Para logo no início do ano planificar alguma atividade em conjunto com esses departamentos” (P1) • “nós disponibilizamo-nos e ficamos à espera, para que | 2 (P1) 1 (P2) 1 (P4) 2 (P5) 2 (P7) |

| | | | |
|-----------------------|--------------------------|--|--|
| | | <p>recorram.” (P2)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Oferecendo-me para ir às reuniões” (P4) • “enquanto Professora Bibliotecária, a minha grande preocupação é deixar as pessoas à vontade” (P5); “Digo sabem como é que fazem.” (P5) • “e eles, às vezes, também vinham ter comigo. Vinham, vinham.” (P7); “Os professores vinham à Biblioteca” (P7) | T- 8 |
| | Professores colaborantes | <ul style="list-style-type: none"> • “e os grandes projetos, pelo menos que eu consegui levar a cabo, nas escolas, ligados à biblioteca escolar, resultavam, por norma, de trabalho voluntário” (P1) • “Eles saem da aula e vêm à biblioteca fazer a prova” (P4); “Quando foi a formação de utilizadores também contactei os colegas, marquei as horas, eles vieram.” (P4); “os docentes virem, acho tem sido bonito, tem sido bom, conseguir-se que os professores ao fim do dia ainda consigam vir” (P4) • “a Filosofia impreterivelmente fazem aqui o Dia da Filosofia” (P5); “A Física e Química e a, e a Filosofia caem aqui, em março impreterivelmente as Línguas caem aqui.” (P5) • “não dentro do próprio departamento “ (P7); “mas sim com professores que gostavam de trabalhar com a, a biblioteca, pronto!” (P7); “eu ia sempre ao encontro dos, dos professores que estavam mais recetivos àquelas, às atividades.” (P7); “É, é mais fácil chegar ali à... “Olha aquele, se calhar.”,” Olha, queres ir fazer?”. Depois eles ficavam todos entusiasmados.” (P7); “entre os professores que queriam dinamizar e colaborar” (P7); “Com quem se podia trabalhar.” (P7) | 1 (P1) 3 (P4) 2 (P5) 6 (P7) T- 12 |
| | Rotinas | <ul style="list-style-type: none"> • “os jogos do SuperImatik” (P4) • “Já é assim uma geração espontânea que acontece, mas também porquê, porque as pessoas já sabem que está aqui.” (P5) • “Quando havia algumas atividades, por exemplo a Internet Segura, por exemplo, incluía com o departamento ... das tecnologias, da informática” (P7) | 1 (P4) 1 (P5) 1 (P7) T- 3 |
| Dificuldades sentidas | Tempo | <ul style="list-style-type: none"> • “porque há muitas outras coisas que ocupam, de facto, os professores, ocupam-nos demasiado.” (P1) • “a articulação, neste momento, a limitação que eu acho, é uma limitação que tem muito a ver com o uso do tempo” (P2); “os alunos neste momento têm o horário muito sobrecarregado ... e mesmo os professores estão muito focados, no cumprimento dos programas” (P2) • “mas depois estou logo limitada porque como não estou cá todos os dias “ (P4); “não estou cá, pronto, não dá para trabalhar com esses docentes. “ (P4); “como estou cá pouco tempo é difícil arranjar mais tempo para dinamizar outro tipo de concursos.” (P4); “Em horas de biblioteca, começa a semana com horas de biblioteca, ... só vem cá ao fim da tarde, uma hora e meia.” (P4); “Por isso estou, estou espartilhada, pronto.” (P4); “como não estou cá muitas horas” (P4) • “eu não tenho tanto tempo é meter o nariz nos tesourinhos” (P5); “Tenho muita pena” (P5); “parece muito vago, mas isto enche-me, enche-me o tempo ... enche-me o tempo, não tenho tempo para fazer tudo.” (P5); “E o tempo esgota-se nisto e não se faz tudo!” (P5); “não estão é atualizadas porque eu sozinha não chego lá” (P5); “Eu gostava de ter um braço ... gostava de ter um braço” (P5) • “porque isso é outra dificuldade agora, é a questão do tempo” (P6); “não havia tempo para fazer praticamente mais nada, porque os miúdos não têm autonomia” (P6); “Mas depois parece-me que falta tempo” (P6); “Porque esta coisa de mandar fazer dois ou três trabalhos por ano, a uma criança de dez anos... que faça um bem feito já é muito bom, mas é preciso que tenha tempo de o fazer.” (P6); “é muito angustiante porque não há tempo para fazer tudo, porque os alunos estão constantemente a entrar, porque eles precisam de muito apoio, precisavam de ter ali aquele apoio mais individualizado” (P6); “E depois há coisas que ficam para trás” (P6); “uma das partes a que eu nunca consegui chegar, foi na articulação com a comunidade. Eu nunca consegui! O tempo não chega.” (P6); “Havendo tempo!” (P6); “A biblioteca pode fazer isto, mas é preciso tempo!” (P6); “hoje em dia não há!” (P6); “porque as aulas estão contadas” (P6); “Não há tempo para tudo” (P6); “O que eu notava era falta de tempo. Falta de tempo, as pessoas não têm tempo.” (P6) • “Os professores não têm tempo e o Professor Bibliotecário também não.” (P7); “porque o trabalho de uma biblioteca é | 1 (P1) 2 (P2) 6 (P4) 6 (P5) 13 (P6) 4 (P7) T- 32 |

| | | | |
|--|----------------------------|---|--|
| | | <p>muito e não há tempo para a realização de todas as tarefas.” (P7); “Organizar a biblioteca, dar apoio ao currículo. Quem consegue?! Ninguém! Ninguém!” (P7); “Como deve ser, não! Não se tem tempo. Ou faz-se uma coisa ou faz-se outra.” (P7)</p> | |
| | Resistência em articular | <ul style="list-style-type: none"> • “eu não encontro da parte da escola, pessoas ... recetividade para isso” (P1) • “E acontece e acontece, por vezes isso” (P3); “o professor bibliotecário precisa da disponibilidade e da vontade dos outros para que o seu trabalho vigore, digamos, sem os outros estamos praticamente isolados.” (P3) • “eu acho que é os professores estarem, de tal modo, sei lá, cercados de tanta burocracia” (P4); “os professores depois já têm alguma dificuldade, colocam alguma resistência, porque nalguns professores ainda existe aquela ideia que é mais uma atividade” (P4); “Mais trabalho!” (P4) • “O corpo docente não é nada fácil!” (P5); “a prática ... tem de ser muito ajustada a este público.” (P5); “Este público não é fácil! Nunca foi fácil, vai lá mas, vai lá!” (P5); “Nem que seja por decreto! Mesmo assim, sabemos como.” (P5); “Tanto que de onze turmas... vieram cá cinco.” (P5); “É a reticência!” (P5) • “Porque hoje em dia ... até para os alunos do quinto ano virem visitar a biblioteca no início do ano é um “sarilho”” (P6); “Agora, neste momento eu tenho a impressão que se a biblioteca fizer isso é um “Não, não, não, desculpa mas não pode ser!”” (P6) • “O que funciona mal na biblioteca é o trabalho do apoio ao currículo.” (P7); “Aquele parceria com os professores.” (P7); “No que diz respeito ao apoio ao currículo é que é era difícil ultrapassar, porque não existia uma planificação das atividades entre o professor bibliotecário e os professores que lecionam as disciplinas.” (P7); “Quando o aluno vai à biblioteca, o Professor Bibliotecário já devia ter todo o material organizado.” (P7); “É muito difícil para o professor realizar o apoio ao currículo, ... e também uma grande articulação com os professores e áreas disciplinares.” (P7) | <p>1 (P1) 2 (P3) 3 (P4) 6 (P5) 2 (P6) 5 (P7) T- 19</p> |
| | Resultados | <ul style="list-style-type: none"> • “porque mais uma vez está toda a gente centrada na questão dos ... resultados e como esta questão das tecnologias tem vindo a perder peso” (P1) • “os colegas têm as aulas contadas porque precisam de lecionar os conteúdos porque têm o exame no final do ano” (P6) | <p>1 (P1) 1 (P6) T- 2</p> |
| | Desmotivação | <ul style="list-style-type: none"> • “Neste momento, de facto, somos tão mal tratados que ...” (P1); “Neste momento o que se passa é que cumprimos, andamos todos a cumprir pelo mínimo, mas neste momento é o que se pode fazer.” (P1); “Não tenho, neste momento, nem de perto nem de longe, a mesma disponibilidade que tinha para a escola” (P1); “Vamos apanhando pancada e pronto, e isso vai-nos, pelo menos a mim, vai-me deitando abaixo.” (P1) • “e é claro que ninguém gosta de ter uma proposta e falar com as pessoas e ouvir “Ah! Eu agora não tenho disponibilidade!”, é assim um bocadinho mais desmotivador.” (P3), E, neste momento eu sinto-me como uma balança, não é?! A pesar os prós e os contras!” (P3); “ontem um menino tocou-me assim, um bocadinho, na mágoa que tenho, de não fazer esta atividade” (P3); “É um cenário um bocadinho desmotivador” (P3) • “Em relação à importância que tem, eu acho que as bibliotecas não tiveram ainda hipótese de mostrar a importância que têm.” (P6); “Na minha experiência, eu não tive hipótese de mostrar como a biblioteca é importante para a escola, não sei se as pessoas se chegaram a aperceber disso.” (P6); “a partir daqui eu nem vejo o que resta muito às bibliotecas.” (P6); “éramos todos mais novos e mais energéticos” (P6); “Eu já sentia isso da outra vez, por isso eu acho que isso vai acontecer.” (P6); “Mas é uma pena! Não é?!” (P6); “Na nossa Escola são, são, são, é um desperdício!” (P6) | <p>4 (P1) 4 (P3) 7 (P6) T- 15</p> |
| | Orientações institucionais | <ul style="list-style-type: none"> • “depois o ministério, de repente, diz que nas escolas até às treze e trinta o Facebook tem de estar bloqueado e portanto são estas contradições que, ao fim de alguns anos, nos levam de facto a ter de parar e a não avançar” (P1); “porque eu não tenho a certeza, depois, do que é vai acontecer a seguir” (P1); “São as modas, eles vão muito por modas” (P1); “é tudo demasiado solto, sem uma linha condutora” (P1) • “calma para que a biblioteca possa fazer o seu papel, e para que na sala de aula, nos contextos dos diversos campos disciplinares se sintam os efeitos do trabalho da biblioteca.” | <p>4 (P1) 6 (P6) T- 10</p> |

| | | | |
|---------------------------------------|--|--|---|
| | | (P6); “até que depois alguém destinou duas ou três horinhas de TIC, que são uma autêntica barbaridade” (P6); “é muito difícil trabalhar com grupos grandes.” (P6); “Há aqui uma salada, como sempre nós vamos a reboque da realidade! Vamos a reboque.” (P6); “É mais ou menos como a Educação Sexual (Pausa) ou como a Cidadania, não é?!” (P6); “, a biblioteca é um motor de construção do conhecimento numa Escola que não valoriza e nem pretende a construção do conhecimento, ou se pretende não sabe aquilo que está a fazer!” (P6) | |
| | Monetárias | <ul style="list-style-type: none"> • “As dificuldades de recursos financeiros, muitos.” (P2) • “o único problema que poderemos ter, se se pode dizer problema, é geral, falta de financiamento” (P4); “Claro está que a bibliotecária gostaria muito de comprar livros todos os meses, não é?!” (P4) • “as monetárias porque não havia verbas” (P7) | 1 (P2) 2 (P4) 1 (P7) T- 4 |
| | Falta de iniciativa | <ul style="list-style-type: none"> • “Não sabem como “arrancar”, não tomam iniciativa.” (P6) | 1 (P6) T- 1 |
| | Professores com pouco conhecimento nas TIC | <ul style="list-style-type: none"> • “muitas vezes até são os professores que precisavam de ter um bocadinho mais de traquejo para “puxar” pelos alunos” (P6); “porque muitas vezes, quantas vezes nós não pomos uma ferramenta à frente de um miúdo, para lhe ensinarmos o “A,B,C” e quando vamos no “C” ele já vai no “L”” (P6) | 2 (P6) T- 2 |
| | Falta de equipa | <ul style="list-style-type: none"> • “E também a minha falta de disponibilidade, porque se eu para articular ou para estar na sala de aula tenho de fechar a biblioteca, tenho de pensar muito bem o que é que faço.” (P3); “Porque, se eu fecho a porta da biblioteca quando há utilizadores que querem recorrer, se chegarem lá e a porta estiver fechada da próxima vez já não se dirigem lá!” (P3); “E é isso que tem vindo a acontecer!” (P3); “se calhar até posso fechar aqui a porta da biblioteca uma manhã e ir fazer uma “Hora de Conto”, mas vou apenas a uma escola, eu não posso fechar durante duas semanas para ir a todas as escolas.” (P3); “E não tenho feito essa atividade precisamente por isso, porque se eu sair da escola, a porta fecha!” (P3); “Depois vou a uma e não vou a outra!” (P3) • “Como a maior parte das vezes isso não existe e quem está na biblioteca é para completar horário e as pessoas nem sequer se empenham, nem sequer querem saber” (P6); Nas condições em que eu estava, a equipa era reduzida” (P6); “não havia funcionário” (P6); mas fechar a biblioteca à hora de almoço é quando ela é mais necessária, portanto é um crime, não é?!” (P6); “Sim, é preciso uma equipa, é preciso entusiasmo.” (P6); “As dificuldades são as equipas, primeiro, a constituição das equipas” (P6); “as dificuldades da biblioteca são a equipa, que não tem formação” (P6) | 6 (P3) 7 (P6) T- 13 |
| | Falta de recursos/ equipamentos | <ul style="list-style-type: none"> • “a manutenção dos equipamentos informáticos tem vindo a transformar-se num problema muito sério com que as escolas têm de lidar e, por consequência, também as bibliotecas escolares.” (P1); “Os equipamentos vão ficando desatualizados, faltam licenças de software, as redes informáticas funcionam com muitas debilidades e tudo isso complica muito o trabalho desenvolvido com recurso às TIC.” (P1) • “Tem a ver com a falta que se reflete, depois, na falta de recursos informáticos, de equipamento” (P2); “Equipamento que tem a ver, não só com portáteis, com as ligações à <i>net</i> que são cada vez mais lentas e que acabam por” (P2); “condicionar e desmotivar a sua utilização.” (P2) • “ Quando as coisas estão ligadas e funcionam até que não é mau!” (P6); “eu na biblioteca eu tive um clube com os alunos do quarto ano e eu não consegui fazer uma única aula com o Magalhães.” (P6); “Porque um não funcionava, um não tinha pilhas, outro o rato não sei o quê, e nunca foi possível.” (P6); “ nunca foi possível, portanto, em contexto de sala de aula com vinte e tal miúdos, não consigo imaginar.” (P6); “Quando as coisas não funcionam piora um pouco, não é?!” (P6) • “as escolas não têm técnicos que possam fazer a manutenção dos materiais informáticos.” (P7); “As máquinas não estão em condições de ser utilizadas e os professores desistem logo à primeira.” (P7); “O que é que acontecia, por exemplo, na escola onde eu estava.” (P7); “O equipamento ou está desligado, ou não havia internet, porque a banda não era suficiente.” (P7) | 2 (P1) 3 (P2) 5 (P6) 4 (P7) T- 14 |
| Formas de ultrapassar as dificuldades | Não ultrapassadas | <ul style="list-style-type: none"> • “O que eu precisava era que deixassem a escola em paz! E não deixam a escola em paz, não deixam!” (P1) • “Pois não sei! Nem sei se vou conseguir ultrapassar...” (P3); | 1 (P1) 7 (P3) 4 (P6) T- 12 |

| | | | |
|--|-------------------------|---|------------------------------------|
| | | <p>“Eu acho que as dificuldades que têm surgindo nem estão a ser ultrapassadas!” (P3); “Estão simplesmente a acumular, sinceramente!” (P3); “Eu não posso ultrapassar um horário de funcionamento.” (P3); “Faço eu mais horas?!” (P3); “Não me posso partir em duas para deixar a biblioteca aberta e para ir fazer atividades!” (P3); “E essa é sobretudo a grande dificuldade que eu vejo, é a falta de disponibilidade para que eu realmente possa investir numa articulação curricular aos diferentes níveis de ensino.” (P3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “A incongruência que é uma biblioteca que é um polo, que deve ser o polo de construção do conhecimento quer justificar-se numa escola onde a construção do conhecimento não existe.” (P6); “O nosso sistema de ensino hoje não tem espaço para a construção do conhecimento, portanto, a biblioteca...” (P6); “A biblioteca acaba por ser, arrisca-se a voltar a ser um armazém de livros.” (P6); “Estas bibliotecas como elas foram idealizadas são para uma escola que não é a nossa!” (P6) | |
| | Políticas educativas | <ul style="list-style-type: none"> • “Se deixassem a escola em paz e não se falasse tanto de escola, eu acho que isto tudo funcionava melhor, muito melhor!” (P1) • “Isso só se consegue contornar com as políticas educativas, mais nada, não há hipótese!” (P6) | 1 (P1) 1 (P6) T- 2 |
| | Sedução dos professores | <ul style="list-style-type: none"> • “Muito com o trabalho cara-a-cara, com o trabalho muito personalizado e com o mostrar” (P2); “que eu já estive a seleccionar o artigo para poder mostrar aos colegas de História” (P2); “no quotidiano, no trabalho ”tête à tête” se quisermos, num trabalho mais próximo.” (P2) • “Vão puxando os colegas porque “Olha, eu estou a fazer através da biblioteca”, uma atividade ou outra” (P4); “em conversa com os colegas é que poderemos ir conseguindo mais alguns pontos de encontro.” (P4); “De maneira a que os professores sintam aquilo... gostaram de uma atividade que fizeram com a biblioteca e ficam mais receptivos a uma outra próxima.” (P4) • “ter mais com as pessoas, as pessoas necessitam muito que se vá ter com elas” (P5) | 3 (P2) 3 (P4) 1 (P5) T- 7 |
| | Equipa | <ul style="list-style-type: none"> • “eu ter professores de vários grupos na equipa, porque assim ficamos a saber o que é que eles precisam.” (P4); “É muito mais fácil! É muito mais fácil!” (P4); “Pode ser através da equipa, pode ser!” (P4); “Através de uma equipa interventiva, uma equipa criativa, uma equipa ...” (P4); “Porque eu tenho essa equipa!” (P4); “Trocamos <i>mails</i>, ... e eles vão fazendo.” (P4); “tenho uma boa base de apoio para fazer trabalhos diferentes e eles são mesmos interventivos e criativos.” (P4); “Tenho uma equipa muito boa, por acaso!” (P4) | 8 (P4) T- 8 |
| | Facilitar o currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “seja difícil intervir ou a biblioteca chegar a. Mas é um trabalho que se vai construindo.” (P2); “O que tem e o que fazem os outros professores.” (P2); “Precisa de estar próximo, de alguma maneira do trabalho que é feito nas outras áreas” (P2); “estar a par do trabalho que é feito nas disciplinas, que é feito com os alunos para poder também intervir.” (P2) • “daí estarmos a desenvolver aquele espaço no blogue, ... já é menos uma coisa que eu tenho que fazer.” (P4); “talvez a biblioteca possa dar um apoio e talvez seja o momento certo para nós “agarrarmos” os professores” (P4); “Delinear estratégias conjuntas.” (P4); “A biblioteca tem de ir sedimentando a sua atuação, mas tem de ser através de mostrar-lhes que a biblioteca está aqui para facilitar” (P4); “Temos que arranjar, vá-la, temos de arranjar materiais, temos de verificar bem o que é que eles precisam.” (P4) | 4 (P2) 5 (P4) T- 9 |
| | Articular com a BM | <ul style="list-style-type: none"> • “Com o SABE, quer dizer, eu acho que era uma das tarefas que devia estar completamente alheada à nossa, seria essa!” (P4); “Porque era preferível eles porem ... mais um funcionário da Biblioteca Municipal, que fizesse tudo isso” (P4) • “Se existir uma colaboração mais aprofundada com a Biblioteca Municipal já liberta um pouco o Professor Bibliotecário para apoiar mais os alunos na realização dos seus trabalhos” (P7) | 2 (P4) 1 (P7) T- 3 |

Apêndice 3.3. Análise da utilização das Ferramentas Web 2.0

GRELHA DE ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS WEB 2.0

| 1ª CATEGORIA: UTILIZAÇÃO PELO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO | | | | | | | | |
|--|---------------------------|--------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|-----------|
| Anos letivos 2012/2013 e 2013/2014 | | | | | | | | |
| INDICADORES | FERRAMENTAS | Nº DE UTILIZAÇÕES | | | | | | |
| | | P1* | P2 | P3 | P4 | P5 | P6* | P7 |
| Literacia da Informação | • Slideboom | | | | 1 | | | |
| | • Youtube | | | | 1 | | | |
| | • Diigo | | | 23 | | | 70 | |
| Literacia Tecnológica | • Slideshare | | | | 1 | | | |
| Apoio ao Utilizador | • Slideboom | | | | 1 | | | |
| | • Wix | | | | | | | 1 |
| | • Calaméo | | | | | | | 1 |
| Apoio ao Currículo | • Youtube | | | | 1 | | | |
| | • Wiki | | | | | | 1 | |
| Divulgação | • Blogue no Blogspot | 17 | | 61 | 291 | | 21 | 73 |
| | • Blogue no Wordpress | | | | | 167 | | |
| | • Microblogging (Twitter) | | | | 294 | 2422 | 2 | 20 |
| | • Wix | | | | | | 1 | |
| | • Slideboom | | | | 20 | | | |
| | • Box.net | | | | 3 | | | |
| | • Slideshare | | 3 | | 35 | | | 3 |
| | • Issuu | | | | | 7 | | 6 |
| | • Kizoa | | | | 5 | | | |
| | • Onedrive | | | | 1 | | | |
| | • Youtube | 13 | 3 | | 14 | | | |
| | • Facebook | | 26 | | | 359 | 23 | |
| | • Calaméo | | 2 | | | | | 1 |
| | • Smilebox | | | 3 | | 2 | | |
| | • Google Drive | | | 1 | | | | |
| | • Google Apresentações | 4 | | | | | | |
| | • Picture Trail | | | | | | | 13 |
| | • Brainshark | | | | | | 1 | |
| Gestão | • Issuu | | | | | | | 2 |
| | • Slideshare | | | | | | | 3 |

*P1 – Ano Letivo 2014/2015 e *P6 – Ano Letivo 2012/2013

Apêndice 3.4. Análise de Conteúdo dos Documentos Orientadores

GRELHA DE ANÁLISE DE DOCUMENTOS ORIENTADORES - REFERÊNCIA AO USO DAS TIC

| 1ª CATEGORIA: PAPEL DO PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO | | | |
|---|---|---|---|
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | DOCUMENTO |
| Visão ou Pressupostos | Literacia da Informação | <ul style="list-style-type: none"> • “desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | Literacia Tecnológica | <ul style="list-style-type: none"> • “Os bibliotecários escolares devem acompanhar os últimos desenvolvimentos, uma vez que todo o fornecimento de informação na escola, seja qual for o método utilizado, deverá ser a principal preocupação destes profissionais como peritos de informação no ambiente escolar.” | Relatório Profissional da IFLA – Nº 41 1995 |
| | Articulação | <ul style="list-style-type: none"> • “integrar tecnologias de informação no curriculum.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | Acesso/ Disponibilização da informação | <ul style="list-style-type: none"> • “A introdução de tecnologias de informação de fácil acesso para uma vasta audiência, através de redes internacionais, tais como a Internet, veio criar um novo aspecto de serviços de informação nas escolas. “ • “a capacidade para relacionar a biblioteca escolar e os seus recursos às redes de biblioteca-informação e comunicação que permitem a partilha de recursos e o acesso a uma gama de fontes exteriores à escola” | Relatório Profissional da IFLA – Nº 41 1995 |
| | Gestão informatizada | <ul style="list-style-type: none"> • “a capacidade para aplicar tecnologia avançada no armazenamento, movimentação, pesquisa, recuperação e utilização da informação. | Relatório Profissional da IFLA – Nº 41 1995 |
| | Trabalho colaborativo | <ul style="list-style-type: none"> • “Uma tal colaboração pode aumentar a eficiência e a qualidade do tratamento documental e facilitar a combinação de recursos para o máximo resultado.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Um princípio geral do trabalho de bibliotecas é o trabalho cooperativo” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| Orientações | Literacia da Informação | <ul style="list-style-type: none"> • “literacia da informação” | Portaria n.º756/2009 de 14 de julho |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Ele tem o conhecimento e as competências relacionados com o fornecimento da informação e a resolução de problemas de informação, bem como a perícia na utilização de todas as fontes, impressas e electrónicas.” • “forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Um profundo conhecimento de literatura e media para crianças e jovens, ficção e não-ficção, um conhecimento de fontes de informação em linha e de uma variedade de redes de computador, disponíveis para as escolas, é essencial para a criação de | Relatório Profissional da IFLA – Nº 41 1995 |

| | | | |
|--|--------------------------------|--|---|
| | | <p>uma colecção moderna e actualizada.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Além destas características, os bibliotecários escolares necessitam de conhecimentos substanciais sobre informação e redes de bibliotecas, bem como do papel das bibliotecas escolares nelas desempenhado para auxiliarem os utilizadores a aceder às fontes exteriores à escola.” | |
| | Literacia Tecnológica | <ul style="list-style-type: none"> • “e das competências digitais” | Portaria n.º756/2009 de 14 de julho |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “A um outro nível, perícia tecnológica para a recuperação da informação e conhecimento das tecnologias de informação em rápida mudança também são essenciais para os modernos bibliotecários escolares.” | Relatório Profissional da IFLA – N° 41 1995 |
| | Articulação | <ul style="list-style-type: none"> • “Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos” | Portaria n.º756/2009 de 14 de julho |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “O bibliotecário está envolvido na programação para o desenvolvimento curricular, em colaboração com os gestores da escola, os administradores e os professores.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “a capacidade de planear e delinear em cooperação com professores e alunos, a informação de actividades baseadas e de tarefas que suportam o programa educacional da escola, incluindo tecnologia de informação e fontes que estão disponíveis através de canais electrónicos.” | Relatório Profissional da IFLA – N° 41 1995 |
| | Apoio ao currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura” | Portaria n.º756/2009 de 14 de julho |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “O seu conhecimento, as suas competências e a sua perícia vão ao encontro das necessidades de uma comunidade escolar específica.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | Apoio ao utilizador | <ul style="list-style-type: none"> • “apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da Informação” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | Trabalho colaborativo | <ul style="list-style-type: none"> • “trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada” | Portaria n.º756/2009 de 14 de julho |
| 2ª CATEGORIA: PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR | | | |
| SUBCATEGORIAS | INDICADORES | UNIDADES DE REGISTO | DOCUMENTO |
| Visão ou Pressupostos | Literacia da Informação | <ul style="list-style-type: none"> • “Um programa planeado de ensino de competências de informação em parceria com os professores da escola e outros educadores é uma parte essencial do programa das bibliotecas escolares.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “o estudante é provido de conhecimento em toda a gama de tecnologias de informação e comunicação e sua utilização no sentido de localizar e avaliar informação para responder aos interesses e necessidades educativas e recreativas, bem como de capacidades para produzir registos e mensagens visuais, audiovisuais e electrónicas adequadas aos objectivos da comunicação.” • “Estas competências promovem uma aprendizagem ao longo da vida. A aquisição | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | | destas competências permite ao jovem continuar a aprendizagem de forma autónoma, mesmo quando a sua educação é interrompida por imprevistos pessoais ou de natureza social.” | |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas.” • “No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.” • “Nos nossos dias, a informação está a ser cada vez mais transferida ou produzida de raiz em formato digital, uma tendência que se acelerará muito no futuro próximo. Significa isto que a biblioteca escolar tem que permitir aos jovens a aquisição de competências de informação e proporcionar-lhes a consulta de CD-ROM e o acesso a bases de dados à distância, nomeadamente utilizando a Internet.” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| | Literacia Tecnológica | • “é proporcionado ao aluno um conhecimento profundo de toda a gama de tecnologias de informação e comunicação” | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |
| | | • “adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagem diversificadas” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| | Acesso/ Disponibilização da informação | • “Os serviços prestados devem incluir o acesso a recursos informativos electrónicos que reflectam os currícula e, ao mesmo tempo, os interesses e a cultura dos utilizadores. Os recursos electrónicos devem incluir o acesso à Internet, bases de dados em texto integral e de referências especializadas, e ainda produtos de software educativo” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | • “programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes.” | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Através de pontos-de-acesso em cada escola, as crianças podem ter acesso a uma quase infinita variedade de fontes de informação.” • “Nenhuma biblioteca se limita já às fontes que a escola conseguiu adquirir através do seu programa de aquisições. As bibliotecas escolares do futuro serão instituições de informação dentro da escola e, como tal necessitarão, num grau cada vez maior, de mudar e de ajustarem o seu papel como catalisadoras na sociedade de informação.” • “As novas tecnologias facultam o acesso a fontes exteriores à biblioteca escolar e à | Relatório Profissional da IFLA – N° 41 1995 |

| | | | |
|--|------------------------------------|---|---|
| | | própria escola.” | |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “o acesso à informação” • “a partilha de recursos” • “A ideia de rede ganha um peso cada vez maior nos sistemas de informação. Deste ponto de vista, idealmente, cada biblioteca deve ser considerada como um ponto de acesso ao sistema, pelo que os recursos de informação disponíveis deverão, em princípio, estar disponíveis para todos os outros pontos de acesso.” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| | Apoio ao currículo | <ul style="list-style-type: none"> • “A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem da escola” | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |
| | Gestão informatizada | <ul style="list-style-type: none"> • “É fundamental escolher uma aplicação informática de gestão do catálogo da biblioteca adequado para classificar e catalogar os recursos, de acordo com os padrões e as normas bibliográficas nacionais e internacionais.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “gestão bibliográfica” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| | Disponibilizar equipamentos | <ul style="list-style-type: none"> • “deve disponibilizar acesso a todos os equipamentos necessários: electrónicos, informáticos e audiovisuais. Estes equipamentos devem incluir: postos de trabalho informáticos, com computadores com acesso à Internet; catálogos acessíveis ao público, adequados às várias idades e aos diferentes níveis de estudo; gravadores áudio; leitores de CDROM; equipamento de scanner; equipamento informático adequado especialmente para os deficientes visuais ou com outras deficiências físicas ou motoras” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “A adequação dos materiais implica: consciência de toda a gama de tecnologias de informação e de comunicação.” • “Todas as bibliotecas escolares, desde as das escolas pré-primárias às secundárias, necessitam de espaço adequado onde explorar as tecnologias disponíveis para a preparação, processamento e armazenamento de todos os materiais da biblioteca, bem como de espaço que permita aos estudantes e professores utilizar plenamente estes materiais, através da leitura, visionamento, audição e de capacidades de processamento e recuperação de informação.” | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Apos uma longa trajetória de construção da rede de bibliotecas escolares atingiu-se uma fase de maturidade, em que é preciso investir na consolidação e na garantia da sua qualidade, promovendo: a adaptação dos meios existentes as exigências tecnológicas e digitais da atualidade” | Quadro estratégico 2014-2020 RBE - 2013 |

| | | | |
|--|---|--|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Considera-se, portanto, que a criação de uma rede de bibliotecas poderá constituir uma das medidas da política educativa e que cada biblioteca deverá ser entendida como um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e à produção em diferentes suportes.” • “O conceito de biblioteca escolar inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza e suporte) que constituem recursos pedagógicos quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para actividades curriculares não lectivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer.” • “Particular cuidado deve ser colocado na aquisição de sistemas informáticos. A lógica a adoptar decorrerá das funções e não dos equipamentos.” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |
| | Disponibilizar recursos educativos | <ul style="list-style-type: none"> • “A biblioteca escolar proporciona um vasto leque de recursos, tanto impressos como não impressos – incluindo meios electrónicos - e acesso a dados que promovem em cada criança a consciência da sua própria herança cultural e uma base para a compreensão da diversidade de culturas.” | Declaração Política da IASL sobre BE 1993 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “tenham acesso à informação e ao conhecimento, através de grande diversidade de livros, jornais, revistas, audiovisuais e tecnologias de informação” • “De acordo com este conceito, a biblioteca escolar deve ser concebida como um verdadeiro “centro de recursos educativos” multimédia (livros, programas informáticos, periódicos, registos video e áudio, diapositivos, filmes, CD-ROM, etc.), ao dispor de alunos, de professores e, em condições específicas, de outros elementos da sociedade.” • “proporcionar-lhes a consulta de CD-ROM e o acesso a bases de dados à distância, nomeadamente utilizando a Internet.” • “Qualquer material que possa contribuir para o processo de aprendizagem, para o desenvolvimento cultural, estético e científico e ainda para reforçar o prazer de ler pode ser genericamente considerado como um recurso de informação. Incluímos portanto aqui todos os materiais impressos, os audiovisuais e ainda aqueles que as tecnologias de informação põem cada vez mais à nossa disposição e que ganham um peso crescente na nossa sociedade, bem como as produções de professores e alunos (os dossiers temáticos, conjuntos documentais, cartazes, vídeos, etc.).” • “Assim, para além de um número significativo de livros, revistas, jornais e documentos audiovisuais, as nossas bibliotecas escolares começarão a disponibilizar informação em formato digital, de imagem e de som (CD-ROM, CD, etc.), bem como o acesso a bases de dados on-line, nomeadamente através da Internet.” | Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares 1996 |

| | | | |
|--------------------|------------------------------------|---|--|
| Orientações | Literacia da Informação | <ul style="list-style-type: none"> • “Iniciar e aplicar programas de desenvolvimento das competências de literacia da informação é, assim uma das tarefas mais importantes da biblioteca.” • “Localizar e recolher são competências fundamentais que os alunos devem adquirir para serem capazes de procurar informação na biblioteca de forma autónoma. Estas competências incluem o entendimento da ordem alfabética e numérica, o uso de diferentes tipos de instrumentos para pesquisa em bases de dados electrónicas e na Internet.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Disponibilização de conteúdos formativos e aplicações informáticas de apoio à pesquisa, comunicação e trabalho escolar dos alunos.” • “Promoção de recursos de informação atualizados, incentivando a introdução de novos dispositivos de leitura e de empréstimo.” | Quadro estratégico 2014-2020 RBE - 2013 |
| | Gestão Informatizada | • “a biblioteca como um portal para a aldeia global através dos empréstimos interbibliotecas e da rede electrónica.” | Diretrizes IFLA/UNESCO 2002 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Incorporação de resultados de estudos e práticas recentes, com vista a gestão cooperativa das coleções, a aquisição de documentos em suporte digital e a implementação do e-empréstimo.” • “Fomento de parcerias interbibliotecas, prosseguindo a política de criação de bibliotecas digitais e de catálogos bibliográficos coletivos.” | Quadro estratégico 2014-2020 RBE - 2013 |
| | Disponibilizar equipamentos | • “Reconversão do espaço físico das bibliotecas e atualização de equipamentos e software.” | Quadro estratégico 2014-2020 RBE - 2013 |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • “Contactos com instituições e empresas fornecedoras de mobiliário, equipamentos, software e outros recursos específicos.” • “Criação de condições físicas e tecnológicas que tornem as bibliotecas capazes de dar respostas diferenciadas a alunos com necessidades educativas especiais ou outras necessidades específicas – cursos profissionais, vocacionais, de educação e formação, outros.” | |

ANEXOS

Anexo 3.1. Transcrição das Entrevistas

Entrevistado P1

23/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

12.15 às 13.10

Início da parte da entrevista que não foi possível obter o registo áudio.

O que o levou a enveredar pela função de Professor Bibliotecário?

Desde cedo houve o fascínio pelas bibliotecas, em particular as Itinerantes da Gulbenkian, que iam ao local onde vivia em pequeno. No ano letivo de mil novecentos e noventa e três-mil novecentos e noventa e quatro, após o ano de estágio numa escola do Alentejo, o Presidente do Conselho Diretivo levou-me ao espaço da biblioteca e propôs-me que ficasse encarregue da mesma. Nessa época tinha poucas horas para a sua gestão, funcionava como "Diretor de Instalações", o equivalente à contagem de martelos ou outras ferramentas. Durante os cinco anos letivos seguintes a biblioteca daquela escola foi-se modernizando, com a aquisição de algum equipamento e recursos documentais e afetação de mais recurso humanos, de acordo com as disponibilidades existentes.

Posteriormente, no ano letivo de mil novecentos e noventa e oito-mil novecentos e noventa e nove, quando a biblioteca ficou integrada na RBE, o número de horas aumentou bem como o tipo de organização solicitada.

Esta situação deriva de uma opção ou de uma imposição?

Esta função é, claramente, fruto de uma opção.

Qual a sua formação inicial?

A minha formação inicial foi em Literatura.

Que tipo de formação especializada tem na área das Bibliotecas Escolares?

Com a integração na RBE o tipo e o nível de solicitação e as particularidades de trabalho de catalogação na biblioteca fez-me procurar formação para preencher as lacunas que sentia. Para as colmatar fiz um Curso de Especialização na Universidade de Évora em Ciências Documentais e posteriormente um Mestrado na mesma área. Além disso, tenho cerca de 600 horas de formação contínua na área das bibliotecas.

Há quantos está a exercer?

Há cerca de vinte anos.

Exercer esta função dá-lhe satisfação?

Ao longo destes anos o grau de satisfação tem vindo a decrescer, fruto das alterações conjunturais e do desinvestimento no desenvolvimento de competências. No ano letivo passado tive mesmo de parar e não exercer esta função, porque já não havia entusiasmo, já não sentia o desafio. Por isso, este ano letivo resolvi mudar de local, procurar um desafio novo que trouxesse, de novo, esse entusiasmo.

O que acha do papel do Professor Bibliotecário numa Escola?

Durante o período entre dois mil e dois mil e dez, o papel dos professor bibliotecário, numa escola, era bastante importante porque funcionava como elemento agregador de projetos e das aprendizagens daí resultantes. Atualmente tem vindo a perder essa preponderância e importância.

Fim da parte da entrevista que não foi possível obter o registo áudio.

Já tínhamos visto o que era o cargo, o papel do Professor Bibliotecário na Escola e agora estávamos a ver se era relevante para a Escola e para os alunos.

Pronto, então ...retomando a questão da relevância, a ideia que tenho atualmente é que o professor bibliotecário é cada vez menos relevante para a Escola, porque a biblioteca tem de trabalhar conjuntamente com os outros professores e a pressão sobre os exames está a condicionar os trabalhos **(os resultados)** a questão dos resultados e dos exames os professores estão muito centrados na questão dos resultados e dos exames e estão pouco recetivos em trabalhar com o PB, eu tenho notado isso cada vez mais.

Então ... que tipo e qual a influência de um PB na estrutura educacional da sua escola.

A resposta há-de variar de escola para escola, obviamente. O que eu sinto da minha experiência é que nas escolas básicas, o professor bibliotecário consegue desenvolver um trabalho mais articulado com a generalidade dos professores; na escola secundária já é mais difícil, penso, mais uma vez, pela pressão dos resultados e dos exames. Torna-se mais complicado fazer essa articulação. Há-de, com certeza, depender, variar muito de escola para escola, há-de haver escolas em que o professor bibliotecário consegue, enfim, desenvolver um trabalho mais sistemático e articulado e há escolas onde é mais complicado.

E com a Direção de haver mais ou menos...

Eu, ao longo destes vinte anos, tenho tido experiências muito diferentes, e tem muito a ver com os Diretores. Há Diretores que têm, de facto, uma sensibilidade e reconhecem a importância que a biblioteca pode ter e, há outros, que de facto... portanto é assegurar os serviços mínimos e, portanto, a biblioteca é boa desde que não chateie. Se não chatear a biblioteca é boa, é como assegurar um serviço como a reprografia, desde que esteja aberto e não dê chatices e que a coisa vá funcionando.

E que os meninos lá vão?

Exatamente!

Quais são as principais funções do Professor Bibliotecário numa BE?

Eu continuo a entender que a principal função do professor bibliotecário continua a ser promover o gosto pela leitura. Eu acho que essa continua a ser a função central, pode ser nos mais diversos suportes, embora o suporte em papel continue a ser, por excelência, o meio para esta leitura de prazer, não a leitura para informação em estudo. Portanto, eu continuo a achar que a função principal é, de facto, promover a leitura. Claro que com o aparecimento das novas tecnologias (já não são novas!), destas novas tecnologias, das tecnologias da informação e comunicação, digamos, o papel continua a ser o mesmo, tem é facetas diferentes, não é?! Porque a concorrência é muita, para a leitura (não é!) e, portanto, o professor bibliotecário tem que adaptar as suas funções às realidades com que tem de se deparar e, portanto, a promoção da leitura tem de passar, necessariamente, por estes novos suportes e por estas tecnologias, que estão no dia a dia.

E articulando o suporte papel e as novas tecnologias, como é que é uma semana de trabalho?

Como é que é uma semana de trabalho de um professor bibliotecário?

Na generalidade.

Sim, sim. Eu acho que a questão se pode colocar assim, porque não varia, de facto muito.

Eu disse, há bocadinho, que o papel central é, de facto, a promoção da leitura e tem outra função que eu considero muito importante, que é ao nível da organização. Ou seja, uma biblioteca, eu pelo menos entendo-a assim, para um professor bibliotecário que está disponível para desempenhar as suas funções tem que ter um trabalho de retaguarda, de organização dos recursos, feita de forma funcional, tem de ter esse trabalho feito para poder estar disponível para fazer outras coisas e, portanto, outra função essencial é de facto a organização dos serviços.

A semana típica de um professor bibliotecário (da minha!) tem, digamos, vou dividi-la em três partes. Portanto, tem uma que tem a ver com a organização da biblioteca e isso implica a catalogação de documentos, implica o controle da qualidade do tratamento documental que é feito, de modo a assegurar que essa organização esteja feita e não haja desvios. Essa é uma parte, digamos, que ocupa um terço do tempo; tem a outra parte que é estar na biblioteca e dar apoio aos alunos e aos professores, e este apoio, obviamente, tem a ver com a utilização dos recursos físicos que estão na biblioteca e os recursos virtuais. Digamos que não há um horário definido para isso, é nas horas.. eu estou disponível, quando uma turma vai para lá, quando um aluno vai para lá, eu estou disponível para os ajudar e, por norma, vou para o pé deles e ajudo-os.

Não existem espaços estanques, não é?!

Não há! É evidente que nós temos, de semana a semana, nós temos uma programação mínima, os professores quando vão com turmas nós, de facto, sabemos (com antecedência) e nessas horas estou disponível para eles e, muitas vezes, faço um trabalho de preparação. Se eu sei o que eles vão pesquisar, muitas vezes faço uma listagem de recursos, para depois lhes fornecer e os ajudar. Portanto, essa é a segunda parte, de uma semana típica.

Depois, a outra parte, é a burocrática: é responder a mails, é fazer contactos, é preparar listas de aquisições, é promover concursos, é realizar concursos, é promover atividades, é fazer a manutenção dos equipamentos e portanto...

É a tal articulação.

é a articulação. No caso de um agrupamento, eu tenho por norma, sendo nós dois Professores Bibliotecários e temos três bibliotecas, em três escolas, e nós impomo-nos também estar, semanalmente, nas outras bibliotecas. Eu vou uma tarde para a biblioteca do primeiro ciclo (*****) e uma tarde para a biblioteca da (*****) (a escola básica), e a outra professora bibliotecária (* ****) também vai para a escola (*****), uma vez por semana, e portanto lá é, essencialmente um trabalho de organização da biblioteca, que é preciso assegurar e, depois de articulação com os professores que estão na biblioteca, na dinamização de atividades e no atendimento, etc.

E então, como é que são entendidas as novas tecnologias, a introdução no contexto escolar.

Eu já fui um grande adepto das tecnologias, sou menos, neste momento. Acho que é um bocadinho por cansaço. Eu, a partir de noventa e cinco, até antes disso, andei a aprender a programação em DOS, aquelas coisas. Eu tenho centenas de horas de formação ligadas às tecnologias, mais depois de noventa e cinco, desde que apareceu o Windows 95, eu, de facto, tenho centenas de horas de formação, e eu sempre vi nas novas tecnologias uma ferramenta que não só nos pode facilitar o trabalho diário como permite que o nosso trabalho tenha outro alcance. Ao longo destes últimos vinte anos tenho promovido o uso das tecnologias de informação e comunicação a partir da biblioteca escolar de forma sistemática, por exemplo, na formação de alunos, professores e funcionários a nível das ferramentas do Microsoft Office, da criação de blogues, da pesquisa de informação, da utilização da plataforma Moodle, da edição de vídeo, da utilização segura da Internet... Portanto, a utilização das tecnologias, nos últimos anos evoluiu a um ritmo ...

alucinante

alucinante, e eu, acho que também já, pela idade, já tenho dificuldades em ...

acompanhar

acompanhar...

não é pela idade, se calhar é por falta de tempo?

também é, pela falta de tempo, embora a questão... nós arranjamos sempre tempo para aquilo que queremos, pronto, digamos que passei a dedicar menos tempo às tecnologias.

Talvez por serem tantas, não é?! Tanta coisa que ...

Pois! O problema acho que é esse! É que há excesso, eu acho que há excesso de tudo! Há excesso de solicitações, para nós e para os alunos.

Ainda no outro dia estava a ver (tem a ver com as tecnologias) a quantidade de concursos que são promovidos anualmente é uma coisa completamente irreal! É irreal e, portanto, nós temos de fazer uma seleção logo muito grande, porque se não não chegamos a fazer nada. É tanta coisa, tanta coisa que não se chega a fazer nada. E então com qualidade não se faz mesmo nada.

Voltando às tecnologias. Por um lado, as tecnologias na vertente da organização da biblioteca, de facto, são uma mais valia clara, obviamente. Nós termos um fundo catalogado e indexado, de facto permite uma consulta e uma utilização do fundo muito facilitada; depois, na vertente da utilização, junto dos alunos tem sido complicado o PB (eu, pelo menos) intervir nesse sentido, tem sido complicado, porque era preciso estar com eles mais tempo e eu não encontro da parte da escola, pessoas ...

recetividade...

recetividade para isso, porque mais uma vez está toda a gente centrada na questão dos ...

resultados...

resultados e como esta questão das tecnologias tem vindo a perder peso e parte-se do princípio que os alunos são, já nasceram tecnológicos, têm o tal polegar a mais, não é?!

São os nativos digitais.

Os nativos digitais, isso é verdade para muitas coisas (**certo, certo!**) mas, para muitas outras não é! Depois eu vejo, em utilizações quase básicas, muito pouco conhecimento. A pesquisa de informação é uma coisa que eles fazem com dificuldade, tratar informação, então!... Transformar informação em conhecimento é extremamente complicado e isso exigia trabalho com eles, não é?! Estar mesmo com eles, parte-se do princípio que eles dominam essas coisas, mas não dominam. Guardar um documento num outro formato, em *PDF*, é uma coisa que eu tenho visto, por exemplo noventa por cento deles não fazem a mínima ideia, tratar uma imagem é uma coisa que eles não sabem.

Nunca tinha me apercebido disso, também não fiz nada com eles.

Já me aconteceu diversas vezes, ao imprimirem um documento, eles não sabem que podem escolher o número de páginas que querem imprimir. Para eles imprimir é clicar no botão da impressora, não é?! Nem que não precisem daquilo tudo, só de uma página. Isto são coisas básicas que eu observo, no dia a dia, embora eles sejam, de facto, nativos digitais, mas depois têm estas lacunas de base.

Mas é tudo muito direccionado e não para estas coisas.

Exatamente, está direccionado para outras coisas! E depois é as contradições, os tempos que vivemos são complexos e há, de facto, muitas contradições. Eu estou a lembrar disto a propósito de, mais concretamente do Facebook e das potencialidades, até educativas, que se reconheceu ao Facebook, inclusivamente no caso de bibliotecas, em que se encorajam as bibliotecas a fazer uso dessa ferramenta e, depois o ministério, de repente, diz que nas escolas até às treze e trinta o Facebook tem de estar bloqueado e portanto são estas contradições que, ao fim de alguns anos, nos levam de facto a ter de parar e a não avançar porque eu não tenho a certeza, depois, do que é vai acontecer a seguir e, portanto, às vezes não estou muito predisposto para investir num determinado assunto porque eu sei que aquilo a seguir vem alguém que tem uma opinião diferente e tudo se vai alterar. São as

modas, eles vão muito por modas (vamos fazer isto e toda a gente vai fazer) e depois, de repente, passo para outra coisa, é tudo demasiado solto, sem uma linha condutora. Por outro lado, a manutenção dos equipamentos informáticos têm vindo a transformar-se num problema muito sério com que as escolas têm de lidar e, por consequência, também as bibliotecas escolares. Os equipamentos vão ficando desatualizados, faltam licenças de software, as redes informáticas funcionam com muitas debilidades e tudo isso complica muito o trabalho desenvolvido com recurso às TIC.

E dentro daquilo que ainda se consegue fazer, ainda há articulação com as outras estruturas (direção/coordenação, departamentos curriculares, grupos disciplinares e professores de uma forma isolada)?

Eu, ao longo destes vinte anos, tive experiências muito boas.

Sim, porque a minha pesquisa não se limita apenas ao que se faz hoje, deste ano.

O atual. Tive, de facto, experiências muito boas. Nessa escola onde comecei, de facto, foram doze ou treze anos e conseguiu-se, de facto, que a biblioteca fosse, lá está, o polo agregador dos vários projetos, portanto, havia uma grande articulação com a direção, com os departamentos, com os professores, com o primeiro ciclo, com o pré-escolar e as coisas funcionavam de uma forma muito integrada. Aliás era curioso porque a escola, só a título de exemplo, a escola era já bastante degradada e a biblioteca parecia um oásis no meio do deserto, de verdade! Era um espaço, conseguiu-se fazer um espaço tão bom e agradável, que era o sítio para onde toda a gente se dirigia, aquilo funcionava, era o centro da escola e isso só se consegue, de facto, havendo uma boa articulação com a Direção, com os departamentos, com os professores em geral.

Ultimamente, nos últimos dez anos, digamos assim, as relações têm sido mais complicadas, é mais difícil conseguir que as pessoas arranjem tempo para falar com o professor bibliotecário, as próprias direções, os coordenadores têm muito para fazer e não estão muito disponíveis para articular. O trabalho do professor bibliotecário, o que aprendi ao longo deste vinte anos, é que isto é um trabalho assente no relacionamento interpessoal, o relacionamento que o professor bibliotecário consegue estabelecer, é com a direção, é com o diretor, com o subdiretor e com os adjuntos, com o coordenador do departamento A, B e C e é com base nessa relação, que muitas vezes, lá está, tem de ser uma relação que transmite confiança que depois leva as pessoas a aderir ou não aquilo que nós estamos a propor. Não são os documentos formais que resolvem isso.

Sim.

Podem pôr nos regulamentos o que quiserem, as reuniões que quiserem que, se não houver este trabalho feito por fora, não se consegue.

O PB tem de ter muito “jogo de cintura”?

Sim, muito jogo de cintura. Tem de ir muitas vezes à sala de professores e ao bar, porque é aí que faz o trabalho dele, porque não é nas reuniões formais que, por norma, se consegue.

Tem de estar disponível para os outros.

Sim.

Apesar de ser há pouco tempo, aqui como está a ser?

Aqui, isto é uma escola secundária, maioritariamente secundária, ou seja, as turmas do terceiro ciclo são em menor número do que as do secundário, e portanto, a questão dos resultados dos exames está sempre presente, dito isto, tenho, da direção, uma opinião que eles, que a direção tem para a biblioteca uma atitude muito positiva, ou seja, são elementos facilitadores, não são elementos que dificultem, que criem obstáculos. Dentro das disponibilidades da escola, sempre encontrei receptividade às minhas propostas. Tem um outro aspeto a favor, ou

seja, têm em relação à biblioteca (como é que eu hei-de dizer) um planeamento a longo prazo, ou seja, é definir para o ano económico (neste caso tem de se funcionar por anos económicos) aquilo que a biblioteca vai poder dispor, isso é muito bom! Seja em termos de recursos financeiros, seja em termos de recursos humanos e, isso permite fazer uma gestão, não de merceeiro como é costume (ou seja, vou pedir isto, vou pedir aquilo), não! Eu sei com o que é que posso contar e, dentro daquilo com que posso contar, depois estabeleço prioridades e, portanto, faço a gestão dos recursos da forma que eu acho mais (nós achamos!) mais adequada. Com os departamentos ... é complicado, é complicado!

Porque o tal relacionamento ainda agora está a começar?

Porque isto, para fazer esta função de coordenador, devia ser uma função que só ao fim de, vamos dizer 5 anos de estar numa escola é que se deveria poder ser coordenador das bibliotecas, porque não há esse conhecimento pessoal, não há esse relacionamento e portanto é mais na base institucional e portanto é...

Mais complicado.

Mais complicado. É muito mais complicado! Agora dos professores em geral e da escola em geral, em relação à biblioteca, a escola valoriza a biblioteca e utiliza muito a biblioteca! E pronto falta o tempo, falta tempo para esse relacionamento pessoal e esse conhecimento que depois nos leva a fazer outros projetos e coisas mais diferentes e mais interessantes. É preciso deixar passar algum tempo!

E de que forma é feita essa tal articulação? É feita essa tal planificação anual e depois há outras coisas que pontualmente vão surgindo?

A planificação anual é feita em termos muito gerais, por norma é assim com o departamento de línguas, há obviamente uma relação mais...

Mais próxima.

Mais próxima, sempre! Porque há muitas atividades que logo, naturalmente, envolvem os professores, neste caso até mais os de Português, até por causa dos diversos concursos, o Plano Nacional de Leitura, mas contam-se também com os outros departamentos, obviamente! Depois, aquilo que é feito, digamos que é uma gestão trimestral, digamos assim, das atividades que vão ser realizadas e que podem envolver outros departamentos. No dia-a-dia, digamos que a principal articulação com os diversos departamentos é sobretudo no apoio às atividades letivas e portanto é feito na base pessoal, digamos assim. Os diversos professores que, por norma, procuram junto da biblioteca, do professor bibliotecário e de quem lá trabalha, apoio na realização de trabalhos de pesquisa.

A Literacia da Informação?

Na Literacia da Informação!

Basicamente?

Basicamente!

Outras coisas, não se consegue lá chegar? Criação de livros..., chamados, não se pode considerar e-books, mas pronto, publicações online de alguns trabalhos ou coisas desse género.

Não, digamos que sim, mas é pontualmente mesmo! Os professores quando têm projetos e querem ganhar visibilidade para esses projetos então recorrem à biblioteca, ou seja para a realização de exposições ou para a criação de conteúdos digitais que depois são divulgados online, mas é pontualmente.

Como é que se organizam para fazer essas articulações? São mais os professores que se dirigem à biblioteca, os departamentos ou é o PB que vai a reuniões, fora de horário?

No início do ano, aquilo que eu faço é ... mostro-me disponível para ir a outras reuniões de departamentos, que não de Português, uma vez que esse já vou! Para logo no início do ano planificar alguma atividade em conjunto com esses departamentos, isto é mais institucional do que outra coisa, porque na prática não traz grandes resultados. Até porque nessa altura, estamos a falar no início do ano letivo, estão pouco disponíveis para pensar o que se vai fazer.

A longo prazo.

... em maio, a longo prazo com a biblioteca escolar. Portanto, digamos que em termos práticos é mais uma ação individual, do professor bibliotecário junto dos docentes.

Mas os docentes também sentem, da parte do PB, que há abertura, se eles quiserem ir lá fazer qualquer proposta?

Fazem-se coisas com alguma regularidade, não há um trabalho sistemático, o que há depois é mais um efeito de contágio, ou seja, quando se faz uma atividade e depois se divulga e os outros professores depois vêm e depois, provavelmente até por pressão dos próprios alunos, esses professores acabam por também se aproximar da biblioteca. Há aqui algum, muitas vezes, um efeito de contágio e, depois, lá está, exatamente por pressão dos alunos, porque os alunos gostam que os seus trabalhos não fiquem fechados na gaveta do professor e se puderem ser mostrados a outras pessoas, obviamente, que eles gostam que isso aconteça. Por isso que há quase uma pressão para que haja essa ligação para fora da sala de aula através da biblioteca.

Então as principais dificuldades são mesmo conseguir que as pessoas colaborem, não é?! A um nível mais sistemático e conciliar o tempo, será isso?

Eu estou a dizer essa dificuldade mas não estou a criticar obviamente os professores, eu acho que neste momento, eu estou...

Não é uma crítica, é uma constatação.

É uma constatação, eu acho que neste momento faz-se o que se consegue fazer, sinceramente, faz-se pouco, eu acho que se faz pouco mas, porque há muitas outras coisas que ocupam, de facto, os professores, ocupam-nos demasiado. E aquilo que se perdeu, verdadeiramente, aquilo que se perdeu ... e os grandes projetos, pelo menos que eu consegui levar a cabo, nas escolas, ligados à biblioteca escolar, resultavam, por norma, de trabalho voluntário, ou seja, os professores e eu próprio (eu não contabilizava o meu horário, o meu horário não interessava, o que interessava era levar aquilo para a frente) porque de alguma forma eu sentia prazer em fazer isso, eu estava interessado em fazer, eu não queria saber da questão do horário, isso não era importante. Neste momento, de facto, somos tão mal tratados que ...

Cumprimos.

Cumprimos! Neste momento o que se passa é que cumprimos, andamos todos a cumprir pelo mínimo, mas neste momento é o que se pode fazer.

Pronto, o que eu ia perguntar a seguir, era se estas dificuldades são de alguma forma ultrapassadas e de que forma é que elas são ultrapassadas, quando efetivamente existe qualquer coisa que se pretende fazer e levar para a frente.

É evidente, quando nós...

Ou seja, isto funciona, se calhar como um grupo de estorolas, não é?!

É, é! Esse grupo, obviamente, tem-se vindo a reduzir imenso, não é?! Não tenho, neste momento, nem de perto nem de longe, a mesma disponibilidade que tinha para a escola, que tinha há dez ou quinze anos atrás, um pouco mais ou menos. Vamos apanhando pancada e pronto, e isso vai-nos, pelo menos a mim, vai-me deitando abaixo.

Ainda assim, quando nós, de facto, eu quando me consigo envolver num projeto e envolver outros professores num projeto ou me envolvo num projeto...

Que o entusiasmo, não é?!

...que me entusiasma, de facto, quando o levamos a cabo, no fim a satisfação está lá, nós sentimos essa satisfação e portanto esquecemos ...

O tempo, as dificuldades

... o tempo, tudo o resto, as dificuldades, nada disso importa! Pronto, a verdade é que a ... o dia-a-dia e aquilo que vamos ouvindo... O que eu precisava era que deixassem a escola em paz! E não deixam a escola em paz, não deixam! E portanto quando vêm depois para a televisão ou os jornais, da escola e disto e dos resultados, do controle, isso são coisas que a mim, depois me levam a reagir, estando menos disponível. Porque eu oiço as pessoas falarem sobre a escola, mas na verdade eles não estão nada preocupados com os alunos, cada um quer é pôr-se em bicos dos pés e mostrar-se e não estão nada preocupados e, portanto, decidem coisas e dizem coisas e no essencial não estão nada preocupados com os alunos. Essas coisas ferem-me e como me ferem, eu reajo estando menos disponível. Se deixassem a escola em paz e não se falasse tanto de escola, eu acho que isto tudo funcionava melhor, muito melhor! São, sei lá, são disparates! Este ano foi esta questão da prova de avaliação dos professores, não tem nada a ver com o professor bibliotecário, mas a verdade é que eu fui chamado para vigiar aquela prova e eu jamais irei vigiar uma prova daquelas, portanto, eu durante quinze dias não me consegui esquecer daquilo, porque é assim, eu acho aquilo, acho uma vergonha... então se é uma vergonha, eu não consigo esquecer aquilo e, portanto, estou menos disponível. Vou cumprindo!

Pronto, dou por terminado, já tenho as minhas questões, julgo que todas respondidas. Muito obrigada!

Entrevistado P2

28/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

10.15 às 10.47

O que te levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Foi, o que me levou a decidir ser professora bibliotecária, porque foi uma decisão pessoal, neste caso, foi sobretudo o facto de eu ser professora também de Português e dos livros serem para mim um gosto antigo, e então assim que começou a ser possível... eu já tinha vindo a ter algumas horas na biblioteca e assim que passou a ser possível ter mais horas na biblioteca fui pedindo à gestão para que me fosse dando essas horas. E depois fui começando a desenvolver projetos e depois, naturalmente, as coisas foram acontecendo até chegar aqui!

Foi uma opção?

Foi uma opção pessoal!

E qual é que é a formação inicial?

A minha formação inicial é de História, e entretanto como na altura era difícil ser professora de História e isto à quase trinta anos atrás, fiz uma Pós-Graduação que na altura se chamava, humm... qualquer coisa relacionada com as Ciências Documentais, tinha um nome muito esquisito – Documentação Científica e Técnica, era assim uma coisa estranha e, essa formação deu-me também, de alguma maneira, o gosto pela...biblioteca, não tanto pelo sentido dos livros mas no sentido mais da organização e na disponibilização da informação e, pronto. Foi assim!

Então essa foi a primeira formação?

Sim, foi a minha primeira formação, a minha formação inicial é História, portanto sou licenciada em História, e depois enquanto não tinha trabalho na área do ensino, fiz esta Pós-Graduação.

E houve mais formação especializada relativamente às bibliotecas?

Não, não, está dá-me as trinta e cinco horas. Não, dá-me os trinta e cinco pontos, não é as trinta e cinco horas, foram quase quase quatrocentas horas de formação que...

Foram mais que suficientes?

...foram mais que suficientes. Agora venho fazendo as formações que nós vamos fazendo, ao nível da formação contínua.

E há quantos anos és professora bibliotecária?

Há quantos anos? Desde... seguido, desde dois mil e seis (não sei quantos anos são?).

E esta função ainda dá satisfação? Dá satisfação?

Esta função dá alguma satisfação, satisfação no trabalho direto com os alunos e no trabalho de organização. Dá muita frustração enquanto coordenadora pela falta de... investimento que a escola, enquanto instituição faz na biblioteca, porque eu só concebo a biblioteca, ou as bibliotecas como um espaço quer de inovação quer de atualização constante, em termos do, do tratamento da documentação que pomos à disposição dos alunos. A partir do momento em que não há um investimento, por parte da gestão, na renovação do fundo documental, em que temos de fazer imensa “ginástica” para ter, para ir tendo algum fundo documental atualizado, a frustração vai-se começando a acumular, e com a crise ainda mais! É um misto, se quiseres, de frustração e ..., por enquanto, o gozo do trabalho com os alunos ainda é superior à frustração.

Sobrepreem-se.

E o papel do professor bibliotecário numa escola, como é que é?

Em termos ideais, ou em termos teóricos ou em termos práticos?

Poderá ser das duas maneiras, por causa..., para perceber.

Para mim, há duas..., estas duas questões separam-se claramente, entre aquilo que deveria ser o papel do professor bibliotecário e que eu entendo, pessoalmente, e que vai ao encontro daquilo que a rede define como, o que é o papel do professor bibliotecário, por outro lado, a prática enquanto professor bibliotecário, porque as limitações levam a que tenhamos de fazer alguma “ginástica”, e no fundo contornar algumas questões. Em termos mais teóricos, se quiseses, penso que o professor bibliotecário e, penso que deveria ser um elemento chave e central, no processo de ensino/aprendizagem da escola. Devia de ser uma figura...hem, relevante para, e devia de ser reconhecido enquanto tal pela escola, porque penso que é a partir da biblioteca, continuo a pensar assim, é a partir, apesar das novas tecnologias, da internet e dessas coisas todas, continuo a achar que a biblioteca deveria de ser o centro nevrálgico da escola, em termos de difusão do conhecimento, difusão da informação, portanto aí, penso que, não estou enganada, o papel do professor bibliotecário é central, é fundamental. Por outro lado, em termos práticos, depois temos que contornar, porque o professor bibliotecário, no fundo, para além, não é um professor que esteja adstrito somente ao trabalho da biblioteca em si, mas sim (como tu sabes!) tem depois, e eu falo por mim, tem depois toda uma série de tarefas que, por um lado têm a ver com a biblioteca, são as tarefas inerentes de organização, o trabalho todo de catalogação (que é um trabalho que não se vê!) e, por outro lado, tem também as suas aulas, tem a preparação das aulas e tem também muitas outras funções, que depois a gestão lhe atribuí. No meu caso, como sou uma professora com uma certa idade e com certo tempo na escola, são-me atribuídas funções que nada têm a ver com a biblioteca mas que ocupam tempo, que no fundo deveria ser o tempo que deveria ter a ver com a biblioteca, nomeadamente processos disciplinares, todas essas questões mais de gestão do quotidiano. Perdi-me!

Era o papel do professor bibliotecário.

O professor bibliotecário, pronto! Então, qual é que é, de facto, o meu papel neste momento, enquanto professora bibliotecária. É muito o papel de acompanhar os miúdos no espaço da biblioteca, ou seja, o meu tempo para a organização da documentação, para a catalogação, para a planificação é sempre um tempo mais curto. Porque eu continuo a achar que é importante trazer os miúdos à biblioteca e desenvolver o gosto por aquele espaço e por fazer coisas naquele espaço, e por trabalhar com os livros naquele espaço. Lê-se...

Primeiro o gosto e depois chegar à...

Exatamente, depois chegar à informação, chegar à, eu penso que é a partir do gosto, do bichinho...

Do cativar.

Do cativar primeiro, exatamente! Vamos ao Príncipezinho.

Isso será para a Escola. E para os alunos, o papel do professor bibliotecário, será relevante?

Os alunos não vêm tanto como o professor bibliotecário, vêm como a professora da biblioteca, a quem eles recorrem quando precisam de fazer tudo quanto são trabalhos, trabalhos de pesquisa, trabalhos de casa, orientação para, às vezes, estudarem para os testes, as impressões porque eles fazem os trabalhos na biblioteca, a maior parte deles porque nós somos um meio rural, todo o trabalho de impressão é feito na biblioteca portanto, é o professor no fundo, eu sinto-me um bocado como o professor que está mais perto deles, de alguma maneira. A quem eles recorrem, em todas as situações.

Um pouco mais acessível que os restantes.

Um pouco mais acessível que os restantes, porque também tem mais tempo, passo mais tempo diretamente com eles, como não tenho, não estou tão assoberbada de aulas...

E noutro contexto.

E noutro contexto, num contexto de maior intimidade se quisermos, de maior à vontade, não é tanto, não estou ali tanto para lhes impingir alguma coisa mas, para com eles descobrir, acho que essa vertente da descoberta continua a ser uma vertente importante que o professor bibliotecário deverá valorizar.

E a influência do professor bibliotecário na estrutura educacional da escola, desta escola?

Nesta escola. Nesta escola, neste agrupamento, estamos desde sempre, a gestão integrou o professor bibliotecário, de acordo com a legislação, mesmo antes da legislação. Sempre fui membro do conselho pedagógico, humm, e como tal, sempre entreviu ou interveio em todas as estruturas, talvez pelo facto de eu ser professora do quadro do agrupamento, desde sempre, talvez tenha aí alguma vantagem, não sei?! Mas é perfeitamente integrado, nós ...

Existe a outra parte, tem a ver..., existe a outra parte de não se conseguir...

Exatamente, depois tem a ver com as opções de gestão, que nós não conseguimos controlar!

E quais são as principais funções do professor bibliotecário?

Aqui?

Sim!

Apoio aos alunos, apoio aos docentes em termos de disponibilização de materiais vários, organização da biblioteca, planificação, catalogação, seleção das compras quando há compras a fazer, neste caso temos o projeto “Todos juntos podemos Ler”, agora ainda é mais uma tarefa difícil, porque implica reuniões constantes, porque nós temos, o agrupamento é muito disperso, implica tempo de reunião, tempo de planificação, tempo de trabalho direto com alunos, múltiplas funções.

Uma semana de trabalho, como é?

Uma semana de trabalho...

Grosso modo.

Grosso modo. Então, começa às oito e meia na biblioteca e, quando chego tento perceber o que é que (se houver funcionária) portanto, tenho meu trabalho planificado e, normalmente, organizo a primeira parte do dia, uso para fazer o trabalho de organização, da catalogação (se houver para fazer) porque há menos alunos no espaço da biblioteca, se houver atividades, no fundo, faço as atividades que tiver planeado, depois, por vezes vou ao Centro Escolar ver como é que as coisas estão decorrer, falar com o colega que lá está... E depois, é muito trabalho de apoio aos alunos no espaço da biblioteca.

Maioritariamente?

Maioritariamente, continua a ser, porque a funcionária assegura, a funcionária faz limpeza, portanto assegura muitas vezes o PBX, ela assegura sobretudo os intervalos e nós asseguramos o resto do tempo, também temos aulas na biblioteca, muitas vezes os professores pedem, fazem a marcação antecipadamente, de aulas na biblioteca, pedem apoio, até preparar a documentação, às vezes é ir buscar o jornal, também me calha! Pronto, é assim, não é tanto uma rotina, não faço sempre as mesmas coisas, vou gerindo o dia também conforme as necessidades...

O que há para fazer.

...o que há para fazer.

E como é entendido o uso das TIC em contexto escolar? No geral.

No geral nós temos, neste momento, temos só uma sala TIC e temos poucos recursos em termos de portáteis, portanto as TIC são entendidas, penso eu, por muitos dos colegas, como um apoio ao trabalho de sala de aula, ou seja, já há muita gente a usar a *Escola Virtual* e outras plataformas, mais nesse sentido. O trabalho de alunos com as TIC é feito, sobretudo, quer nas aulas que são dadas aqui na sala TIC quer na biblioteca. Uma das vertentes, em que a biblioteca é muito usada é exatamente para esse trabalho mais direto com as TIC, por exemplo agora posso referir que há uma colega que está a trabalhar com os alunos em Formação Complementar, que está a preparar uma formação na área da reciclagem, da separação de resíduos (são alunos do oitavo ano), portanto eles vão replicar essa formação quer a funcionários, quer a professores, quer a alunos, eles vão ser os formadores, eles estão a preparar a formação e estão a fazê-lo exatamente no espaço da biblioteca, portanto a colega pediu-me apoio porque quer usar o *Prezi*, e portanto eu disponibilizei aos alunos um guião para a construção do *Prezi*, e vou apoiando quando eles estão na biblioteca, quando eles têm aula na biblioteca juntamente com a colega vou apoiando na realização desse trabalho, portanto, no fundo, o trabalho com as TIC é feito em três situações diferentes, quer na biblioteca com o apoio, ou não, do professor bibliotecário, quer na sala TIC em contexto de aula (muitas vezes nas aulas de TIC), dos alunos do oitavo ano, nomeadamente, e depois os próprios professores individualmente, isso também depende de cada professor, através das plataformas que as próprias editoras disponibilizam, penso que é sobretudo por aí.

Existe, então, uma pertinência na utilização das TIC em espaços formais ou não formais, não é?!

Sim, eu penso que sim, eu penso que os professores, mesmo aqueles que usam menos, consideram que é um meio importante para a aprendizagem, para o processo de ensino/aprendizagem.

Para os alunos apenas fazerem ou também para aprender fazendo?

No contexto em que estamos atualmente, aqui na escola, penso que é mais do ponto de vista de ... verem, não é tanto o fazerem, o fazerem está, neste momento, um bocado limitado, pelas próprias limitações dos equipamentos, tem muito a ver com a disponibilização dos próprios equipamentos.

E a professora bibliotecária, que uso faz das TIC, profissionalmente e...pessoal?

Em termos de sala de aula faço também mais no permitir aos miúdos, além do manual, outro, uma outra forma de aprendizagem, para eles próprios trabalharem uso os meios tradicionais, do processamento de texto, dos *powerpoints*, eles fazem esse trabalho na biblioteca. Como eu dizia à bocado, nós neste momento não temos equipamentos para os miúdos fazerem em sala de aula, em sala de aula só temos um computador e um quadro interativo ou um projetor, até mais projetor do que quadro interativo, portanto o trabalho que os miúdos fazem é um trabalho, penso eu, muito insipiente, neste momento. Na biblioteca.

De forma pessoal? O uso das TIC.

De forma pessoal é o meu meio de trabalho, não concebo, neste momento, o trabalho de outra maneira! Pronto.

E o uso de ferramentas diversas?

O uso de ferramentas, não tão diversas como eu gostaria, mas o uso de algumas ferramentas, o uso de, neste momento com o projeto “Todos Juntos podemos Ler” tenho estado a tentar, aprender em termos pessoais, algumas outras coisas para depois poder implementar, uma vez que implica o uso de tablets e de software específico, portanto, no fundo, estou também eu a fazer uma autoformação para poder depois trabalhar quer com as colegas quer com os alunos. Não sei se te interessa, mas tenho, em termos, da biblioteca....

Interessa, interessa!

... tens de me calar, senão nunca mais me calo! Em termos da biblioteca tenho um trabalho que eu acho que é um trabalho importante e que eu gostaria de disseminar mas tem sido difícil, que é um trabalho com um grupo de

alunos que nós chamamos de Monitores da Biblioteca. É um grupo de alunos que (podem ser alunos a partir do sétimo ano de escolaridade) portanto, sétimo, oitavo e nono, normalmente são os alunos do sétimo e do oitavo ano é que aderem melhor, os do nono ano acontece um ou outro, mas como têm os exames à porta e têm outras preocupações. É um grupo restrito de alunos, que se inscrevem no início do ano, e que têm, alguns deles já têm o *know-how*, ao nível do domínio de alguns, alguns...(não sei como é que posso chamar a isto?) *word* (Como é que a gente chama a estas coisas? Nem é software! Pronto.)

Ferramentas.

De algumas ferramentas do *word*, *powerpoint*, mesmo do *Prezi*, do *excel* e, que vão quando há alunos, que estão alunos mais pequenos, porque eles fazem muitos trabalhos na biblioteca.

Quando há alunos que estão a trabalhar, eles próprios dão apoio nessas áreas das novas tecnologias, ou seja, por exemplo fazem, ensinam outros a trabalhar com o *word*, a inserir imagens, a formatar texto, ensinam-nos a pesquisar, como é que pesquisam, onde é que vão, onde é que não vão, quais é que são as fontes de informação que são pertinentes, que são fiáveis, porque é que a *Wikipédia* pode não ser fiável, portanto há um trabalho que estes monitores fazem, que lhes serve para eles em termos pessoais e que serve também para ajudar os colegas, e para permitir que os colegas possam fazer trabalhos com alguma qualidade, portanto há esta preocupação!

E as práticas pedagógicas? Consegue-se articular com ... As práticas pedagógicas na biblioteca e usando, de alguma forma as TIC? Consegue-se articular com a Direção, com os departamentos, grupos disciplinares, clubes...

Não é... tanto como nós gostaríamos, mas há uma tentativa de trabalho articulado. A Direção é aberta nesse campo, nesse aspeto, não põe entraves, antes pelo contrário, quanto mais se faça em termos de visibilidade, em projetos, tanto melhor! Em termos dos departamentos, os professores são, eu penso que os professores aqui são abertos a..., são abertos de alguma maneira a experiências diferentes, desde que se lhes proponha determinadas coisas, eles aderem! Agora com, aquilo que nós chamámos de Bibliopaper que é uma coisa simples e tem a ver com, no fundo, os miúdos do quinto e sexto ano, ganharem mais algumas práticas de utilização do fundo documental da biblioteca. A ideia deste Bibliopaper agora, foi um bocado tirá-los tanto do computador como suporte...

Recurso.

...de recurso, de suporte à pesquisa e fazê-los ver que a biblioteca tem coisas que podem ser, podem ser importantes para eles, também em termos de pesquisa, que uma outra forma de fazer, e o próprio contacto com o livro, que eles hoje em dia, a não ser na leitura lúdica, recorrem pouco, eles recorrem pouco à biblioteca para fazerem pesquisa na área das ciências, e nós temos até um bom fundo documental, em termos das ciências, coisas que eles gostam, dos animais e... este Bibliopaper surgiu-me, um bocado também pela disponibilidade das colegas que tenho agora na biblioteca, em fazer ver aos miúdos... Nós fomos buscar vários recursos, do fundo documental em suporte livro, e fazê-los descobri-los e retirar informação e organizar a informação, portanto, é este tipo de trabalho que é feito com o apoio dos professores de Português, é um trabalho que é importante. Por outro lado, eu também faço, muitas vezes, disponibilizo-me para fazer com os professores, preparar coisas que os professores precisem, que não têm tempo de fazer, sei lá! Precisam de um *powerpoint* para dinamizar qualquer atividade, que nós nos dispomos a preparar esses materiais. Ainda não é aquele recurso diário, ainda é algo que está a começar, as pessoas vão começando a “usar”, mas não é como nós gostaríamos em termos do quotidiano, isso não é, de todo!

Então já tenho aqui alguns exemplos. No entanto não existe mais nada que seja feito e que possas relatar? Que outras coisas? De atividades que tenham decorrido em espaço da biblioteca e com recurso ao uso das TIC? Clubes?

Os clubes? Não, neste momento, não!

E então que tipo de atividades e projetos promove, a biblioteca?

Promove os projetos de...

De articulação com os outros professores, as outras estruturas, de alguma forma integrando também as TIC? De forma insipiente, que seja, as TIC.

Deixa-me lá ver! Ah! Tem a ver com... Que projetos, deixa-me lá ver! No âmbito da comemoração das datas significativas, costumamos articular com os colegas, normalmente, de ciências, em que os miúdos fazem a recolha, no computador, a recolha em suporte digital, de informação que depois compilam, normalmente em *powerpoint*, é o que eles usam, para divulgação, por exemplo de hábitos saudáveis, *powerpoint* sobre a alimentação, que na altura, do Dia da Alimentação é projetado, durante o dia, aqui no hall, porque é um sítio onde os miúdos passam, está ali, constantemente, uma projeção.

Depois, deixa-me lá ver mais... com suporte das TIC. Agora não me estou a lembrar de mais. Ah! O projeto “Todos juntos podemos Ler”, mas que ainda está a começar! Que vai...que vai...

Não precisa de ser apenas deste ano, coisas que já tenha sido feitas.

Já tenham sido feitas, deixa lá ver. Deixa-me lá lembrar. (Pausa) Houve o Jornal, o jornal em suporte de papel, que neste momento é feito apenas pelas professoras bibliotecárias, já foi, em tempos, feito por grupos de alunos no espaço da biblioteca, em que eles usavam, eles usavam, aprenderam a usar o *publisher*, em que recolhiam a informação, formatavam, fizeram uma visita a um jornal – ao Diário de Notícias – para ver como é que se fazia um jornal, como é que eram usadas as novas tecnologias na produção de um jornal, e eles faziam em espaço de Clube, na biblioteca em pequenos grupos, faziam a montagem, a recolha da informação, a seleção e depois, a montagem no *publisher*, do próprio jornal e eram eles que decidiam, como se fosse uma redação. Decidiam o que fazer, como fazer, portanto esse foi um projeto interessante!

Depois tenho este projeto, que já referi, dos monitores, que acho que, em termos das TIC também é um projeto importante, porque leva quer os monitores a aperfeiçoar o seu trabalho nas, com as novas tecnologias e leva a que os mais pequenos também aprendam a usar, de uma forma mais correta.

Também é utilizado o *Audacity*, para os alunos com Dislexia, sendo feitas as gravações áudio dos testes para evitar que o teste tenha que ser lido pelo professor durante a sua realização. Agora não me lembro de mais nenhum!

E como é que se organizam para conseguir fazer essas tais articulações que vão existindo?

Normalmente, é trabalho direto e pessoal, nós não somos muitos, é no contacto direto. No início do ano, há, por vezes, fazemos propostas. Cada vez fazemos menos, porque os professores já têm o tempo muito ocupado e nós achamos que a biblioteca se deve integrar no quotidiano da aula, portanto, nós disponibilizamo-nos e ficamos à espera, para que recorram. Noutras situações, nomeadamente ali no Centro Escolar, com o primeiro ciclo, somos nós que tentamos integrar o próprio currículo. Fizemos, por exemplo, com o Big6, com o ...

Sim, sobre a Literacia da Informação.

...a Literacia da Informação, preparamos uma pequenina formação com o Big6, que falámos com as professoras do terceiro e do quarto ano e, depois fomos, eu e um colega, que na altura tinha horas de biblioteca, fomos às turmas de primeiro ciclo, aproveitando temáticas que eles estavam a desenvolver, nas próprias áreas, falando

com os professores, portanto, nós preparámos o trabalho, quer com o Big6 quer depois também com a documentação que a biblioteca tinha, para eles poderem fazer a recolha da informação, a organização da informação, preparação de um trabalho sobre determinada temática, por exemplo, das ciências, na área do estudo do meio...

Ou seja, estava integrado naquilo que estava a ser dado?

Naquilo que estava a ser dado, no currículo. Aliás, eu defendo, em termos pessoais, essa integração mais do que a biblioteca propor mais atividades, porque neste momento penso que, os professores já têm o trabalho de sala de aula tão cheio e tão estruturado, que a biblioteca deve ser, não mais uma fonte de “dores de cabeça” mas um...

Facilitador.

...facilitador! Deve ser uma estrutura facilitadora do trabalho do professor e penso que, com os anos, a biblioteca se encaminhará mais para essa função, ou seja, o professor tem o seu trabalho de programação feito e a biblioteca, em determinadas alturas será um facilitador porque porá recursos à disposição, até de alguma forma “substituirá” algumas aulas do professor, rentabilizando o trabalho, podendo rentabilizar o trabalho do professor, portanto, vejo nesse... não sei!

Sim, sim!

Não sei!

As dificuldades com que se deparam.

As dificuldades de recursos financeiros, muitos. Tem a ver com a falta que se reflete, depois, na falta de recursos informáticos, de equipamento, por exemplo! Equipamento que tem a ver, não só com portáteis, com as ligações à *net* que são cada vez mais lentas e que acabam por ...

Condicionar.

...condicionar e desmotivar a sua utilização.

Na articulação.

Na articulação, a articulação, neste momento, a limitação que eu acho, é uma limitação que tem muito a ver com o uso do tempo, ou seja, penso que os alunos neste momento têm o horário muito sobrecarregado, em termos formais, de disciplinas formais e estão muito focados, e mesmo os professores estão muito focados, no cumprimento dos programas e isso, leva a que, nalguns casos, seja difícil intervir ou a biblioteca chegar a. Mas é um trabalho que se vai construindo.

E então como é que conseguem ultrapassar essas dificuldades?

Muito com o trabalho cara-a-cara, com o trabalho muito personalizado e com o mostrar que temos isto, temos aquilo, recebemos esta revista, “olha esta revista traz um artigo que pode ser interessante”.

O professor de História, por exemplo que está no sétimo ano, que estou-me a lembrar agora, de uma revista que saiu na semana passada, e que eu já estive a selecionar o artigo para poder mostrar aos colegas de História, para eles poderem incentivar, é um bocado este trabalho articulado, no quotidiano, no trabalho “tête à tête” se quisermos, num trabalho mais próximo.

Então o professor bibliotecário precisa de saber bem aquilo que está a ser ...

O que tem e o que fazem os outros professores. Precisa de estar próximo, de alguma maneira do trabalho que é feito nas outras áreas, daí eu achar que o professor bibliotecário, ao ter, ao estar de, eu falo por mim, ao estar demasiado envolvido com o apoio direto aos alunos, que é importante! Mas que, ao estar muito absorvido com esse apoio direto, o dia inteiro, acaba por dispor de pouco tempo para poder fazer esse trabalho que é importante,

de ver o que é que os colegas andam a fazer, no estar a par do trabalho que é feito nas disciplinas, que é feito com os alunos para poder também intervir.

Senão, fica o professor bibliotecário fechado, como antigamente, no seu casulo e os livros arrumadinhos na estante.

E não eram para ser usados!

Pois!

Minha senhora, obrigada!

Entrevistado P3

28/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

12.15 às 12.35

O que é que te levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Várias razões que me levaram a enveredar por essa função, para já considerei-a também como uma oportunidade e ao mesmo tempo um desafio face à minha situação profissional, ou seja, sou professora de QZP, de um outro QZP que não este onde estou a exercer e onde estou a viver e, cansada da deslocação e de toda a complexidade que isso acarretava para a minha situação profissional, eu equacionava, inclusivamente, deixar o ensino e enveredar por uma outra carreira, no entanto, sendo de Português/Francês, é difícil visualizar ou prever que carreira que possamos seguir. Entretanto surgiu a portaria, que criou a figura do professor bibliotecário e, tendo eu alguma experiência na biblioteca escolar e alguma formação, considerei-a como uma oportunidade e, então tentei! Concorri, portanto há seis anos atrás, concorri a este cargo, e desta forma consegui aproximar-me da minha residência e exercer algo, que eu até já gostava, porque já conhecia um bocadinho de perto, por ter pertencido a equipas de bibliotecas escolares.

Então foi uma escolha consciente? Não foi nenhuma imposição?

Não foi nenhuma imposição, foi uma escolha! Considerada também como uma oportunidade, claro! E como um desafio, porque uma coisa é pertencer à equipa da biblioteca e outra coisa é liderar a equipa da mesma biblioteca.

Então, estás também em funções desde...dois mil e...?

Nove. A portaria saiu em catorze de julho de dois mil e nove, portanto a partir de dois mil e nove, dois mil e dez que eu desempenho este cargo. A portaria setecentos e cinquenta e seis.

Então, a formação inicial é o Português-Francês?

Sim, sim! Do terceiro ciclo e secundário.

E a formação especializada que fizeste foi...?

Em Ciências Documentais, uma Pós-Graduação e posso adiantar que estou a fazer outra. Posso? (Risos) É anónimo, certo?! É confidencial, também?! (Risos) Estou a fazer outra em Gestão das Bibliotecas Escolares.

E esta função dá satisfação?

Tem alturas, não posso dizer que seja plenamente, houve anos e há atividades que me deixam bastante satisfeita, e sinto-me realizada, tem outras alturas em que não. Posso dizer porquê, por várias razões, o porque não. O porque sim é claro, quando corre bem, quando se vêm resultados, é muito gratificante! Quando não me sinto tão realizada, tem a ver, ou com a falta, talvez, de reconhecimento por parte de órgãos superiores desta função, e com algumas quebras do ritmo de atividade, portanto, não é uma tarefa que seja sempre constante em termos de atividade, tem alturas em que há muita, muitos projetos e, isso sim, isso é gratificante. Tem outras que é um bocadinho mais pacato, mais tranquilo porque os colegas não estão tão predispostos a colaborar ou épocas em que estão mais sobrecarregados com trabalho e, então acham que não é a altura de se fazer outra coisa, isso assim, e é claro que ninguém gosta de ter uma proposta e falar com as pessoas e ouvir “Ah! Eu agora não tenho disponibilidade!”, é assim um bocadinho mais desmotivador. E acontece e acontece, por vezes isso, e claro, também é uma tarefa que não se faz só com a vontade do professor bibliotecário, lá está, o professor bibliotecário precisa da disponibilidade e da vontade dos outros para que o seu trabalho vigore, digamos, sem os outros estamos praticamente isolados.

Então, o que é que achas do papel do professor bibliotecário na escola? Numa escola, e nesta escola, em particular?

Numa escola, é difícil de definir o papel do professor bibliotecário. O professor bibliotecário deve liderar uma equipa, que nem sempre é existente ou funcional, começa logo por aí! A partir daí deve articular com o currículo, deve promover atividades de promoção da leitura, ao fim e ao cabo, é um mediador entre a sala de aula e a sua biblioteca, portanto, tudo junto para a construção das aprendizagens dos alunos. Essa é a função, essa é a de mediador, mas para isso é preciso que se reúnam um determinado número de condições, que nem sempre se verificam.

E é relevante, não é?! O cargo é relevante numa escola?

O cargo é relevante numa escola, se for desempenhado rigorosamente e se for reconhecido pelas estruturas superiores, sim! Se não for, não sei até que ponto é que é relevante!

E para os alunos?

A mesma coisa!

Nem pela proximidade se torna mais ... importante?

Tudo depende das atividades, dos projetos que forem realizados na escola. Se não houver grande articulação ou se não houver, se não for dada importância à figura do professor bibliotecário por parte das estruturas superiores para os alunos também não se torna importante. Neste momento eu vejo-me, um bocadinho confinada à função de funcionária, e duvido que os alunos reconheçam importância. Só recorrem à biblioteca para imprimir um trabalho e, quem o faz é o professor bibliotecário ... (Pausa)

Pois, é complicado!

Então, que tipo e qual é a influência do professor bibliotecário na estrutura educacional nesta estrutura?

Qual é a influência do professor bibliotecário na estrutura desta escola? Acaba por ser...

Neste momento, não é muito vincado esse papel, só pontualmente é, para algumas atividades sim, mas ... falta, falta qualquer coisa e, sobretudo posso dizê-lo porque, já trabalho nesta escola à seis anos, e já conheci duas realidades completamente diferentes, uma realidade em que o papel do professor bibliotecário era bastante valorizado e o professor bibliotecário era solicitado a intervir em determinadas atividades, projetos, situações, organização de documentos do agrupamento e, outra realidade em que o professor bibliotecário existe, é-lhe dado algum valor, sim, mas não há a mesma implicação global estruturante.

E quais são as principais funções do professor bibliotecário, numa biblioteca escolar?

Geral?

Sim! Geral.

As principais funções. Eu acho que resumia a uma, é o mediador das aprendizagens, mediador entre a sala de aula e o espaço que ele organiza, onde ele desempenha a sua atividade, que é a biblioteca mas também na sala de aula. É sobretudo um mediador.

E como é que é uma semana aqui? Na biblioteca escolar para o professor bibliotecário. Uma semana, grosso modo.

Ai, isso é muito difícil de definir, porque as semanas são todas diferentes!

Mais ou menos.

No momento presente?

Por exemplo.

Uma semana....

Que tipo de atividades é que se faz? Como é que é o dia-a-dia?

Rotina semanal?

Rotina!

Rotina semanal...

Que não é nunca rotina.

Que não é, que não é rotina, é muito difícil de definir, porque numa semana haverá uma atividade e na outra semana haverá outra, noutra semana ou duas semanas não haverá nenhuma, mas entretanto, temos “uma na manga” e estamos a prepará-la. Digamos que é um trabalho de bastidores. Não consigo definir!

Mas há o apoio ... aos alunos.

Sim, há o apoio presencial aos alunos, na elaboração de trabalhos. Sim!

E aos professores?

Os professores não recorrem muito à biblioteca, neste momento, não utilizam muito.

E como é que é entendido o uso das TIC em contexto escolar, mas no geral? O teu entendimento das tecnologias no contexto escolar.

Como é entendido o recurso às tecnologias? Mas com o apoio da biblioteca ou no geral?

Não! Neste aspeto...

No geral...

... a tua interpretação, no geral.

(Interrupção)

Estávamos... como é entendido o uso das TIC em contexto escolar, no geral.

O uso das TIC eu penso que, tem cada vez mais, ganho importância, vai conquistado terreno em situação escolar, quer através dos quadros interativos, quer simplesmente através da projeção de *powerpoint*, da realização de trabalhos, por parte dos alunos na apresentação dos mesmos. Acho que as TIC vão ganhando terreno em contexto escolar!

E existe pertinência na sua utilização em espaços formais, ou seja, mais sala de aula ou espaços não formais na escola? Se existe pertinência no seu uso?

Claro que sim! Claro que sim!

Não só por ser evidente...

Sim! Sim!

Mas existe utilização, uso, benefício educativo?

Existe benefício educativo porque facilita o trabalho, porque aproxima, porque também é, portanto uma tecnologia de comunicação e permite, realmente aproximar as pessoas e facilitar a comunicação entre elas. Cada vez mais se recorre à plataforma (*Moodle*), cada vez mais se recorre ao *e-mail*, através da realização de projetos *Comenius*, que agora não está nenhum nesta escola, mas está no agrupamento. Recorre-se também à plataforma *e-Twinning* e por aí fora, tudo isso é o uso das tecnologias em contexto, e vem realmente reforçar a ideia de que as tecnologias ganham terreno e conquistam os utilizadores.

E as outras ferramentas que existem disponíveis, de acesso livre na internet ...

Como o Prezi, isso assim?

...ou outras?

Também, também! Vão ganhando, sim, sim!

E que conhecimentos tens e que uso fazes das TIC na escola, e profissionalmente e pessoalmente?

Eu tenho alguns conhecimentos no âmbito da utilização das TIC através de formações contínuas que tenho vindo a frequentar, através das pós-graduações que tenho vindo a realizar também. Em uso concreto, dinamizo o blogue da biblioteca, agora não tanto a plataforma *Moodle* ou a página web, porque acho que se repete informação, não sei até que ponto é que é pertinente estarmos a repetir a mesma informação em diversos endereços, até porque o tempo é escasso e o apoio e as horas da equipa da biblioteca são cada vez menos e, portanto temos de filtrar um bocadinho e temos que nos direcionar para um sítio. Portanto, como já disse, plataformas, ... *Moodle*.

O Moodle é uma plataforma, sim.

É uma plataforma, o blogue, a página web, ahh...mais?!

Que mais uso pessoal?

O, o *e-mail*! Incontornavelmente, o *e-mail*.

E para a criação de, de conteúdos, mesmo para a biblioteca. Se fazes uso de algumas tecnologias, de algumas ferramentas?

Neste momento, não estou, não estou a fazer. Neste momento tenho outras tarefas em mãos que não me permitem, embora gostasse de construir uma *Newsletter*, por exemplo, onde divulgar, precisamente, o uso de ferramentas, como o *Wordle*, como o *Prezi*, e por aí fora. Portanto, é uma das coisas que tenho em mente e que pretendo fazer, fazer um suporte informativo, informático, precisamente para o uso das tecnologias.

Ou seja, mostrar às pessoas o que existe...

Mostrar o que existe e como se consegue fazer.

Hum, hum!

Entretanto, coordenei um projeto *Comenius* com recurso à plataforma *e-Twinning*, e assentava muito também no uso das TIC, portanto todos os trabalho foram divulgados na plataforma *e-Twinning* e os alunos comunicavam por *e-mail*, por *Facebook* com os colegas parceiros correspondentes, foram feitos vídeos também...

Ou seja, alguma panóplia de ...

Alguma panóplia, sim, que não se usa de forma continuada mas, à qual se recorre sempre que necessário e sempre que se justifique. Não posso é dizer que todos os dias, ou todas as semanas se esteja a utilizar, mas considero que já não conseguia passar sem as TIC na escola. Aliás, quando, quando a internet vai a baixo, por um bocadinho, parece que é o fim do mundo, que já ninguém consegue fazer nada! (Risos) Aconteceu esta semana, e eu fiquei perdida e foram só duas horas! (Risos)

Mas, além desses projetos que mais uso se faz das TIC na biblioteca escolar? Quer seja com professores, quer seja com os alunos? Que utilização é que eles podem fazer?

Consulta de sites informativos ou interativos também, os alunos vêm muito à biblioteca para jogar... jogos didáticos, preferencialmente, claro! Porque os outros são interditos. Mas é um uso das TIC que se faz, e que eles, porventura, não terão acesso noutra local que não na escola.

E consegues, relativamente às práticas pedagógicas, aquilo que é feito na escola, consegues articular com as outras estruturas (coordenação, departamentos, grupos disciplinares, clubes). Se há algum tipo de articulação que é feita, relativamente ao currículo?

Hum, hum!

Com a biblioteca escolar?

O que falei, precisamente o projeto *Comenius*, foi em plena articulação com o currículo e a biblioteca escolar.

E, atualmente, existe alguma....

Atualmente, não!

Alguma coisa a decorrer?

Atualmente não!

Então, foi esse ... o Comenius?

Sim! Sim! Esse foi o que mais se destaca.

O que mais se destaca!

Um projeto bilateral, com a duração de dois anos.

Sim, ok! Que atividades e que projetos é que são promovidos pela biblioteca e que possam, de alguma forma, integrar também as tecnologias? Que coisas é que se pode fazer?

O SuperTMatik por exemplo, que é um concurso, um campeonato nacional, online, que se fez o ano passado e ainda se está a equacionar se se fará ou não este ano. É um dos exemplos que me ocorre, agora assim, de repente!

De repente!

De repente, online! (Risos)

De repente, online! As dificuldades com que te deparas para essa articulação com os...

As demasiadas solicitações que os professores já têm e que nem sempre se mostram disponíveis para articular, ou para realmente recorrer à biblioteca. E também a minha falta de disponibilidade, porque se eu para articular ou para estar na sala de aula tenho de fechar a biblioteca, tenho de pensar muito bem o que é que faço. Porque, se eu fecho a porta da biblioteca quando há utilizadores que querem recorrer, se chegarem lá e a porta estiver fechada da próxima vez já não se dirigem lá! E é isso que tem vindo a acontecer! Aliás, havia uma atividade que eu fazia e que fiz durante anos consecutivos, a “Hora do Conto” nas escolas de primeiro ciclo e do pré-escolar, no antigo agrupamento e neste agrupamento, agora, porque ainda fiz enquanto novo agrupamento, e nessa atividade eu recorria também às TIC porque levava uma canção gravada ou porque projetava um *powerpoint* de um livro, do qual contava a história, ou porque acedia um livro online, que estava disponível online, portanto, é sempre a utilização das TIC, sempre! E não tenho feito essa atividade precisamente por isso, porque se eu sair da escola, a porta fecha! ...E, neste momento eu sinto-me como uma balança, não é?! A pesar os prós e os contras!

É complicado!

É, não é?! Olha, ainda ontem, posso dizer que houve um menino que veio aqui, cumprimentou-me e perguntou-me “Quando é que a professora vai à escola do ***** outra vez?”. Portanto, era muito engraçado porque os miúdos chegavam aqui e já todos me conheciam de eu ir fazer essa atividade e, agora, ou poderão ter irmãos mais novos e falam sobre isso, não sei, o certo é que ontem um menino tocou-me assim, um bocadinho, na mágoa que tenho, de não fazer esta atividade, e perguntou “Quando é que a professora vai de novamente ao *****?”. De facto, não tenho ido, não sei até que ponto, o que é que é preferível realmente, se calhar até posso fechar aqui a porta da biblioteca uma manhã e ir fazer uma “Hora de Conto”, mas vou apenas a uma escola, eu não posso fechar durante duas semanas para ir a todas as escolas. Depois vou a uma e não vou a outra!

E são muitas?

Desta área, estão ali (aponta para um cartaz com as fotos e nomes das Escolas que compõem o Agrupamento) estão ali, acho que já não estão todas em funcionamento, entretanto, ***** está, ***** está, ***** está, ***** não está, ***** está, ***** está, *****sim, penso que sim, *****não, acho que não está, não ***** não está!, ***** não está, ***** também não, ***** está, ***** está, ***** também.

Ainda são bastantes!

Ainda são!

Doze?

Nem todas, conheci todas, mais uma de *****que já não está aí! Na altura que foi feito, porque isto já não está atualizado, atenção! Isto era o antigo agrupamento. ***** uma escola onde eu fui, e também já não está aí ... portanto conhecia-as todas! Todas me dizem qualquer coisa!

E as dificuldades que vão surgindo, como é que se consegue ultrapassar?

Pois não sei! Nem sei se vou conseguir ultrapassar...

Como é que vais conseguindo gerir?

Eu acho que as dificuldades que têm surgindo nem estão a ser ultrapassadas! Estão simplesmente a acumular, sinceramente! (Pausa) Eu não posso ultrapassar um horário de funcionamento. (Pausa) Faço eu mais horas?! (Pausa) Não me posso partir em duas para deixar a biblioteca aberta e para ir fazer atividades! E essa é sobretudo a grande dificuldade que eu vejo, é a falta de disponibilidade para que eu realmente possa investir numa articulação curricular aos diferentes níveis de ensino.

OK! Pronto! É um cenário um bocadinho ...

É um cenário um bocadinho desmotivador e, realmente, não sei se ... me dá alento de continuar nesta escola ou realmente, no próximo concurso tento mesmo uma outra.

Olha, obrigada...obrigada por este bocadinho.

Entrevistado P4

28/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

15.45 às 16.25

O que é a que levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Enveredar pela?

Pela função de Professora Bibliotecária?

Pela função de professora bibliotecária. Hemm... Estou como professora bibliotecária, foi assim quase, sei lá, como uma oportunidade que surgiu..., porque eu antes de eu ser professora bibliotecária estive a dar a formação do PNEPE, dos novos programas de Português, e na altura, deixou de haver docentes interessados porque já quase todos tinham feito a formação e foi quase um convite da Diretora, na medida em que, quando houve concurso não tinha havido ninguém que se inserisse nas características exigidas para professor bibliotecário. Ela desafiou-me a apresentar,... vá lá, revelar, mostrar o meu interesse em ir para professora bibliotecária da biblioteca de primeiro ciclo, que ia abrir naquele ano, e foi assim que começou. Pronto e, depois acabou por ser uma escolha da Diretora perante, perante não ter havido candidatos, não ter havido candidatos que se inserissem nas características todas que eram exigidas no concurso. E por isso comecei como professora bibliotecária no primeiro ciclo e foi uma oportunidade de ligar aos novos programas de Português, por isso eu comecei muito cedo a fazer a articulação. Foi-me fácil fazer a articulação no primeiro ciclo, pronto, que foi onde estive primeiro, na medida em que as colegas conheciam-me da formação e foi uma maneira de pôr logo em prática os novos programas, que já, já ia muito na utilização dos livros.

Hum! Hum!

Portanto foi começar a fazer essas ordens de pronto, logo a explorar as, a desenvolver a consciência fonológica, que isso era o que elas me pediam mais, era primeiro ano a fazer esse trabalho de levar a esse conhecimento da consciência fonológica, por isso o meu trabalho como bibliotecária acabou por começar a ser assim, ir ao encontro das necessidades das várias turmas, articulando com os novos programas, porque era o que lhes estava a custar mais e assim, para mim foi fácil começar e, e foi assim o meu início de professora bibliotecária.

E então, a formação inicial era qual?

A minha formação inicial foi o Magistério Primário, foi Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e, pronto, nessa altura era só o que tinha. Só posteriormente é que fiz o mestrado, já como professora bibliotecária é que fiz o Mestrado em Supervisão Pedagógica.

E a formação especializada na área das bibliotecas?

Não, não!

Tirando a formação contínua?

Sim, não houve, nem mestrados nem, pronto assim, nem pós-graduação, nada!

E esta função dá satisfação?

Dá. Gostava era de conseguir fazer mais do que aquilo que me é possível, na medida em que, principalmente agora nestes últimos dois anos porque o meu tempo é dividido entre o primeiro ciclo porque, pronto, fiquei como professora do primeiro ciclo, nunca fiz o estágio no segundo e terceiro ciclo, porque tinha essa possibilidade depois de ter feito a licenciatura. Tenho que ir cumprir metade do meu horário no primeiro ciclo a dar apoio educativo, e agora a dar oferta complementar e a outra parte aqui na biblioteca, por isso eu tenho, esta semana

por exemplo, durante a semana a quarta-feira é o único dia em que estou o dia todo na biblioteca. Por isso torna-se, às vezes, difícil uma pessoa estar sempre junto dos colegas, de conversar com eles, aperceber-se das necessidades que têm. O que é que me vale é que tenho uma equipa que é espetacular, é verdade!

E, e há quantos anos és professora bibliotecária? Desde de...quando é que começou a outra escola? Foi em que ano? É que abriu?

Heem! Depois posso te dizer, mas sei lá?! Não sei. Quatro, cinco anos, não sei, talvez este seja o quinto ano.

Hum! Hum!

Talvez seja assim! Depois, se for...

Confirmar?

Posso confirmar, está bem!

Sim! Sim!

Então, o que é que achas do papel do professor bibliotecário numa escola?

Eu acho que ... eu acho que acaba por ser, vá-la, o elo de ligação entre, vá-la, ser um elemento essencial para articulação entre os vários professores. Pode ser aquele elemento que dá um bocadinho de ..., sei lá, de colorido ao dia, pode ser aquele professor que dá um bocadinho, sei lá, de motivação para não se cair, às vezes, nas rotinas, um bocadinho de criatividade e tal! Eu acho que a biblioteca, o professor bibliotecário, pode ser aquele elemento que pode dar um pouco mais de alegria ao dia-a-dia do professor, para não se cair naquele “rame-rame”, de fazer sempre a mesma coisa.

Hum! Hum!

Essencialmente acho que é isso.

Então, o cargo é relevante para a escola? E para os alunos?

Muito, eu acho que é! Eu acho que é! Heem..., os meninos começam já a ver, vêm em nós ...

Nos concursos, eu vejo no SuperTMatik, eles vêm aqui muitas vezes perguntar quando é o concurso, pronto. Eles já olham para nós como aqueles elementos que, recorrem a nós para se precisarem de alguma coisa, até na biblioteca para ajudar, às vezes, nos trabalhos. ... Nós temos também muitos jovens que não têm computador em casa, porque aqui temos muitos alunos de etnia cigana, temos assim muitos elementos, às vezes em casa, não podem fazer eles não...

Não têm acesso.

Recorrem a nós para isso. Os professores também! Não quer dizer que estejam assim tão, talvez alguns não recorram assim tanto, mas depois, termos uma equipa é essencial, pelo menos agora que o professor bibliotecário tem várias tarefas, sem ser só a biblioteca, porque tendo um elemento de vários grupos, na equipa, também acaba por levar um pouco da biblioteca para os seus grupos disciplinares, e vão levando aquilo que se pode fazer, porque estão dentro da dinâmica da biblioteca e acabam por...

E vão despertando?

É! Vão despertando. É, acho que sim! Vão puxando os colegas porque “Olha, eu estou a fazer através da biblioteca”, uma atividade ou outra, e assim vão vendo que, às vezes, a biblioteca não está aqui para lhes dar mais trabalho mas sim para lhes facilitar as várias tarefas.

Hum! Hum! Qual tipo ou qual a influência do professor bibliotecário na estrutura educacional desta escola?

Aqui, por exemplo, agora estamos a ter uma atividade que é os “Encontros de Partilha”, aprender em partilha, que tem sido, ... tem feito mais sucesso do que ..., do que aquilo que eu ..., uma pessoa quando começa uma

atividade nova e diferente, que nunca se tinha feito, tem assim algum receio mas está a ter sucesso e os professores estão a gostar. E nessa estrutura acho que o professor bibliotecário está a ter a função de pôr os professores, de ajudar os departamentos e os vários níveis de ensino a sentarem-se e a partilharem experiências, de metodologias para tratarem determinadas temáticas. Por isso, já tivemos três encontros, um na área do português, outro na área matemática e agora foi na área do ensino da história ... e pronto. E nesses três encontros, nós os professores partilhámos ali experiências metodológicas do pré-escolar, do primeiro ciclo, do segundo e terceiro ciclo, isso tem sido ... Quer dizer, parece uma coisa fácil, tem sido uma coisa, pronto, parece fácil, é só as pessoas virem e pronto! Mas perante, perante a desmotivação em que os docentes virem, acho tem sido bonito, tem sido bom, conseguir-se que os professores ao fim do dia ainda consigam vir ...

Falar entre si.

...E exporem-se, eles estão ali a expor-se. Está certo que eles representam um grupo disciplinar e são o porta-voz daquele grupo, mas de qualquer maneira é uma exposição e, ao nível do primeiro ciclo e do pré-escolar em que os professores estão mais habituados a estar no seu cantinho, na sua sala...

Não trabalham tão, tanto em equipa.

É! Eu acho que tem sido muito bom, tem sido muito bom, porque nós começamos a ver que há estratégias utilizadas que são transversais. Utiliza-se no pré-escolar mas também no primeiro ciclo, um pouco diferente porque os miúdos já sabem ler, mas no segundo ciclo também. Acho que, às tantas não estamos assim tão desligados dos outros, há estratégias em comum, mas também há estratégias que, um nível mais à frente utiliza e que poderão ser facilitadoras do trabalho do primeiro ciclo, nomeadamente da utilização das TIC. Porque há professores do segundo e terceiro ciclo que utilizam mais, talvez porque tenham mais facilidade porque os meninos já trabalham mais autonomamente, mas o primeiro ciclo também dá para lá ir buscar, essas ideias, e assim como também, às vezes, o pré-escolar também vê que mais à frente já se faz determinada tarefa com este grau de dificuldade, se calhar há umas tarefas antes que eu posso ir fazendo no pré-escolar, para eles chegarem ao primeiro ciclo e já conseguirem “desenrascar-se” melhor! Por isso, estes encontros têm sido bons... acho que tem sido o professor bibliotecário que tem feito essa dinamização e esse elo de ligação ...

Entre os departamentos? Principalmente, não é?

Pois, quer dizer... porque enquanto no primeiro ciclo é sempre o primeiro ciclo. No segundo e terceiro ciclo é nos vários departamentos!

Sim! Sim!

Mas ainda não fiz encontros, por exemplo o encontro entre o departamento de matemática e o departamento de português, não, isso ainda não! Senão ficava muito extenso!

E mais na estrutura institucional da escola? Com a Direção?

A Direção reconhece muito o trabalho que é feito, tem valorizado bastante todo este esforço que tem sido feito de dinamização da, da ... dos professores e as atividades que se faz para tentar puxar, por exemplo, o primeiro ciclo aqui à escola sede, pronto. Todas essas tarefas que têm sido feitas têm sido valorizadas pela direção e reconhecidas.

Tem sido um elemento facilitador?

Tem, tem, tem isso ... o único problema que poderemos ter, se se pode dizer problema, é geral, falta de financiamento, como não têm não nos podem dar! Claro está que a bibliotecária gostaria muito de comprar livros todos os meses, não é?! Livros novos, porque era uma forma de incentivo à leitura, mas não é possível!

Então quais são as principais funções do professor bibliotecário? No seu cargo?

As minhas principais funções... Para mim seria o, eu tenho tentado nas várias atividades que tenho feito é angariar mais leitores. Isso para mim seria uma grande, uma grande meta que eu gostaria de atingir, a... por isso, tentamos logo no início do ano puxar os do quinto ano todos à biblioteca, mas depois estou logo limitada porque como não estou cá todos os dias não consigo organizar atividades de maneira a ser nas horas do Diretor de Turma, para nesse tempo virem à biblioteca. Por isso estou a trabalhar com alguns docentes, mais do que com outros, na medida em que as direções de turma são quando eu não tenho cá horas. Nos dias, quando a direção de turma é à terça e à quinta e à sexta, não estou cá, pronto, não dá para trabalhar com esses docentes. Agora, com aqueles docentes do quinto ano com quem estou a trabalhar, já fizemos formação de utilizadores, fez-se atividades para eles, depois de fazermos uns jogos de leitura, eles levarem um livro para casa tinham de se fazer sócios da biblioteca, ahm... E agora vamos, no segundo período, já são outro tipo de atividades, é à descoberta da biblioteca, criou-se guiões de pesquisa para eles não irem, não é a questão de eles não irem pesquisar à internet, eles têm de pesquisar em livros na biblioteca, por isso é que é à descoberta da biblioteca, mas pronto! Mas já me esqueci da pergunta.

A pergunta era quais são as principais funções do professor bibliotecário.

Ah, pronto! Essa seria a principal função, seria essa, angariar leitores, acho que era a principal. A outra será articular com os docentes naquilo que eles ..., ser um elemento facilitador da tarefa do professor, eu acho que o professor bibliotecário terá que ser isso também e é nesse âmbito que também tenho tentado que a equipa que trabalha comigo, tenho tentado lá aproveitar o gosto e a ...

Predisposição?

Não é bem predisposição. É mesmo as capacidades e o valor que os elementos da equipa têm, porque cada um tem o seu valor, e se nós formos dar-lhes tarefas daquilo que eles gostam de fazer é mais fácil! E nisso eu tenho tido a sorte de ter, a nossa colega **** que pertence ao Centro de Competência TIC, (**Hum! Hum!**) ter horas na biblioteca, e ela está a fazer, por isso tentámos ligar duas atividades no mesmo. Pois ela criou um site, que está alojado no blogue da biblioteca, esse site tem, ela está a criar um conjunto de jogos e informações sobre autores de livros que são contemplados nas metas curriculares do segundo ciclo. Põe lá desafios, joguinhos e assim, que eles têm de ler as obras...

Para poder responder.

Têm de ler, naturalmente porque têm de ler para Português, mas depois ao terem aqueles jogos também acaba por ser uma maneira de consolidar algumas ...

Conhecimentos.

Conhecimentos de Português e, em paralelo com isso têm o concurso “À descoberta de Autores e de Livros”, em que eles têm de responder a perguntas sobre aquele autor. É um concurso que está relacionado com os autores e é, que eles também podem só fazer os desafios, jogar só!

Hum! Hum!

Com os conhecimentos que têm, jogar. Já disse, articular com os professores ... bem, sei lá! Colaborar com os alunos quando é dos trabalhos, na utilização da biblioteca, por isso, vá-la, apoiar os utilizadores da biblioteca, também terá que ser essa função, como não estou cá muitas horas, mas ... temos duas funcionárias a tempo inteiro, e elas também já estão aqui há muitos anos e conseguem dar esse apoio.

E a gestão?

A gestão?! É a mais difícil, a gestão, principalmente do documento, dos documentos, isso acaba por ser o mais complicado porque a pessoa que estava a fazer, que estava a fazer o registo dos livros reformou-se o ano passado

e começou a fazer por voluntariado, a vir dar cá apoio à colega da equipa para ela dar continuidade, pronto. A nível do material livro e não livro, o registo na parte da base de dados agora já começa, porque a colega já está, entretanto, a começar também, só que essa colega que está a fazer para o ano reforma-se ela, pronto, e depois vamos ter que nos adaptar.

Essa é a parte mais difícil?

É, é, essa é a parte mais difícil e é a parte mais desnecessária nas nossas funções, porque, então agora se com o, o nosso apoio ...

O Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE).

Com o SABE, quer dizer, eu acho que era uma das tarefas que devia estar completamente alheada à nossa, seria essa! Porque era preferível eles porem, sei lá, mais um funcionário da Biblioteca Municipal, que fizesse tudo isso, e então sim falava tudo a mesma linguagem, aquele livro, tanto na minha biblioteca como na tua tínhamos a certeza que estava catalogado da mesma maneira.

Hum! Hum!

E, nós seríamos para incentivar a leitura! Formarmos leitores! Eu acho que a nossa principal função teria que ser essa, era formar leitores, porque depois é a base da nossa sociedade. Eu acho, eu acho que bastava essa! Já era bastante!

Então, já explicaste um bocadinho mas, como é que é uma semana de trabalho? Como professora bibliotecária.

Agora, ontem comecei o segundo semestre ...

No geral.

A professora bibliotecária da ***** *****, como é que divide o seu tempo. Em horas de biblioteca, começa a semana com horas de biblioteca, logo de manhã, entretanto depois vai ao primeiro ciclo fazer uma hora de Oferta Complementar, de seguida regressa outra vez à biblioteca. À terça-feira está quase todo o dia fora, a fazer Oferta Complementar e depois vem, ao fim da tarde, à biblioteca. A quarta-feira é um dia espetacular porque está o dia todo numa escola só, só na biblioteca, na quinta-feira está o dia quase todo no Apoio Educativo e só vem cá ao fim da tarde, uma hora e meia. Por isso estou, estou espartilhada, pronto. E como é que eu consegui, estou a conseguir, de alguma maneira, não me sentir desorientada? É tentar aproveitar ou tentar interligar as minhas atividades do apoio educativo ou da oferta complementar com as atividades da biblioteca, porque, por exemplo a oferta complementar estou a direcionar já, cada turma em que eu vou estamos a estudar um autor, e que parte desse trabalho é o desenvolvimento de um projeto da biblioteca que é o “Ler mais, aqui, ali e acolá”, que foi candidatura a “Ler+” mas depois não fomos financiados, não tivemos o financiamento, mas pronto! Estou a tentar desenvolver aquele projeto da biblioteca nas turmas do primeiro ciclo em que vou, por outro lado vou começar também agora, neste semestre, a levar os meninos, eles vão estudar alguns autores de, alguns poetas, para depois quando for a Noite da Poesia, eles virem cá com os encarregados de educação, pronto. E só desta maneira, tentando interligar as atividades do apoio educativo, a oferta complementar com as atividades da biblioteca é que uma pessoa não se sente totalmente desorientada! Porque assim, para os meninos é bom, estamos a fazer uma atividade diferente do habitual na aula, e por outro lado a biblioteca está também a tentar desenvolver a sua, a sua ...

Cativá-los, não é?!

Está a desenvolver as suas funções de angariar novos leitores e alunos que fiquem a gostar da leitura.

Então, e como é que é entendido o uso das TIC em contexto escolar? Como é que isto se enquadra? As TIC.

No primeiro ciclo torna-se muito difícil, quando lá vou quase que não se utiliza nada, é mais o livro. Aqui, os alunos utilizam autonomamente, no entanto, sempre que um professor precisa fazemos guiões de pesquisa, de consulta daquilo que eles precisarem, já foi feito isso com uma turma de Vocacional. Portanto temos ali num dossiê, mas também é pouco utilizado, porque temos lá, porque eles têm pouco tempo livre. Porque, quando não havia substituições, eles “caíam” aqui mais, sem estarem em aulas. Agora não, eles estão aqui em aulas ou então quando vêm cá, à hora de almoço, não vamos “bombardeá-los” com os guiões que até estão ali. Aqueles guiões foram muito necessários quando os alunos andavam sem ter nada que fazer, não tinham substituição e então tínhamos aqueles guiões ali. De qualquer maneira no blogue da biblioteca temos alojados lá vários guiões que os professores poderão aproveitar. Ahm ...

A utilização das TIC em contexto escolar, no geral.

Portanto ...

Se faz sentido ou se é pertinente?

O que é mais utilizado é os guiões de pesquisa, os professores também os mandam aqui, muitas vezes, a biblioteca é muito utilizada pelos docentes, em contexto de sala de aula, por isso vêm com eles, já com guiões feitos pelos próprios docentes, mas isso não quer dizer que seja só a biblioteca a fazer. Muitas vezes os próprios docentes trazem os seus guiões e depois seguem por ali. Os professores utilizam bastante também a biblioteca nesse sentido, para a utilização dos computadores.

Então faz todo o sentido a utilização das TIC, quer em contexto não formal (como na biblioteca)?

É, porque os professores recorrem mesmo à biblioteca para isso, às vezes até recorrem mais à biblioteca para a utilização das TIC do que dos livros! (Risos)

Então, e que conhecimentos tens e que utilização fazes das TIC, a nível pessoal e a nível profissional?

Eu quase que só utilizo as TIC a nível profissional, pessoal acaba por estar dependente.

Estar interligado?

Interligado, a nível profissional, por isso utilizo, tudo o que nós fazemos por escrito, toda a documentação tem de ser feita toda em suporte digital, não é?! O blogue tem sido uma maneira de divulgar bastante leituras, livros, notícias, tem sido também uma maneira de cativar as pessoas, acho que tem criado um elo de ligação com a comunidade. Temos encarregados de educação que, quando pomos lá os resultados do SuperT, põem sempre lá um comentáriozinho, seja no *Facebook*, porque depois como partilho no *Facebook*, acabam por depois colocar um comentário no Facebook, em vez de ser no blogue. Mas pronto, o blogue ligado ao Facebook tem servido para divulgar as atividades da biblioteca, e é sempre agradável uma pessoa ver alguma ...

Feedback.

Alguns comentários, alguns comentários das atividades que vamos fazendo. Depois a nível de tratamento, vá-la, de tratamento da, da documentação, isso assim, tem de ser tudo no Office, na plataforma 365, mas pronto é assim.

Mas fazer a utilização de ferramentas, tecnologias digitais que já existam na internet, de acesso livre, alguma coisa?

Sim, o *Slideshare*, o *Issuu*, o *Kizoa*...

E com os alunos?

Com os alunos ... quer dizer não, não tenho desenvolvido a exploração de ferramentas em atividades com os alunos. Agora estamos a preparar é a atividade da altura da Internet Segura e estou a articular com uma colega de TIC, em que ela vai colocar a, aquela turma que ela tem a essa hora a vir dinamizar sessões de utilização da internet, nos jogos, no site da SeguraNet. Agora, eu fazer atividades em que haja utilização de ferramentas com alunos, não! Só, a única coisa tem sido com os colegas, no ano passado dei a formação do blogue, foram quatro turmas, foram quatro turmas de professores e que, pronto, foi muito bom, e talvez, indiretamente aí, os alunos estejam a utilizar. Porque os docentes criaram blogues de turma, ou blogues de, não foi propriamente blogues de turma, isso foi mais no primeiro ciclo, a nível do segundo e do terceiro ciclo foi mais o blogue da disciplina, porque eles foram, pelo menos aqueles que criaram estavam lá a alojar documentos, que foram utilizados o ano passado mas que este ano também vão utilizar com as turmas que têm este ano. E aí, eles, eles divulgavam o endereço do seu blogue e aos alunos iam lá, porque tinham de pôr comentários sobre as leituras dos livros e isso assim. Sei que há professores que utilizaram ...

Bastante.

Bastante o blogue.

Como é que consegues articular com as outras estruturas, o trabalho da biblioteca. Com a Direção, com os departamentos, com os grupos disciplinares, com os clubes. Como é que isso é feito?

Por mail essencialmente. Envio tudo por mail, em conversas informais ainda é que se consegue falar mais facilmente com os colegas e cativá-los. Oferecendo-me para ir às reuniões, também, por causa destes encontros houve departamentos que pediram para eu ir lá para explicar melhor o que é que se pretendia. Como sou professora do primeiro ciclo, nas reuniões de departamento do primeiro ciclo digo sempre que há alguma divulgação a fazer, faço-a no departamento. No pedagógico também faço a divulgação porque tenho lá os coordenadores todos de departamento, aproveito para divulgar ou atividades realizadas ou outras que se vão realizar. Com a Direção também é só chegar ali e comunicar, pronto, não há... não há dificuldades, não há obstáculos em chegar junto da Direção.

De que maneira é isso depois é efetivado? Exemplos. Como é que essa articulação depois se consegue fazer, em termos práticos? Como é que ... o que é que acontece nos encontros? Mais coisas que tenham sido feitas?

Por exemplo, os jogos do SuperTmatik, todos os colegas que têm os campeões e os vice-campeões de cada turma, embora toda a organização do campeonato para escolher os campeões para irem à sessão *online* é feita na biblioteca, depois para isso tem de haver uma grande articulação com eles.

E a parte que é feita *online*, essa ... é tudo?

É tudo na biblioteca! Eles saem da aula e vêm à biblioteca fazer a prova, mas não é só a parte *online*, é mesmo os campeonatos para escolher o campeão e o vice-campeão de cada ano e de cada, de cada modalidade, de cada tema, é feita aqui na biblioteca. Por isso, os colegas só me dão o nome dos alunos das suas turmas.

Hum! Hum!

E depois eu é que organizo o campeonato, isso é ... agora mais? Sei lá, quando há assim atividades, agora por exemplo, isso da Internet Segura, estou ali a fazer o cartaz, vou divulgar o cartaz, na divulgação para quem se quiser inscrever, inscrever. Quando foi a formação de utilizadores também contactei os colegas, marquei as horas, eles vieram.

Vai funcionando. Já foi um bocadinho respondida, que atividades e que projetos promovem. Muitos e variados?!

São, são!

Concursos também?

Concursos, sessões de leitura, horas do conto, encontros com escritores, vamos ter o António Torrado, agora em fevereiro, fim de fevereiro ... pronto. A comemoração de dias festivos, o Dia da Família, que aproveitamos para “puxar” a família, as exposições, fazemos a mesa temática lá dentro da biblioteca...

E articulando com as TIC? Há alguma coisa que se possa salientar?

O Dia da Internet Segura e vamos

Os concursos, alguns concursos também envolvem ...?

Aquele concurso “À Descoberta de autores e de livros” é feito ...

Através do blogue. Sim! Sim!

Através do blogue, e temos um concurso mas é um concurso de cartazes. Nós não temos ido muito para os concursos, não temos ido muito para os concursos da nossa iniciativa. Da nossa iniciativa só temos o Top-Leitor, À descoberta de autores e de livros” e este agora do cartaz, e pronto. Porque depois há muita oferta. Porque depois há sempre aquele concurso na altura da Semana da Leitura, estamos a fazer um outro com uma turma que vai participar naquele concurso que é “Um conto que contas”.

Hum! Hum!

O SuperT ocupa o segundo período todo e o início ali do terceiro período, por isso, e como estou cá pouco tempo é difícil arranjar mais tempo para dinamizar outro tipo de concursos.

O concurso em que participamos sempre é da, do poema.

O “Faça lá um Poema”?

O “Faça lá um Poema”, não é?! Mas isso não tem a utilização das TIC. Hemm ... e o Concurso Nacional de Leitura mas pronto, isso não envolve as TIC.

Não envolve as TIC. Hemm, e que, quais são as dificuldades com que te deparas a fazer estas articulações todas e conseguir que toda a gente participe e as coisas funcionem e que apareçam, que existam resultados... satisfatórios, não é?!

Não sei. A pior dificuldade, eu acho que é os professores estarem, de tal modo, sei lá, cercados de tanta burocracia que esta, que a parte criativa, que no fundo era a articulação com a biblioteca, era para desenvolver assim mais a criatividade e fazer umas atividades diferentes, os professores depois já têm alguma dificuldade, colocam alguma resistência, porque nalguns professores ainda existe aquela ideia que é mais uma atividade, por isso...

Mais trabalho!

Mais trabalho! Por isso a biblioteca, e daí estarmos a desenvolver aquele espaço no blogue, a ver se se começa a ver a biblioteca, “Olha tem lá aquilo no blogue da biblioteca!”, já é menos uma coisa que eu tenho que fazer. Mas, também é o segundo ano que estou aqui e agora, a pouco e pouco, em conversa com os colegas é que poderemos ir conseguindo mais alguns pontos de encontro. Portanto, aquilo por agora ...

É uma relação que se vai construindo?

É! É, tem de ser, tem de ser por aí! De maneira a que os professores sintam aquilo, pronto, gostaram de uma atividade que fizeram com a biblioteca e ficam mais recetivos a uma outra próxima. Portanto, estes encontros têm sido um pouco isso. Porque, de início, era um “um bicho-de-sete-cabeças”, “O que é que tu queres que eu vá para lá fazer?!”, quer dizer, achavam uma coisa tão trivial mas “O que é que eu vou para lá falar? Dizer o que é que eu fiz?!”, “É pá, eu não gosto nada dessas coisas?”, era assim mesmo que me diziam. Mas é para

partilharmos as estratégias, não quer dizer que sejas tu, mas do teu departamento, do teu grupo. E agora, já é visto mais naturalmente, mas no primeiro era assim... Estou convencida que para o ano dará, porque esta formação já está creditada, foi através do Centro de Formação, já conseguimos, mas pronto, vamos guardar isso para o próximo ano porque senão há agora colegas que ficavam em desvantagem porque isto só foi aprovado agora. E então, para o ano, queremos ver se já dá, porque esta foi mais no geral, queremos ver se já dá para assuntos mais específicos, dentro do Português vamos, sei lá, até pegando nos pontos fracos das Provas de Aferição, por exemplo, não é?! Se é produção textual então vamos encontrar-nos para trabalhar a produção textual, o que é que nós podemos fazer, e aí, talvez a biblioteca possa dar um apoio e talvez seja o momento certo para nós “agarrarmos” os professores, “Olha, com a biblioteca até podemos fazer isto em conjunto.”. Delinear estratégias conjuntas. A biblioteca tem de ir sedimentando a sua atuação, mas tem de ser através de mostrar-lhes que a biblioteca está aqui para facilitar, mas temos que mostrar isso, mas fazer, facilitar mesmo! Temos que arranjar, vá-la, temos de arranjar materiais, temos de verificar bem o que é que eles precisam. Por isso é que é importante os professores, eu ter professores de vários grupos na equipa, porque assim ficamos a saber o que é que eles precisam. É muito mais fácil! É muito mais fácil!

Então é assim que se tentam ultrapassar as dificuldades?

As dificuldades. Pode ser através da equipa, pode ser! Através de uma equipa interventiva, uma equipa criativa, uma equipa ...

Funcional?

Porque eu tenho essa equipa! Aqui na *****. Há colegas com quem eu nunca me encontro, nunca me encontro, quero dizer, no horário nunca estamos juntos, porque a Direção tentou, de algum modo, fazer a mancha horária de modo a estar sempre algum professor na biblioteca.

Sim.

Houve essa preocupação! Ao haver essa preocupação, quer dizer, já há dificuldade em, certos professores eu nunca me encontro com eles. Trocamos *mails*, mas eu sei que são docentes que, basta eu mandar o *mail* “Olha, vai fazendo isto assim e assim.” e eles vão fazendo. Não há, não há, não tenho nada a apontar e tenho uma boa base de apoio para fazer trabalhos diferentes e eles são mesmos interventivos e criativos. Tenho uma equipa muito boa, por acaso!

Ainda bem!

Pronto acabou!

Entrevistado P5

29/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

10.10 às 11.28

O que é que a levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Foi um acaso. Foi perfeitamente, foi perfeitamente um acaso. Foram muitas circunstâncias somadas. A primeira foi, se calhar, uma predisposição, já não digo genética, mas uma deformação profissional, uma predisposição pessoal. Isto nitidamente está na base. Porquê? Porque eu sempre, os livros também foram sempre o meu mundo, os livros e as múltiplas leituras, tudo quanto está associado a livros. Depois, profissionalmente eu encaminhei-me para a docência e o facto de me ter encaminhado para a docência, também por um acaso, porque eu virei-me. Primeiro, eu queria ser professora primária (dantes eramos professoras primárias, por isso continuo a dizer professoras primárias, somos a professoras as primeiras, as *magíster*). Depois quando eu estava na, era só preciso o quinto ano, o antigo quinto ano, eu fui fazer o secundário, porque entendi que deveria sedimentar assim. Quando eu estava no secundário sai um decreto que obriga. **(Pausa)** Que obriga a termos Matemática, eu estava em Humanidades, fiquei com aquela base cortada. A seguir pensei em encaminhar-me para História, tudo bem, eu estava encaminhadíssima para a História, aparece o malvado Propedêutico, televisão, eu pus-me a trabalhar, fui fazer, nessa altura tirei até um curso de Contabilidade e Cálculo Comercial. **(Risos)** Fiz o Propedêutico e vou a exame a História e a História tenho, bem, tenho um desastre de um malvado onze. Resultado, eu fiquei com uma média que eu não queria levar para História. Estava na candidatura e diz-me a senhora “Sabe há uma Universidade nova, só que a média, tem a média para entrar lá. Eles, o mínimo que pedem é catorze, está com um mínimo de catorze, olhe vamos já pôr esse em primeiro lugar”, e caí na Nova, em Literatura. E portanto, e fiz bem! Portanto, até o acaso me encaminhou bem, e hoje estou feliz e não, também não trocaria. Por outro lado, aqui, começo a trabalhar muito intimamente com as pessoas que estão na biblioteca. Não na biblioteca mas a dar apoio. Desde a escrita, desde a imaginação (as vezes aquele estrelar de, põe-se desta maneira e põe-se daquela, e faz-se assim, as bonecadas, pronto!). E, entretanto, fico com um tempo no horário e fico com a *****, a ***** está para se ir embora e diz “*****, temos formação, quem é que pode ir comigo? Só a *****”, “Está bem! Tudo bem!”, mas sem ...

Quando a ***** fica com a biblioteca, era por nomeação, não estávamos na Rede. Eu acabo por ir, acabo por estar com ela, trabalhar com ela, ter feito formação com ela, entretanto faz-se a candidatura à Rede várias vezes, várias vezes é indeferida, até que finalmente é aceite, eu tenho já a sensação por “peninha”, “Olha estes vêm cá tanto bater à porta, é melhor deixá-los entrar, senão não deixam de bater”, é tipo gato ou cão que está ali (Tunga! Tunga!), deixa lá entrar! **(Risos)** E eu, sim senhor, tudo bem! Entrámos e a ***** entretanto quer se ir embora, pede a reforma, vai-se embora e para a Rede temos de nomear alguém, a ***** é forçada! Quem é que tem na casa? Curiosamente não havia ninguém com mais formação, não havia ninguém que conhecesse melhor a biblioteca, não havia ninguém! E avanço eu, avanço eu, e a partir daí avanço para as formações na Rede, que é toda a formação que eu tenho. O curioso é que, quando fiquei mesmo com a biblioteca nas mãos eu apercebi-me que não conhecia a biblioteca! Que ninguém conhece esta biblioteca! O que é uma desgraça, mas pronto, mas isso é outra coisa. Isso é outra coisa.

Então acabou por ser uma imposição/opção? Metade, metade.

Foi, foi! Eu aqui também sou muito refilona, mas sou um cordeirinho. Eu, para onde as chefias me encaminham eu vou a todas. Porque eu nesta casa, o que é que não fiz? É mais fácil dizer o que não fiz! Não fiz nunca formação de turmas. Nunca fiz formação de turmas, nem requisição de professores. Também nunca fui delegada, nem nunca fui coordenadora, porém andei sempre, andei sempre...

Relacionada com a biblioteca?

Mas andei quer nas direções de turma, nas coordenações de direção de turma, andei na direção, quero dizer, eu andei sempre à volta, ou muito próxima, sempre... Eu tenho que dizer isto, eu fui sempre e continuo a ser (eu tenho essa noção) um apoio grande das direções. Sejam elas quais forem, desde há bastante tempo. Aqui, eu estou sempre, é preciso escrever qualquer coisa, vamos à *****, é preciso imaginar qualquer coisa, vamos à *****. Eu acho que tenho uma imaginação desvairada, às vezes!

Então a formação especializada na área das bibliotecas foi exatamente qual?

Só a da Rede, é só mesmo a da Rede, estas formações da Rede e, depois tenho muita não certificada. Nada, daquela muito autónoma, muito autodidatismo. Tenho muita, tenho muita autoformação na área das bibliotecas, no sentido das leituras, no sentido das indexações. Agora, por exemplo, estou inscrita já numa ação de Indexação, *online*, para maio, mas vou pagá-la. Ainda ontem estávamos aqui a rir que é a mais barata, é oitenta euros e então eu vou pagá-la porque estava lá (entidade a cobrar) e lá estava o meu nome e o meu NIF, e estava lá. Portanto, e depois é muita consulta, por exemplo, os métodos de trabalho (**Pausa**), se em termos de rede nos encaminharam para dois e até nos formaram em dois (nas formações que fizemos até temos esses dois), eu fiz um trabalho mais completo acerca disso e tive de fazer apontamentos para mim para ver o que é que via. Portanto, porque aquilo que eu tenho é manifestamente pouco, no sentido em que é muito teórico para a prática que temos.

Hum! Hum!

Muito teórico! Por outro lado, nunca me resolvi. Isso visceralmente! Estou visceralmente muto contra, no sentido de muito contrariada, e não vou, não vou fazer nada na área das bibliotecas. Nada! Nem pós-graduação, nada! Não por uma questão de desprezo ou incoerência, mas por uma questão de ver que toda aquela teoria eu tenho acesso a ela autonomamente para me sedimentar a minha prática. Porque aqui, a prática (**Aprende-se**) tem de ser muito ajustada a este público. Este público não é fácil! Nunca foi fácil, vai lá mas, vai lá! Nem que seja por decreto! Mesmo assim, sabemos como. (**Difícilmente**) Mas vai!

E, há quantos anos é que é Professora Bibliotecária?

Professora Bibliotecária há quatro. Ligada às bibliotecas, oito, oito.

E esta função ainda dá satisfação? Ou dá satisfação?

Já não! (**Risos**) Não, já não. Já não, no sentido...

Já não tanto ou já não?

Já não tanto. Não, já não tanto. Porque eu não gosto de ficar a fazer as mesmas coisas. Já aqui estou há quatro anos, e eu acho que está na altura de sair, está na altura já, aliás já tentei sair. Está na altura de, de, de deixar! Eu gosto de fazer as coisas, dois, três anos. Eu estive na cadeia, se estive na cadeia dei aulas na cadeia, dois anos. Vim-me embora. Eu estou nos diretores de turma, coordeno dois anos, vim-me embora.

É o limite.

Eu estive no agrupamento de exames, no agrupamento de exames é que eu estive aí uns dez anos, caramba! Aquilo foi, foi mauzinho! E, eu tentei sair uma série de vezes, depois entretanto fui apanhada, que não havia ninguém, lá estive, mas finalmente consegui deixar e vim-me embora. Na direção vim-me embora, tenho muita

pena, acho que foi uma das vezes que vi a ***** chorar, uma das raras vezes que eu vi a ***** chorar. Mas, ela queria dar-me o pelouro dos alunos, e eu ... Isto não, não. Eu gosto de fazer as coisas, eu sei como se faz, eu tenho ideias e eu faço. Mas depois, e eu gosto de fazer, gosto de fazer as fundações. Aqui já estão feitas! Aqui, agora há um grosso trabalho, há muito, muito trabalho para fazer. Mas está preparado para quem vier, e para quem vier (e são, e é sempre preciso sempre gente nova). (**Hum! Hum!**) Gente com outras ideias. Estão aqui as fundações. Agora venham alindar o edifício, venham expandir a coisa. É como um negócio, tem de ser expandido. Agora vamos fazer filiais, toca a andar. Isso já é para outra pessoa, já é uma outra geração. Eu já não sou dessa geração. Portanto, acho que já está na hora, acho que as coisas são assim, a experiência é necessária, mas nós não nos podemos agarrar às coisas, e eu não... Nós ganhamos vícios, e eu acho que já devia ir embora, só que agora estou cá presa. E sinto-me presa!

E então qual é o papel do Professor Bibliotecário numa escola? Fundamentalmente.

Nesta escola, nesta escola o papel do Professor Bibliotecário, desde que nós fazemos parte da rede, porque enquanto ***** a biblioteca era um armazém dos livros que tinham a sabedoria necessária para quando precisava investigar mais a fundo qualquer coisa, não era o apoio contínuo que deve ser. Isto que se está a ver ali, aqueles meninos daquela maneira e a trabalhar daquela maneira, não era...

Era impensável?!

Não, não era, aquilo que ali está, aquele estudo, eles faziam-no noutro sítio, noutro sítio, noutros locais, porque a biblioteca era mesmo o lugar da relíquia da sabedoria. Agora, desde que pertencemos à Rede e desde de que também mudámos para aqui, e aqui estamos. Aqui, a finalização aqui, foi a quinta mudança, andámos com isto às costas cinco vezes, não é?! As pessoas não imaginam o que é andar com seiscentas caixas às costas, e aqui e ali, da última vez que as fomos buscar, umas estava aqui outras ali, quero dizer, isto estava tudo...

Disperso.

Disperso. E ainda hoje eu não tenho noção, aliás uma coisa que eu disse muitas vezes à ***** “Eu não me responsabilizo.” Porque não tenho noção de perdas. Não tenho! De facto, eu não tenho, aquilo que temos registado, vamos encontrando e eu sei, mas nestas mudanças todas, isto é muito.

Agora, o papel, aqui. É, primeiro que tudo, foi fazer notar a biblioteca, há uma biblioteca e mais do que um lugar de relíquias, que é e que devemos preservar e sobretudo devemos divulgar porque as pessoas devem conhecer o património que têm. Enquanto escola, enquanto agrupamento, eu acho que enquanto agrupamento isto foi de uma riqueza extraordinária. É divulgar a escola, é divulgar todo o acervo, todo o património e mostrar há uma biblioteca. E depois o que é que a biblioteca faz? A biblioteca é um lugar onde se pode trabalhar e onde se pode acrescentar o saber e onde há apoio para esse trabalho, para esse acrescentamento do saber e para esse acrescentamento da prática, quer aos professores quer aos alunos. E é isso que nos esforçamos agora por fazer e depois a leitura, a leitura. Se nós conseguirmos pôr a circular, pelo menos este material que está aqui nesta sala nuclear, aí nós conseguiremos mesmo dizer, divulgamos leitura e fomentamos leitura. Mas tem sido, basicamente, um trabalho de divulgação e um trabalho de mostrar o que é que nós podemos fazer, o que é que nós podemos ajudar, como é que nós podemos apoiar. E está a dar frutos.

A formiguinha a trabalhar.

Está, está a dar frutos. O corpo docente não é nada fácil! Não.

Mas o Professor Bibliotecário é relevante para a escola e para os alunos?

É! É, é! Sobretudo para os alunos, aqui nesta escola entra-se pelos alunos. Entra-se pelos alunos e quando, e depois a partir do testemunho deles, entra-se pelos professores. Depois, eu tenho, eu tive uma facilidade, que foi

entrar logo para o pedagógico e ao entrar para o pedagógico, sistematicamente dizia “A biblioteca faz isto, a biblioteca faz isto”. Há uma coisa também que eu fiz sempre, nunca falei, nunca falei em nome próprio, falei sempre e falo e continuo a dizer “A biblioteca faz isto.”, “Isto existe na biblioteca, isto existe na biblioteca.”. “Nós temos isto.”, “Nesta escola a biblioteca tem isto.”, “Esta escola tem isto.”, “Onde é que está? Está na biblioteca!”. Eu digo “A escola tem!”, “Está na biblioteca.”, “A escola tem, a biblioteca leva porque está neste sítio assim e assim.” Eu digo isto muitas vezes. Por outro lado, no pedagógico digo “Chegaram estas novidades, temos isto, temos isto, temos isto.”, “Nós podemos apoiar. Olhem, nestas disciplinas assim, assim nós temos isto, nós temos aquilo.”. Depois, começam os alunos a virem e já perguntam “Professora, pode-me ajudar nisto?”, que este é o trabalho mais gratificante aqui! Que eu gosto muito de fazer! Gosto muito de lhes ensinar como é que se faz um *PowerPoint*, “Ó, Professora isto aqui está bem escrito? Então veja lá.”, “E estes caracteres aqui e estas imagens?”, “Olhe, tem aqui estas imagens na Arte, muito giras!”, “Olhe, aquele livro tal assim, assim.”, “Olhe, veja!”, “Olhe aquelas imagens que nós temos ali. Venha cá.”, “Olhe, ali dentro, quer ver isto?”. E eles ficam assim “Ah!” e depois ... Tanto que eu sei, por exemplo, esta semana (esta semana não, a semana passada!) foi ao Conselho Geral (eu não sabia, eu não sabia), depois uma pessoa que foi ao Conselho Geral (não me foi dito nada), uma pessoa que esteve no Conselho Geral e esteve aqui, deu-me os parabéns e eu fiquei assim “Porquê?!”, “Passou-se isto assim, assim.”. Eu não sabia e fiquei feliz. Fiquei muito feliz! Fiquei feliz, fiquei feliz, e isso vai lá, muito paulatinamente mas, muito despercebidamente. Somos muito, eu acho que não somos muito importantes, eu acho que somos fundamentais enquanto na escola, a biblioteca é fundamental. É fundamental! Mas as pessoas vão-se apercebendo disso, se perguntarmos isso às pessoas elas dizem que não. Até passam sem ela. Aqui, por exemplo, é! Mas, depois os alunos conhecem, e por aí fora.

Então, mas que influência é que o Professor Bibliotecário tem na estrutura da escola?

Na estrutura da escola, o Professor, aqui! Eu só posso falar pela minha realidade.

Sim.

E a minha realidade aqui é esta, se não estivéssemos, se não estivéssemos perto da Direção, neste momento a Direção, não haveria biblioteca, não estaria em Projeto Educativo, mesmo que fosse, mesmo que fosse normal aí na generalidade das escolas. Está! Se nós não tivéssemos uma atividade visível, por exemplo, a nível de blogue, nós fizemos um blogue (agora temos, agora temos outro), nós fizemos um blogue que atingiu as trinta e cinco mil visitas, assim muito paulatinamente, mas foi lá. E logo no princípio esse trabalho de blogue, mesmo o trabalho de redes sociais, trouxe aqui a imprensa e a Direção apercebeu-se que através da biblioteca poderia dar visibilidade à escola. As bibliotecas dão visibilidade à escola. Qualquer biblioteca. Depois, a escola apercebeu-se também que, numa teia relacional, mesmo que o Professor Bibliotecário (que é o meu caso) não seja um “bicho social” e eu não sou de, não, não sou de todo, aliás sou um “bicho” um bocado associal, mas o que é facto é que através de uma teia relacional...

As coisas chegam lá.

... e também de uma teia de conhecimentos, porque também há uma coisa que nós temos que ser enquanto Professor Bibliotecário, temos que ser ...

Relações Públicas.

... e muito atentos ao mundo! Muito, muito! Eu tenho que saber de imprensa como os outros não sabem e eu tenho que saber do que está cá fora como outros não sabem, eu tenho de saber daquela exposição ali como os outros não sabem. Eu não vou lá, mas se eu leio a imprensa, se eu estou atenta às notícias e digo “Mas passa-se isto! Mas passa-se isto!”.

Estamos sempre a trabalhar.

Sempre! Sempre, porque Professor Bibliotecário é a tempo inteiro! Dão-nos é este horário manhoso, que acham que nós cumprimos, mas pronto, isso **(Risos)** é outra conversa! Isso é outra conversa. Porque acham. Lá está, então vamos meter o saber dentro de um medidor também. Mas esta, esta metrificação, esta quilometragem das coisas, estes calendários das coisas, calendarizar.

Espartilhar, espartilhar as coisas.

Isto, mas isto é normal! Que o Professor Bibliotecário, aqui, aqui eu tenho tido essa sorte e esse privilégio, de poder ser uma pessoa, mas também, lá está! Se calhar isto passa-se porque eu estou nesta escola há trezentos anos. É! Se calhar é por isso, porque costume, a minha expressão para a velhice é os trezentos anos, mas estes trezentos anos funcionam desta maneira e há depois também uma entrega. Os Professores Bibliotecários não são pessoas alheias à escola nem desligadas da escola, vulgarmente são militantes da escola e as direções aproveitam-se disso. E aqui isso tem sido o caso (eu acho que até me fica mal estar a dizer estas coisas) mas, mas há realidades, e eu sei que esta minha proximidade com a Direção, por uma questão já pré-histórica de trabalho juntas, de, olha, de muita tristeza e muita alegria, muita lágrima e muita gargalhada. Olha e varrer água aqui, às três da manhã, o mulherio todo da Direção e a Professora Bibliotecária a varrerem a água aqui, isto também une pessoas, varrer água a balde, varrer água ali à pazada. Também dá, também une pessoas e portanto isto é fundamental, é, é! Penso que esta proximidade também me ajudou muito enquanto Professora Bibliotecária e depois ver que o trabalho, este trabalho quase subterrâneo, de toupeira, que dá, mostra a biblioteca e simultaneamente dá visibilidade à escola, abre os olhos das direções para a importância que a biblioteca tem na escola, mesmo na própria comunidade. De vez em quando temos uns percalços. **(Pausa)** Já é a segunda vez que no Dia da Escola não se entregam os diplomas da biblioteca. Foi uma, foi uma coisa que eu consegui, mas entretanto veio uma comissão de festejos, cujos elementos, veio primeiro um, uma, depois veio outra “Sabes, são muitos diplomas, isto é muito grande, não te importas que os da biblioteca não sejam entregues?”, e eu disse não. “O que é que a ***** diz?”, “Ah! Ela está dependente do programa que nós apresentarmos.”, “Vocês é que sabem! Eu penso que é importante, mas vocês é que sabem, vocês é que estão a organizar.”. Ao segundo ano já não disseram nada e eu perguntei “Então os diplomas da biblioteca não são entregues no Dia da Escola?”, “Ah! Pois, não está previsto.”. Entretanto, eu disse à Diretora “Olha ***** , tu decides-te, como é que é?! Falas tanto em diplomas de competências. O único sítio desta casa que dá diplomas de competência até é a biblioteca e estas são competências sociais, que são estas que valem muito lá fora. Porque vão-lhes perguntar que livros é que leram, no que é que participaram e esta escola sai daqui, sistematicamente, no Concurso Nacional de Leitura, no Concurso de Poesia, tu é que sabes!” E ela ficou a olhar para mim e eu, quase que aposto que para o ano que vem a comissão de festejos já tem lá outra vez **(Já insere.)** os diplomas. Mas isto, pacificamente, com aquela raiva contida, pacificamente, dois anos! Um intervalo de dois anos, mas já não há terceiro. Portanto, esta importância (isto parece muito pequenino!) é preciso ter muita paciência e eu já não tenho assim tanta, por isso é que **(Vai-se perdendo!)**, por isso é que eu estava a dizer que já cá estou a mais. **(Riso)**

Então neste trabalho todo, nesse trabalho de formiguinha. Quais são as principais funções do Professor Bibliotecário, aqui na...?

Aqui. Primeiro que tudo, aqui. É nitidamente, aqui nesta, aqui agora é o apoio ao currículo. Aqui! Os meninos vêm aqui procurar-me muito para isso. Há uma segunda função que eu não sei, que eu vejo aí muito pouco mas que se faz muito aqui, se calhar também é um privilégio ter este gabinete! É um privilégio ter este gabinete e é um privilégio ter tantos sofás, eles sentam-se ali, eu estou aqui e são capazes de dizer “Oh professora venha aqui,

faz favor.” E começamos a falar disto e daquilo e quase que sou um gabinete de psicologia ou então batem-me ali “Professora! Posso? Porque é que eu não posso levar dois livros de uma vez?”, “Oh filho! Passe-se isto, veja isto.”, “Ah! Tá bem! Então e agora?”, “Olha a Dona ***** ou o Senhor *** *****...” Pois! É, é esta função de apoio e esclarecimento (**Hum! Hum!**), o apoio psicológico e tudo. Tive problemas com uma turma, noutra dia vim a saber, foram fazer queixa de uma colega (umas coisas), mas vieram aqui primeiro! Vieram aqui primeiro e disseram “Professora, pode-nos ver isto?”, “Ah! Não, não, não vejo! Não vejo porque eu sou, primeiro que tudo eu sou professora e eu não vou contra um colega meu, nem que ele vos tenha espancado, eu não vou contra o meu colega. Acho que há uma circunstância e eu não estava lá, não sei. Eticamente, deontologicamente fico no meu lugar.”

Não se pode pronunciar.

“Mas como é que podemos fazer?”, “Não sei filhos! Pensem direitos, deveres, como é que é.”. Sei que eles avançaram, mas ... E eu disse-lhes “Compreendem a minha posição?”, “Oh professora, nós também fazemos o mesmo uns com os outros.” Lindamente! Portanto, por aí, esta função inerente ao apoio curricular. (**Hum! Hum!**) Por outro lado, nós somos o *marketing* cá da, neste aqui, eu sou *marketing* do património! Ando sempre a mostrar os tesourinhos, por exemplo. Portanto, é aqui o *marketing* do património e é aquilo que nós também temos programado, não objetivizado como isto. Nós somos um, uma, contribuímos para a preservação da identidade, da matriz identitária da escola, porque é aqui que estão testemunhos básicos da identidade e do percurso da escola, daquilo que é instituição, enquanto instituição. Por outro lado também, esta aqui tem que ser uma base e é isso que eu tento fazer muito, mas através, sobretudo através da conversa com os colegas. Centralizar aqui, fazer aqui um pequeno, o núcleo mais efervescente das atividades. No fundo, como a Terra, o centro da Terra, que nós achamos, andamos por aí, achamos que ele não existe ou não damos por ele, mas que ele está lá! Mas ele está lá! E a biblioteca e o papel do Professor Bibliotecário, o papel da biblioteca na escola tem que ser esta centralização muito discreta.

E que faz a difusão?

De tudo! E a partir daqui. Mas também há aqui também uma situação privilegiada, há aqui uma situação, porque eu costumo dizer, qual é o ponto fraco da biblioteca, estar tão afastado dos pontos de decisão, administrativos, mais salas de aula, de tudo isso, professores. Por outro lado, está na entrada da escola (**E perto dos alunos.**), muito acessível a alunos e com uma capacidade expositiva muito grande e estas paredes de vidro também são muito boas. Como eu costumo dizer este é o sítio mais transparente desta escola. Portanto, nós temos circunstâncias que sendo o ponto fraco também são, simultaneamente, o ponto forte. Aqui há tempos a ***** ria-se porque lhe dizia que o meu ponto fraco é simultaneamente o meu ponto mais forte é estar longe mas estar muito perto, muito, muito, muito perto, muito perto deles. E esta, esta centralização de atividades, esta, mas simultaneamente esta difusão de potenciais, porque é uma difusão de potenciais é muito interessante, muito, muito interessante, esse é talvez o trabalho mais interessante que há aqui. O que me agrada mais e que eu não tenho tanto tempo é meter o nariz nos tesourinhos, descobrir o que há lá dentro, é um mundo. É um mundo! Tenho muita pena, mas isso eu ainda quer..., mas isso é uma coisa que, e haja alguém que algum dia tome conta disso, que é transformar aquilo que está ali dentro em, num ...

Núcleo Museológico.

Não só mas também num potencial de, num potencial usado de investigação. Nós ali dentro podemos investigar, por exemplo, todas as casas encadernadoras que existiram em Santarém. Por exemplo! Estão lá testemunhos. Penso que um curso de encadernação terá ali muito que aprender, até as próprias edi... Olha, até ao próprio nível

do, da escrita, da ortografia, eu consigo identificar obras pós mil novecentos e onze e antes de mil novecentos e onze e setenta e três, por aí fora. As mais antigas, muitas delas não têm datas, por exemplo, consegue-se por aí. A filologia, pela linguística, há ali muito trabalho! Há ali um núcleo ultramarino, chamamos o núcleo ultramarino, tem estudos sobre clima, sobre solos, sobre agricultura, por exemplo em Angola, em Moçambique, na Guiné que por aquilo que eu tenho lido e tenho visto por aí, não estão tão explorados quanto isso, por exemplo. Depois, é aumentar esta frequência, aumentar a frequência. No dia em que de três mil elementos deste agrupamento, metade, pelo menos, venha a esta biblioteca e consequentemente às outras bibliotecas, no momento em que nós tivermos pais, irmãos, avós, tios, sobrinhos a virem às bibliotecas das escolas do agrupamento, então esta biblioteca é capaz de ter cumprido mesmo, mesmo as suas funções. Penso que sim. Mas isso, se calhar é uma utopia.

Como é que é uma semana de trabalho aqui?

Uma semana de trabalho aqui é... A minha...

Grosso modo, não é?!

A minha semana de trabalho aqui é, primeiro que tudo, quando eu chego à escola, chego à escola e vir para aqui, acabou! É daqui que eu vou para as minhas aulas, é aqui que eu chego das minhas aulas, é aqui que eu chego quando venho de casa, é daqui que eu vou quando vou para casa. Portanto, a biblioteca, para mim, é um ponto de chegada e um ponto de partida, primeiro que tudo é obviamente é isso. Depois, a biblioteca é também uma extensão porque eu estou em casa ou estou a fazer qualquer coisa e penso “Olha, isto era giro para lá. Olha lá há isto. Lá não há isto!”. Aqui, o dia de trabalho começa, por exemplo, à segunda-feira começa com a reposição das imprensas, eu chego, trago as coisas “Dona ***** o que é que isto?”, “O que é que vamos fazer isto.”, “O que é que está programado para a semana? Se há requisições de sala para a semana? Quais são os professores que cá vêm? O que é que cá vêm fazer? O que é que está previsto?”. Ver o calendário, temos aquele calendário, esta semana o que é que temos, temos isto ou não temos. Para além disso é a catalogação, a catalogação, quero dizer, a classificação, neste momento temos ali, ainda tenho aqueles caixotes todos por classificar, aquelas classificações, todos os dias, impreterivelmente, não há dia em que eu não faça uma arrumação, eu e a Dona ***** , uma arrumação alfabética, que andemos de roda das estantes. Depois é também, neste momento, estou a fazer o *mail* uma ou duas vezes por semana, não estou a fazer mais, mas é uma questão de defesa face às tecnologias e uma questão de fartura (ando muito, muito farta!). É o apoio aos alunos, todos os dias, estar aqui mesmo quando os colegas estão em aula. Basicamente, o que é que é mais visível? É o apoio aos meninos, é o estar com os meninos e eu aqui estou sempre de porta aberta, porque não gosto de estar fechada. Isto não é o normal! **(A porta do gabinete estava fechada)**

Sim.

Isto não é o normal. Esta semana de trabalho aqui, aqui como em qualquer biblioteca, acho eu, é muito doméstica, está sempre pó por limpar, está sempre chão por varrer, o trabalho acaba por ser sempre o mesmo, sendo sempre diferente porque, se temos o Holocausto, esta semana, para a semana já temos o Pordata aqui, portanto esta semana foi andar atrás dos colegas. Ainda hoje tenho de ir atrás deles ver para eles conjugarem as turmas, foi hoje, hoje também já, quando entrei encontrei o menino do Concurso Nacional de Leitura, então “Esteja atento, porque quando vierem as obras nós falamos.”, foi já perguntar a uma “Olhe, então e os seus poemas, estou à espera dos seus poemas. Como é que é?!”. É aqui, é lá fora. Eu... isto parece muito vago, mas isto enche-me, enche-me o tempo **(São pequeninas coisas.)**, enche-me o tempo, não tenho tempo para fazer tudo. Por exemplo, preciso de fazer mais etiquetagem para as prateleiras, preciso de fazer... de especificar mais,

agora achamos que devemos por o alfabeto ao pé das prateleiras (A, B tal, tal, por aí fora.) Até para nós estarmos a arrumar alfabeticamente porque a certa altura já não sabemos. Eu ontem não sabia em que lugar era o ípsilon, já não sabia. **(Risos)** Já não sabia. Por exemplo, ontem, ontem também este material informático precisa frequentemente de manutenção. Ontem por exemplo a última coisa que fiz, antes de me ir embora, foi fazer a limpeza do computador daquele gabinete. Vim a descobrir, como está naquele gabinete e nós facilitamos, os meninos vão para lá fazer trabalho de grupo, que estava cheio, cheio de documentos, estive a tirar aquela “bodega” toda, aquela “bodega” toda dali, estive a limpar aquele computador, a limpar estes. A Dona ***** agora anda de roda dos manuais porque foram ali intrometidos, intrometidos mesmo! Manuais que não estão registados, não estão carimbados naquela leva de tira, põe e a Dona ***** anda ali com o baldinho, com as coisinhas todas e os manuais e com o carimbo e com o carimbo, a ver o que é que e a assinalar o que é que necessita daquela listagem, por exemplo. Depois vem aqui “Professora o que é isto?”, “Olhe, tenho dúvidas nisto.”. Ontem também à tarde, o que é que eu andei a fazer, além de andar à procura da “Lista de Schindler” e não a achar? Porque eu sei que a tenho. Onde? Lá está, um documento fora de sítio é um documento **(Perdido)** perdido! Pronto! Máxima! Todos os dias a máxima vem ter comigo (quanto mais não seja dá-me nos olhos!). Ontem foi essa. Por exemplo, a semana é uma semana muito comum, em termos de biblioteca, muito anónima e, como eu costumo dizer, é um trabalho muito doméstico mas dá para encher. Dá para fazer as tais trinta horas, dá, dá para muitas vezes para chegar, entrar aqui de manhãzinha, sair à tarde, eu tenho aqui, mas eu também faço por isso, eu prefiro fazer um dia de dez horas e poupar-me para deixar um dia livre. Um dia e depois ao estar em casa, nem que eu tenha de telefonar para aqui e dizer “Dona ***** , por favor, dê-me estes nomes assim. Olhe, em cima da secretária está isto dentro, por favor, que é para eu mandar um *mail*.”. Prefiro isto para poder ficar no sossego, do que, do que estar aqui todos, todos, todos os dias. Mas a presença aqui todos os dias também é muito dissuasora, por exemplo, de participações disciplinares. Os alunos quando, quando eu estou aqui as coisas correm muito melhor ali. **(Hum! Hum!)** Por exemplo, mas isto é um trabalho que parece nada, mas às vezes chegamos a casa ou chegamos ao fim do dia e “Mas o que é que eu fiz?” **(O que é que eu fiz?)**. É que não se vê, uma ordem alfabética não se vê, a classificação de um documento não se vê, uma catalogação não se vê, estas coisas não se vêem, estas coisas não são vistas ao público. Uma arrumação lá dentro, virem aqueles livros, dividir aqueles livros, isto não é, isto não é visível ao público. Não é! Pôr ali uns. Ah! Vem um dia. Ah! Aquilo é ir buscar meia dúzia de livros e pôr ali. Ah! É isto também, olha estas imagens, também que trabalho é que dá, por uma cola e zás! Espetar ali.

Pois.

E o tempo esgota-se nisto e não se faz tudo! Mas há sempre trabalho para fazer, é o que vale!

Como é que é entendido o uso das TIC no contexto escolar? Como é que elas se inserem? No contexto escolar, no geral.

Agora é essencial, nem há que passar sem elas, de maneira nenhuma. Até na sala de aula. Eu agora andei uns tempos, não tínhamos projetor e tínhamos um quadro pequenino (tinha e tenho), um quadro pequenino e eu escrevo muito, escrevo muito mas também preciso de projetar. Resultado, não tinha, andava aflita. Eu andava aflita. Agora que já tenho posso não usar tanto mas já não estou aflita, pelo menos é um fator securizante. Entre ter e não ter, ter material é securizante. Usar ou não usar já é outra coisa, agora usar, usa-se, usa-se, usa-se muito, usa-se muito a vários níveis. Usa-se muito, primeiro como instrumento de trabalho e a seguir também como instrumento de diversão, nitidamente. Aqui na biblioteca, este material todo que nós aqui temos é muito, muito

usado, aliás eu acho que é abusado porque está (Agora não!) Agora estou a falar mas é um mau exemplo! **(Risos)**
Agora é um mau exemplo!

Mas eu sou testemunha!

Mas é, é de facto, é de facto muito muito usado. Por outro lado, há também, há também esta questão cada vez mais as ferramentas, as ferramentas informáticas são usadas, usadas pelos meninos e são usadas criteriosamente. Que é uma coisa que... é um fator de qualidade, é um fator de qualidade e, e é um fator que tem vindo a ser cada vez mais sólido. Porquê? Porque há uma coisa, o que é que nos acontecia? Logo no princípio, por exemplo, quando se viu tanto computador na biblioteca, o que é que se pensou? Até professores pensaram e acontecia muito aqui, o *Facebook*, as redes sociais, era o que havia. Constatei que, para além de tudo que está inerente ao uso da rede social, por meninos e nós não controlarmos, e por outro lado nós não termos uma determinada capacidade censória que também não é tão desejável. **(Hum!)** Não me interessa andar a ver o que é que as pessoas estão a fazer, não é essa a minha função, nem função de ninguém aqui, acho eu. E o que é que pensámos? Não, ferramentas sociais, meu amigo, redes sociais só em contexto pedagógico, com o senhor professor para a disciplina. Acabou! Bem, foi aí uma berraria que foi qualquer coisa! Foi uma berraria. “Não se pode fazer nada nesta biblioteca!”. Só havia redes sociais. “Não se pode fazer nada nesta biblioteca. Não se pode, não sei quantos!”. Tudo bem. “Podem! Podem! E então a autorização do seu professor? E a declaração de necessidade para a aula que o seu professor deve dar?”, “Aah!”. Veio aí um colega e “Então agora os alunos não podem aqui fazer nada?”, “Então não podem?! Olha, tu dás a tua autorização, tu vens com eles, vens trabalhar com eles. Então se queres trabalhar com as redes sociais trabalhas! Ninguém te impede. Está aqui, contexto pedagógico.”. Nunca mais cá pôs os pés. Para isso. **(Hum!)** Pôs para outras coisas. Por outro lado vamos mostrar, vamos mostrar também outro tipo, vamos mostrar também como é que se pode trabalhar, como é que se pode fazer, como é que se pode fazer um *Prezi*, como é que se pode fazer um *PowerPoint*, como é que se pode fazer isso, como é que se pode fazer aquilo. Então e depois, como é que eu posso usar tudo isso a meu favor. Portanto, aqui na biblioteca usar ferramentas informáticas e ter material à altura é essencial. Estamos numa escola em que a sala de aula está bem apetrechada. **(Hum! Hum!)** Isso não retira necessidades, mas eu falo por mim. Ontem, a minha sala de estudo foi uma coisa, assim meio, isto para um perito, por exemplo para ti ou para alguém é capaz de ser um crime “lesa TIC” **(Riso)**. É! É um crime “lesa TIC” mas eu fi-lo e os miúdos não sabiam, descobriram e eu fi-los utilizar à moda antiga. O que é que aconteceu? Os meus meninos não sabem conjugar verbos, os meus meninos é “fizes-te”, “come-mos”. “Ó filhos, não pode ser! Isto vai ser um verbo todos os dias.” Toca a fazer tudo, a folhinha, todos os dias manuscrever à antiga o verbo. Ontem disse “Ó filhos há uma prendinha, vamos ter um verbo, um verbinho regular, mas vamos aos irregulares porque tem de se afastar o, primeiro os auxiliares, o haver, ontem foi também o querer, o ir e o querer por causa do “Z” e do “S”. Por causa da ortografia, porque simultaneamente treinam estruturas e ortografia, que é muito necessário! Resultado “Vamos todos para a biblioteca, vamos todos, toda a gente tem de ter um computador, vão estar a dois, caderno, só quero o caderno, só quero a esferográfica. Toda a gente para o Conjuga-me ponto Net.”. E então estivemos no Conjuga-me ponto Net, todos eles e estávamos a ver e a ver como é que era “Porque estão a vermelho? Porque estes são os tempos irregulares? E porque é que estão a azul? Porque é que está a azul? São aqueles que têm o paradigma, a conjugação regular.”, “Então agora vá, toca a passar isso tudo. Manuscrever isso tudo.”, “Ó professora, então?!”, “Não! Não, não é muito fácil selecionar, não senhor!”, “Toca a escrever porque eu quero-vos a escrever, a treinar a motricidade fina, caligrafia **(E a memória)** e quero-vos a treinar a ortografia.” Portanto, pode ter sido um crime “lesa TIC” **(Risos)**, mas ...

Não! Foi uma utilização curricular das TIC.

Mas foi, mas foi de facto, mas foi isto. Por outro lado, o que é que nós também fazemos aqui, direcionamo-los em cada computador à pasta com *sites* úteis e nós direcionamos pesquisa. Tentamos direcionar porque “Googlar” é um mundo, “Googlar” é uma galáxia, qual mundo é uma galáxia e portanto, e estamos por exemplo a dizer (eu digo sempre isso aos colegas). Que os colegas já os mandam e dizem “Pergunta lá à professora se...” e então “Olhe, veja aí. Mas se descobrir algum, algum *site* mais, diga porque nós acrescentamos.”. Portanto, eles também, alunos, já interagem (**Sim, já percebi.**) neste aspeto. Por outro lado também já vêm perguntar, em termos de ferramentas o que é que podem “Professora, o que é que, como é que acha que eu apresento isto melhor?”, “Acha que eu faça um livrinho?”, “Acha que eu faça um PowerPoint?”, “Acha..”, “Olhe lá, não quer, não quer fazer isso, vamos lá ver isso, quer ver? Vamos lá ver isto.”, e eles vão lá. Portanto, nós aqui e até com os colegas, às vezes os colegas vêm aqui e dizem assim “Olha lá, conheces isto ou aquilo?”, “Olha, isso não mas conheço isto. Queres trabalhar com isto?”, “Então vamos lá ver. Olha, anda, anda lá fazer um filminho com isto.”, “Ah! Mas...”, “Fazes assim, então vamos lá.”. E fazemos! E portanto.

Então reconhece a importância e a pertinência na escola e na biblioteca?

Bastante! Bastante. E mais, na escola, na biblioteca e na biblioteca responsável por abrir horizontes nesse aspeto. Isso é. E mais eu sou leiga olha se eu fosse perita!

Então e que uso é que faz? Pessoal e na biblioteca.

Bem, biblioteca, hem... (Tenho de confessar um bocado, caramba!) Bem, tenho estado absolutamente relaxadíssima com a biblioteca, mas tem sido eu confesso é uma, uma fase. A Professora Bibliotecária está abafada pela ***** farta, porque (Está mesmo!), porque que tive de mudar o blogue porque já está, atingi a capacidade máxima do outro. Resultado, vou em sessenta visualizações, o que é uma desgraça, mas pronto é um golpe fatal no ego. Mas pronto! (Riso) Não também não tenho atualizado com frequência. Em termos de biblioteca, redes sociais da biblioteca, estamos em todas, não estão é atualizadas porque eu sozinha não chego lá. Eu gostava de ter um braço (Mas aí sou egoísta e reconheço!), gostava de ter um braço com a minha, com a minha, com a minha. (Pausa) Não sei se é, com a minha direção social em termos de redes, com aquilo que eu penso que se adequa mais aqui, uma página de *Facebook*, temos também o *Scoop.it*, temos também o *Twitter*, também já fiz um *Diigo* e temos, tenho todos os endereços ali anotados. Eu costumo dizer, quem vier que desenvolva. Agora estamos inscritos em todas! Tudo quanto é rede social e eu nem sei dizer o que é, porque às vezes, às vezes vou dar comigo no Slideshare enquanto ***** e enquanto biblioteca, porque eu não gosto de misturar as coisas, nalguns sítios só me acontece só entro como pessoal (**Hum! Hum!**). Mas estou em todas, eu nem sei dizer, eu nem sei dizer todas, acho que nem sei dizer todas. Mas se me disserem eu sou capaz de dizer “Olha! A biblioteca também tem! Olha, a biblioteca também tem.”. Agora, pessoalmente, pessoalmente o que é que, o que é que eu faço? Pessoalmente gosto muito de trabalhar com os meninos com os, com os, com aquele tipo, aquele tipo do *Slideshare*, com aquele filminho... Como é que ele se chama?

O Photostory? O Moviemaker?

Não. O... também, também, também trabalhamos com isso. Ainda da última vez fizemos, olha este trabalho agora aqui, este trabalho está todo em, está todo em *Word* e está todo em *PowerPoint*. Para quê? Para eu juntar os diferentes *PowerPoint* para ficar, para ficar um roteiro do “Cavaleiro da Dinamarca” todo deles. Está em papel, artesanal, cartolina, está nas TIC tradicionais e está depois nas outras, nas outras. Hem... Uso muito projeções, uso sobretudo *PowerPoint*, sobretudo uso o *PowerPoint*. Dá-me muito gozo fazer, pô-los a fazer e sobretudo dar-lhes as técnicas de fazer os *links*, de fazer, de introduzir os documentos de. Isso dá-me, dá-me

muito gozo trabalhar com os miúdos e fazer isso. Sou muito, sou muito artesanal porque eu não sei manipular as ferramentas como deve ser, mas chego, chego lá. Faço as montagens todas das fotografias, de tudo e uso, uso para as minhas aulas. Uso para aqui. O máximo do artesanal é gostar de fazer uma boa impressão, num bom papel. **(Risos)** Isso, isso dá-me o gozo, dá-me gozo o total, assim como me dá um gozo andar ali com os meninos quando os meninos fizeram o primeiro exame aqui na escola, os do básico fizeram o primeiro exame aqui na escola. Andei aqui, fiz um filminho com eles com as fotografias deles, depois fiz um filminho com os “putos”. Bem, aquilo foi, aquilo foi, de facto, e foi com a escola, a “malta toda tem um radar” e aquilo ficou giro. As professoras acharam aquilo giro. Gosto, gosto, gosto de usar. Agora, leva muito tempo, leva tempo e uma coisinha de segundos demora-nos horas para montar, não me venham cá com histórias! E nós perdemos tempo! Perdemos, quero dizer. Perdemos, é a expressão do perder mas leva muito tempo!

É verdade.

E aquilo que nós apresentamos não mostra a trabalhadeira que nós temos. Mas é bom para sabermos dar valor, darmos valor aos outros porque nos confrontamos com isto. É só uma coisinha tão pequenina e as horas que estão atrás disto. Um visionamento de um filme por os meninos, para ver um filme e depois trabalhar tudo à volta disso. Eu sei que um filme demora sete horas, eu lembro-me, dou sempre com o tradicional, damos o “Shrek” e eu dou-lhes o “Shrek” para verem sempre todos os contos da infância, tudo. A partir daí escrevem, a partir daí vão para o computador, fazem montagens, fazem tudo. Preparar aquilo, preparar aquele visionamento e depois todas as fichas inerentes e depois ir buscar os *sites* onde está aquilo tudo, bem ir buscar, bem o *Youtube* é um mundo.

Hum! Hum!

Aquilo leva muitas horas, só para fixar diálogos, fixar imagens. Ta, ta, ta, ta! Eu dei-me ao trabalho de cronometrar, levei sete horas.

E as TIC aqui na biblioteca escolar, em que contextos são utilizadas? Fundamentalmente.

Se... (Contexto). Primeiro que tudo, se em sala de aula vêm muito, vêm muito para as aulas, sim. Exatamente como eu vim ontem com os meus miúdos. **(Hum! Hum!)** Os colegas vêm para os, vem com os meninos. São também muito em, os, vêm os meninos mas para as aulas, portanto em termos curriculares, sobretudo em termos curriculares. Depois também vêm muito o relaxe, para a diversão, lá está, o *Youtube* é um mundo. Já que não se pode jogar aqui, ao menos vêm-se os jogos no Youtube. E depois também toda esta, esta mistura de imagem e som, sobretudo com som, desde, é o apoio curricular mas também aquela parte social.

Hum! Hum!

Nitidamente que assume também um papel muito social aqui, então nas horas de almoço, são, são mesmo um espanto. É onde se nota mais.

A biblioteca consegue articular com as outras estruturas, com a Direção, com os departamentos, com os grupos?

Com a Direção conseguimos articular muito bem, com a Direção articula-se muito bem e é a partir da Direção é que se articula com, com a maioria do corpo docente e eu dou o exemplo e eu disto não faço segredo. O corpo docente aqui é um corpo docente já histórico e nós temos, nós temos muita gente, nós estamos entre os quarenta e cinco e os cinquenta anos, aqui. Isto significa que as pes... E depois é uma escola com, sempre foi, uma escola com vocação predominantemente secundária, exames de final de ano, resultado as pessoas privilegiam o programa. **(Hum! Hum!)** As pessoas têm de cumprir o programa e, e, e isto faz com que as pessoas, depois algumas também, eu não digo que tenham cristalizado, mas digo que se tenham acomodado em ser mais fácil

fazer a sequência manual de exposição até terminar, naquela “lufa-lufa” maratona, do que estar a fazer outros horizontes e experimentações porque parece que leva mais tempo e portanto aí, aí, uma atividade na biblioteca pode parecer uma perda de tempo. Eu posso dizer, por exemplo, que no grupo, no outro dia estava a dizer, estávamos a programar uma atividade e eu disse “Cuidado, nove e dezoito de março não, nós temos Pordata na biblioteca!”.

Hum! Hum!

Resposta do meu colega “Mas é preciso formação para aprender a usar o Pordata?”, “Mas, os professores com os miúdos. “, “Mas isso, mas isso eu vou lá e os miúdos mais depressa desenvolvem isso do que nós!”, “Pois, mas as pessoas já se inscreveram em outubro.” E acabei com a conversa. E quem se inscreveu vem com os meninos e por aí fora. Mas aparecem, mas aparece isto. Por outro lado, quando foi a formação dos décimos anos, formação de utilizadores, verem à biblioteca, para que é que a biblioteca serve, como é que se integra nas práticas curriculares, qual é o apoio que a biblioteca, o que é que, o que é a biblioteca, que serviço é a biblioteca, conhecer a biblioteca, o que é que a biblioteca tem, o que é que a biblioteca pode fazer pelos alunos, pelos professores, pela escola. “Mas para que é que é preciso eles irem lá?”, “Não precisavam!”. Tanto que de onze turmas, lá está, vieram cá cinco. Por decreto. Portanto, esta sensibilização para abrir a porta da sala de aula é difícil, faz-se através das estruturas, tem que ser por cima e depois é a conversa um a um. **(Hum! Hum!)** Curiosamente, curiosamente são... E isto aqui é muito interessante, isto é muito interessante, isto deveria ser um *study case*, como é que são as pessoas em ter, as pessoas que têm uma competência científica extraordinária, porque têm! Uma competência científica, mas extraordinária, que são as mais resistentes a trabalhar em conjunto com a biblioteca. Não tem a ver com a idade, não tem a ver, perdão, tem a ver com até com, às vezes, uma determinada capacidade intelectual e eu às vezes costumo dizer “Quanto mais intelectual mais intelectualóide!”. Pronto. E isso é difícil, porém, torno a dizer, é um caminho. Faz-se. É um caminho. Faz-se. Privilégio de haver uma ótima comunicação com a direção, também conhecemo-nos, conhecemo-nos bem e este é um privilégio. Com as estruturas funciona mais fácil a nível das cúpulas do que a nível do terreno de cada um, funciona muito mais fácil, mas faz-se bem chamar as pessoas cá quando quero alguma coisa, não, já deixei de ir ter tanto com as pessoas. Deixo recado na portaria “Diga à Doutora tal que eu gostava de falar com ela, se ela pode lá passar um minutinho ao pé de mim.”. E aí as coisas, não sei se é, não sei se é a imagem hierárquica se o que é, mas as coisas funcionam melhor. Mas é da escola, da escola porque a escola é grande, a escola está grande fisicamente e a escola é grande. E se calhar nas organizações grandes as coisas diluem-se assim mais, isso não posso dizer porque não tenho outra experiência a não ser esta, mas é uma hipótese que, é uma hipótese que eu ponho.

Hum! Hum!

Não tenho dúvidas sobre isso.

E que atividades e que projetos promove a biblioteca em articulação e, de alguma forma, tentando integrar também as TIC?

Olha, por exemplo, encontros, o Encontro Internacional, a UNESCO **(Hum! Hum!)**, com funciona, funciona aqui, e depois funciona em termos de redes sociais, comunicação social e a biblioteca faz questão de ser um ponto de apoio. Fazemos questão de ser um ponto de apoio até para fazer sentir às pessoas que elas é que são as protagonistas, não é a biblioteca, são elas que são protagonistas. Tenho muito o cuidado em dizer “Não é a biblioteca, é a escola, são vocês, vocês é que fazem.”. E a, por exemplo, olha agora foi a História. A História veio procurar “O que é que se pode fazer lá? Onde é que tens expositores?”, “Olha, não tenho grandes expositores, tenho estes.”, “Então faz-se lá!”, “Faz-se, então qual é o material que tens?”, “Olha, tenho isto,

tenho este, tenho aquilo.”, “Então nós temos as imagens.” (Cá está a biblioteca!). Na Semana das Línguas vem, vem o Inglês, vêm fazer umas *Quizz* por aí, vêm fazer com, vem utilizar quer a literatura inglesa, quer *online*, eles têm umas atividades, mas é para a Semana da Leitura (como é Palavras do Mundo, o lema é Palavras do Mundo), eles vão trabalhar o Inglês, vêm aí. Entretanto, querem fazer também uma exposição em Inglês para as várias turmas, vêm fazê-la na biblioteca, em termos de línguas vêm fazê-la à biblioteca, querem fazer projeção, têm, têm vários materiais para exporem, em termos de projeção, também em termos de exposição normal, também têm, vêm fazer.

Há um programa também, que é o programa “Entra em Ação” que continua aqui (portanto que aqui está o cartaz e ficaram os trabalhos deles), *performances* que já fizeram e que continuam a fazer, são aqui ou vão ser ali. Por exemplo, temos com a Associação de Estudantes, com a Associação de Estudantes, nós somos, permanentemente, um ponto de apoio (Em termos TIC, não! Com a Associação de Estudantes, em termos TIC, não!), mas somos, permanentemente, um ponto de apoio quer da divulgação das atividades deles, da recolha das inscrições, somos permanentemente um ponto de apoio deles. Nisso funciona até bem, a Associação de Estudantes, qualquer coisa, eles costumam dizer “A Professora da biblioteca! Com a Professora da biblioteca! A Professora deixa sempre.”. Isso eles sabem, a professora deixa sempre. “Ó filhos, a biblioteca é vossa! A biblioteca não é da professora, nem, é da escola mas é vossa, porque se vocês não usarem não se justifica, não se justifica.”. Daí, por exemplo, uma coisa que nós fizemos, pusemos os, começamos a emprestar os DVD, emprestamos à sexta até à segunda. Mas pronto! Para ver se justifica ter este tipo de material, por exemplo. Com o, com o Português, com o Português fazíamos a Semana das Línguas, mas como as pessoas andam um bocado murchas, o ano passado não fizemos e este ano também não falaram nisso, já lhes perguntei “Então como é que é a Semana das Línguas?”. Pronto. O Espanhol já trabalhou aqui a, já trabalhou aqui também, a Geografia trabalha muito aqui. E com quem é que nós trabalhamos muito bem, também? Com a Física e Química, com quem é que nós trabalhamos, porque eu vou puxar, com a Biologia, com a Biologia mas aí a nossa TIC é diferente, a nossa TIC são os empalhados que nós vamos buscar para ilustrar. **(Risos)** Nós aqui, também nesse aspeto, sofremos um bocado, sofremos um bocado com isto, se calhar é o excesso de património. Como temos muito património, mais depressa eu vou buscar, sei lá, uma ave, um réptil, do que vou, e, e até um volume, do que trabalhamos em termos de TIC, interactivamente em termos de TIC, aqui. E isso é verdade! Isso é verdade. Se calhar, ó *****, olha, está-me a surgir agora isso, se calhar, olha, não tinha pensado ainda nisso mas, se calhar é, o nosso património faz com que nós, muitas vezes, não privilegiemos tanto a interatividade, a interatividade TIC porque neste, nesta cooperação, porque os departamentos são ricos. **(Sim.)** Há departamentos muito ricos, aqui. **(Sim.)** E esta mostra de material, mostrar material às vezes é muito mais..., parece muito mais premente. Pode ser, pode ser uma falha.

Como é que se conseguem organizar para, para fazerem essas articulações? Para esses projetos se efetivarem.

Como é que nós nos conseguimos articular? Assim à partida digo logo olha, não sei! Articulamos! É *****, posso dizer assim, não sei! Não sei! Articulamos. As coisas...

Muito informalmente, não é?!

As coisas surgem muito da conversa. **(Hum! Hum!)** Olha, porque por exemplo, nós temos, nós temos este nosso programa de atividades apresentado. Olha, temos os dias tais e tal. Hem... Olha, então no dia, por exemplo isto (Aponta para um documento), para o dia oito de maio, dia oito de maio, a partir daqui surgiu, nós não tínhamos nada previsto para o dia oito de maio, mas para o dia, então a partir daqui a História já me disse “Olha, dia oito

de maio, este nosso material vai ficar aqui todo. Vai ficar aqui e vamos arranjar maneira de expor este material todo com os trabalhos dos alunos. Vamos também fazer, vamos também fazer umas apresentações para estarem a passar permanentemente na biblioteca.” Tudo bem! Isto não estava previsto mas surgiu a partir daqui. Tudo bem. Lindamente mas surge assim de uma conversa informal. Como é que foi feita esta articulação? Foi assim qualquer coisa que nos cai.

Foi de forma informal.

Eu costumo dizer “São coisas que nos caem no colo.” Caem-nos no colo ou fazemos por nos cair.

Porque também já percebem que há facilidade?

Fazem, fazem. Assim como, assim como com o Inglês, nós por exemplo, vocês lá em baixo tinham já prevista aquela atividade, cá em cima não havia, e eu disse “Ó colegas, olhem que no Plano Anual de Atividades só está lá em baixo. Vocês querem, vocês querem mesmo continuar aqui? Então vamos integrar isso e vocês fazem a vossa atividade.” Agora, como é que eu faço aqui, enquanto Professora Bibliotecária, a minha grande preocupação é deixar as pessoas à vontade. Digo “O espaço é este, nós temos isto, as hipóteses são estas e temos mais este material de apoio.”, “E então como é que fazemos?”, “Olhem, se quiserem eu arranjo, mas vocês é que sabem como é que fazem.” Por exemplo a Filosofia, a Filosofia impreterivelmente fazem aqui o Dia da Filosofia, impreterivelmente vem a Coruja, o símbolo da Filosofia. (Riso) Vem a Coruja, impreterivelmente, pronto. Lá vou eu à Biologia (para vir a Coruja) lá vou eu buscar ao arquivo o busto do Platão. **(Risos)** Lá está! Lá está isto! Lá está, estas nossas TIC tridimensionais que nós temos, mais depressa vou buscar o Platão e a Coruja do que faço uma apresentação e utilizo, de facto o material que aqui temos. Depois fazemos os cartazes, fazemos os cartazes todos os anos, mais esta expressão daqui, mais esta expressão dali. Este ano disse ao ***** “Ó *****”, olha lá, e se tu fizeres uma apresentaçãozinha dessas com as frases todas, essas frases todas que vocês fizeram e fazer uma apresentaçãozinha dessas para eu pôr no blogue, por exemplo?”, “Ah! Tu é que tens jeito para isso!” e eu pensei não me apetece fazer e não fiz, mas ele, é uma coisinha que se tem de fazer, é uma coisinha que se tem de fazer. Todos os anos, aqui está, em novembro existe também o Dia, o Dia da Ciência. Rómulo de Carvalho, nós temos muita coisa, os poemas dele, nós temos muitos, bem, impreterivelmente lá vem a Física e Química em novembro. A Física e Química e a, e a Filosofia caem aqui, em março impreterivelmente as Línguas caem aqui.

Já está tudo, mais ou menos...

Já sabemos, mais ou menos. **(Organizado)** No fim do ano, a Educação Visual impreterivelmente está aqui. Este ano esteve aqui em dezembro, já tivemos os Direitos Humanos, “*****”, eu não tenho espaço!”. Porque ao contrário do que se pensa os vidros não são tanto expositores quanto isso, mas temos daquele lado.”, Então estiveram aí os *placards* todos com os cartazes dos meninos, com os Direitos Humanos com a ilustração de cada um dos direitos, aí com os direitos. Portanto, estamos numa fase em que as pessoas já procuram, portanto a articulação já é muito espontânea.

Hum! Hum!

Já é assim uma geração espontânea que acontece, mas também porquê, porque as pessoas já sabem que está aqui. Eu creio que isto só pode melhorar, eu creio que isto só pode melhorar! Não é aquilo que...

Não é o ideal.

Não! Não, o ideal, mas também o ideal dava muito trabalho!

O ideal era maçador.

Eu sou, eu sou sincera, eu sou sincera, o ideal dá muito trabalho, porque eu tinha aqui “festarola” todas as semanas. **(Risos)** E assim, e assim eu tenho a minha vidinha é mais paulatina, mais descansada, verdade se diga, eu aqui tenho de assumir a “preguicite” porque senão eu andava aí numa roda viva.

Pois.

E, e as minhas aulas dão trabalho, os meus meninos dão muito trabalho. Os meus meninos. **(Riso)** Caramba!

As dificuldades sentidas são, principalmente, as reticências de alguns professores, não é?! Em colaborar.

É, é, é! É a reticência! Não tenho dúvidas nenhuma, mas também há uma coisa que eu reconheço. Ó ***** eu nisto sou muito crítica, relativamente a mim mesma, se eu tivesse um feitio mais social, se eu fosse muito mais Relações Públicas se calhar as coisas corriam muito melhor, hemm, se calhar as coisas corriam melhor. Eu iria ter mais com as pessoas, as pessoas necessitam muito que se vá ter com elas e eu também não sou propriamente aquele “bicho social”, portanto eu tenho de reconhecer isto. Porém, eu acho que tenho uma vantagem, eu tenho até uma paixão por isto, até tenho uma paixão por isto, eu gosto muito disto. Eu também sou perigosa nestas coisas, porque gosto, gosto, e depois eu gosto muito de ver as pessoas cá e eu gosto de ser uma boa anfitriã. Aqui, isto é pessoal, não é a Professora Bibliotecária assim, é a bibliotecária ***** . E eu gosto de ser uma boa anfitriã, gosto do bolinho, gosto do cafezinho, gosto de dar as coisinhas, gosto, mas isto aprendi com as noss..., olha lá está a formação, aprendi com as nossas colegas Educadoras de Infância. O registo. A pessoa pode não se lembrar de outras coisas mas lembra-se que veio aqui, tem este objeto, lembra-se, tem esta tijela, ...

Tem a experiência? Lembra-se da experiência.

Lembra-se da experiência, lembra-se disto, o registo. E também, mas isto também se tornou tradição aqui, se vem, por exemplo, se vem um dia qualquer e não há qualquer coisa na biblioteca, perguntam logo “Peh, peh, peh, mas não fizeste nada?!”. Se não vêm um tule ou se não vêm uma colcha. Por exemplo, vem aí o Dia dos Namorados, se não virem qualquer coisa com, se não virem uma toalha minha, se não virem uma coisa minha, se não virem um objeto meu lá de casa, eh, eh, diz... “Então não, então não? Já fizeste isto! Então não trouxeste este ano?! Então não tens?!”. As pessoas parece que não...

Já estranham.

Que não, mas já se, já se ... **(Habituarão)** habituaram e que, portanto, eu creio que nisto ... Creio que **(Pausa)** Creio que ... estamos sempre a caminho, em tudo, em todas as áreas, em todos os aspetos, estamos a caminho. Lembro-me muitas vezes daquilo que a minha avó dizia “Olha filha, estamos começados, não estamos acabados.” E, em termos de biblioteca, em termos de cooperação, em termos de presença da biblioteca, em termos da necessidade que a escola sente da biblioteca, estamos permanentemente a caminho. Permanentemente a caminho. Não há, não há nada, não há nada acabado!

Não há um fim?

Não! Nada. Em todos os aspetos, portanto aqui penso que também.

Obrigada!

Já tenho tudo.

Risos

Entrevistado P6

29/01/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

16.45 às 17.22

O que é que te levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Bem, primeiro porque gosto! Acho muito interessante! E depois, a minha principal motivação foi ... as coisas foram acontecendo aos poucos. Eu em mil novecentos e noventa e oito em ***** comecei a ver que aquilo estava tudo desorganizado e nem sequer havia biblioteca, depois comecei a fazer uma organização, comecei a desenvolver lá umas coisas, que eram muito limitadas porque também o espaço era muito pequeno, e, e foram competências que fui adquirindo, aos poucos. Quando passei para esta escola acabei por ficar com a biblioteca também, foram-me atribuídas umas horas de biblioteca, entretanto houve alguém que me convenceu a fazer a Pós-Graduação, que eu não sei quem foi! **(Risos)** Pois, não tenho ideia! Assim alguém que eu não sei quem foi!

Não me ocorre!

Entretanto, pronto, enfim fiz a formação, depois com a formação nós sentimos mais seguros com aquilo que estamos a fazer e, portanto, foi assim que a coisa começou. Entretanto outra situação que me “empurrou para isto” foi o meu problema de saúde e a minha dificuldade em dar aulas e sendo que continuava na escola, com tarefas um bocadinho mais relaxadas, menos *stressantes*. E foi assim!

Então foi uma opção?

Foi uma opção!

E a formação inicial é, em?

História.

E a especialização, além da Pós-Graduação na parte das bibliotecas? É só mesmo a Pós-Graduação?

É só mesmo a Pós-Graduação! É claro que fui fazendo sempre muitas formações, ao longo da carreira, em multimédia, em TIC, em bibliotecas, em promoção da leitura, porque tinha interesse em salas de estudo, tinha interesse no tema, mas na formação contínua de professores. A única formação, assim de base estruturada, foi a Pós-Graduação.

E dava satisfação? A função de professor bibliotecário.

Muita, muita mesmo! Recomendo!

E o papel do professor bibliotecário numa escola, qual é?

O papel ... o papel é, é importantíssimo, é muito gratificante, muito exigente e, ao mesmo tempo, muito frustrante! Sendo gratificante é frustrante, e o principal problema que eu encontrei ... Acho que é fundamental, acho que é fundamental, e o programa da Rede de Bibliotecas Escolares, que é um programa internacional e apoiado pela UNESCO, é muito ambicioso, mas de facto, se nós pensarmos bem, as bibliotecas podem e devem desempenhar todos aqueles papéis, o papel da promoção da leitura, da pesquisa da informação, da construção do conhecimento, das TIC. Só que o problema aqui, de que eu me apercebi, é que, enquanto os professores bibliotecários têm formação para desempenhar estes papéis, para desempenhar determinadas funções ou realizar determinadas atividades na escola, as direções das escolas não fazem a mínima ideia do que nos é pedido. E nós somos uns, umas “aves raras” que andamos com ideias que “caem assim do céu” e ninguém percebe o que nós andamos ali a fazer. Muitas vezes não somos apoiados pelas direções precisamente porque eles não sabem qual é

a nossa missão, tanto que o professor bibliotecário quando é avaliado na escola, ninguém o sabe avaliar porque não se sabe o que é que se espera dele. Já te deste conta disso?!

Ainda não. (Risos)

Pois. Quando foi aquela coisa da construção dos critérios de avaliação, lá na *** ***, o professor bibliotecário não se enquadrava em nada! Não se enquadrava em nada. Eu, no primeiro ano fui avaliada pelo, pelo sistema dos funcionários da secretaria (**Da função pública.**), da função pública porque, porque como eu não dava aulas aquilo não se enquadrava em nada, não é?! Pronto.

Pois não.

Pois, pois. Depois tive Muito Bom e podia ter tido Excelente se tivesse tido aulas, pois como não tinha turma, aquelas coisas. Agora a questão não é essa, a questão é que, para se fazer um trabalho correto foi preciso criar parâmetros, eu é que criei os meus próprios parâmetros, e dei-os a, dei-os a..., “Ora vejam lá o que é que acham disto?”, e estava tudo “à nora”, ninguém sabia de nada, portanto há aqui uma falha, séria!

Pois exatamente, porque isso tem a ver com a avaliação dos professores e não tem a ver com a avaliação da biblioteca.

Sim, pois isso é diferente! Nós somos avaliados pelos parâmetros das bibliotecas, mas nas escolas, enquanto funcionário da escola, no seio da escola (**Não nos encaixamos.**), porque nós não nos encaixamos ali em nada! Precisamente porque a estrutura da escola ainda não se apercebeu do que é que o professor bibliotecário está ali a fazer. Para a maior parte, penso eu, não sei! Pela experiência que eu tenho, é alguém que mantém a biblioteca aberta, para onde se mandam os meninos de castigo, contrariamente aquilo que deveria ser, mas é! Onde se catalogam os livros, ainda há muita gente que pensa que o professor bibliotecário passa o dia sentado a ler, é muito engraçado! (Risos)

Mas a função de professor bibliotecário é importante para a escola e para os alunos?

É muito! É muito importante! Eu acho que sim.

De que forma?

De que forma? Porque a biblioteca consegue ou deve conseguir, e eu acho que consegue, ser o território neutro onde tudo se pode jogar em articulação. Primeiro é um sítio onde os alunos recorrem, por exemplo na nossa biblioteca, aquela que nós conhecemos, os miúdos habituaram-se a ir à biblioteca desde pequenos como um “porto de abrigo”, a biblioteca é um sítio tranquilo, é um sítio agradável, é onde está quentinho, onde há livros, onde eles são ajudados, onde eles são orientados...

Onde lhes é permitido fazer algumas coisas.

Onde lhes é permitido desenvolver atividades, quando há tempo, porque isso é outra dificuldade agora, é a questão do tempo, mas isso é outro assunto. Portanto, a biblioteca consegue ser um “porto de abrigo” para os alunos, talvez o único sítio onde o professor tem tempo para dar atenção ao aluno, individualmente, porque na sala de aula, isso não é possível. E também é um “porto de abrigo” para os colegas, para os professores, porque ali, muitas vezes é onde eles...

Também está quentinho!

Onde eles... Também está quentinho, também está sossegado, é tranquilo, mas à parte disto a biblioteca, eu senti isso muitas vezes, era onde os colegas se dirigiam “Como é que eu hei de lidar com este tema?”, “Como é que eu hei de fazer?”, “Agora surgiu isto, isto é novo, eu não tenho materiais, como é que hei de fazer, como é que eu hei de articular este tema com aquele tema?”, e a biblioteca pode (e nós fizemos isso) arranjar os tais pacotes documentais e materiais que põem à disposição da escola, e depois também têm todo o tipo presenças nas

plataformas sociais, que eu até acho um exagero porque não é possível “tocar tanta carroça”, na minha opinião! É uma loucura!

Principalmente quando não está acessível da parte da manhã!

Esse é outro assunto! Também não é que seja obrigatório, e se calhar nós, nas nossas formações fomos entrando em territórios que foram mais experimentais, do que outra coisa. Acho que, com mais maturidade das situações, nós vamos aprendendo a por de lado o que de facto não é relevante ...

O que é acessório.

O que é acessório. No entanto, eu penso que a biblioteca tem um papel, e na promoção da leitura também.

Quais são as principais funções do professor bibliotecário?

São aquelas que são determinadas pela política da RBE. A organização do espólio, a organização da biblioteca em si, da documentação, a promoção da leitura, o desenvolvimento de atividades que levem à aquisição e construção do conhecimento, a orientação dos alunos no estudo, também as TIC ao fim ao cabo. Não há tempo para tudo mas é o sítio onde os alunos têm contacto com as novas tecnologias, e às vezes aprendem a trabalhar com elas, porque eles estão convencidos que sabem mas às vezes não sabem. Quando as coisas estão ligadas e funcionam até que não é mau!

E qual é que é a influência do professor bibliotecário na escola? Na estrutura educacional da escola.

Eu acho que neste momento é muito diminuta a influência, na estrutura organizacional da escola. Eu penso que ...

Principalmente quem está no estádio abaixo. Não é?!

Sim. Eu penso que...

Quando não se é coordenador, não é?!

A biblioteca... Exatamente! Quando não se é coordenadora o desligamento é total! Eu quando estive na escola como não tinha assento no Conselho Pedagógico nunca sabia a quantas andava, não é?! Pronto. Embora estivesse ligada a uma estrutura e tinha as informações, e nunca deixei de poder bater à porta e de lá poder intervir diretamente, mas de qualquer das formas (**É diferente.**) é diferente. Em relação à importância que tem, eu acho que as bibliotecas não tiveram ainda hipótese de mostrar a importância que têm. Na minha experiência, eu não tive hipótese de mostrar como a biblioteca é importante para a escola, não sei se as pessoas se chegaram a aperceber disso.

Agora também é mais difícil.

Talvez nas bibliotecas de primeiro ciclo isso seja mais evidente, porque a falta de autonomia dos alunos que é maior quando eles são mais novos, portanto, eu acredito que numa escola secundária haja pouca ou haja menos interação do professor bibliotecário com os alunos que frequentam a biblioteca, porque os miúdos são mais autónomos, não é?! Podem pedir um livro, podem pedir a partir dali. No ensino básico, no segundo ciclo, no terceiro ciclo, como acontecia na nossa situação, aquilo que eu me apercebi é que a construção da autonomia dos miúdos era, talvez, aquilo que ocupava a maior parte do tempo do bibliotecário, não havia tempo para fazer praticamente mais nada, porque os miúdos não têm autonomia, não sabem procurar, não sabem pesquisar, nem sabem interpretar o que têm nos livros, não sabem construir um trabalho (**Não sabem procurar.**), não sabem fazer um trabalho de pesquisa, também não têm orientação nas aulas. Aquele trabalho que nós fizemos “Como fazer um trabalho de pesquisa”, porque os miúdos precisam de adquirir autonomia e não a têm, e isso é o papel da biblioteca. Mas depois parece-me que falta tempo e calma para que a biblioteca possa fazer o seu papel, e

para que na sala de aula, nos contextos dos diversos campos disciplinares se sintam os efeitos do trabalho da biblioteca.

Hum! Hum!

Porque esta coisa de mandar fazer dois ou três trabalhos por ano, a uma criança de dez anos... que faça um bem feito já é muito bom, mas é preciso que tenha tempo de o fazer.

Sozinho?

Sozinho! Primeiro com orientação e depois, da segunda vez, já com um bocadinho mais autonomia e que veja que realmente o seu esforço deu frutos, e que fique lá qualquer coisinha dentro! Portanto, eu acho que o papel da biblioteca é importantíssimo mas ainda ninguém percebeu. Ainda ninguém deu por ele.

E como é que é uma semana de trabalho de um professor bibliotecário? Grosso modo.

É uma angústia! É uma angústia porque ..., bem depende da equipa de trabalho que existir, se a equipa de trabalho for ... adequada, isto é, tenha um grupo de pessoas que possam garantir uma cobertura em termos temporais na biblioteca, e de pessoas que estejam em continuidade, que são as pessoas que abraçam o projeto da biblioteca, a semana do professor bibliotecário será de uma maneira. Como a maior parte das vezes isso não existe e quem está na biblioteca é para completar horário e as pessoas nem sequer se empenham, nem sequer querem saber, é muito angustiante porque não há tempo para fazer tudo, porque os alunos estão constantemente a entrar, porque eles precisam de muito apoio, precisavam de ter ali aquele apoio mais individualizado, depois há, há constantemente projetos e ideias e nós acabamos por ser, um bocadinho, a bengala não só dos alunos como também dos colegas, como eu estava a dizer. E depois há coisas que ficam para trás, naturalmente. E repara, aqui eu nunca falo, porque foi uma das partes a que eu nunca consegui chegar, foi na articulação com a comunidade. Eu nunca consegui! O tempo não chega. Nas condições em que eu estava, a equipa era reduzida e não havia funcionário e não havia hora de almoço e, provavelmente isso acontecerá assim em muitas escolas. Ou então fechar, mas fechar a biblioteca à hora de almoço é quando ela é mais necessária, portanto é um crime, não é?! É isso!

Como é que é entendido o uso das TIC em contexto escolar? Como é que elas se enquadram?

Do ponto de vista da biblioteca?

Não, no geral.

No geral.

Da escola. Há pertinência?

As TIC. (Pausa) Bem, eu penso que as TIC deveriam, deveriam ser tão importantes como aprender a ler ou a escrever, isso era logo a seguir. Se os meninos têm de aprender a ler, a escrever e a contar também têm de aprender a utilizar uma máquina destas (Apontou para um computador portátil), pronto. Os meios digitais, os meios informáticos, aliás as crianças têm muita apetência e vão trabalhando sem rede, até que depois alguém destinou duas ou três horinhas de TIC, que são uma autêntica barbaridade porque, por exemplo, a experiência do Magalhães foi um trauma! Aquilo era uma máquina muito engraçada, mas eu penso que os professores do primeiro ciclo, pelas experiências que eu tive, aliás eu na biblioteca eu tive um clube com os alunos do quarto ano e eu não consegui fazer uma única aula com o Magalhães. Porque um (**Não funcionava.**) não funcionava, um não tinha pilhas, outro o rato não sei o quê, e nunca foi possível. Ainda cheguei a pedir “Deixem aqui os Magalhães na biblioteca que depois, quando vierem, está tudo pronto.” e nunca foi possível, portanto, em contexto de sala de aula com vinte e tal miúdos, não consigo imaginar. Acho que as TIC são uma miragem, são aquilo que toda a gente acha importante, mas a que ninguém atribui a (**Devida importância.**) a devida

importância. Em termos de trabalho e de contexto, são imprescindíveis! Isto é básico, é como a carta de condução, é que tem de ser, não passa pela cabeça de ninguém que os alunos, hoje em dia, façam o seu percurso escolar sem conhecimento, sem tratarem isto por tu, muitas vezes até são os professores que precisavam de ter um bocadinho mais de traquejo para “puxar” pelos alunos, mas também é muito frustrante porque, com o número de alunos que há por turma e com os equipamentos que há. Nós trabalhamos numa escola em que havia uma boa sala de informática, não podemos dizer que não havia meios, e é muito difícil trabalhar com grupos grandes. E portanto, e portanto, eles acabam por aprender coisas que consideram irrelevantes e que muitas vezes estão obsoletas, porque estão! Porque isto avança muito rapidamente e a estrutura da escola não consegue acompanhar, e a biblioteca também não. Porque os meios da biblioteca são limitados, nem sempre funcionam, e depois há todo o tipo de visões sobre utilização das TIC na biblioteca, porque TIC é confundido com computador. Computador é TIC, TIC é computador. Portanto, TIC também é *Facebook*, também é os jogos do *SimCity*, é, é o *Twitter*, é o *Chat*, é uma loucura, não é?! Depois há todas as questões éticas, o que é que se pode, o que é que não se pode, onde é que estão os limites, onde é que não estão. As crianças não têm idade para criar um perfil no Facebook mas os pais criam, depois a escola ..., quer dizer! Há aqui uma salada, como sempre nós vamos a reboque da realidade! Vamos a reboque. É mais ou menos como a Educação Sexual (Pausa) ou como a Cidadania, não é?!

Pois. Então nesse sentido existe pertinência na utilização, quer em espaço formal...

Existe! Existe pertinência, sim!

Na sala de aula ou espaço não formal.

Existe pertinência! Eu, está-me aqui a surgir aquela notícia, que eu li há pouco tempo, que me deixa a pensar! Não digo que concordo nem que discordo: na Dinamarca que as crianças vão deixar de aprender a escrever à mão, para aprender só a digitalizar. Isto significa que se dá muita importância, que se dá a devida importância à utilização destas coisas. Agora não sei se o deixar de aprender a escrever à mão... por outro lado faz-me lembrar o meu filho quando foi para a Marinha, ainda que tendo o GPS, aprendeu o Código Morse, e disseram-lhe “É que estas tecnologias às vezes podem falhar.”. Portanto, eu acho que sim, dar a devida importância às TIC e à utilização destas ferramentas, sem descurar as outras. Mas isso é outro assunto.

E que conhecimentos é que tens das TIC, quer em contexto pessoal quer profissional? E que utilização.

Bem, eu comecei a trabalhar com estes, com os computadores, tive conhecimento deles quando eles se tornaram (**Vulgares**) vulgares em Portugal, em mil novecentos e oitenta e qualquer coisa. Na altura do Projeto Minerva, quando apareceram as primeiras coisas na escola, naqueles computadores (tira o sistema operativo, mete o sistema operativo), foi como comecei. Senti sempre um grande fascínio por isso e fui fazendo formações, ao longo do tempo, daquilo que ia aparecendo. Posso até dizer que, até há cerca de dois ou três anos, sentia-me assim muito *up to date*, agora já não, claro! Mas é normal, as coisas vão evoluindo, nós temos de tentar acompanhar, portanto a minha formação foi sempre aprender a fazer aquilo que eu sentia que tinha necessidade de fazer, de aprender.

Quer por formação, quer de forma autodidata?

Sim, descobrir, formações gratuitas, pagas, *online*, *offline*. Cursos que eu fui frequentando, de tudo um pouco, desde as aplicações do Windows a montagens de vídeo, de tudo um pouco.

E em que contexto é que as TIC poderão ser usadas na biblioteca escolar? Principalmente.

Olha, primeiro porque saber utilizar estas ferramentas é fundamental para a pesquisa da informação. Depois porque a biblioteca é o sítio privilegiado para os alunos irem aprendendo qual a informação que é relevante e a

que não é relevante, e que é fidedigna e que não é fidedigna, portanto isso também é uma aprendizagem que tem de ser feita. Os miúdos têm de aprender que pesquisar no Google não pode ser como ir ali à praça e gritar “Quem é que descobriu a América?” e que qualquer um responde aquilo que quer, não é?! Não é bem mas ... (**É quase!**). É quase! Portanto isso é uma função importante, outra função é aprenderem a utilizar as TIC para produção dos trabalhos que fazem, para se manterem em contacto com outras escolas, com outros alunos para troca de informações, para extravasar do espaço da escola, do espaço da biblioteca, do espaço da vida, para alargar horizontes, por exemplo. Acho que é muito importante, e depois para descobrirem as próprias competências, porque muitas vezes, quantas vezes nós não pomos uma ferramenta à frente de um miúdo, para lhe ensinarmos o “A,B,C” e quando vamos no “C” ele já vai no “L”, porque eles têm uma competência, uma apetência terrível para isto, ótima não é?! Portanto, se, se a biblioteca não lhes proporciona estas ferramentas, e eles em casa muitas vezes não as têm.

Cada vez menos, não é?!

Cada vez menos. As desigualdades são enormes, portanto a escola deve nivelar.

(Depois dá-me a nota, quanto é que eu tive na nota. Risos)

E era possível articular com as outras estruturas (com a Direção, com os departamentos, com os grupos disciplinares...).

É possível, é possível! É possível sim. É possível e até é desejável e até, é o que eu digo, quando a biblioteca tiver, quando as pessoas se aperceberem do que podem tirar da biblioteca muitas portas se vão abrir. Aliás, uma das coisas que eu fiz, como não ia ao Conselho Pedagógico, porque eu não tinha acesso aos diversos grupos, aquilo que eu fazia era propostas de recursos que entregava diretamente aos delegados dos diversos grupos, como quem diz “Olhem aqui um biscoito que eu tenho para vocês.”. Claro que isso dá muito trabalho! Mas é possível.

E dá frutos?

Dá frutos, mas é possível mas não é provável! O que é que eu quero dizer com isto, eu quando converso, eu quando falo disto lembro-me sempre da saudosa Área Escola, que foi uma coisa que se acabou. Eu falei muitas vezes sobre isto e houve muita gente que criticava a Área Escola, que aquilo era um horror e era uma seca, para mim foi sempre uma oportunidade de ouro de transdisciplinaridade, de trabalhos fantásticos que eu fiz, nas escolas por onde passei, e que me deram muita satisfação e aos alunos também!

Não havendo esse espaço, um espaço em que as pessoas possam, de facto, trabalhar em conjunto, é muito difícil que a biblioteca consiga, de facto, aglomerar, que seja um núcleo de, vamos lá, de partilha de aquilo que pode fazer. No entanto, ela está lá, e está sempre em contacto com os grupos e é uma porta aberta, é uma plataforma. Vamos imaginar a biblioteca como uma plataforma, um espaço comum de saberes, onde é possível cruzar uma receita de culinária em Francês com uma aula de Matemática e de proporções e, sei lá, e de uma coisa de Artes, não é?! Acho que na biblioteca é o sítio ideal para isso. (Pausa) Havendo tempo!

E exemplos concretos de como é feita essa articulação. Coisas que tenham sido feitas e que de alguma forma conseguissem enquadrar as TIC.

Bem, então eu vou falar de um projeto que eu fiz em ***** (**Hum! Hum!**), porque foi no tempo da Área Escola, em que havia dois computadorinhos pequeninos, os alunos não trabalhavam com os computadores, não se chegava lá, aliás havia dois computadores para a escola toda. Isto foi antes do Windows, na época pré Windows, acho eu. Na época pré Windows. E que se conseguiu fazer um trabalho que envolveu a escola toda, utilizando dois computadores, não é, aqui não é a relevância do uso das TIC mas a relevância da biblioteca como

espaço de articulação. A biblioteca também praticamente não existia era um armazém de livros, mas estava lá eu. Então o que é que se fez? Fez-se um projeto chamado “Na rota das especiarias”, criou-se um jornal de parede no bar, onde se iam afixando as notícias da viagem do Vasco da Gama, foi-se buscar o “Diário da Viagem de Álvaro Velho”, e à volta de tudo aquilo cada, cada, de cada vez que saia uma notícia, eram distribuídos aos diversos grupos disciplinares documentos de apoio que, à volta do tema das especiarias e da viagem, falavam de tudo. Falavam da alimentação, falavam do vestuário, falavam da economia, falavam da geologia, da geografia, da astronomia, de tudo! Portanto, nós tivemos a escola toda, toda, envolvida desde o quinto ao nono ano, toda a escola esteve envolvida no projeto. Toda a gente fez trabalhos, fizeram-se coisas fantásticas! Impressionantes os trabalhos que se fizeram naquele ano com os miúdos. Havia um concurso de, de Jogos da Glória, inventaram jogos da glória com a, com a, com a viagem, inventaram-se contos, houve redação de textos, até se fez teatro, e no fim fez-se uma exposição de trabalhos. Foi uma coisa fantástica, foi o ano inteiro, não sobrecarregou ninguém, era feito nas aulas da Área Escola, muitas vezes na área da própria disciplina, eu fui ver os conteúdos de cada disciplina e ver onde é que se encaixava determinado assunto e dei material de apoio aos colegas para darem uma aula diferente, à volta daquele tema.

E funciona.

A biblioteca pode fazer isto, mas é preciso tempo!

É preciso uma equipa.

Sim, é preciso uma equipa, é preciso entusiasmo. Já foi há vinte anos, éramos todos mais novos e mais energéticos. A escola era pequena, a escola tinha (não sei, agora não me recordo bem), mas devia ter para aí uns quatrocentos alunos, entre o quinto e o nono ano, poucas turmas, o corpo docente era bastante coeso, as pessoas davam-se muito bem, e trabalhava-se muito bem em conjunto, mas principalmente havia tempo. Que hoje em dia não há! Porque hoje em dia, muitas vezes, até para os alunos do quinto ano virem visitar a biblioteca no início do ano é um “sarilho”, porque as aulas estão contadas, os professores, os colegas têm as aulas contadas porque precisam de lecionar os conteúdos porque têm o exame no final do ano, portanto, a partir daqui eu nem vejo o que resta muito às bibliotecas.

É difícil! E que atividades e projetos são promovidos pela biblioteca? Em articulação com os outros e se de alguma forma conseguem inserir as TIC? Que coisas é que são promovidas? Eram.

Eram, pois! Pois, neste momento não consigo, a não ser os clubes, talvez os clubes porque têm aquele espaço reservado para funcionar e que possam utilizar a biblioteca, e os recursos da biblioteca, humanos e materiais e as TIC, inclusivamente. Fora disso não, não estou a ver, não consigo, neste momento não consigo projetar nada.

Mas daquilo que foi feito.

Daquilo que foi feito. O Jornal, o jornal escolar. Ahm! Este caso da rota das especiarias, se fosse implementado hoje, as TIC teriam sido fantásticas. Os clubes, já falei! (Pausa) Intercâmbios internacionais também, porque são muito importantes e interessantes. Promoção da leitura, também através das TIC porque, se houver estímulo, é possível fazer atividades de escrita colaborativa, que são muito interessantes, porque os miúdos gostam de interagir através das redes sociais, aquela história de “quem conta um conto acrescenta um ponto” pode ser interessante, construção de apresentações para, para aulas que eles queiram fazer, para apresentação de trabalhos, os *Powerpoint* (eles gostam muito).

Pois! Gostam!

Gostam.

E como é que se organizavam para fazer essas articulações, essas atividades, esses projetos?

Nós...

O professor bibliotecário com os grupos, com os departamentos, com os professores, como é que isso era... era feito?

Bem... por disponibilidade mental, porque isto é muito importante! Porque se a pessoa estiver constantemente assoberbada com trabalho não consegue ter ideias, não consegue ser criativa, portanto tudo isto exige uma grande dose de criatividade, aliás uma das coisas que eu acho que são afrontosas são pedir a um professor em julho para dar ideias para o ano seguinte. Eu acho uma violência e uma, uma coisa ridícula porque a pessoa em julho só quer é desligar a “máquina”. Só no fim de agosto é que a nossa cabeça começa a processar e as ideias estão lá, não é?! Não sei se concordas?

Um bocadinho. Sim, sim!

Para mim sempre foi uma coisa “Agora nesta altura do ano é que eu vou ter uma ideia boa para o ano que vem?!”. Bem, e portanto, uma das coisas que a biblioteca tem, porque sempre tem alguma “disponibilidade mental” que não têm os professores quando estão a dar aulas, por isso eu acho que os professores bibliotecários não deviam ter turmas, mas enfim uma só também a coisa não é grave, é apresentar ideias aos diversos (ideias interessantes, ideias estimulantes) aos colegas e, e facilitar-lhes, de alguma forma aquelas atividades que eles até desejariam fazer, que têm vontade de fazer e que não têm, têm...

Não sabem como, às vezes.

Não sabem como “arrancar”, não tomam iniciativa. A biblioteca pode tomar a iniciativa. Agora, neste momento eu tenho a impressão que se a biblioteca fizer isso é um “Não, não, não, desculpa mas não pode ser!”. Eu já sentia isso da outra vez, por isso eu acho que isso vai acontecer. Mas é uma pena! Não é?!

Então as dificuldades são mesmo essas...

As dificuldades são as equipas, primeiro, a constituição das equipas (estou a partir do princípio, estou a ver a biblioteca onde trabalhei!), uma biblioteca bem estruturada, bem equipada com tudo a funcionar. Quando as coisas não funcionam piora um pouco, não é?! Mas estou a idealizar isso. Partindo do momento, partindo do princípio que as infraestruturas estão a trabalhar, as dificuldades da biblioteca são a equipa, que não tem formação, só o professor bibliotecário é que tem formação e contando com os funcionários. E são a falta de... A incongruência que é uma biblioteca que é um polo, que deve ser o polo de construção do conhecimento querer justificar-se numa escola onde a construção do conhecimento não existe. O nosso sistema de ensino hoje não tem espaço para a construção do conhecimento, portanto, a biblioteca...

É só transmissão.

Praticamente! Lamento, mas é isto que eu sinto. A biblioteca acaba por ser, arrisca-se a voltar a ser um armazém de livros. É claro que há aqui um capital que nós temos estado a falar muito pouco que é a promoção dos hábitos de leitura, que eu acho que, pela minha experiência, foi um sucesso ou está a ser um sucesso! Não é?! Está a ser, não é?! Porque, de facto, nós vemos de ano para ano, de período para período, a quantidade de livros que são requisitados e a forma... A avidez com que as crianças leem, naquela biblioteca, hoje em dia, que não era há uns anos, é uma recompensa, é uma coroa de glória, é uma coisa que todos nós nos orgulhamos, não é?! Mas não é só isso, a biblioteca não é só isso!

E como é que se consegue contornar, se se consegue contornar essas dificuldades?

Isso só se consegue contornar com as políticas educativas, mais nada, não há hipótese! Estas bibliotecas como elas foram idealizadas são para uma escola que não é a nossa!

São uma utopia?

Na nossa Escola são, são, são, é um desperdício!

Mas há escolas onde funciona. Há sítios onde funciona.

Mas como é que funciona?

Quer dizer, havendo, se calhar mais articulação, talvez numa escola mais pequena.

Mas eu não estou ... Aqui o meu problema não é falta de articulação, porque eu nunca senti, da parte dos colegas, falta de vontade em articular e em fazer as coisas. O que eu notava era falta de tempo. Falta de tempo, as pessoas não têm tempo. Os programas são extensíssimos, as pessoas que não dão o programa tem que justificar. Aliás, nós, vamos lá ver uma coisa. Numa aula de cinquenta minutos se cada aluno fizer uma pergunta não há aula, quero dizer não há aula, sumaria-se esclarecimento de dúvidas, não é?!

Hum! Hum!

Porque não há hipótese! (Pausa)

Sim, são trinta.

Não há hipótese, não é?! O aluno tem uma dúvida, faz uma pergunta, o professor responde, se o outro colocar uma dúvida, não há aula. Não há aula, isto é uma bela aula mas não é isso que eu quero dizer, quero dizer...

Sim!

Não há progressão na divulgação dos conhecimentos. Por isso é que eu digo, a biblioteca é um motor de construção do conhecimento numa Escola que não valoriza e nem pretende a construção do conhecimento, ou se pretende não sabe aquilo que está a fazer! (Pausa)

É a minha opinião!

E é muito boa.

Não sei.

Muito obrigada.

Já acabou?

Já! Já acabei aqui as minhas questões.

Entrevistado P7

02/02/2015

Entrevistadora: Carmen Valadas

Entrevista Semiestruturada

17.10 às 17.43

O que é que a levou a enveredar pela função de Professora Bibliotecária?

Foi para professora Bibliotecária, porque fiquei ligada à Biblioteca através da criação de um projeto, na minha escola, denominado “Conhecer Santarém” que foi proporcionado pelo projeto “Nónio” a nível nacional. Nessa altura, era responsável pelo “Núcleo de Projetos” da *****. Posteriormente, elaborei a candidatura, da Biblioteca à Rede de Bibliotecas Escolares. Como era responsável pelo Projeto “Conhecer Santarém” e mais tarde “Divulgar Santarém”, fiz parte, durante alguns anos, da equipa da Biblioteca, tendo realizado formação, neste âmbito, nos Centro de Formação e na Escola Superior de Educação de Santarém. Como era membro da equipa da Biblioteca e a responsável, na altura, não manifestou interesse em continuar, a presidente do Conselho Executivo, nomeou-me Coordenadora da Biblioteca e do Núcleo de Projetos. Isto no ano dois mil.

E a formação inicial, qual era?

A minha?

Sim

No início da minha carreira possuía apenas o 12.º do Curso Técnico de Secretariado, via profissionalizante e também o 12.º do Curso Técnico Profissional de Contabilidade e Administração. Mais tarde, tirei a licenciatura em ensino de Contabilidade Gestão e Secretariado na Universidade Aberta. Posteriormente realizei uma pós-graduação em Desenvolvimento de Sistemas de Informação no ISCTE.

Hum! Hum! E depois a formação especializada, na área das bibliotecas, foi?

Foi sempre formação contínua.

Não tem nenhuma...?

Não tenho nenhuma especialização fiz sempre formação contínua. Comecei logo a fazer formação, em Bibliotecas Escolares, em 1996. Todos os anos havia formação contínua. Realizei formação na Escola Superior de Educação, depois também tirei uma Pós-Graduação em Desenvolvimento de Sistemas de Informação no ISCTE.

Hum! Hum!

Quantos anos é que foi Professora Bibliotecária?

Fui professora bibliotecária durante 14 anos.

E isso deu prazer?

Deu!

Durante esse tempo.

Eu gostei muito! Gostei muito, aliás eu gosto de tudo o que faço, mas também gostava bastante das aulas. Tenho mais saudades dos alunos do que do trabalho da Biblioteca. Gostei imenso de ser Professora Bibliotecária, porque tenho uma grande paixão por livros, gosto muito da parte das tecnologias da informação que são os elementos principais de uma Biblioteca. Depois consegui. O que é que eu consegui? Consegui a candidatura à Rede Bibliotecas Escolares, fiz o tal projeto, “Conhecer Santarém” e depois ainda consegui outra candidatura que foi a remodelação da biblioteca da minha escola.

E o que é que acha do papel do Professor Bibliotecário numa escola?

No meu ponto de vista, o Professor Bibliotecário, tem um papel muito importante, na escola, porque tem de proporcionar uma ligação com todas as estruturas intermédias, professores, alunos e restante comunidade contribuindo assim, para o sucesso educativo dos alunos. Os professores ao trazerem os alunos à biblioteca ou a dinamizarem determinadas atividades em parceria com a biblioteca desenvolvem novas práticas pedagógicas o que possibilita melhores resultados escolares.

Então é relevante para a escola e para os alunos?

Muito importante. O Professor Bibliotecário é muito importante para a escola, um técnico, não consegue realizar todo o trabalho de aproximação à Comunidade Educativa. O Professor Bibliotecário tem de ser um elo de ligação a todos os professores da escola, portanto, a biblioteca tem de ser um polo agregador estando ali o Professor Bibliotecário para desenvolver uma interação entre a comunidade educativa e a escola.

A componente educativa tem de estar sempre presente?

Sim. Em todas atividades desenvolvidas deve estar sempre presente a componente educativa. A biblioteca escolar deve ter por função principal a formação dos alunos.

E então que tipo e qual a influência do Professor Bibliotecário na estrutura educacional da escola? Como é que, qual a importância que ele tem nessa estrutura? Vindo, um bocadinho, no seguimento daquilo que estava a dizer.

O Professor Bibliotecário deve ter uma influência fundamental na estrutura educacional da escola. Ele deve estar presente nos órgãos intermédios da escola, nomeadamente no conselho pedagógico e outras estruturas.

Mas há influência?

Sim. O professor tem de influenciar a nível do desenvolvimento do currículo e também na colaboração dos projetos que se desenvolvem na escola.

E ele consegue?

Ah! Com esforço consegue-se! Ao princípio é difícil. Mas depois, com esforço, consegue-se construir, na biblioteca, um polo dinamizador dos projetos da escola e do desenvolvimento do currículo. Eu acho que consegui, nos últimos anos, trazer a comunidade educativa à biblioteca.

E quais são as principais funções do Professor Bibliotecário? No geral.

Fazer a ligação da biblioteca a toda a comunidade educativa, alunos encarregados de educação, professores, funcionários e estruturas intermédias da escola. Para isso tem de se desenvolver um conjunto de atividades ao longo do ano. Estabelecer contactos, fazer o marketing da Biblioteca através de diversos canais, organizar eventos com escritores, concursos, participação em projetos, etc.

E com é que era uma semana de trabalho? Grosso modo, não é?!

Durante uma semana há imenso trabalho para fazer. Dinamizar atividades e fazer a respetiva avaliação. Realizar o apoio ao currículo, nomeadamente no âmbito dos trabalhos dos alunos, apoiar os professores, participar em reuniões, proceder ao levantamento das necessidades da biblioteca, realizar contactos para aquisição de obras, executar a catalogação e arrumação do fundo documental, fazer o marketing da biblioteca com a produção de documentação e atualização do blogue da Biblioteca. Ainda é necessário responder a todas as exigências da Rede de Bibliotecas Escolares.

E como é que é entendido o uso das TIC no contexto escolar?

No contexto escolar ou no contexto da biblioteca?

No contexto escolar, primeiro.

Ai, no contexto escolar.

Se é importante a utilização das TIC, se faz sentido, se não.

É extremamente importante. Tendo eu, formação na área das TIC considero que essenciais tanto na sala de aula como fora dela. Hoje, em dia, já não se pode ensinar sem a presença constante das TIC. O que se deve proporcionar aos alunos são orientações para que possam utilizar toda a informação que a internet lhes proporcionar de uma forma correta sem correrem riscos.

Então o papel do professor também passa por aí?

O papel do professor é um orientador.

O Professor Bibliotecário, neste caso.

O Professor Bibliotecário tem um papel muito importante na utilização das TIC na escola. As Bibliotecas disponibilizam informação digital, assim é necessário todo um trabalho de pesquisa e tratamento de informação que deverá ser feito com a ajuda da equipa da Biblioteca Escolar.

Deixa de haver o suporte físico.

O suporte físico nunca vai acabar, mas as escolas têm de formar os alunos para a utilização de novos suportes de informação. As escolas têm de estar apetrechadas com equipamento que posso servir de base a todo um trabalho.

Ela faz sentido? Nos espaços formais, quero dizer na sala de aula, quer nos espaços não formais, como a biblioteca?

Sim, sim, é imprescindível! Mesmo em sala de aula é imprescindível! O manual escolar tradicional está em vias de ser extinto.

Agora há os manuais mas em suporte digital, não é?!

Em suporte digital tem uma interação muito maior com o aluno. No entanto, as escolas não têm técnicos que possam fazer a manutenção dos materiais informáticos. As máquinas não estão em condições de ser utilizadas e os professores desistem logo à primeira. O que é que acontecia, por exemplo, na escola onde eu estava. O equipamento ou está desligado, ou não havia internet, porque a banda não era suficiente.

Desistem. Desistem logo.

Pois. Hum! Hum!

E que conhecimento tem e que utilização é que faz das TIC, pessoalmente e profissionalmente? Fazia, neste caso.

No diz respeito aos conhecimentos tenho muita formação na área das Tecnologias da Informação. Tenho uma pós-graduação e muita formação contínua. Profissionalmente lecionei disciplinas na área de informática principalmente na ótica do utilizador. Como professora bibliotecária as TIC estão sempre presentes quer na parte de gestão da biblioteca quer na parte dos serviços prestados aos utentes.

Pessoalmente, utilizo a Internet para pesquisar informação e disponibilizar informação para o trabalho que estou, presentemente a realizar.

Mas, voltando um bocadinho à biblioteca, o que é que, que uso é que fazia? Um pouco mais concreto.

Das TIC?

Das TIC na biblioteca.

Utilizei as TIC no marketing da biblioteca, para a divulgação dos serviços prestados, para o apoio ao currículo dos alunos e para a informatização do fundo documental e para a Gestão da Biblioteca.

Porque elas apesar de serem tão presentes, às vezes não são utilizadas.

Pois não! Mas já não faz sentido, já não faz sentido nenhum. Hoje existem muitas plataformas que podem ser utilizadas na Biblioteca.

Tem de haver uma interação, não é?! Entre professores e alunos. Até porque os conhecimentos, se calhar, se complementam.

Sim, sim! Aprende-se com os alunos, tanta coisa que eu aprendi com os alunos “A professora quer ver?!”, “Ah! Não sabia!”, eu dizia que não sabia, “Ah! Não sabia. Ainda bem que me ensinaste!”. Não há problema nenhum! Há tanta coisa que eles sabem. Até porque a utilização das ferramentas é intuitiva.

Hum! Hum! Deve-se perder, “perder”, algum tempo.

Sim perde-se imenso tempo para se aprender a utilizar determinadas ferramenta. A nível das Bibliotecas Escolares fiz muita formação na área das TIC o que me valorizou muito.

Elas são um bocadinho intuitivas.

São intuitivas. Depois têm os tutoriais que nos ajudam muito.

Ou seja, a informação está toda disponível.

Está, está! É preciso é perder um bocado de tempo e ter paciência.

E procurar um bocado.

Sim, é preciso ter paciência.

Conseguia articular, com as outras estruturas, as atividades que eram desenvolvidas na biblioteca escolar. Estou a falar na Direção, com os departamentos curriculares, os grupos disciplinares ou clubes. Era possível fazer articulação das coisas da biblioteca e, de alguma forma, também tentar incluir as TIC. Isso era possível? Conseguia-se fazer?

Quando havia algumas atividades, por exemplo a Internet Segura, por exemplo, ... incluía com o departamento, das (como é que se chamava aquele departamento?), das tecnologias, da informática, pronto! **(Sim)** E, eu trabalhava sempre com os departamentos, não dentro do próprio departamento, mas sim com professores que gostavam de trabalhar com a, a biblioteca, pronto! Não ia lá ter aquelas reuniões, cheguei a ter algumas, uma vez fizemos uma reunião com os departamentos todos, mas eu ia sempre ao encontro dos, dos professores que estavam mais recetivos àquelas, às atividades.

A colaborar.

Pois!

Assim é mais fácil chegar?

É, é mais fácil chegar ali à... “Olha aquele, se calhar.”,” Olha, queres ir fazer?”. Depois eles ficavam todos entusiasmados.

E depois chamavam outros ou... Ia-se alargando?

Alarga-se com outros professores.

E de que forma isso era feito? Exemplos concretos de coisas que foram feitas. Não agora, no ano passado, mas ao longo do tempo.

A equipa da Biblioteca escolar fez imensas atividades em parceria com os professores das diversas áreas disciplinares. Por exemplo participação em projetos da escola, exposições, comemorações de dias, visitas guiadas, concursos, colaboração em atividades de sala de aula, etc.

Olha, fiz uma atividade com as Ciências, com a *****, também muito engraçada, que é aquela comemoração da Ciência Viva ou o Dia Mundial ..., no dia do nascimento do António Gedeão. Olha, eu fiz-lhe um Puzzle, um Puzzle com as TIC, com as TIC. Fiz-lhe um Puzzle, vieram os miúdos do quarto ano à ***** *****, vieram à

biblioteca e fizeram um Puzzle. Portanto, fizeram um Puzzle com a parte das Ciências. Com a Filosofia (e isso englobou muito as TIC!), portanto, fizeram um trabalho, fizeram um Puzzle, que eles tinham de resolver aquele Puzzle, numa plataforma qualquer, que eu fiz, um programa que eu tinha. Depois, também, também trabalhava com a Filosofia, com o Português, com a Educação Física. Agora, em termos de atividades, então aquelas atividades da promoção da leitura, na área do departamento de línguas, não só em Português, como também em Inglês e Francês. Também trabalhei com o Inglês e com o Francês. No departamento da História fizemos algumas conferências, em conjunto. Acho que trabalhei a Informática, portanto, na Internet Segura. O próprio programa de, de aquele programa de registo dos alunos, foi um trabalho colaborativo entre os alunos da Prova de Aptidão Profissional e a biblioteca. Os alunos que faziam a Prova de Aptidão Profissional, e eles é que me fizeram aquilo, foi um trabalho colaborativo, que depois ajudei-os muito a fazer aquilo.

Hum! Hum!

Depois..., por exemplo, concursos. Houve um concurso, concursos também com Informática, que eu tive, que nós, que nós até ganhámos um concurso, foi um filme, um filme que os alunos fizeram (que já não me lembro o nome, como é que era aquele nome, o nome do filme). Concursos, concursos também com a informática. **(Pausa)** Com a Moral, também atividades que nós fizemos. Agora aqui assim, de repente, não me vem o nome de tantas atividades que eu fiz, mas foi sempre em trabalho colaborativo. **(Hum! Hum!)** Foi, foi sempre! E exposições...

E isso conseguia-se fazer, não é?!

E exposições. É, é preciso é ir de encontro aos professores, e eles, às vezes, também vinham ter comigo. Vinham, vinham.

Ou seja, sentiam que havia essa disponibilidade, essa facilidade.

Por exemplo, colaborei no projeto de educação para a saúde, porque tive umas estagiárias, da Escola Superior de Educação que dinamizaram bastantes atividades. Era uma parceria com a biblioteca e a educação para a saúde. Todos os professores que contactei se disponibilizaram sempre em participar nas atividades realizadas na BE.

E como é que se conseguiam organizar? Então eram essas, eram encontros informais, umas reuniões...

Eram reuniões informais entre os professores que queriam dinamizar e colaborar. Não era uma reunião no grupo disciplinar. Isso acho que não resulta. Os professores vinham à Biblioteca ou ia eu ao encontro deles e combinávamos as atividades.

Sempre com aqueles, com aquelas determinadas pessoas?

Era! Era!

Com quem se podia trabalhar?

Com quem se podia trabalhar.

E que dificuldades se deparavam quando tinha de fazer estas articulações e fazer estas atividades, estes projetos?

As dificuldades?

Sim.

As dificuldades eram sempre superadas! **(Risos)**

Mas existiam, com certeza?!

Mas havia! Havia dificuldades! Talvez, às vezes, as monetárias porque não havia verbas. Eu acho, que na biblioteca, as atividades se conseguem fazer. O que funciona mal na biblioteca é o trabalho do apoio ao

currículo. Aquela parceria com os professores. Os professores não têm tempo e o Professor Bibliotecário também não.

Então, mas não há. Essas dificuldades que existem, esses percalços, essas divergências eram ultrapassadas? Isso conseguia-se?

Em relação à realização de atividades era totalmente superado. No que diz respeito ao apoio ao currículo é que é era difícil ultrapassar, porque não existia uma planificação das atividades entre o professor bibliotecário e os professores que lecionam as disciplinas. Quando o aluno vai à biblioteca, o Professor Bibliotecário já devia ter todo o material organizado. Os livros escolhidos as orientações para os *sites*, etc.

Então havia essa articulação, essa preocupação.

Não havia, porque o trabalho de uma biblioteca é muito e não há tempo para a realização de todas as tarefas. É muito difícil para o professor realizar o apoio ao currículo, porque isso exige o conhecimento dos currículos das diversas disciplinas e também uma grande articulação com os professores e áreas disciplinares.

Organizar?

Organizar a biblioteca, dar apoio ao currículo. Quem consegue?! Ninguém! Ninguém! Como deve ser, não! Não se tem tempo. Ou faz-se uma coisa ou faz-se outra. Se existir uma colaboração mais aprofundada com a Biblioteca Municipal já liberta um pouco o Professor Bibliotecário para apoiar mais os alunos na realização dos seus trabalhos.

Pois, é assim! Pronto! Muito obrigada!